

Marlova Gonsales Aseff

**POETAS-TRADUTORES E O CÂNONE
DA POESIA TRADUZIDA NO BRASIL (1960-2009)**

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^{ra}. Dr^a. Marie-Hélène Catherine Torres

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Aseff, Marlova Gonsales
Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no
Brasil (1960-2009) [tese] / Marlova Gonsales Aseff;
orientadora, Marie-Hélène Torres - Florianópolis, SC,
2012.
239 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa
de Pós- Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Poetas-tradutores. 3.
História da tradução no Brasil. 4. Cânone. 5. Poesia
traduzida. I.Torres, Marie-Hélène. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Tradução.
III. Título.

Marlova Gonsales Aseff

**POETAS-TRADUTORES E O CÂNONE
DA POESIA TRADUZIDA NO BRASIL (1960-2009)**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 19 de outubro de 2012.

Prof^a. Andréia Guerini, Dr^a.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a Marie-Hélène Torres, Dr^a.
Orientadora; Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Walter Carlos Costa , Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Werner Heidermann, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Andréa Cesco, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. John Milton, Dr.
Universidade de São Paulo

Prof^a. Paula Glenadel, Dr^a.
Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à professora Dr^a. Marie-Hélène Torres, ao professor Dr. Werner Heidermann, apoiadores desta empreitada.

A tradução, sobretudo dos poetas, é uma das tarefas mais necessárias dentro de uma literatura: em parte para fornecer àqueles que não conhecem a língua, formas de arte e de humanidade que de outro modo lhes permaneceriam desconhecidas e pelas quais toda nação obtém ganhos significativos, mas em parte também – e sobretudo – para aumentar a importância e a capacidade expressiva da própria língua.
Wilhelm von Humboldt¹

A poesia é a linguagem elevada à sua última potência.
Haroldo de Campos

A luta entre poéticas rivais é quase sempre iniciada por escritores, mas quem ganha ou perde a batalha são os reescritores.
André Lefevere²

¹ Tradução de Susana Kampff Lages

² Tradução de Cláudia Seligmann

RESUMO

Esta tese faz um mapa das obras de poesia traduzidas por poetas-tradutores no Brasil entre 1960-2009. A pesquisa ainda identifica quem são os poetas que atuaram como tradutores de poesia nessas cinco décadas e discute a dimensão da sua atuação na constituição do cânone da poesia traduzida no Brasil. Ao escolher certos autores e/ou obras para traduzir, esses poetas ajudam a configurar o presente poético. Por intermédio da tradução, trabalham pela continuidade ou pelo rompimento de determinado cânone e, ao mesmo tempo, buscam suas filiações e caminhos no âmbito da poesia. Com este trabalho, também se busca contribuir para a escrita da história da literatura traduzida no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Poetas-tradutores – poesia traduzida – cânone – história da tradução no Brasil – história da literatura brasileira

ABSTRACT

This thesis offers a map of the poetry translated by poet-translators in Brazil between 1960 and 2009. It looks at the poets who translated poetry over these five decades and considers their influence on the creation of the translated poetic canon in Brazil. By choosing certain authors and/or works to translate, these poets have contributed to the configuration of the current poetic landscape. Through the medium of translation they have influence over the continuity or the termination of a given canon, and they also look for affiliations and further paths within poetry as a whole. The intention of this study is to contribute to the body of written work on the history of translated literature within Brazil.

KEYWORDS

Poet-translators - translated poetry – canon – Translation's history – history of brazilian literature

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Traduções de poesia no Brasil, por década.	38
Gráfico 2 - Traduções de antologias de poesia, por década	39
Gráfico 3 - Tradutores de poesia no Brasil (1860-2009)	74
Gráfico 4 - Poetas e a tradução de poesia no Brasil	75
Gráfico 5- Poetas-tradutores e a antologização	76
Gráfico 6- Antologias traduzidas e/ou org. por poetas	77
Gráfico 7- Panorama da tradução de poesia (por poetas)	172
Gráfico 8- Principais línguas traduzidas pelos poetas-tradutores por década	174
Gráfico 9- Poetas mais traduzidos por poetas-tradutores, por década	177

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Traduções dos irmãos Campos, por década	66
Tabela 2- Paideuma de Ezra Pound X irmãos Campos	69
Tabela 3- Paideuma de T.S. Eliot e x irmãos Campos	70
Tabela 4- Poetas-tradutores mais produtivos (1960-2009)	78
Tabela 5- Resumo da tradução de poesia/ década de 1960	135
Tabela 6- Resumo da tradução de poesia/ década de 1970	139
Tabela 7- Resumo da tradução de poesia/ década de 1980	148
Tabela 8- Resumo da tradução de poesia/ década de 1990	154
Tabela 9- Resumo da tradução de poesia/ década de 2000	165

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- <i>Poesia russa moderna</i> e <i>Poemas</i> de Maiakovski	133
Figura 2- Poema-postal de Luiz Roberto Guedes	137
Figura 3- Capa de um livreto de Chacal	138
Figura 4- Antologias <i>Geração Beat</i> e <i>Quingumbo</i>	142
Figura 5 - 1ª tradução de Pablo Neruda no Brasil (Martins, 1946)	159
Figura 6 – Antologia de poesia neobarroca publicada em 2004	160

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Metodologia	16
Critérios do levantamento bibliográfico	20
Organização do texto	21
1. LITERATURA TRADUZIDA NAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS	23
1.1 O paradigma nacional	28
1.2 Breve panorama da tradução na história da literatura brasileira	31
1.2.1 Tradução de poesia no Brasil entre 1960-2009	38
1.3 Influência, importação e interferência na evolução Literária	40
2. TRADUÇÃO, TRADUTORES E A FORMAÇÃO DO CÂNONE	45
2.1 Disputas pelo centro do cânone	49
2.2 A atuação dos tradutores	53
2.2.1 Relações entre tradução e criação	55
2.2.2 A tradução como crítica	60
2.3 A formação do cânone dos poetas concretos no Brasil	63
2.3.1 Os irmãos Campos e os paideumas de Pound e de Eliot	68
3. OS POETAS-TRADUTORES DE POESIA NO BRASIL (1960-2009)	73
3.1 Produtividade e permanência	77
3.2 Uma abordagem geracional	79
3.2.1 Os poetas-tradutores do Modernismo	80
3.2.1.1 Poetas da 1ª geração modernista	81
3.2.1.2 A segunda geração modernista	83
3.2.1.3 A Geração de 45	85
3.2.2 Poetas pós-modernistas	91
3.2.3 Poetas-tradutores da Geração de 1960 e 1970	99
3.2.4 Poetas-tradutores contemporâneos	108
4. O CÂNONE DOS POETAS-TRADUTORES NO BRASIL (1960-2009)	130

4.1 Tradução de poesia por década	130
4.1.1 A década de 1960: inicia o projeto da vanguarda	130
4.1.2 Anos 1970: uma década de retração	136
4.1.3 Anos 1980: a década do <i>boom</i> e do <i>beat</i>	141
4.1.4 Anos 1990: diversidade de línguas traduzidas	149
4.1.5 Anos 2000: recorde de poetas traduzidos	155
5. CONCLUSÃO	168
6. REFERÊNCIAS	182
7. APÊNDICE	194
A - Lista geral de tradutores de poesia no Brasil (1960-2009)	
B - Lista de poetas-tradutores no Brasil (1960-2009)	
C - Bibliografia de traduções de poesia de autores individuais (1960-2009)	
D - Bibliografia de antologias mistas traduzidas (1960-2009)	

INTRODUÇÃO

Quando se estuda a literatura brasileira, costuma-se restringir o ângulo de visão à produção de textos “originais”, escritos na língua oficial do país, por autores nacionais. O mundo literário, no entanto, é bem mais vasto, e suas trocas são mais dinâmicas do que costumamos admitir. A literatura traduzida no Brasil, em determinados períodos, como o Romantismo e, mais recentemente, após o movimento da poesia concreta, assumiu um papel relevante no sistema literário local. Por vezes, provocou uma renovação no cânone, introduzindo novas dicções, temas e tendências poéticas e, em outras, trabalhou para reforçar os modelos em voga.

Qualquer um que observe mais atentamente a história da literatura brasileira poderá perceber que narradores e poetas, nos mais variados períodos e com diferentes objetivos e propostas, assumiram a tarefa da tradução, importando textos que consideravam fundamentais para serem trazidos ao sistema literário doméstico. No entanto, tal faceta do seu labor literário nem sempre foi devidamente considerada, tampouco a abrangência do seu trabalho no sistema literário local foi claramente dimensionada até este momento. Tive contato com essa problemática durante a disciplina “Ficção traduzida por escritores brasileiros”, no curso de Pós-Graduação em Teoria Literária desta Universidade, ocasião em que fiz a minha primeira pesquisa sobre a atividade como tradutor de um poeta³. Foi, também, a primeira vez que percebi que a literatura brasileira poderia ser relida a partir da literatura traduzida. Mais tarde, dei continuidade a essa pesquisa em “Três escritores-tradutores no cenário literário brasileiro contemporâneo”, projeto selecionado para o programa “Rumos Literatura” do Instituto Itaú Cultural e que teve o objetivo de analisar o impacto da atividade tradutória de três escritores-tradutores brasileiros contemporâneos em sua própria atividade criativa e, secundariamente, no sistema literário nacional.⁴

O projeto embrionário desta pesquisa tinha como objetivo mapear a produção tradutória de apenas dezesseis poetas-tradutores

³ O trabalho que resultou dessa disciplina chamou-se “Drummond, tradutor de Les liaisons dangereuses” e foi publicado na revista Tradterm, nº 11, USP, 2005, p. 189-199.

⁴ Foram alvo do estudo o poeta Paulo Henriques Britto, o romancista e contista gaúcho Aldyr Garcia Schlee e o romancista Milton Hatoum. O artigo foi publicado em *Protocolos críticos*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

contemporâneos, analisando a continuidade ou a ruptura com o cânone concretista e modernista. Havia selecionado os poetas tendo como critério a sua produção e suposta influência na cena poética do fim do século XX. No entanto, percebi durante o processo que, para justificar a escolha de apenas aqueles dezesseis nomes em bases sólidas, era preciso saber com certeza se eles tinham de fato um trabalho significativo em comparação com os seus pares, e o que os diferenciava de poetas-tradutores que estariam excluídos da análise. E mais: percebi que não dispunha de elementos suficientes para comparar a atividade tradutória de novas gerações de poetas com as predecessoras, o que me levou a concluir que seria mais válido ampliar o universo da pesquisa para, depois, poder situá-los num quadro mais abrangente. O projeto foi então modificado. Dei início, então, a um levantamento bibliográfico da poesia traduzida no Brasil num período de cinquenta anos (1960-2009) e que teve como objetivo principal servir como fonte de dados para dar sustentação a algumas hipóteses iniciais relativas à presença e à importância do trabalho tradutório dos poetas brasileiros na nossa história literária. Por isso, após o levantamento dos títulos traduzidos, o segundo passo foi o de identificar quem eram os tradutores e, logo depois, selecionar quais eram as obras de tradução de poesia que haviam sido traduzidas por poetas. Por meio desse levantamento, esperava descobrir:

- Quais foram as obras poéticas e os respectivos autores traduzidos em cada década por poetas, de 1960 a 2009, e quem as traduziu.
- Qual é o peso do trabalho realizado pelos poetas-tradutores dentro do universo da tradução de poesia no Brasil.
- Se houve uma diversificação através do tempo de línguas e literaturas traduzidas.
- Quais os poetas-tradutores mais produtivos e a que grupos e/ou escolas poéticas eles estão vinculados.
- Se o cânone proposto pelos poetas concretos seguiu em voga ou não entre os poetas no passar das décadas, ou seja, se o interesse por tais obras/autores persistiu ou não.
- Quais as novas referências estrangeiras (autores/obras) que foram sendo agregadas ao sistema literário nacional década a década por meio da tradução.

A pesquisa, portanto, expandiu-se, e teve como base uma bibliografia que cobre meio século (1960-2009) e que alcançou 556 entradas bibliográficas de tradução de poesia no Brasil, com a identificação de 314 tradutores de poesia atuantes nesse período, entre

poetas e não-poetas. Com esses dados em mãos, pude mapear as escolhas tradutórias dos poetas, limitando-as ao âmbito específico da poesia. Restringi a pesquisa à tradução de poesia por acreditar que esse tipo de tradução traz repercussões diferenciadas no interior do sistema literário. Ademais, me propus a pensar sobre quais seriam as consequências advindas da prática dos poetas como tradutores; até que ponto as suas escolhas são mesmo relevantes para a formação do cânone, e como se dá esse processo.

Esta pesquisa, portanto, pretende contribuir com a história da literatura brasileira e com a história da tradução no Brasil, centrando-se nos nos poetas-tradutores: quem são eles, quantos são e, principalmente, quais foram as suas escolhas tradutórias no âmbito da poesia mundial nas últimas cinco décadas. Por meio do mapeamento das traduções feitas pelos poetas, acredito que é possível oferecer um ângulo diferenciado de análise, que pode se somar aos demais. Tomo como ponto de partida para a reflexão o cânone tradutório concretista, principalmente o paideuma que os irmãos Campos selecionaram na tradição Ocidental e também Oriental para servir de apoio ao seu projeto poético. Também comparo os paideumas de T.S. Eliot e de Ezra Pound com os dos irmãos Campos, visto que esses dois poetas modernistas anglo-americanos tiveram grande impacto na poesia mundial e também brasileira após meados dos anos 1950. Assim, podemos identificar continuidades, ou não, entre as escolhas de dois influentes poetas modernistas de língua inglesa, as escolhas dos mentores da poesia concreta brasileira e as escolhas tradutórias dos demais poetas-tradutores brasileiros em meio século.

Existem alguns trabalhos que convergem com os temas aqui tratados. *Altas literaturas*, de Leyla Perrone-Moisés, trata das escolhas dos escritores-críticos e foi uma inspiração para esta pesquisa, assim como o artigo de John Milton “Translated poetry in Brazil 1965-2004” (2004). Já as teses de Silene Moreno, *Ecos e reflexos: a construção do cânone de Augusto e Haroldo de Campos a partir de suas concepções de tradução* (Unicamp, 2001) e de Andrea Soares Santos, *O cânone via tradução: dos concretos aos contemporâneos* (UFMG, 2010) são complementárias a esta pesquisa, mas seguiram caminhos de análise bem diferentes. Este trabalho, embora apresente discussão teórica, preocupa-se mais em oferecer dados organizados e, por meio deles, escrever a recente história da tradução no Brasil.

Metodologia

O levantamento bibliográfico partiu da bibliografia que consta no supracitado artigo de Milton, cujo objetivo foi o de fazer uma pesquisa quantitativa de traduções de poesia publicadas no Brasil entre 1965 e 2004⁵. Iniciativa inédita até então, o trabalho de Milton reuniu 158 entradas bibliográficas de poesia traduzida (de todas as línguas) publicada no Brasil em 40 anos. Tais referências iniciais foram checadas e, em seguida, procedeu-se a um levantamento próprio que foi realizado manualmente (sem o uso de programas de informática). A pesquisa que será exposta aqui, como já mencionei, compilou uma bibliografia com 556 entradas. Dessas entradas, 104 correspondem a antologias mistas (volumes com tradução de poemas de mais de um poeta) e 452 a traduções de volumes com poemas de um poeta apenas, que chamo de “autores individuais” (ver Apêndice).

O primeiro objetivo do levantamento foi o de identificar o maior número possível de traduções realizadas por poetas nesse período histórico (1960-2009). Entretanto, os dados gerais (traduções feitas por poetas e por não-poetas) poderão ser utilizados em análises posteriores que ajudarão a mapear a poesia traduzida no país e a realizar novas análises sobre a sua interferência no sistema literário e cultural nacional. Para realizar este levantamento bibliográfico, foi necessário fazer uma pesquisa em diversas fontes, uma vez que o Brasil não dispõe de um banco de dados que reúna todas essas informações em um só meio. A pesquisa buscou obter o ano da primeira edição de cada tradução, a editora e a indicação do seu tradutor. Encontrar o ano das primeiras edições revelou-se problemático, uma vez que muitas editoras não costumam deixar claro essa informação.

Para as referências mais próximas no tempo, pesquisou-se nos catálogos de duas das principais livrarias online do país. Depois de analisar o tipo de pesquisa que os bancos de dados online das livrarias e das editoras permitiam, selecionei os da Livraria Cultura e da Livraria

⁵ Assim Milton resume o seu trabalho: “Por meio de uma pesquisa quantitativa, este artigo analisa a tradução de poesia publicada no Brasil entre 1965 e 2004, enfatizando o grande interesse por parte de editoras e do público na sua publicação e demonstrando que São Paulo é a cidade onde mais se traduz poesia. Também mostra que o mercado concentra-se em obras clássicas, especialmente as de língua inglesa, e que a tradução de poesia é essencialmente uma atividade praticada por homens (MILTON, 2004, p. 173).

Saraiva. O motivo principal foi que no catálogo da Livraria Cultura é possível cruzar os campos “Literatura Estrangeira: Poesia” + “Idioma: português”, o que não acontece em vários outros cadastros de livrarias e editoras. Fazendo essa pesquisa, aparecem mais de mil itens. O número de entradas é elevado, pois inclui a poesia em língua portuguesa escrita por poetas portugueses, bem como as traduções publicadas por editoras de Portugal. O site especifica ainda o número da edição e o ano, mas nem sempre o nome do tradutor consta da ficha técnica ou do texto de apoio. O servidor é estável. Um ponto negativo é que o catálogo remonta basicamente até o ano de 2005, havendo uma página com algumas poucas edições mais antigas, mas nas quais não consta a especificação das datas da edição. No catálogo da Livraria Saraiva, igualmente pode-se selecionar literatura estrangeira/poesia. Apareciam, em novembro de 2011, 917 registros na pesquisa, também basicamente edições de 2006 em diante. No catálogo da Saraiva, o ano da edição está especificado no campo “características detalhadas” e o tradutor também costuma ser mencionado. Os livros de poesia portuguesa ou traduzidos em Portugal, assim como no site da Livraria Cultura, aparecem nesta filtragem dos dados.

Para reunir as referências anteriores a 2004/2005, pesquisei diretamente nos catálogos *online* das editoras, mas esse levantamento apresentou dificuldades. No site da editora Record, assim como em boa parte das demais, o gênero “Poesia” traz as referências da poesia estrangeira traduzida juntamente com a brasileira e a portuguesa. Outro problema é que o tradutor nem sempre é mencionado, e não constam o número e ano da edição. No catálogo da editora Iluminuras, que publica bastante poesia traduzida, tampouco é apresentado o número e o ano da edição e, mais uma vez, o tradutor nem sempre é mencionado.

Já o catálogo virtual da Biblioteca Nacional não é completo e tampouco traz a indicação da edição. Tudo isso, acrescido pelo problema de que a busca *online* é limitada pelo volume de dados. Também tive acesso ao *Boletim Bibliográfico Brasileiro* – única bibliografia nacional regular impressa pelo o setor livreiro no Brasil na segunda metade do século XX e que durou de 1952 a 1967. Pesquisei nesses boletins as referências entre 1960 e 1967. O site Estante Virtual⁶ mostrou-se uma alternativa para descobrir datas de edições antigas, fora de catálogo ou de editoras extintas, além de referências de tradutores.

⁶ <http://www.estantevirtual.com.br>

Em 2010, esse site reunia catálogos de 1.800 sebos e livreiros de todo o Brasil, com referências de sete milhões de livros.

Também fiz a pesquisa reversa: por meio do acesso às bibliografias de tradutores, chequei as referências das traduções por eles realizadas. Nesse sentido, o *Dicionário de Tradutores Literários no Brasil* (Ditra) foi útil, pois contém verbetes de vários dos poetas-tradutores aqui mencionados, trazendo uma listagem de obras traduzidas pelos mesmos. No entanto, as informações tiveram sempre de ser checadas em mais de uma fonte, pois, às vezes, havia dados com problemas ou lacunas nas informações.

Outra fonte de pesquisa foi o *Index Translationum*, banco de dados da Unesco dedicado à tradução. Nele, em tese, deveriam aparecer todas as traduções realizadas a partir de 1979, quando foi informatizado. No entanto, isso não ocorre. Por exemplo, ao pesquisarmos as traduções de obras de Mario Benedetti no Brasil, aparecem apenas dois romances, sendo que no levantamento realizado para esta pesquisa constam ainda outras duas obras poéticas traduzidas. De Cummings, de quem temos quatro registros após 1979, no *Index* há apenas um. Ou William Blake, que no nosso levantamento aparece com dez traduções poéticas, no *Index* constam apenas seis traduções, como é possível constatar no quadro a seguir, que apresento para o leitor ter uma ideia de como as informações estão disponíveis:

Traduções no levantamento realizado para esta pesquisa	Traduções no <i>Index Translationum</i>
1. <i>O Tygre</i> . Tradução de Augusto de Campos. Edição do autor, 1977.	<ul style="list-style-type: none"> • Não consta (data anterior à informatização do banco de dados).
2. <i>Escritos</i> . Tradução de Carvalho, Regina de Barros; Marsicano, Alberto. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984.	<ul style="list-style-type: none"> • Consta do Index.
3. <i>William Blake: poesia e prosa selecionadas</i> . Tradução de Paulo Vizioli. São Paulo: Ismael, 1984.	<ul style="list-style-type: none"> • Consta do Index com uma editora diferente, a Nova Alexandria, em edição de 1993.
4. <i>Canções da Inocência e da Experiência</i> . Tradução de Antonio de Campos.	<ul style="list-style-type: none"> • Não consta.

<p>Palmares: Bagaço/Fundação Casa da Cultura Hermilo Borba Filho: 1987.</p>	
<p>5. <i>As núpcias do Céu e do Inferno</i>. Tradução de Oswaldino Marques. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Consta do Index.
<p>6. <i>O Matrimônio entre o Céu e o Inferno e O Livro de Thiel</i>. Tradução de José Antônio Arantes. Iluminuras, 1995.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Consta, mas com edição com data de 2001.
<p>7. <i>Matrimônio do céu e do inferno</i>. Tradução de Julia Vidili. São Paulo: Madras, 2004.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Consta do Index.
<p>8. <i>Canções da inocência e da experiência</i>. Tradução de Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves Belo Horizonte: Crisálida, 2005.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Consta, porém sem a informação do nome dos tradutores.
<p>9. <i>Canções da inocência e da experiência</i>. Tradução de Weimar de Carvalho; Gilberto Sorbini. Disal, 2005.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não consta.
<p>10. <i>O Casamento do Céu e do Inferno</i>. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Hedra, 2008.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não consta.

Artigos científicos sobre a obra de poetas e/ou tradutores específicos também foram fontes de pesquisa úteis. Posso citar AZENHA JUNIOR (2010), JUNQUEIRA (2009), MEIRELLES (2008). Também há sites de instituições culturais que reúnem bibliografias específicas de literatura traduzida de determinada língua, como o do Instituto Goethe, cuja página de Literatura contemporânea alemã traz

uma lista de traduções publicadas no Brasil,⁷ e sites de pesquisadores, como o das traduções em língua portuguesa da obra de Emily Dickinson, organizado por Carlos Daghlían.⁸

Crítérios do levantamento bibliográfico

A bibliografia teve o objetivo de computar apenas a 1ª edição de cada tradução de poesia, de todas as línguas-fonte, publicadas por editoras brasileiras entre 1960 e 2009, perfazendo um período de 50 anos, bem como o nome de seu tradutor e da editora. Assim, quando a tradução recebeu nova edição, mesmo que em editora diferente, não a computei, a não ser que tenha declaradamente sofrido acréscimos de conteúdo. Também suprimi da lista traduções acusadas de serem plágios como, por exemplo, *Rubaiyat*, de Omar Kayyam e *As flores do mal*, de Baudelaire, editados pela Martin Claret, com traduções assinadas pelo “tradutor-fantasma” Pietro Nasseti (no caso de Baudelaire, um plágio da versão de Jamil Almansur Haddad).⁹ Quanto aos tradutores, em todos os casos, foi possível localizar os seus nomes, porém nem sempre foram encontrados registros biográficos completos dos mesmos.

Após o levantamento bibliográfico, procedi à pesquisa das atividades de cada tradutor, com o objetivo principal de saber se eram também poetas. O critério para ser considerado poeta foi o de ter livros de poesia publicados e o do reconhecimento por seus pares. Por exemplo, de Ítalo Eugênio Mauro, tradutor da *Divina Comédia*, tem-se notícia de que escreve poesia, porém nunca publicou os seus poemas. Por isso, seu nome não foi computado como poeta-tradutor, somente como tradutor. Os tradutores e/ou poetas que tinham apenas poucos poemas no interior de antologias foram incluídos nas listagens, mas não foram biografados no terceiro capítulo, salvo quando a sua relevância como poetas estava fora de questão, como é o caso de João Cabral de Melo Neto, Ana Cristina César ou Lêdo Ivo.

⁷ Ver <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/dgl/ptindex.htm>.

⁸ Ver <http://www.ibilce.unesp.br/#388,414>

⁹ Sobre a informação sobre os plágios de traduções no Brasil, devemos muito ao trabalho de Denise Bottmann no blog <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/>.

A organização do texto

O primeiro capítulo aborda o modo como se dá pouco espaço à literatura traduzida nas histórias da literatura brasileira. Chamo a atenção para a necessidade de um alargamento do conceito de literatura nacional, para que as trocas interculturais e internacionais também sejam, de alguma forma, evidenciadas e analisadas pela historiografia. Faço um breve panorama da história da tradução na literatura brasileira para mostrar o seu papel em diversos momentos e como os escritores nela intervieram também como tradutores. Mostro por meio de dados obtidos no levantamento bibliográfico o avanço da tradução de poesia no Brasil, e que a atuação dos poetas brasileiros como tradutores já se constitui numa tradição. Para encerrar o capítulo, discuto conceitos que têm como objetivo entender como se processa a dinâmica de trocas entre as diversas literaturas nacionais, como o de *influência*, difundido especialmente pelo crítico norte-americano Harold Bloom, o de *interferência*, cunhado por Itamar Even-Zohar, e o de *importação*, de José Lambert. A ideia é propor uma reflexão sobre quais são os mecanismos pelos quais ocorre o cruzamento de tradições poéticas.

O segundo capítulo trata das questões relativas à formação de cânones e do papel da tradução nesse processo. O cânone é tratado como um fenômeno não estático, fruto de uma construção social, que não está calcado em valores exclusivamente estéticos intrínsecos à obra literária. A atuação dos tradutores é abordada como uma forma importante de inclusão de obras e de ampliação dos repertórios poéticos. Discute-se as relações entre a tradução e a criação poética e a ideia de tradução como crítica, destacando que as escolhas tradutórias são uma maneira de intervir nos cânones e de formar novas tradições. O capítulo também resgata como se deu a formação do cânone dos poetas concretos, um momento significativo para a poesia e para a tradução no país.

O terceiro capítulo traz dados sobre os poetas-tradutores que publicaram tradução de poesia no Brasil de 1960 a 2009: quem são eles, quantos são, o que traduziram em matéria de poesia e quais os nomes mais atuantes nesses cinquenta anos e a que geração pertencem. Para comprovar o que no início era apenas uma impressão, mostro a dimensão do conjunto do trabalho dos poetas-tradutores para a poesia em terras brasileiras.

O capítulo quatro encerra a pesquisa mostrando organizadamente quais as obras poéticas que foram traduzidas no Brasil do último meio século e quem as traduziu e as publicou. Faço uma leitura diacrônica

daquilo que foi importado via tradução entre 1960 e 2009. Por meio dela, o leitor poderá ter uma visão de conjunto daquilo que foi importado pelos poetas para o sistema literário nacional em cada década. O texto analisa o contexto histórico tentando estabelecer conexões com as obras traduzidas. Há um esforço para se identificar as novidades que ingressaram no sistema literário nacional em cada década, bem como as tradições poéticas predominantes e estilos de época contemplados pela tradução.

1. LITERATURA TRADUZIDA NAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS

Antes de entrar no tema específico desta pesquisa, que trata primordialmente de poetas e suas traduções, e dos reflexos da sua atividade como tradutores de poesia no sistema literário nacional, proponho que se reflita brevemente aqui sobre quais seriam os possíveis motivos que levam a literatura traduzida a ser escamoteada – no sentido de suprimida, evitada – ou até mesmo renegada – algo que se nega a reconhecer – em nossas histórias literárias. Faço esse questionamento porque, como consequência dessa “omissão”, existe hoje um preocupante desconhecimento daquilo que circulou em forma de tradução no sistema literário nacional em cada período histórico. Chegamos a um ponto em que os pesquisadores de variadas áreas das letras – literatura, estudos de tradução e estudos culturais – simplesmente não dispõem de informações sistematizadas e confiáveis para levar adiante as suas pesquisas. O não reconhecimento do lugar da tradução na história literária pode levar a distorções, como, por exemplo, o caso citado por Maria Tymoczko (1986, p. 9), que afirma que tal omissão, na história da literatura francesa, “dificultou todas as discussões históricas e críticas da emergência do gênero do romance”.¹⁰ Além do mais, outra consequência de tal supressão é uma visão parcial, transmitida aos estudantes, da forma como se deu a evolução da literatura brasileira.¹¹

¹⁰ “[...] translation played a central and in fact decisive role in the shift from oral to written literature, from epic to romance. Failure to recognize and define the precise role of translation in this literary development has marred all critical and historical discussions of the emergence of the genre of romance.”

¹¹ Franchetti (2002) em artigo sobre a história literária afirma que, apesar da crise da disciplina, ela continua ocupando um lugar proeminente nas salas de aula. Ele explica que: “[...] nos cursos da maior parte das universidades brasileiras, inclusive, é ela a forma privilegiada de trabalho com as obras literárias, pois as séries denominadas de acordo com as literaturas nacionais são usualmente cursos panorâmicos. É certo que muitas disciplinas de estudo da literatura se organizam de forma também monográfica: ou como trabalho exclusivo sobre um autor, ou como uma série de momentos, centrados em obras e autores representativos. Mas na medida que apresentam o contexto histórico-cultural das obras e organizam os autores e os momentos segundo uma perspectiva cronológica mais ou menos linear, a maior parte dessas disciplinas monográficas termina por ser também história literária. Da mesma forma, na sua maioria, são também modalidades da história várias disciplinas que, nos

Mas o fato é que a historiografia literária continua a dar pouca importância ao papel da literatura traduzida na constituição da literatura brasileira. Even-Zohar pontua que “via de regra, as histórias das literaturas mencionam as traduções quando não há maneira de evitá-las, quando tratam, por exemplo, da Idade Média ou do Renascimento” (1990, p. 45)¹². O problema é que a referência esporádica e pouco sistemática a casos isolados não permite que se alcance uma ideia clara do papel exercido pela literatura traduzida em nosso sistema literário e em diferentes épocas ou, nas palavras de Even-Zohar, da posição ocupada por esse tipo de literatura no nosso sistema. Ignorar essa gama de textos constitui-se num problema, uma vez que, como lembra Lefevere, as reescrituras (entre elas, os textos traduzidos) “tendem a desempenhar um papel tão importante no estabelecimento de um sistema literário quanto ao das escrituras originais” (LEFEVERE 2007, p. 54), não somente porque a maioria dos leitores tem acesso aos textos da tradição ocidental por meio de traduções, mas porque esse sempre foi um meio eficaz tanto de afirmar quanto de repelir modelos literários. Ou seja, um motor da chamada “evolução literária”.

Ao consultar algumas histórias da literatura, como a popular *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, a recentemente lançada *História da Literatura Brasileira*, de Carlos Nejar, ou os seis volumes de *A literatura brasileira*, de Afrânio Coutinho, percebe-se que essas obras não ignoram totalmente a literatura traduzida, mas trazem referências bastante esparsas e incompletas. Mesmo assim, há diferenças entre elas, que abordarei rapidamente aqui. Primeiro, é preciso perguntar o que consideraríamos razoável de se encontrar numa história da literatura brasileira em relação à tradução. Entre algumas possibilidades, enumero:

- A referência a traduções literárias que marcaram dado período histórico-literário-cultural;
- A simples menção da atividade como tradutor de escritores e poetas nacionais;
- A listagem das obras traduzidas pelos principais escritores e poetas;

últimos tempos, foram criadas sob as denominações "literatura comparada" ou "estudos comparados".

¹² “As a rule, histories of literatures mention translations when there is no way to avoid them, when dealing with the Middle Ages or the Renaissance, for instance.” (As traduções das citações serão minhas, salvo indicação contrária).

- A inclusão de referências dessas traduções, como a data da edição e a editora da publicação;
- Uma análise que objetivasse compreender como determinadas traduções impactaram na vida literária da época, relacionando-a com as produções locais.

Começamos com Bosi, cuja *História Concisa da Literatura Brasileira* é um dos manuais mais usados no país. No capítulo “Tendências Contemporâneas”, Bosi reconhece que “em um tópico de literatura brasileira não pode faltar a referência a algumas versões de grandes poetas que começaram a falar em português à nossa sensibilidade” (BOSI, 2006, p.489). Ele lista, então, de forma aparentemente aleatória vinte e três traduções poéticas e seus tradutores, sem indicar a editora nem o ano da edição. Bosi ressalta, ainda, a importância do surgimento de “numerosas traduções de poesia” na década de 1980, cujo significado, diz ele, é amplo e vai da “contínua internacionalização da cultura escrita [...] à crescente profissionalização do ofício do tradutor que o mercado contemporâneo propicia” (IBIDEM, p. 490). Afirma que “os bons tradutores continuam sendo poetas e ensaístas que já deram provas de concentrado labor textual em seus escritos originais” e alude ao trabalho de poetas-tradutores como Sebastião Uchoa Leite, Jorge Wanderley, Ivan Junqueira, Idelma Ribeiro de Faria, José Lino Grünwald e José Paulo Paes, além do professor Paulo Vizioli (IBIDEM). Além deste capítulo, no corpo do livro propriamente dito, não é mencionada a atividade tradutória de importantes escritores e poetas brasileiros como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade ou Érico Veríssimo. Há algumas exceções nesse sentido, como Manuel Bandeira, de quem Bosi menciona a sua atividade como tradutor, assim como os autores que ele traduziu. No caso isolado de Guilherme de Almeida, as referências estão mais completas: as traduções desse poeta-tradutor estão listadas, com título e ano da edição, na nota de rodapé biográfica.

Na sua *História da Literatura Brasileira* (2011), Carlos Nejar lista de forma aleatória e faz breves comentários sobre traduções e seus tradutores numa “nota complementar” que aborda, em conjunto, os críticos, os memorialistas, os ensaístas e também os tradutores. No entanto, enquanto os críticos ganham seis páginas, os tradutores e as suas traduções são contemplados com apenas duas. Nejar mistura em seu comentário traduções poéticas e de prosa. Inclui datas de edição, mas não as editoras, além de aparentemente cometer algumas

impropriedades.¹³ Justiça seja feita ao se dizer que ele menciona a atividade tradutória de vários poetas nas biografias que integram o corpo da sua *História*, valorizando essa prática.

Se bem a *História da inteligência brasileira* (2010), de Wilson Martins, não seja uma história da literatura, mas sim da vida intelectual brasileira, tem o mérito de mencionar traduções de uma forma mais integrada ao discurso, e também em sua bibliografia de obras e edições consultadas. José Paulo Paes declara em *Tradução, a ponte necessária* que a *História* de Martins serviu como principal fonte para o seu difundido ensaio “A tradução literária no Brasil”. Martins dá um passo à frente dos demais ao relacionar as traduções publicadas às características políticas e ideológicas de cada período. Por exemplo, ao tratar da Geração de 1945, ele informa o seu leitor que romances russos foram traduzidos no Brasil dos anos 1940 como uma forma de reação ao Estado Novo (MARTINS, 2010, p. 234), enquanto traduções poéticas, como no caso de *As flores do mal* em tradução de Guilherme de Almeida, “sugeriam a retomada da poesia como literatura, contrariamente às doutrinas favoritas do momento, que preferiam vê-la como ‘a voz da revolução’” (IBIDEM, p. 238). Ou seja, existe um esforço analítico que acompanha as informações de Martins.

Já Afrânio Coutinho, no prefácio da primeira edição de *A literatura no Brasil*, datado de 1956 e revisado nas edições posteriores, na subseção intitulada “Influências estrangeiras”, trata da dificuldade de quem faz história literária em estimar o peso de tais “influências” na literatura brasileira. Coutinho em nenhum momento nega que tais “influências” tenham afetado “a vida brasileira em todas as suas fases” e diz ainda que as mesmas se fizeram presentes por meio de diversos canais, como “o colono, o imigrante, a importação de ideias, a imitação” (COUTINHO, 1999, p. 40). Coutinho assume que esse “é um capítulo descurado de história intelectual, no Brasil, o do levantamento das

¹³Por exemplo, Nejar atribui à Maria Arminda de Souza Aguiar a tradução de “vários livros de Céline”, quando na verdade ela traduziu apenas *Morte a crédito*, em parceria com Vera de Azambuja Harvey (Nova Fronteira, 1982). No entanto, foi Rosa Freire D’Aguiar, não mencionada por Nejar, quem traduziu três obras de Céline: *Viagem ao fim da noite* (1995), *Vida e obra de Semmelweis* (1998) e *De um castelo para o outro* (2005), todos pela Companhia das Letras. Nejar também diz que “Antônio Antunes” traduziu *Poemas de Leopardi* em 1998, mas não encontramos confirmação dessa referência; conhecemos apenas Álvaro Antunes como um dos tradutores de Leopardi no Brasil.

influências e dívidas estrangeiras, tarefa hercúlea de análise e investigação, para rastrear as ideias até as suas fontes”. E reafirma que não basta se comprovar a influência, “fato mais que óbvio”, mas que o importante “são os levantamentos de fontes e influências, com dados e comprovantes indubitáveis, à luz da moderna técnica comparatista” (IBIDEM, p. 41). Coutinho não fala diretamente de literatura traduzida, mas é certo que nesse rastreamento proposto, a tradução não poderia ser excluída. No entanto, apesar do reconhecimento, Coutinho quase não menciona a atividade tradutória dos escritores em *A literatura no Brasil*. Como ocorre na *História Concisa*, de Bosi, por vezes ele cita que um dado poeta foi tradutor, mas raramente menciona as obras por ele traduzidas. Somente o faz só nos casos mais difundidos, como o de Eduardo Guimarães ou Guilherme de Almeida.¹⁴

No geral, tais menções nas histórias literárias são por si só relevantes em um contexto de ocultação do papel da literatura traduzida, mas elas não chegam a avaliar o papel cumprido por esse tipo de literatura no interior do sistema literário doméstico.¹⁵ Ainda faz falta uma abordagem com maior sistematicidade, além de bibliografias mais completas e precisas. Mas, apesar de serem contribuições tímidas, são importantes num país em que simplesmente não existe um só banco de dados confiável e bem organizado que reúna informações daquilo que já foi publicado por aqui em termos de tradução literária e poética. Não se pode esquecer que ter dados à disposição seria apenas o primeiro passo para se fazer análises mais profundas e sistemáticas. Como bem nota Coutinho, a compreensão da nossa literatura irá lucrar muito com o resultado de investigações desse tipo, “tal é a força com que sopraram em nossas plagas os ventos do leste” (IBIDEM, p. 44).

¹⁴ O caso de Guilherme de Almeida é curioso, pois parece ser o único poeta de quem os historiadores tinham à mão uma lista de obras traduzidas pelo mesmo, fato que leva a pensar que se houvesse maior acesso a bibliografias e pesquisas sobre a atividade tradutória dos poetas e ficcionistas, os críticos não fariam resistência em usar tais dados em suas histórias literárias.

¹⁵ Por outro lado, os trabalhos dedicados exclusivamente à história da tradução no Brasil ainda são em pequeno número. Destacam-se *Línguas, poetas e bacharéis*, de Lia Wyler (2003), o capítulo “A tradução literária no Brasil”, de José Paulo Paes, que integra o volume *Tradução, a ponte necessária* (1990), e *O clube do livro e a tradução*, de John Milton (2002).

1.1 O paradigma nacional

Além da falta de dados, outra possível explicação para tal situação (da aparente falta de interesse de se incluir a literatura traduzida nas histórias da literatura brasileira) pode ser encontrada em Lambert, para quem o conceito de literaturas nacionais que costuma orientar as pesquisas e o ensino da literatura está fundamentado sobre uma noção “ingênua” de fronteiras entre literaturas, sejam essas políticas ou linguísticas (2006, p.24).¹⁶ Lambert ressalta que os gêneros literários em nossa época são bastante internacionais, mas que isso não os impede de assumirem também algumas características locais. Por isso, lembra que “a identidade das literaturas nacionais parece corresponder a realidades relativas e não a uma essência” (IBIDEM, p. 34).¹⁷ No entanto, a insistência em se estudar a literatura nacional buscando uma suposta “autonomia” é um paradigma que ainda não foi devidamente rompido.

Ao analisar as histórias da literatura brasileira, Franchetti conclui que “acima das diferenças de método, princípio e orientação política, o que une as histórias de Sodré, Coutinho, Candido e Bosi é uma aposta na possibilidade de narrar uma série de ações que conduzam à constituição de um ser “nacional” (FRANCHETTI, 2002, pp. 247-264). Candido lembra que nossa literatura esteve sempre “empenhada”: ora em provar que éramos capazes de construir uma literatura própria, ora em afirmar a nacionalidade (CANDIDO, 2000, p. 26). O problema da nacionalidade e da autonomia literária foi colocado pelo Romantismo em termos essencialmente políticos. Silvio Romero estabeleceu a capacidade de expressão do nacional como critério do valor literário (COUTINHO, 1999, p. 28). Em 1873, Machado de Assis, no ensaio “Instinto de Nacionalidade”, com lucidez questionava o que chamou de “doutrinas absolutas” que tentavam de todas as maneiras imprimir “cor local” à literatura brasileira.

Coutinho, por sua vez, defende que a autonomia literária é de natureza estética. Para ele, a literatura deve mostrar a “peculiaridade” de um povo, sendo que as formas é que devem alcançar autonomia, na estrutura e na temática: “um feitio brasileiro típico, peculiar, distinto, que possa considerar-se uma contribuição nova ao gênero, uma nova

¹⁶ Seria interessante discutir aqui as duas principais escolas críticas do Brasil e as suas posições a respeito da questão do nacional, mas tal decisão nos desviaria muito do nosso foco.

¹⁷ “L’identité des literatures nationales semble ainsi correspondre à des réalités relatives, et nullement à une essence.”

tradição” (IBIDEM, p. 32). Como se vê, a obstinação em se encontrar um caráter peculiar, seja ele de cunho estético ou político, permanece.

Tais preocupações com o nacional e com a autonomia acabam por causar um efeito colateral e subliminar: é como se, caso se assuma a existência do diálogo entre as literaturas, com suas autonomias e originalidades relativas, a literatura em questão fosse desmerecida em seu valor. Mais proveitoso seria fazer como Jorge Luis Borges, que reivindicou o direito da sua literatura [a argentina] à toda a tradição ocidental (BORGES, 2005, p.267).

Ora, como bem nota Octavio Paz, nenhum estilo ou tendência literária foi “nacional”; todos foram “translinguísticos” e coletivos, passando de uma língua à outra. As obras, essas sim, seriam únicas, “enraizadas no seu solo verbal”, nascem e vivem em relação com as outras obras. Por isso, o poeta e ensaísta mexicano defende a tese de que a literatura ocidental deveria ser considerada como “um todo unitário em que os personagens centrais não são as tradições – a poesia inglesa, a francesa, a portuguesa, a alemã – mas os estilos e as tendências” (PAZ, 1991, pp. 157-158). Quem estuda a literatura ocidental sabe que os principais estilos de época surgiram em uma determinada região, propondo novas linguagens, gêneros e temáticas, para logo depois se espalharem.

Goethe, ainda em 1827, propôs que a literatura fosse entendida dentro de uma lógica de intercâmbios interculturais e internacionais. Para isso, criou o conceito de *Weltliteratur* [literatura mundial]. Berman explica que a literatura mundial para Goethe

Não é a totalidade das literaturas passadas e presentes acessíveis a um olhar enciclopédico, não mais que da totalidade, mais restrita, das obras que, como as de Homero, de Cervantes ou de Shakespeare, atingiram um *status* universal pelo fato de terem se tornado o patrimônio da humanidade “cultura”. A noção goetheana de *Weltliteratur* é um conceito histórico que diz respeito ao estado *moderno* da relação entre as diversas literaturas nacionais ou regionais. [...] É a idade em que essas literaturas não se contentam mais em entrar em interação (fenômeno que mais ou menos sempre existiu), mas concebem abertamente a sua existência e seu desdobramento no âmbito de uma interação incessantemente intensificada (BERMAN, 2002, p.101).

A literatura mundial, portanto, não significa o fim das literaturas nacionais, mas indica “a coexistência ativa de todas as literaturas contemporâneas”; não busca o apagamento das diferenças, mas exige um intercâmbio intensificado que, para Goethe, está na própria essência da modernidade (IBIDEM, pp. 102-103). Notemos que Berman chama a atenção para o fato de que seria positivo para as literaturas conceberem “abertamente” a existência das demais e intensificarem as suas relações de forma deliberada.

A tradução, é claro, assumiu desde sempre um papel de protagonismo nesse processo de acirramento dos contatos. Goethe ia além ao sugerir que a literatura traduzida deveria ser vista como parte integrante da literatura de uma nação. Mais recentemente, Franco Moretti (2001) retomou o interesse por essa ideia de literatura mundial e propôs-se a pensar em qual seria um método adequado para estudá-la. Para ele, a literatura deveria ser vista como um sistema planetário, um *sistema literário mundial de literaturas interligadas* (p. 46, grifo meu), e o método para o seu estudo seria uma “leitura distante” do mesmo universo (das mesmas literaturas), que seriam observadas de um ponto de vista diferente. A “leitura distante” deixaria de lado a leitura direta dos textos para visualizar o sistema como um todo (IBIDEM, p. 49), método que permitiria visualizar com maior clareza e amplitude os intercâmbios entre as literaturas.

Mesmo desprezado pelas historiografias nacionais, o processo de internacionalização da literatura sempre existiu e acelerou-se consideravelmente após a Segunda Guerra Mundial. Tais transformações, conclui Lambert, “requerem uma redefinição, uma visão que substitua o local, a imagem parcial de literatura que ainda persiste” (IBIDEM, p. 67). A Teoria dos Polissistemas, elaborada por Itamar Even-Zohar no desenrolar da década de 1970, trouxe à tona uma abordagem mais ampla para a questão. Na época, essa teoria inovou ao defender que “para a análise literária, não interessa somente a produção textual, mas também a sua recepção num contexto histórico, sua posição dentro do sistema literário em questão e a sua relação com outras literaturas” (ALBIR, 2004, p. 563). Nesse sentido, a abordagem dos polissistemas, acredita Lambert, modificou a pesquisa literária ao promover uma revisão da posição das traduções e da literatura traduzida nas dinâmicas das literaturas (LAMBERT, 1997, p. 11).

Even-Zohar desenvolveu a sua teoria a partir de estudos de formalistas russos sobre sistemas literários e a evolução literária e também a partir dos estruturalistas tchecos. Nela, a literatura é concebida como com um conjunto de sistemas estruturados, em

constante conflito e transformação (caráter dinâmico) e que, por sua vez, constitui-se como um subsistema de outro polissistema maior, que é a cultura. Even-Zohar considera fundamental que se estabeleçam as relações entre os textos traduzidos que, segundo ele, em geral, “são apresentados como fatos consumados, importados de outras literaturas e destacados de seus contextos de origem e, conseqüentemente, neutralizados das disputas centro/periferia” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 46). Por isso, neste estudo, não serão os textos particulares que serão analisados, mas adotarei uma visão macro, a mais ampla possível, levando em conta quais os textos poéticos que foram importados para o sistema literário local, em que momento e por quem.

1.2 Breve panorama da tradução na história da literatura brasileira

A literatura brasileira, assim como as outras literaturas modernas, também se formou a partir da experiência das demais, já que, como vimos na seção 1.1, o surgimento de uma literatura sempre ocorre em relação a uma ou a várias outras. Para Delisle, trata-se de um movimento de diferenciação, daí a relação que se dá entre centro e margens, entre a cultura dominante e as culturas de menor peso (DELISLE, 1998, pp. 80-81).

No caso da literatura brasileira, diz Candido, no seu início, houve um esforço para se adaptar aos padrões estéticos e intelectuais da Europa. “Em sua formação, as nossas literaturas [da América Latina] são essencialmente europeias, na [sic] medida em que continuam a pesquisa da alma e da sociedade definida pelas tradições das metrópoles” (CANDIDO, 2006, p.198). No entanto, para Candido, no decorrer do processo, essas literaturas de matriz europeia começam a sentir a inflexão dos povos locais e acabam por exprimir a nova realidade natural e humana. Entre as formas de contato e interferência possíveis entre diferentes literaturas, a tradução desempenhou um papel relevante papel no processo de formação e evolução da literatura brasileira: no começo, timidamente, até que, como se verá, o movimento tradutório é intensificado na segunda metade do século XX.

Uma vez que a profissionalização dos tradutores no Brasil ocorreu tardiamente, não é de se estranhar que os próprios escritores e poetas tenham assumido a tarefa de traduzir o texto de seus pares, num

trabalho paralelo ao da criação considerada “autoral”.¹⁸ Como se verá em seguida, vários narradores e poetas brasileiros praticaram a tradução com regularidade ao longo de nossa história literária, principalmente após o Romantismo. Essa atividade ora acarretou inovações ao sistema literário nacional, ora ajudou a reforçar os modelos tradicionais já estabelecidos.

Durante o período colonial, a tradução literária praticamente não existiu no país devido às políticas de isolamento que a Coroa Portuguesa impunha ao Brasil. No entanto, não se pode esquecer que a tradução oral, conforme lembra Wyler, teve início com a chegada dos portugueses ao Brasil. O contexto linguístico daquela época incluía centenas de línguas e dialetos falados pelos povos indígenas. Além disso, os portugueses cultos escreviam em latim e conheciam o castelhano e, em menor medida, o francês (WYLER, 2003, p. 31).

Conforme Paes, “a tradução, entendida como atividade regularmente exercida para atender à demanda literária de um público leitor, não existiu nem poderia jamais ter existido no Brasil colonial. Durante os três séculos em que esteve sob a tutela sufocante do absolutismo português, a vida intelectual do país foi mofina” (PAES, 1990, p.11). Os livros, no entanto, chegavam ao Brasil trazidos por viajantes ou via contrabando. O poeta baiano Gregório de Matos, alimentado pela literatura espanhola, fez paráfrases e imitações de Quevedo e de Góngora. Fato pouco explorado é que, de 1580 a 1640, a Espanha dominou Portugal e as suas colônias, trazendo ao Brasil a sua língua e literatura.

Segundo Paes, no fim do século XVIII, para os poetas do Arcadismo, “a tradução teve o caráter de um exercício de arejamento, de um esforço de emergir dos acanhados e anacrônicos limites do universo mental português para os horizontes bem mais amplos da literatura italiana e francesa” (IBIDEM, p. 12). Como nota Coutinho, “a influência italiana é patente no século XVIII, quando o rococó neoclássico e arcádico vai buscar à Itália de Metastásio as suas normas estéticas e modelos de vida literária” (COUTINHO, 1999, p. 43). Nesse período, Cláudio Manuel da Costa traduziu em rima e em prosa sete peças de Pietro Metastásio, famoso libretista romano daquele século, e José Basílio da Gama também verteu para o português poema desse mesmo poeta intitulado “A liberdade”, o qual chegou a ser publicado em volume em Lisboa, em 1776 (PAES, 1990, p.12).

¹⁸ Grafo a palavra autoral entre aspas porque cada vez mais alguns tipos de tradução são reconhecidos como um trabalho criativo e, portanto, autoral.

Somente com a instalação da Impressão Régia no Rio de Janeiro, em 1808, o Brasil teve enfim um prelo legalizado que, além de documentos do governo, volantes e sermões, publicou, nos dez primeiros anos, onze obras filosóficas, históricas e científicas (HALLEWELL, 2005, p.112). Entre essas obras, figuram algumas traduções, tais como *Ensaio sobre a crítica* e *Ensaio Moraes*, ambos de Alexander Pope e traduzidos pelo Conde de Aguiar¹⁹; *O consórcio das flores*, de Lacroix, traduzido pelo poeta português Manuel du Bocage, que havia vivido durante um ano no Brasil, e *Obras de Virgílio*, em três volumes, traduzidos por Antônio José de Lima Leitão²⁰ (IBIDEM, p. 113-114).

No século XIX, a influência francesa no Brasil foi maciça. A própria introdução do Romantismo no país, com os *Suspiros poéticos e saudades*, em 1836, se deveu “ao contato do poeta Gonçalves de Magalhães, quando diplomata em Paris, com a poesia lá produzida” (PAES, 1990, p.15). Uma “viagem providencial”, diz Candido, na qual “se impregnou dos temas românticos” e os trouxe para o Brasil (CANDIDO, 2000, p. 51). Em seguida, outros poetas foram buscar inspiração nos modelos literários franceses. Maciel Monteiro, a quem Silvio Romero atribua os primeiros versos românticos escritos no Brasil, tese essa refutada por Candido, chegou a fazer quatro traduções do romântico francês Alphonse de Lamartine entre 1846 e 1847 (IBIDEM, p. 50). Nessa época, a vida cultural teve um grande florescimento na então capital do país. Em meados do século XIX, o Rio de Janeiro já contava com várias livrarias e tipografias francesas situadas quase todas à Rua do Ouvidor. Algumas eram negócios independentes, outras eram filiais de matrizes parisienses (HALLEWELL, 2005, p. 197).

Durante o Romantismo no Brasil, parte significativa das traduções foi feita para suprir a demanda crescente do público pelo romance-folhetim e por peças de teatro. Ou seja, preenchiam um vazio deixado pela produção nacional. O romance havia se tornado um gênero dominante, primeiro na Inglaterra, com Walter Scott, e em seguida na França no final da década de 1830, com Balzac, Dumas e outros. Por

¹⁹ Dom Fernando José de Portugal e Castro (Lisboa, 1752- Rio de Janeiro, 1817), o Conde de Aguiar, foi vice-rei do Brasil entre 1801 e 1806, governador da Bahia e ministro do príncipe-regente Dom João.

²⁰ O português Lima Leitão (1787-1856) era médico, político, militar. Destacou-se como tradutor de clássicos europeus. Veio para o Brasil para prestar serviços junto à corte portuguesa quando Portugal caiu sob o domínio de Napoleão.

volta de 1827, os jornais parisienses haviam começado a publicar ficção em forma de folhetim, obtendo notável sucesso. Com mais de uma década de atraso, o Brasil experimentou tal novidade, especificamente a partir de 1839. Hallewell destaca que nessa época a grande maioria dos romances-folhetins publicada no Brasil era tradução. Segundo ele, uma análise feita entre 1839 e 1840 nas páginas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, pelo viajante Daniel Kidder²¹, revelou que todos os folhetins desse período, exceto um, eram traduções (IBIDEM, p. 211). Entretanto, logo os autores brasileiros, como Gonçalves de Magalhães e José de Alencar adotaram o gênero e também começaram a publicar nos jornais. Machado de Assis traduziu *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo, simultaneamente à publicação desse romance nos folhetins de Paris, sendo que o intervalo da aparição dos capítulos era determinado pelo tempo que o jornal francês tardava em aportar no Rio de Janeiro (U. MACHADO, 2001, pp.43-44). Por volta de 1870, traduções de romances de Julio Verne, Xavier de Montepin e Émile Gaboriau eram as mais populares entre o público leitor brasileiro (HALLEWELL, 2005, p. 208). Como na França, os editores logo perceberam que, após a publicação nos jornais, os folhetins poderiam ser republicados em livro, gerando lucro. Foi esse o caso, entre outros, de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. A tradução, portanto, ajudou a importar e a consolidar esse gênero em nosso sistema literário.

As traduções românticas, no entanto, não se limitaram ao gênero folhetim. O poeta Castro Alves traduziu poemas dos seus pares franceses, como Victor Hugo, Lamartine, Alfred de Musset, Bouchard e Henri Murger (FALEIROS, 2008, p. 123). Machado traduziu quarenta e oito títulos dos mais variados gêneros, inclusive poesia (FERREIRA, 2004, pp. 202-207). Seu livro *Crisálidas* (1864) traz a tradução de um poema de Dumas Filho e de um poema medievalista do romântico Adam Mickiewicz (PAES, 1990, p. 21). Apesar de não saber alemão, Machado fez uma tradução versificada de *Os deuses da Grécia*, de Schiller, provavelmente a partir da tradução francesa (IBIDEM). Foi igualmente a partir de versões francesas que traduziu “Lira chinesa”, coleção de oito composições líricas de poetas chineses incluída em *Falenas* (1870). Em *Ocidentais* estão a sua conhecida versão do poema “O corvo”, de Edgar Allan Poe, um trecho de *Hamlet* e do canto XXV do Inferno da *Divina Comédia*, de Dante (IBIDEM). No mesmo

²¹ Daniel Parish Kidder. *Sketches of residence and travels in Brazil*. Philadelphia, Sorin and Ball, 1845.

período, Gonçalves Dias, que segundo Paes foi dos poucos na época a conhecer o alemão, dedicou-se a verter Heine, Herder e o drama de Schiller *A noiva de Messina*. Ele traduziu também trechos da *Divina Comédia* e poemas de Victor Hugo. Além disso, as imitações ou paráfrases de Byron também foram bastante cultivadas entre os nossos românticos.

Outra fase exemplar da importância da tradução de poesia no Brasil é analisada no ensaio “Os primeiros baudelairianos”, no qual Candido aborda a influência dos poemas de Baudelaire traduzidos por poetas brasileiros no decênio de 1870, na passagem do Romantismo para o Simbolismo. Tais traduções, afirma Candido, “definiram os rumos da produção poética, traçando a fisionomia de uma fase [da literatura brasileira]” (CANDIDO, 2006, p. 28). Nessa época, os jovens poetas “deformavam [a poesia de Baudelaire] segundo as suas necessidades expressivas, escolhendo os elementos mais adequados à renovação que pretendiam promover e de fato promoveram” (IBIDEM, p. 31). Candido chama a atenção para o fato de que esses poetas eram, em sua maioria, “secundários”. Eram jovens rebeldes que usaram Baudelaire como “um instrumento libertador”. O que estava por trás dessas traduções era a luta contra o Romantismo já em decadência. Nas primeiras décadas do século XX, um poeta-tradutor importante foi Eduardo Guimaraens (1892 – 1928), que formou com Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens a “trindade simbolista” do Brasil. Ele dedicou-se à tradução de oitenta e quatro poemas de *As flores do mal*, de Baudelaire, além de obras de Francis James, Dante, Tagore, Heine, Verlaine, entre outros. Como se percebe, os poetas da época estavam engajados na prática da tradução, sendo interessante notar que essa prática tanto serviu para implementar o Romantismo no Brasil quanto para combatê-lo.

Nos anos de 1930, a indústria editorial brasileira desenvolveu-se impulsionada pela política nacionalista do presidente Getúlio Vargas. O alto índice de analfabetismo foi um fator limitador da expansão, e, no outro extremo, uma elite consumidora, conforme Hallelwell, “continuava a exigir livros literários ou recreativos em francês” (2005, p. 501). Apesar de tudo, a Era Vargas (1930-1953) foi de progresso da indústria livreira nacional e marcou o início da indústria de traduções no país e da substituição da influência francesa pela americana na cultura brasileira (WYLER, 2003, p.117). Na década de 1930, a Editora Globo foi pioneira na tradução de romances policiais norte-americanos. Os anos entre 1942 e 1947 constituíram a época de ouro da tradução para

essa editora de Porto Alegre, período em que importantes poetas brasileiros como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Mario Quintana atuaram como tradutores para essa casa editorial. Wyler destaca que nesse período “os tradutores não eram mais, como nos séculos anteriores, poetas políglotas e diletantes. Eram escritores consagrados em ascensão, ou seja, os responsáveis em qualquer cultura pela criação e reprodução dos padrões linguísticos do idioma” (IBIDEM).

A Livraria Martins, fundada em 1937, especializou-se em livros importados, principalmente da França, mas também da Inglaterra e dos Estados Unidos. No entanto, com o início da Segunda Guerra Mundial, inviabilizaram-se as importações. Segundo constatou Hallewell, a guerra também produziu um “surto de leitura” no Brasil, fato esse que, juntamente com a impossibilidade de importar livros, impulsionou a indústria editorial (IBIDEM, p. 519). A Martins publicou o seu primeiro título em 1940 e marcou época com a coleção “Biblioteca Histórica Brasileira”, que estreou com a tradução de Sérgio Milliet de *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Rugendas, e prosseguiu com a publicação da tradução de vários outros relatos de viagem de antigos viajantes pelo Brasil, tais como os de Saint-Hilaire e Debret (IBIDEM).

Um poeta-tradutor atuante nessa época é Carlos Drummond de Andrade. Ele começou a traduzir nos anos 1940 e a sua atividade como tradutor durou 20 anos, de 1943 a 1963. Para a Livraria Martins Editora, Drummond traduziu alguns poemas que foram publicados na antologia *Obras-primas da poesia universal*, de 1955, com organização, seleção e notas bibliográficas de Sérgio Milliet. São eles: “A aldeia escuta”, de Jacques Prévert, “A virgem ao meio-dia” e “O crucifixo”, ambos de Paul Claudel, “A casada infiel”, de Federico García Lorca, “Um único pensamento”, de Paul Éluard, essa última em tradução em conjunto com Manuel Bandeira. Além das citadas, Drummond não publicou outras traduções poéticas em vida. Somente no segundo semestre de 2011 (ou seja, fora do período do levantamento bibliográfico desta pesquisa), foi publicada uma antologia de 64 poemas traduzidos pelo poeta e que haviam sido publicados em jornais e revistas.²² Nos demais gêneros, estas foram as obras traduzidas pelo

²² O material, publicado pela Cosac Naify, foi recolhido no arquivo de Drummond depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ). Os poetas incluídos nesta antologia são: Vicente Aleixandre, Guillaume Apollinaire, José Antonio Balbontín, Fernando de Córdoba y Bocanegra, Bertolt Brecht, Aimé Césaire, Paul Claudel, Marie-Laure David, Paul Éluard, Ralph Waldo Emerson,

poeta mineiro, em ordem cronológica: *Uma gota de veneno* (Therèse Desqueyroux), de François Mauriac (Pongetti, 1943); *As Relações Perigosas*, de Choderlos de Laclos (Editora Globo, 1947); *Os Camponeses*, de Honoré de Balzac, que faz parte de *A Comédia Humana* (Editora Globo, 1954). Traduziu ainda *A Fugitiva*, de Marcel Proust (*Albertine disparue*, Editora Globo, 1956), *Dona Rosita, a solteira*, teatro em verso de Federico Garcia Lorca (1959), *Beija-Flores do Brasil*, ensaio de Th.Descourtiz (1960), *O pássaro azul* (Delta, 1962), de Maurice Maeterlink, *Artimanhas de Scarpino*, de Molière (1962) e *Fome* (1963), de Knut Hamsum.

Ao reconhecer a lucratividade do mercado de literatura traduzida, e sofrendo as dificuldades de importação de livros do continente europeu em decorrência da Segunda Guerra Mundial, a editora José Olympio também decidiu apostar em literatura traduzida. Ingressou, então, num nicho que era cativo da Editora Globo. Para isso, recrutou um time de intelectuais renomados para atuar como tradutores. Raquel de Queirós chegou a traduzir 31 romances para a José Olympio na década de 1940. Traduziu do inglês, do francês e do espanhol, sendo que algumas dessas traduções, como as de Dostoiévski, foram feitas indiretamente, via francês. Também traduziram para essa editora nos anos 1940 Vinícius de Moraes, José Lins do Rego, Alceu Amoroso Lima, Guilherme de Almeida, Rubem Braga, Lúcio Cardoso, entre outros (HALLEWELL, 2005, p. 459-460).

O período seguinte, no qual o presidente Juscelino Kubitschek esteve no poder, entre 1956 e 1960, foi de muito otimismo no país, principalmente devido ao bom momento da economia nacional, que crescia a altas taxas. Entre 1955 e 1962, a produção de livros no Brasil triplicou (IBIDEM, p. 546). No entanto, a inflação do começo dos anos 1960 provocou um aumento dos custos do mercado editorial. Essa fase mais recente, entre 1960 e 2009, é o período que aprofundarei nesta

Leon-Paul Fargue, Léon Felipe, Carmen Bernos de Gasztold, Arnoul Gréban, Jean Michel, Nicolás Guillén, Heinrich Heine, Isabel, Juan Ramón Jiménez, Erich Kästner, Valery Larbaud, Federico García Lorca, Edwin Markham, Phyllis Macginley, Jane Merchant, Edna St. Vincent Millay, Paul Morand, Ogden Nash, Fredrik Nygard, Sigbjorn Obstfelder, Félix Paredes, Dorothy Parker, Coventry Patmore, Horacio Peña, Jacques Prévert, Arturo Torres-Rioseco, Felipe C. Ruanova, Pedro Salinas, Carl Sandburg, George Santayana, Henry Spiess, Jules Supervielle, Julian Tuwin, André Verdet e Charles Vildrac.

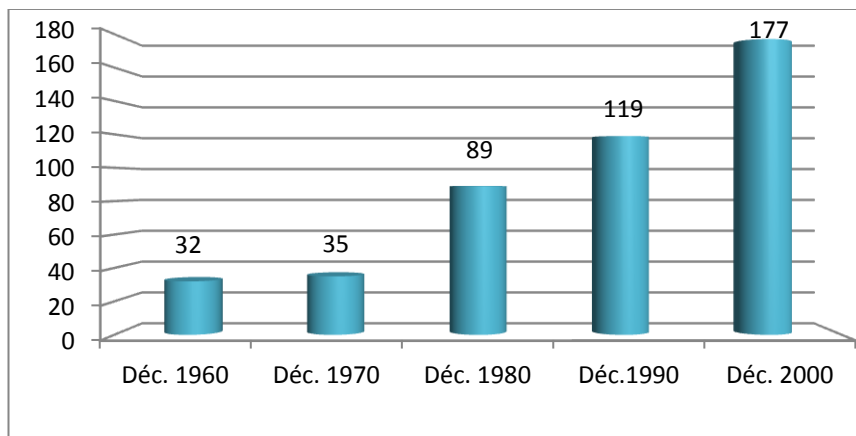
pesquisa, porém mantendo o foco na tradução de poesia realizada por poetas.

1.2.1 A tradução de poesia no Brasil entre 1960-2009

No Brasil dos últimos cinquenta anos, a tradução de poesia apresenta números ascendentes e tem assumido nas últimas décadas um papel significativo na renovação da literatura local. Milton, que mapeou a tradução de poesia no Brasil de 1965 a 2004, avalia que o número de trabalhos publicados é de tal forma considerável que “esta área [poesia traduzida] deveria ser seriamente considerada um gênero da literatura brasileira contemporânea” (MILTON, 2004, p. 183). Apresento a seguir alguns dados colhidos no levantamento bibliográfico das traduções poéticas (Ver Apêndice), com o objetivo de dimensionar a abrangência desse tipo de tradução no Brasil nestas últimas cinco décadas.

Gráfico 1:

Traduções de poesia no Brasil, por década (1960-2009)

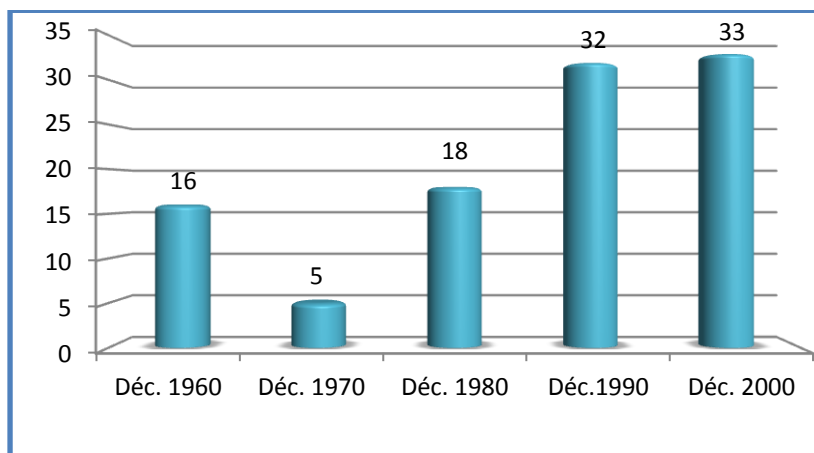


Obras de autores individuais publicadas no Brasil, em 1ª edição.

O gráfico demonstra o crescimento contínuo das publicações de traduções poéticas (autores individuais) nas últimas cinco décadas. Em termos percentuais, pode-se verificar aquilo que vários observadores culturais perceberam: o *boom* ocorreu na década de 1980. De fato, ao se analisar o gráfico 1, veremos que a tradução de poesia no Brasil dá um salto entre a década de 1970 e a de 1980. Percebe-se também que os

números seguem crescendo nas décadas seguintes, mas a taxas menores.²³ Os números das publicações entre 2000 e 2009 alcançam uma média alta de lançamentos de tradução de poesia por ano: 17,7 títulos, expondo o atual vigor da cena tradutória poética do Brasil. Se levarmos em conta todo o período analisado, o aumento na publicação de tradução de poesia teve um salto muito significativo entre os anos de 1960 e 2000.

Gráfico 2:
Traduções poéticas por década (1960-2009): antologias



O gráfico acima se refere exclusivamente às antologias mistas (que reúnem poemas de vários autores). No levantamento realizado, encontrou-se referências de 104 antologias de poesia publicadas sem 1ª edição no Brasil entre 1960-2009.

Os indicadores referentes às antologias mistas comportam-se de maneira diferente do que o das obras de autores individuais. Mostra uma forte queda nesse tipo de publicação na década de 1970. Já a década de 1980 assiste a uma recuperação dos níveis da década de 1960, com

²³ O capítulo 4 abordará a conjuntura político-econômica que levou a esse *boom* editorial, mas vale mencionar aqui como fatores importantes o fim da censura em 1979 e a abertura política.

posterior crescimento nos anos de 1990 e uma estabilização na década seguinte.

Somados aos anteriores, esses dados demonstram que o incremento da prática da tradução de poesia no Brasil no último meio século não pode ser desprezado, tampouco a relação dessa atividade com o sistema literário e cultural local. De qualquer forma, enquanto a historiografia tradicional não inclui de fato a literatura traduzida entre os seus objetos de análise, ou reluta em fazê-lo de forma metódica, paralelamente vai sendo escrita a história da tradução. Essa aborda principalmente as histórias da literatura traduzida nos diversos sistemas literários, além de registrar a atuação dos tradutores na história literária. Afinal, como veremos neste trabalho, assim como os escritores, os tradutores podem assumir um papel importante na formação de cânones e de repertórios.

1.3 Influência, importação e interferência na evolução literária

Não obstante o seu caráter renegado que tanto se insiste aqui, é inegável que a tradução, desde os seus primórdios, configurou-se como uma atividade responsável pela importação de formas, gêneros e procedimentos estilísticos de uma língua e literatura à outra. Há muitos exemplos na história da literatura que demonstram a ação de formas importadas por meio da tradução na configuração das diversas literaturas locais, sobretudo parâmetros estilísticos, metáforas, estruturas narrativas e até mesmo gêneros inteiros. O poeta inglês Geoffrey Chaucer (1340-1400) foi responsável por introduzir na literatura inglesa novos gêneros e formas estrangeiras, como a balada, o romance, a trova, os contos populares de Flandres e ainda as fábulas com animais (DELISLE, 2003, p. 224). Como escritor da Idade Média que era, ele via “uma continuidade entre a tradução, a compilação e o aproveitamento de textos, de um lado e, de outro, a autoria original (IBIDEM, p.80). No Renascimento, a tradução da Bíblia por Lutero ajudou a dar forma à língua alemã e, durante o Iluminismo alemão (séc. 18), a tradução esteve no centro dos esforços para a constituição de uma literatura nacional e da tentativa de enriquecer com novos recursos aquela língua. Nesse período, os intelectuais foram buscar em outras literaturas *formas* e *temas* que os ajudassem a formar uma *literatura própria* e também a fazer do alemão uma língua mais “flexível” (BERMAN, 2002, grifos meus). Modernamente, é bem difundido o enorme impacto literário que teve a tradução dos escritos de Edgar Allan Poe por Baudelaire em sua própria criação artística e que, mais tarde,

desaguiu no movimento simbolista e no modernismo hispano-americano. A evolução literária sempre foi movida por tais encontros. Octavio Paz diz que:

Os grandes períodos criadores da poesia do Ocidente, desde sua origem na Provença até os nossos dias, foram precedidos e acompanhados por cruzamentos entre diferentes tradições poéticas. Esses cruzamentos às vezes adotam a forma de imitação e outras vezes a de tradução. Desse ponto de vista, a história da poesia europeia poderia ser vista como a história das diversas conjunções que compõem a chamada literatura do Ocidente, para não falar da presença árabe na lírica provençal ou a do haiku e da poesia chinesa na poesia moderna (PAZ 1991, p. 157).

Mencionei esses exemplos para mostrar que tais encontros de tradições ocorrem por meio de alguns mecanismos. Paz, no excerto acima, fala de “imitação” e de “tradução”. No âmbito da poesia também é frequente o uso da noção de “influência”, principalmente depois da difusão do trabalho do crítico literário norte-americano Harold Bloom (2002). Para ele, a “influência poética entre poetas fortes, autênticos, procede sempre por uma *desleitura* do poeta anterior, um ato de correção criativa, que é verdade e necessariamente uma interpretação distorcida” (IBIDEM, p. 62).²⁴ Para ele, o poeta “forte” assume sempre uma relação conflituosa com os seus antecessores e os combate “até a morte” (p. 33). Bloom faz uma leitura de viés psicológico, pois toma a influência como derivada de um sentimento, a ansiedade ou a angústia, que seria um “fardo” carregado por aqueles poetas que desejam “reatingir a originalidade dentro da riqueza da tradição literária ocidental” (IBIDEM, 2001, p. 18). Até onde entendo, essa teoria corresponde ao conceito de *tradição*, pois diz que “poemas, contos, romances e peças nascem como uma resposta a poemas, contos, romances e peças anteriores, e essa resposta depende de atos de leitura e

²⁴ A “correção criativa” da qual fala Bloom, também pode ser entendida como correlata à tradução criativa ou à transcrição de H. de Campos. Esse, por sua vez, buscou em Jakobson (“Aspectos linguísticos da tradução”) e no conceito de antropofagia dos modernistas de 1922 a sua inspiração de deglutição crítica do Outro, o estrangeiro.

interpretação pelos escritores posteriores, atos que são idênticos a novas obras” (IBIDEM). Na verdade, Bloom valoriza a interpretação e a reescritura como motores da novidade. No entanto, ele não chega a se preocupar em entrar no mérito de quais são os mecanismos pelos quais a influência se processa no interior da dinâmica cultural, fora do mundo metafísico-psicológico. Ou seja, de como, na prática, um poeta entra em contato com a obra do outro: se é por meio de uma leitura direta da obra, se ele é tomado pelo impulso de traduzir tal obra, ou se entra em contato com um texto traduzido por terceiros, ou se procura conhecer tal texto também por meio da leitura da crítica especializada etc.

Eco acredita que a noção de influência é “importante para a crítica, para a história literária, para a narratologia”, mas não deixa de ser um conceito “perigoso” (ECO, 2003, p. 113), uma vez que a questão de se identificar relações de influência com propriedade é delicada. Como explica Eco, entre a obra de um escritor “A” e um “B”, existe um fator “X”, que se pode chamar de cultura ou cadeia de influências precedentes. Ou seja, nem sempre é fácil evidenciar cadeias de influência diretas com segurança. Goethe rejeitou a noção de influência por considerá-la uma relação passiva, chegando a jocosamente relacioná-la com a doença que leva o mesmo nome, a *influenza*. Ele preferia recorrer a outros conceitos que diziam respeito à tradução e a outras relações interculturais, como é o caso da crítica. Entre esses interessantes conceitos, estão os de participação (*Theilnahme*) e de regeneração (*Auffrischung*), que abarcam uma relação recíproca entre o próprio e o estrangeiro (BERMAN, 2002, pp. 116-117). Para Goethe, as literaturas nacionais exauridas são regeneradas pelo estrangeiro e “as literaturas estrangeiras tornam-se mediadoras nos conflitos internos das literaturas nacionais e lhes oferecem uma imagem delas mesmas que elas não saberiam ter” (IBIDEM, pp. 118-119).

A noção de influência, conforme a crítica de Even-Zohar, é “vaga” e foi usada pela Literatura Comparada para estudar casos isolados, particulares, ou seja, sem o objetivo de demonstrar algumas regularidades na relação entre diferentes literaturas e tradições (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 53). Em face disso, Even-Zohar propõe o conceito de “interferência”, que pretende explicar o fenômeno de uma literatura tornar-se fonte de empréstimos para outra. Segundo ele, “a interferência pode ser definida como uma relação (relacionamento) entre literaturas, mediante a qual uma dada literatura A (literatura fonte) pode tornar-se fonte de empréstimo direto ou indireto para outra literatura B (literatura

meta)” (EVEN-ZOHAR, 1990, p.57).²⁵ A interferência pode ocorrer de forma direta ou indireta, conforme ele explica:

No caso da interferência direta, uma literatura-fonte está disponível e é acessada por agentes da literatura-alvo sem intermediários. Eles conhecem a língua da literatura-fonte e podem ter melhor acesso aos seus recursos do que no caso do segundo tipo. Na segunda forma, a interferência é intermediada por meio de algum canal, como a tradução. Mesmo que em ambos os casos a tradução possa ser um grande canal de transferência, é óbvio que no último caso o seu papel é mais crucial (IBIDEM).²⁶

A interferência direta ocorre quando os escritores têm acesso aos originais de determinado autor sem a necessidade de ler textos previamente mediados por tradutores. Foi o caso da interferência da literatura francesa no Brasil do século XIX, quando a maioria da comunidade letrada podia ler diretamente em francês. Já no caso da interferência indireta, a tradução é o seu canal principal. A interferência direta é menos visível do que a indireta, já que a indireta fica materializada em produtos, ou seja, textos traduzidos que podem sempre ser comparados com os originais (IBIDEM, p. 57). Para Even-Zohar, tal interferência entre literaturas deveria constar das histórias literárias. No entanto, isso não quer dizer que a interferência assuma *sempre* um papel importante na história de uma dada literatura:

A interferência não pode ser separada da história literária, uma vez que é parte da existência histórica de todo sistema cultural. Isso não significa que o papel da interferência seja sempre

²⁵ “Interference can be defined as a relation(ship) between literatures, whereby a certain literature A (a source literature) may become a source of direct or indirect loans for another literature B (a target literature)”.

²⁶ “In the case of direct interference, a source literature is available to, and accessed by, agents of the target literature without intermediaries. They know the language of the source literature and may have better access to its resources than in the case of the second type. In this second type, interference is intermediated through some channel, such as translation. Though in both cases translation may be a major channel for *actual* transfer it is obvious that in the latter case its role is more crucial.”

importante para a literatura em qualquer período da sua existência. Antes, significa que a interferência não pode ser analisada como um fato em si, descolado do contexto histórico (IBIDEM, p. 54).²⁷

Enquanto Even-Zohar utiliza a noção de interferência, Lambert (2006, p. 16) trabalha com as categorias de *produção*, *tradição* e *importação* para explicar a dinâmica da literatura e da literatura traduzida em um determinado sistema cultural. As interações entre tais categorias explicariam o funcionamento e a evolução dos sistemas literários (o centro, ou sistema dominante, e os demais subsistemas). A *produção* designa “o conjunto da produção de mensagens pelos membros do sistema”, e a *importação* designa a presença de elementos de outros sistemas (IDEM, 1980, p.17). Ou seja, os textos importados pela via da tradução teriam o potencial de se combinar com textos selecionados na tradição nacional para revitalizar centros de produção. Tal importação não é isenta de ideologia e pode ser um processo meditado por um grupo que deseja ou a mudança ou a manutenção da poética vigente. Para a mudança ocorrer, o cânone, ou seja, os modelos considerados válidos e dignos de prestígio também devem sofrer alterações. Isso veremos adiante, no segundo capítulo.

²⁷ “Interference cannot be divorced from literary history, since it is part of the historical existence of any cultural system. This does not mean that the role of interference is always important for literature at any given time of its existence. Rather, it means that interference cannot be analyzed as an issue *per se*, detached from the historical context.”

2. TRADUÇÃO, TRADUTORES E A FORMAÇÃO DO CÂNONE

Neste capítulo, proponho-me a pensar quais são, afinal, os mecanismos que podem levar um texto traduzido a integrar ou interferir no cânone de determinada literatura? Ou, ainda, como um determinado inventário de recursos literários importados conquista *status* ou admiração em um dado estrato do sistema literário? Por isso, aqui, retomo algumas abordagens sobre o cânone, sobre como pode se dar o estabelecimento do mesmo, para depois analisar os possíveis papéis desempenhados pela tradução e pelos tradutores neste processo.

A palavra cânone vem do grego *kanon*, significando régua, regra, medida, norma; ou seja, a sua própria etimologia indica um caráter normativo e delimitador. No âmbito da Igreja Católica, os livros considerados canônicos eram aqueles reconhecidos como “inspirados e dignos de autoridade” (COMPAGNON, 2001, p. 226). Norma, valor e autoridade são três conceitos que costumam gravitar em torno da questão do cânone.

Bloom acredita que o verdadeiro sentido do cânone seja o de indicar os livros que o indivíduo deve escolher para ler, pois uma vida humana é curta demais para dar conta de tudo o que já foi produzido pela cultura ocidental (BLOOM, 2010, p. 27). Para ele, o cânone designa

Uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica, ou, como eu faço, por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais (IBIDEM, p. 33).

Em geral, para a literatura, o cânone costuma designar a lista de obras consideradas indispensáveis à formação dos estudantes, bem como os postulados ou princípios doutrinários que norteiam uma corrente literária (MOISÉS, 2004, p. 65).

O cânone, portanto, pode ser entendido como uma lista de obras e também como um tipo de código, um modelo que deve ser seguido para que determinada obra seja considerada literatura em determinado espaço histórico. No primeiro sentido (de lista), Fowler, aponta três formas ou níveis de cânone: a) o potencial, que abrangeria toda a extensão da literatura, tudo que o leitor pode potencialmente ler; b) o cânone

acessível, aquela parte do universo potencial a qual os leitores têm acesso relativamente fácil na forma de reedições, edições econômicas ou antologias (e, por que não, traduções); e c) o seletivo, que englobaria as obras acessíveis que os leitores profissionais selecionaram como dignas de maior atenção (FOWLER, 1982, pp. 213-216).

Já Even-Zohar delimitou dois usos do para o termo “cânone”. Também para ele, há uma canonicidade que se refere a textos (obras), e outra a modelos. Afirma que “uma coisa é introduzir um texto no cânone literário, outra é introduzi-lo através de seu modelo em um repertório” (EVEN-ZOHAR, 1990 p.19). No segundo caso, certo modelo literário consegue se estabelecer como princípio produtivo por meio de seu repertório. Ou seja, a poética de determinada literatura, que vem a ser o seu inventário de recursos literários, gêneros, motivos, símbolos etc., é modificada. Portanto, quando a canonização se dá pelo modelo, e não por textos isolados, teríamos um tipo de canonização mais relevante para a dinâmica do sistema literário (IBIDEM, p. 10). Nesse caso, pode ocorrer uma progressiva influência dos valores do grupo que o introduziu, uma vez que, em toda sociedade, em grau maior ou menor, existem sempre tensões entre a cultura canonizada e a não canonizada. Esse processo ficou muito evidente no Brasil no caso dos poetas concretos.²⁸

O estabelecimento do cânone também está ligado à questão do julgamento de valor, seara onde as discussões estéticas misturam-se e confundem-se com as relações de poder. Nesse sentido, Lefevere lembra que o valor intrínseco de uma obra literária possui um papel muito menor no processo de recepção e sobrevivência das mesmas do que normalmente se pressupõe (LEFEVERE, 2007, p. 13). Na verdade, o próprio julgamento do que é ou não um texto literário é extremamente instável, e os juízos de valor, conforme Eagleton, “têm uma estreita relação com as ideologias sociais” (EAGLETON 1994, p. 17). Eagleton lembra que sempre interpretamos as obras literárias “à luz de nossos próprios interesses” e essa “poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias *parecem* conservar seu valor através dos séculos”(IBIDEM, p. 13, grifo meu). Diz ele:

Pode acontecer, é claro, que ainda conservemos muitas preocupações inerentes à da própria obra, mas pode ocorrer também que não estejamos valorizando a ‘mesma’ obra, embora assim nos

²⁸ Ver seção 2.3 deste trabalho.

pareça. O “nosso” Homero não é igual ao Homero da Idade Média, nem o “nosso” Shakespeare é igual ao dos contemporâneos desse autor. [...] Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura” (IBIDEM).

No conto “Pierre Menard, autor del Quijote”, Jorge Luis Borges demonstra com genialidade que o tempo altera substancialmente a recepção das obras, e que um mesmo texto assume significados bem diversos de acordo com o momento histórico em que é lido. Mesmo as obras que se mantêm no centro do cânone ocidental são ressignificadas de tempos em tempos por meio da crítica e também têm a sua linguagem atualizada por meio da tradução. Outro aspecto a se ter em mente é que um mesmo poeta pode ser traduzido com objetivos diferentes em épocas distintas ou na mesma época por poetas seguidores de diferentes poéticas. Por exemplo: o Rilke de Dora Ferreira da Silva não é o mesmo de Augusto de Campos; o Byron dos românticos não é o mesmo de Paulo Henriques Britto. Falarei mais sobre esse aspecto mais adiante²⁹.

Lefevere enumera alguns fatores que influenciariam na canonização ou na não canonização dos trabalhos literários. Para ele, muito mais que o valor em si, o poder, a ideologia, a instituição e a manipulação trabalhariam para a inclusão de obras/modelos no cânone. Já a tradução, a historiografia, as antologias e a crítica literária seriam as atividades que preparam as obras para serem incluídas no cânone, atuando sob a égide do primeiro grupo de fatores citados (LEFEVERE, 1997, p.22). Ele explica que

Produzindo traduções, histórias da literatura ou suas próprias compilações mais compactas, obras de referências, antologias, críticas ou edições, reescritores adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, *normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poetológica dominante de sua época* (IBIDEM, p. 23, grifo meu).

²⁹ Especificamente, no quarto capítulo, quando abordo as traduções de Rilke no Brasil.

Daí a relevância de que muitos dos poetas-tradutores cujas escolhas analisamos nesta pesquisa atuem também como professores em instituições de ensino superior, como críticos, editores e organizadores de antologias, papéis esses que reforçam a sua posição no campo literário, somando às suas escolhas a força ideológica da instituição a que pertencem (ora como professores da Universidade, ora como membros da Academia Brasileira de Letras ou poetas agraciados por prêmios diversos de certas instituições).

Dentre todas as formas de reescritura, a tradução é potencialmente a mais influente, acredita Lefevere, pois teria a capacidade de projetar a imagem de um autor ou de uma série de obras em outra cultura (IBIDEM, p. 24, grifo meu). A tradução também é uma forma de reconhecimento literário, e não apenas uma simples mudança de códigos da língua "fonte" para a língua "alvo" (CASANOVA, 2002, p.169). Para as línguas "alvo" que Casanova qualifica como "mais desprovidas", a tradução seria uma maneira de agrupar recursos literários, de importar grandes textos universais para uma língua "dominada". Diz Casanova: "Na verdade, esses intermediários (tradutores) introduzem a periferia no centro não para consagrá-la, mas para tornar o centro, e o que foi consagrado no centro, conhecido em seus países, importando a modernidade decretada no meridiano de Greenwich" (IBIDEM, p.170).

Costumamos pensar que as obras são traduzidas porque já alcançaram o estatuto de canônicas, ou seja, porque atingiram certa fama na sua cultura de origem. Dificilmente invertemos esse raciocínio para lembrar que se não fosse devido à tradução, o acesso às mesmas seria restrito aos leitores da língua do original. Homero poderia reinar na Grécia, mas teria a sua obra sobrevivido se não fossem inúmeros tradutores a reescrevendo ao longo dos séculos? Foi Walter Benjamin quem chamou a atenção para o fato de que a tradução não é somente responsável pela sobrevivência do original, mas também "assinala o estágio da continuação da sua vida" (BENJAMIN, 2001, p. 193). Para ele, a chamada "vida" das obras deveria ser entendida de forma "objetiva", não como uma mera metáfora, pois, para o filósofo, tudo o que tem história tem vida:

A história das grandes obras de arte conhece sua descendência a partir das fontes de sua configuração, na época do artista, e o período da continuação da sua vida, fundamentalmente eterna, nas gerações posteriores. Quando surge,

essa continuação da vida das obras recebe o nome de fama. Traduções são algo mais que meras transmissões; surgem quando uma obra alcança, ao longo da continuação de sua vida, a era da sua fama. Por isso, elas não estão tanto a serviço de sua fama (como costumam alegar maus tradutores em favor de seu trabalho), quanto lhes devem existência. Nelas, a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e vasto desdobramento (IBIDEM, pp. 193-195).

A tradução, portanto, ao renovar a vida do original, torna-se responsável pela “fama” das obras, e não o contrário.³⁰ O trabalho do tradutor, acredita Benjamin, auxilia bem mais na criação desta “fama” quando não é servil, quando oferece à obra uma possibilidade de “desdobramento”. A proposição de Benjamin reforça a ideia de não há texto considerado clássico ou canônico que não tenha sido alvo de retraduições.³¹ Por isso, a tradução, enquanto reescritura, seria uma força-motriz por trás da evolução literária (EVEN-ZOHAR, 1990 p. 14).

3.2 Disputas pelo centro do cânone

Se observarmos a evolução literária, veremos que periodicamente ocorrem mudanças. Octavio Paz nota que “a história da arte e da literatura se desdobra como uma série de movimentos antagônicos: romantismo, realismo, naturalismo, simbolismo”. Paz diz que na arte moderna, tradição significa ruptura e não mais continuidade. Estaríamos diante da “tradição da ruptura” (PAZ, 1996, p133-134). A arte contemporânea parece ter se tornado ainda mais provisória. Conforme Haroldo de Campos, essa arte produzida numa civilização em constante transformação “parece ter incorporado o relativo e o transitório como dimensão mesma do ser” (1976, p. 15). Lefevere tenta descrever esse processo de mudança no interior do sistema literário da seguinte forma:

³⁰ E, daí, é possível inferir um paradoxo: apesar de o texto clássico ou canônico dever parte da sua fama ao seu caráter de antigo, precisa, para manter-se vivo, ter a sua linguagem atualizada de tempos em tempos por meio de retraduições

³¹ No entanto, é preciso lembrar que apenas o fato de ter sido alvo de retraduições não é por si só suficiente para a inclusão de determinada obra no cânone.

Uma vez estabelecido um sistema literário, ele tenta alcançar e manter um “estado estável” [...], um estado em que todos os elementos estejam em equilíbrio. [...] Porém há dois fatores no sistema literário [...] que tendem a agir contra esse desenvolvimento. Os sistemas se desenvolvem de acordo com o princípio da polaridade, que sustenta que todo sistema em algum momento desenvolve seu próprio contrassistema, como a poética romântica, por exemplo, alguma vez virou a poética neoclássica de ponta cabeça, conforme o princípio da periodicidade, que sustenta que todos os sistemas estão sujeitos à mudança (LEFEVERE, 2007, p. 67).

Estando inserido nesse contexto de rupturas periódicas, temos, portanto, que a autoridade do cânone passa por contestações de tempos em tempos, fazendo com que esse conjunto de obras e/ou modelos seja questionado e revisado. Afinal, como vimos, a canonicidade não é algo inerente à obra. Acontece então de obras desconsideradas em um determinado período histórico passarem a ser valorizadas. A poesia de John Donne, por exemplo, foi “relativamente desconhecida e pouco lida [...] até o seu redescobrimento por T.S. Eliot e outros modernistas” (IBIDEM, p. 13). No Brasil podemos citar o exemplo da obra de Sousândrade e de Gregório de Matos, o *Boca do Inferno*, ambas revalorizadas a partir da leitura de H. de Campos. Portanto, o canônico passa a ser simplesmente o conjunto de obras ou de normas aceitas em determinados períodos por determinados grupos.

Assim como na política, na literatura ocorrem as disputas pelo “poder”, pela ocupação de certo centro. Ocorre o fenômeno de diferentes escolas críticas, conforme explica Lefevere, tentarem elaborar cânones próprios para firmar o seu próprio cânone como único (LEFEVERE, 2007, p. 55). Também podem ocorrer disputas entre centro e periferia, ou melhor, entre centros e periferias (no plural), entre literaturas diferentes, e também no interior de uma mesma literatura. Casanova sublinhou esse viés de conflito no espaço literário em *A república mundial das letras* (2002). Nessa obra, ela esboça um princípio de história mundial da literatura na qual concebe o “universo literário” como palco assimétrico de disputas pela hegemonia intelectual, onde não faltam rivalidades, rebeldes e revoluções. Para Casanova, a luta pelo poder na “política literária” não segue os instáveis mapas geopolíticos, mas um mapa intelectual (IBIDEM, p. 24).

No Brasil dos anos 1950, isso ficou bem marcado pelas duas linhas críticas que se estabeleceram, representadas pelo grupo Clima (formado por jovens críticos literários procedentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP) e pelo Noigandres (formado inicialmente pelos Irmãos Campos e por Décio Pignatari), oferecendo diferentes interpretações sobre a literatura brasileira, elegendo ao mesmo tempo as suas referências. Para Motta, “duas correntes críticas prestigiosas, uma histórico-evolutiva, sensível à ideia de ‘formação’, a outra apoiada numa ‘historia sincrônica’, ou num ‘tempo longo [...]’, avessa à questão das origens primeiras, embora não à da originalidade (MOTTA, 2002, p. 44). Como sabemos, o grupo Noigandres foi o fundador do movimento da poesia concreta no Brasil. Eles rebelaram-se contra os preceitos estéticos da Geração de 45, formada por poetas que tinham seu ponto de encontro no Clube de Poesia, em São Paulo.

“Não nos afinávamos com o conservadorismo da Geração de 45”, justifica Augusto de Campos ao falar do rompimento com o modelo poético vigente (PRIOSTE, 2004, p.13). Mais especificamente, o movimento da poesia concreta foi uma reação a um tipo de poesia de caráter sentimental ou confessional. Após a rebeldia representada pelo modernismo da Semana de 1922, houve uma reacomodação e um retorno aos valores mais tradicionais do verso. Os concretistas, então, propuseram uma retomada dos valores do primeiro modernismo. O manifesto “Plano-piloto para a poesia concreta”, publicado em 1958, afirmava que o ciclo histórico do verso enquanto unidade rítmico-formal estava acabado. Ao mesmo tempo, a partir dos anos 1960, começam a traduzir e a publicar as suas referências, ou seja, obras que compunham o cânone ou o “paideuma” do grupo, escolhidas no repertório da literatura mundial. Não foi por acaso, também, que as categorias de criação, crítica e do combate à suposta “inferioridade” da tradução frente ao original estiveram no centro do esforço teórico dos irmãos Campos. Mais tarde, também iriam questionar, pelo lápis de Haroldo de Campos, o cânone literário de obras nacionais incluído na *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, alegando que o período Barroco de nossa literatura, representado pelo poeta Gregório de Matos, havia sido injustamente “sequestrado” da *Formação*.³²

Moriconi acredita que “a pedagogia concretista foi contraditória na exata medida em que conjugou práticas de guerrilha anticanônica ao discurso da imposição canônica” (MORICONI, 1996, p.304). Não vejo

³² Ver *O sequestro do barroco*.

contradição, uma vez que esse grupo de poetas tentou enfraquecer ou invalidar certo cânone para colocar outro em seu lugar, o seu próprio. Na realidade, eram dois estratos do sistema literário brasileiro em disputa pela hegemonia. Even-Zohar deu o nome de estratificação dinâmica ao fenômeno das tensões entre estratos de um sistema, assim como a luta permanente entre vários estratos:

As tensões entre a cultura canonizada e a não-canonizada são universais. Estão presentes em todas as culturas, uma vez que uma sociedade humana não-estratificada simplesmente não existe, nem mesmo utopicamente. Não há linguagem não-estratificada, mesmo quando a ideologia dominante que gere as normas do sistema não permite uma explícita consideração de qualquer outro estrato além do canonizado. O mesmo é verdade para a estrutura da sociedade e para tudo envolvido nesse complexo fenômeno (EVEN-ZOHAR, 1990, p.16³³).

Para Even-Zohar, as mudanças ocorrem quando um estrato vence o outro, fazendo com que alguns fenômenos sejam arrastados do centro para a periferia, abrindo caminho para outros ocuparem o centro. No entanto, para Even-Zohar, um polissistema nunca tem apenas um centro e uma só periferia, o que torna as análises mais complexas. Tais leituras enfatizam a multiplicidade de interseções possíveis e as tensões entre o centro do sistema e a sua margem ou periferia, entre os estratos canonizados e os não-canonizados. Attwater lembra que o cânone nunca se limita a uma única cultura: “toda a cultura tem o seu próprio cânone, sendo que o mesmo inclui textos traduzidos de várias outras culturas” (ATTWATER, 2011, p. 28). De onde podemos inferir que o

³³ “The tensions between canonized and non-canonized culture are universal. They are present in every human culture, because a non-stratified human society simply does not exist, not even in Utopia. There is no un-stratified language upon earth, even if the dominant ideology governing the norms of the system does not allow for an explicit consideration of any other than the canonized strata. The same holds true for the structure of society and everything involved in that complex phenomenon.”

ato de escolher traduzir um poeta e não outro pode assumir vários significados no interior de determinado sistema literário.

3.3 A atuação dos tradutores

Anthony Pym admite que embora seja evidente que os tradutores têm importância na história da tradução (e, por conseguinte, na história literária), é difícil dizer exatamente qual é o seu papel em termos coletivos ou individuais. Uma de suas hipóteses é de que os tradutores são “active effective causes” [causas ativas efetivas], ou seja, sujeitos que intervêm na história e exercem um tipo de poder (PYM, 1998, p.161). Mas quais seriam as formas pelas quais os tradutores costumam intervir na história e exercer tal poder? Uma das possibilidades seria: quando escolhem o que irão traduzir. Susana Kampff Lages afirma que “é preciso lembrar que por trás das motivações pelas quais certas obras adquirem importância em certas culturas, está a opção de certos escritores ou tradutores por traduzir determinadas obras” (LAGES, 2007, p. 88). É também como sustenta Leyla Perrone-Moisés ao estudar os escritores-críticos: “ao escolher falar de certos escritores do passado e não de outros, os escritores-críticos efetuam um primeiro julgamento. Assim fazendo, cada um deles estabelece a sua própria tradição e, de certa maneira, reescreve a história literária” (PERRONE-MOISÉS 2009, p.11). O mesmo pode-se dizer das escolhas tradutórias dos poetas que vêm exercitando a tradução com certa regularidade.

Poderia-se objetar que o tradutor nem sempre tem autonomia de escolha. Porém, mesmo quando não é ele quem escolhe a obra a ser traduzida, pode ainda decidir de que forma irá traduzir (o repertório empregado, a estratégia tradutória, o projeto de tradução). Os tradutores, portanto, seriam detentores de tal poder. Poder esse que, conforme resume Venuti, somando-se a escolha do texto e da estratégia tradutória, “pode mudar ou consolidar cânones literários e paradigmas conceituais [...] na cultura doméstica” (VENUTI 2002, p. 131, grifo meu).

O tradutor, como queria Goethe, atua como um promotor desse “intercâmbio espiritual” entre as literaturas, e movimenta-se num espaço de intersecção entre culturas e línguas. E o tradutor que igualmente atua como poeta ou escritor, assume dois papéis: o de importador de textos e o de produtor em seu sistema literário. Por isso, saber se um tradutor de poesia é também poeta transforma-se em um fator relevante de análise, pois esse fato trará consequências ao sistema literário em questão. Como a tradução de poesia se processa numa operação profunda no interior da

linguagem, que se materializa na operação de “desmontar” e “remontar” um poema, é possível sugerir que nessas circunstâncias (quando um poeta traduz outro) seja bem maior a chance de novos modelos serem inseridos com sucesso em um dado sistema literário. O contrário também é verdadeiro: o poeta-tradutor poderá também adaptar a poética do autor estrangeiro aos modelos predominantes em seu meio literário.

Em ambos os casos, o escritor ou poeta, ao incursionar pela tradução, atua na seleção do bem estrangeiro que passará a fazer parte do espaço nacional e empresta uma *marcação* a esse texto. Pensando nos tipos de cânone propostos por Even-Zohar, temos que os poetas-tradutores, além de incluir a obra traduzida no sistema literário nacional, também tendem a introduzir um novo repertório aprendido e exercitado no processo de tradução no seu trabalho poético autoral. Se levarmos em conta a tipologia proposta por Fowler, o trabalho do poeta-tradutor disponibiliza novas obras (cânone acessível) e, de certa forma, essas recebem o aval, em boa parte dos casos, do nome que assina a tradução.

Outro aspecto é o interesse de quem “se apropria” de um autor por meio da tradução. Ou, como disse Bourdieu, “fazer publicar aquilo que eu gosto é reforçar minha posição no campo” (1990, p. 4). O poeta-tradutor relaciona o seu nome ao do autor traduzido, fortalecendo a sua persona poética e ligando a sua imagem à do autor traduzido. Como resume Valéry Larbaud, o tradutor “ao mesmo tempo em que amplia a sua riqueza intelectual, enriquece a literatura nacional e honra seu próprio nome” (LARBAUD, 2001, p. 73). Também as editoras, por vezes, procuram ligar o nome de um determinado escritor ou poeta à obra traduzida, por acreditar que o público o identifica com um dado gênero ou estilo literário.

Não quero dizer com isso que considere as escolhas tradutórias dos poetas uma mera questão de “marketing” literário. Elas representam, em grande parte dos casos, uma maneira que os mesmos encontram de aproximarem-se de determinada tradição, através da qual buscam o significado do seu fazer artístico. Para T.S. Eliot:

Nenhum poeta, nenhum artista de área alguma tem seu completo significado sozinho. O seu significado, a sua apreciação é a apreciação da sua relação com os artistas e os poetas mortos. Não se pode avaliá-lo sozinho; deve-se posicioná-lo, por contraste e comparação, entre os mortos. Digo

isso como um princípio de crítica estética, não meramente histórica (ELIOT, 1950, p. 49).³⁴

Assim, traduzir pode ser uma forma eficiente de se filiar a uma tradição, a uma estética, a uma família poética.

3.3.4 As relações entre tradução e criação

Na verdade, nem sempre houve a diferenciação entre tradução e criação, ao ponto de se considerar a primeira como uma escrita secundária e de menor valor. Por exemplo, a escrita medieval era muito centrada no comentário e no reordenamento de textos existentes. Berman lembra que a distinção entre um texto original e um texto secundário (tradução, comentário, recriação, adaptação) não existia verdadeiramente na Idade Média, fato que só começa a mudar no Renascimento, quando aparecem as noções de original e de autor tais como a conhecemos hoje. Berman esclarece que “o Renascimento integra a tradução dentro de um gênero mais vasto, cobrindo todo o campo da escrita: a *imitação*. Nessa época, todo texto é fundamentalmente imitação de outros textos, passados ou contemporâneos, textos que ao imitá-los, podem ser igualados ou até ultrapassados (BERMAN, 2011, p. 91). Jorge Luis Borges, em vários de seus textos, colocou em pauta tanto a questão da supremacia da autoria quanto o caráter secundário da tradução. Em “Las versiones homéricas”, de 1932, ele qualifica como “superstição” o fato de se acreditar que sempre o original será superior à sua tradução. Borges sugere que uma tradução pode, sim, superar o seu original e festeja a riqueza representada pela existência de diversas versões de um mesmo texto (BORGES, 2005, p. 239). Hoje, no entanto, as categorias de criação e tradução permanecem separadas, embora cada vez mais se aceite, pelo menos nos redutos intelectualizados, conceitos como os usados por Haroldo de Campos, de recriação, transcrição, reimaginação etc.

Connolly lembra que “sempre houve uma conexão muito próxima entre escrever poesia original e traduzi-la, e os maiores poetas são

³⁴ “No poet, no artist of any art, has his complete meaning alone. His significance, his appreciation is the appreciation of his relation to the dead poets and artists. You cannot value him alone; you must set him, for contrast and comparison, among the dead. I mean this as a principle of æsthetic, not merely historical, criticism.”

geralmente tradutores e preocupados com os problemas teóricos envolvidos (CONNOLLY *In*: BAKER 2001, p. 175)³⁵. Em muitos casos, a tradução, inclusive, precede a criação. Para José Paulo Paes, a tradução de poesia é “o caso limite da problemática geral da tradução”; por isso, “é no seu desempenho que o estatuto do tradutor mais se aproxima do estatuto do autor” (PAES, 1990, p. 45).

Mais além dos pontos que unem a criação à tradução, ou vice-versa, é igualmente válido especular sobre os motivos que levam tantos poetas a se dedicarem à tradução ao invés de trabalharem exclusivamente em seus projetos autorais. Por que o fazem, se a autoria “original” é, pelo menos desde o Romantismo, considerada “superior” ou mais digna de apreço? Para Bassnett, o potencial inovador da tradução está entre as respostas possíveis, já que, muitas vezes, a tradução significa um exercício de estilo para o escritor ou poeta:

Quando um escritor usa o seu tempo para traduzir algo escrito por outro escritor, há sempre uma boa razão para tal decisão, seja para experimentar modos alternativos de escrita ou tentar alargar os limites de seu próprio estilo. Ou pode ser que o texto que o escritor está traduzindo seja um daqueles que ele ou ela desejariam ter escrito antes, ou seja, traduzir aquele trabalho é o próximo degrau lógico no desenvolvimento da própria escrita (BASSNETT, 2008, p.7).³⁶

O italiano Giacomo Leopardi manifestava posição semelhante em trechos do seu *Zilbadone di Pensiere*, escrito entre 1817 e 1832, obra que reúne ensaios sobre temas muito variados, entre eles, a tradução. O poeta, que era também tradutor, defendia a prática da tradução para os escritores iniciantes como uma *forma de se aprender a compor com*

³⁵ “There has always been a close connection between writing original poetry and translating it, and major poets are often themselves translators and concerned with the theoretical issues involved.”

³⁶ “When a writer takes the time to translate something written by another writer, there is always a good reason for such a decision, whether it is to experiment with alternative modes of writing or to try and push the boundaries of one’s own style. Or it may simply be that the text a writer is translating at any particular time is one that he or she wishes they could have written in the first instance, in other words, translating that work is a logical next step in one’s writerly development.”

estilo. Segundo Guerini, através de sua teoria da tradução, Leopardi tenta demonstrar que “o ofício do tradutor está diretamente relacionado com o do escritor” (GUERINI, 2007, p. 11). A mesma posição é defendida pelo poeta-tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto que diz:

Não há melhor laboratório para a criação poética do que a tradução de poesia. O trabalho de recriar no seu próprio idioma a experiência poética vivida numa língua alheia apresenta ao poeta-tradutor todos os problemas formais da criação poética, fornecendo-lhe apenas um ponto de partida de natureza já textual, o que nem sempre é o caso quando se trata de compor um poema novo.³⁷

Para o poeta-tradutor Ivan Junqueira, a tradução de poesia pode chegar a exigir maior esforço do poeta do que a própria criação autoral:

A rigor e sem exagero, a tradução exige esforço mais extenso e intenso do que a criação propriamente dita, sobretudo quando se trata do traslado de textos poéticos, nos quais, além de todas as especificidades [...], resta ainda ao tradutor o desafio de interpretar o pensamento do autor, sem falar nos problemas de atmosfera poética, que é necessário recriar em outra língua, e, intimamente vinculado a estes, o da escolha do vocabulário, pois há palavras que podem suscitar uma sugestão poética em determinada língua e em outra, não, caso se trate de uma tradução literal. É nesse resgate de equivalências que reside o mérito de qualquer tradução. E pode-se dizer até que a maior virtude de qualquer espécie de tradução é não dar nunca a impressão de que o foi (JUNQUEIRA, 2009, s/p).

Entrar em contato com outras tradições por meio da tradução também pode ter um efeito libertador para o trabalho criativo, conforme atesta o poeta-tradutor Nelson Ascher. Ele diz:

³⁷ “Prefácio”, In MÜLLER, Adalberto. *Enquanto velo teu sono*. São Paulo: 7Letras, 2003.

Creio que muitos poetas aprendem línguas e leem autores estrangeiros justamente para tentar sair da camisa-de-sete-varas em que nossos antecessores nos colocaram. Um poeta como Drummond fez tanta coisa – e tão bem – que, para quem quer escrever seus próprios poemas, isso se torna quase assustador, castrante mesmo: “O que existe ainda para se escrever depois dele (ou de Bandeira, Cabral, Vinícius, Haroldo, Décio, Augusto, Gullar)?” Quando parece não haver mais saída, visitar outras épocas ou lugares é sempre refrescante.³⁸

Junqueira afirma que, no seu caso, o exercício da crítica e da tradução respondem às exigências de uma estratégia que desde sempre ele se impôs: “não restringir-me apenas à minha produção poética, mas, através do que escreveram outros poetas em outras línguas, instrumentar-me cada vez mais no que toca ao meu ofício. E não é pouco o que tenho aprendido quer traduzindo, quer escrevendo ensaios sobre a poesia alheia”, diz (JUNQUEIRA, 1997, s/p).

Para Junqueira, o tradutor de poesia deve também ser poeta:

[...] a primeira exigência que se deve fazer a um tradutor de poesia é a de que ele seja um poeta, pois somente assim poderá enfrentar os desafios técnicos específicos desse gênero literário, como os do ritmo, da estrutura sintático-verbal, dos esquemas métricos e rítmicos, da linguagem metalógica, do jogo de imagens e metáforas e de todos os outros elementos que constituem a retórica poética (IDEM, 2009, s/p).

Paz, ao contrário, diz que “em teoria, só os poetas deveriam traduzir poesia: na realidade poucas vezes os poetas são bons tradutores. Isso porque quase sempre usam o poema alheio como um ponto de partida para escreverem o seu poema.” E, conclui: “o bom tradutor de poesia é um tradutor que, ademais, seja bom poeta [...]; ou um poeta que seja também bom tradutor [...]” (PAZ, 1991, p. 155). Ele defende que “a tradução de poesia é uma operação análoga à criação poética”. Para

³⁸ ASCHER, Nelson. Entrevista concedida a Rodrigo de Souza Leão. In *Jornal de Poesia*. Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/poesia.html>. Acessado em 10/9/2009.

ele, tradução e criação são operações gêmeas: “por um lado, como demonstram os casos de Baudelaire e de Pound, a tradução é muitas vezes indistinguível da criação; por outro, há um incessante refluxo entre as duas, uma contínua e mútua fecundação” (PAZ 1991, p. 157). O depoimento do poeta-tradutor Julio Castañon Guimarães também ilustra bem essa proposição:

Naturalmente seria um desperdício dizer que a tradução desses autores [que traduzi], em alguns casos tão distintos, e justamente por isso, interfere no meu próprio trabalho de poesia. Mas da colocação “tradução desses autores”, se retirar a ênfase de “autores” e transferi-la para “tradução” já se começa a admitir a possibilidade de uma inter-relação entre as duas práticas. Naturalmente, procedimentos de alguns desses poetas, algumas de suas noções, terão contribuído para o conhecimento e a prática que venho tentando desenvolver no campo da poesia. Mas é de fato o exercício da tradução que mais diretamente fornece contribuições. Na medida em que traduzir implica destrinchar um texto para recompô-lo em outra língua, isto redundaria em que se percebam ou se fique conhecendo vários dos elementos que constituem o poema, vários dos procedimentos que culminaram na constituição daquele texto.³⁹

Como bem notou Honig (1985, p. 8), entre as questões inquietantes nesse domínio está a de se pensar em que medida um poeta descobre a sua “voz” no poeta traduzido ou o quanto da “voz” do outro poeta ele toma para si. Ou, em outras palavras, quando lemos uma tradução de poesia, quanto há ali da dicção do poeta-tradutor e quanto do poeta traduzido? Também cada poeta irá interpretar o poema de diferentes formas. José Lira, poeta-tradutor de Emily Dickinson, diz:

Entendo de forma positiva a “inspiração” na tradução de um poema, não como a manifestação exterior de algo inefável, mas como o resultado de uma íntima luta interior com o “estado de leitura”

³⁹ Entrevista com o poeta Julio Castañon Guimarães. Disponível no site *Digestivo Cultural*.

<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1010>.

Acessado em 28/9/2009.

momentâneo de um texto poético qualquer com o qual o tradutor se propõe a trabalhar. Cada vez que alguém lê um poema, o faz de forma diferente, com base em sensações, impressões e reflexões limitadas ao instante da leitura. Esse fato produz modos distintos de interpretação na mente do tradutor e o levam a distintas reformulações e recontextualizações.⁴⁰

Como se sabe, a tradução literária joga com a polissemia, com as múltiplas dimensões semânticas das palavras. Também a tradução literária difere da religiosa ou científica, pois menos do que transmitir informações, ela se preocupa mais com a criação de novas formas (DELISLE, 2003, p.80). Daí o motivo pelo qual a *tradução de poesia* é uma operação que tem seus riscos, pois ela exige *criação poética*. Assim, inicialmente, podemos supor que os poetas que recorrem à tradução o fazem, em geral, tendo em mente pelo menos duas intenções não-excludentes: a) demarcar as suas filiações ou afinidades com determinada família poética; b) proceder a um exercício de crítica e criação que tem como finalidade imergir na experiência da linguagem do outro poeta.

2.2.2. A tradução como crítica

Quando falamos da tradução, sobretudo da tradução de poesia, ao mesmo tempo estamos falando de estratégias de leitura/interpretação de uma dada tradição. A ideia de tradução como crítica pode indicar tanto a escolha do objeto quanto o movimento de vai-e-vem no interior da linguagem que se processa durante a experiência de tradução do poema. Interessante lembrar que a palavra crítica vem do verbo grego *krino* – que quer dizer escolher. Crise, crítica e critério possuem a mesma etimologia. E traduzir também exige critérios e escolhas.

No ensaio “Da tradução como criação e como crítica”, Haroldo de Campos, apoiado no ideário de Ezra Pound, defende que o motivo primeiro do tradutor que seja também poeta ou prosador deve ser a formação de uma *tradição ativa*. Afirma que o escritor-tradutor, ao configurar determinada *tradição* por meio da *tradução*, faz um exercício de compreensão e também uma operação de crítica “ao vivo” (H. CAMPOS, 1976, pp. 31-32, grifos meus). Hugh Kenner, na introdução à

⁴⁰ Depoimento dado a Marlova Aseff em 10/5/2012.

obra *Translations*, de Pound, diz que: “o trabalho que precede a tradução é, em primeiro lugar, crítico, no sentido poundiano da palavra crítica, uma penetração intensa da mente do autor em seguida, técnico, no sentido poundiano da palavra técnica, uma projeção exata do conteúdo psíquico de alguém” (*apud* H. de CAMPOS 1976, p. 26). Berman, no entanto, sustenta que o ato de traduzir, e não o de criticar, é que promove tal penetração da individualidade estrangeira. O ato crítico repousaria em uma abordagem, não em uma penetração. Ao comentar um fragmento de Novalis sobre o esforço de a tradução “imitar” o original, Berman afirma:

O fato de que o ato de traduzir repouse efetivamente sobre uma tal penetração da individualidade estrangeira e sobre uma “mímica genética” é atestado pela experiência de todo tradutor literário: a relação do tradutor com o texto que traduz é tal (com seu autor e sua língua), que ele penetra nessa zona da obra na qual ela está, mesmo acabada, ainda em gênese. O tradutor penetra por assim dizer na intimidade do autor com sua língua, quando sua língua privada procura investir e metamorfosear a língua comum, pública. E é a partir dessa relação que o tradutor pode esperar “imitar” em sua língua a obra estrangeira. O ato crítico, ao contrário, repousa sobre uma abordagem, não sobre uma penetração. Nesse sentido, não é uma experiência, e o tradutor está mais próximo do ator ou do escritor do que do crítico. Ou antes, seu modo de identificação é diferente (BERMAN 2002, p.191).

Mas Berman, quando sugeriu que a análise textual devia ser efetuada no horizonte da tradução, pois, segundo ele, “o texto a ser traduzido apresenta uma sistematicidade própria que o movimento da tradução encontra, enfrenta e revela” (2002, p. 20), mostrou que entendia a tradução como uma forma de crítica à medida em que ela torna manifestas as estruturas ocultas de um texto. Essas estruturas configurariam a sua *letra*.

Talvez seja adequado dizer que o tradutor está mais próximo do crítico na fase de escolha, pré-tradução, leitura e interpretação do original, e do escritor quando do momento da experiência da tradução, embora esses movimentos se entrelacem. Como resumiu Meschonnic,

“il s’agit d’entrer dans l’oeuvre, de reconnaître ce qui la fait, et qui est son langage [...]. Il s’agit de la lecture-écriture d’une oeuvre [...]”(MESCHONNIC 1970, p.18). Junqueira argumenta na mesma direção quando afirma que

A tradução de poesia é também, sob certos aspectos, um proveitoso exercício de crítica paralela, pois a todo instante esse *homo ludens* em que consiste o tradutor — ou o recriador, [...] está diante do complexo e prismático problema da escolha, dessa escolha que se processa no plano do significado e do significante, o que envolve, como já se disse aqui, opções semânticas, fonéticas, morfológicas, sintáticas, prosódicas, rítmicas, métricas, rítmicas, estróficas - enfim, um espectro ambíguo e infinito constituído pelas chamadas figuras de linguagem (JUNQUEIRA, 2009, s/p).

Para Berman, “a leitura do tradutor é [...] uma pré-tradução, uma leitura efetuada no horizonte da tradução. E todos os traços individualizantes da obra [...] descobrem-se tanto no movimento de traduzir quanto anteriormente. É nela que esse faz sua “crítica” clara, autônoma” (BERMAN, 1995, p.68). Para ele, a tradução é ao mesmo tempo “transcrição” ou “transposição criativa” e, ainda, “reflexão crítica”. Ele também advoga que a tradução tem um papel que não é o de simples transmissão, simples operação de mediação do sentido. Teria, isto sim, um papel “tendencialmente *constitutivo* de toda a literatura, de toda a filosofia e de toda a ciência humana” (IDEM, 2002, p. 328). Segundo Berman, “no âmbito da literatura, a moderna poética e até mesmo a literatura comparada mostraram que a relação das obras (escritura primeira) com a tradução (escritura segunda) caracteriza-se por uma produção recíproca”. (IBIDEM, p. 329). Berman também destaca o caráter de “potencialização” da obra que é desencadeado pela tradução, por meio do “enriquecimento da língua e do alargamento das redes culturais complexas” (GODARD, 2001, P. 51).

No entanto, a ideia de tradução como crítica difundida pelos poetas concretos ressaltava o poder da escolha e o caráter militante da mesma:

Como ato crítico a tradução de poesia não é uma atividade indiferente, neutra, mas – pelo menos

segundo a concebo – supõe uma escolha, orientada por um projeto de leitura, a partir do presente da criação, do —passado de cultura. É um dispositivo de atuação e atualização da —poética sincrônica. Assim é que só me proponho traduzir aquilo que para mim releva em termos de um projeto (que não é apenas meu) de militância cultural. (CAMPOS, H.; PAZ. 1994, p. 184-185).

Haroldo explica que o seu projeto “[...] implicou, inclusive, uma cunhagem neológica de termos —especificadores: recriação, transcrição, reimaginação (caso da poesia clássica chinesa), transparadisação ou transluminação (*Seis Cantos do Paradiso de Dante*) e transluciferação mefistofáustica (*Cenas Finais do Segundo Fausto* de Goethe)”. Tudo isso, segundo ele, serviu para “polemizar com a ideia —naturalizada de tradução literal, fiel ou servil, vista quase sempre como uma atividade subalterna diante do texto original” (IBIDEM). Perrone-Moisés reconhece ambas as noções ao dizer que a tradução é uma forma privilegiada de crítica por ser “consequência de uma escolha significativa; e, em seguida, trabalho compreensivo e seletivo de desmontagem e remontagem do texto original (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 14).

3.4 A formação do cânone dos poetas concretos no Brasil

Como já foi visto, os poetas concretos criam em São Paulo o grupo *Noigandres* em meados dos anos 1950, com o intuito de romper com o conservadorismo da Geração de 45. Inicialmente formado por Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, o grupo fez uso consciente e deliberado da tradução como uma forma de crítica e de importação de modelos. Haroldo de Campos explica que:

Quando os poetas concretos de São Paulo se propuseram uma tarefa de reformulação da poética brasileira vigente, em cujo mérito não nos cabe entrar, mas que referimos aqui como algo que se postulou e que se procurou levar à prática, deram-se, ao longo de suas atividades de teorização e de criação, a uma continuada tarefa de tradução. Fazendo-o, tinham presente justamente a didática decorrente da teoria e da

prática poundiana da tradução e suas ideias quanto à função da crítica – e da crítica via tradução – como ‘nutrimento do impulso’ criador (H. de CAMPOS, 1976, p. 30).

Haroldo de Campos explica que, para Pound, “o método adequado de estudar literatura é o método dos biólogos: exame cuidadoso e direto da matéria, e contínua COMPARAÇÃO de uma lâmina ou espécime com outra”(POUND, 2006, p. 10, grifos do autor). Isso é o que Pound chamou de método ideográfico, que pode ser explicado como *crítica via comparação e tradução*. Pound, lembra Perrone-Moisés, foi um dos críticos que “mais se preocupou com a questão da escolha, da listagem de autores básicos, do estabelecimento de um cânone com fins didáticos e da utilidade de uma ‘crítica ideográfica’”. Assim, ele acreditava fazer uma “crítica por demonstração”, que combinava princípios e referências (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 63).

Segundo Lages, o movimento da Poesia Concreta propunha uma interpretação peculiar daquilo que, do ponto de vista das vanguardas, a poesia moderna internacional havia legado de mais avançado, como a escrita radical de Mallarmé em “Lance de Dados” e o método ideográfico de Ezra Pound (LAGES 2002, P. 89). Moriconi considera que “o concretismo operou uma intervenção que mixou o vanguardismo construtivista-serialista bem típico dos anos 1950 a certo eruditismo alternativo, buscando impor Ezra Pound como referência fundamental na poesia brasileira”. O crítico acredita que os poetas concretos tiveram sucesso ao implantar no Brasil o “cânone” que propunham, calcado na leitura de Pound e do Mallarmé dos “brancos da página”. Assim, “o concretismo logrou criar uma pedagogia poética alternativa: um paideuma, para usar seu vocabulário da época. Um cânone, em suma” (MORICONI, 2004, s/p).

Conforme explica Milton, “para Pound, a tradução é uma força motriz no ato de escrever poesia e de entender literatura” (MILTON, 2010, p. 79). Ainda em 1911, Pound começou a pensar em tradução como um modelo para arte poética: “sangue revitalizando os fantasmas” (KENNER, 1971, p. 150). Nesse sentido, Pound aproxima-se da concepção de Eliot, para quem a tradição deveria envolver um senso histórico que levasse em conta o presente:

[...] o sentido histórico envolve uma percepção não somente da qualidade pretérita do passado,

mas da sua presença; o sentido histórico compele um homem a escrever não meramente com a sua própria geração nas veias, mas com um sentimento que envolve a totalidade da literatura europeia desde Homero e, com ela, a totalidade da literatura do seu próprio país, como se tivessem uma existência simultânea e formassem uma ordem simultânea. Esse sentido histórico, que é um sentido do eterno assim como do temporal juntos, é o que torna tradicional um escritor. E é ao mesmo tempo o que deixa o escritor mais plenamente consciente do seu lugar no tempo, da sua contemporaneidade (ELIOT, 1950, p. 49).⁴¹

Augusto de Campos conta que, em 1950, o grupo já havia lido Pound, Eliot, Mallarmé, Lautréamont, Pessoa, Sá-Carneiro e Lorca, além dos modernistas brasileiros (PRIOSTE, 2004, p. 14). Para levar adiante seu projeto estético e de crítica via tradução, os irmãos Campos selecionaram os textos que consideravam relevantes para o projeto concretista. Formaram, então, a sua lista, cânone, ou melhor, o seu paideuma, termo sugerido por Pound para designar “a ordenação do conhecimento de modo que o próximo homem (ou geração) possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar um mínimo de tempo com itens obsoletos” (POUND, 2006, p. 161). Portanto, o paideuma nada mais era do que uma lista com fins didáticos pela qual o crítico demonstra que itens da tradição ele considera que continuam válidos para o presente e para o futuro. Diz Pound que o paideuma “é aquilo que deve ser ensinado, não meramente para se conhecer o passado, mas para uso do presente e do futuro” (POUND *apud*

⁴¹ “[...] the historical sense involves a perception, not only of the pastness of the past, but of its presence; the historical sense compels a man to write not merely with his own generation in his bones, but with a feeling that the whole of the literature of Europe from Homer and within it the whole of the literature of his own country has a simultaneous existence and composes a simultaneous order. This historical sense, which is a sense of the timeless as well as of the temporal and of the timeless and of the temporal together, is what makes a writer traditional. And it is at the same time what makes a writer most acutely conscious of his place in time, of his contemporaneity.”

PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 65). Augusto de Campos narra como o grupo formou o seu paideuma inicial:

Tínhamos um grande impulso experimentalista, que se aguçou e se tornou mais seletivo, na (sic) medida em que nos propusemos, os três, uma espécie de *brainstorming*, com a pretensão “antropofágica” de selecionarmos o que de mais inventivo havia na poesia universal, até chegarmos ao “paideuma”-constelação “MALLARMÉ-POUND-JOYCE-CUMMINGS” (PRIOSTE, 2004, P. 14).

A partir dos anos 1960, o grupo começa a publicar traduções e, conforme sublinhou Lages, a prática da tradução ultrapassou a fase de caracterização e de definição do movimento concretista e perdurou para além da fase mais programática de sua poética (LAGES 2002, p. 89). Abaixo, pode-se visualizar os autores alvo de traduções do grupo em cada década⁴².

Tabela 1:
Traduções poéticas dos irmãos Campos, por década

Tradutor	Déc. 60	Déc. 70	Déc.80	Déc. 90	Déc. 2000
Augusto de Campos	Cummings	Cummings s Blake; Donne; Ant. <i>Verso</i> , <i>reverso</i> , <i>controver</i> <i>-so</i> (Donne, Herbert, Carew, Suckling, Crawshaw, Marvell, Blake, Hopkins.	Cummings Keats Valéry John Cage Ant. <i>O</i> <i>anticrítico</i> (Donne, Fitzgerald, Emily Dickinson, Carroll); <i>Via</i> <i>Linguaviagem</i> (Mallarmé, Keats, Yeats, Valéry, Aleksandr	Cummings ; Hopkins (2); Rimbaud; Rilke.	Rilke; Borges; Emily Dickinson ; A. Stramm; Byron; Keats.

⁴² As referências completas estão no Apêndice (Levantamento bibliográfico) e nos verbetes do capítulo 3.

			Blok) <i>Mais provençais: Raimbaut e Arnaut</i>		
Haroldo de Campos		Dante	Octavio Paz	Dante; Homero; Antigo Test. (2)	Homero (3); Antigo Test.
Augusto e Haroldo de Campos	Ant. <i>Traduzir e Trovar</i> (Arnaut Daniel, Dante, Donne, Marwell, Crashaw)				
Augusto, Haroldo e Décio Pignatari	Ezra Pound (2)	Mallarmé			
Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman	Maiakovski				
Augusto de Campos, Haroldo de Campos e José Paulo Paes		Ezra Pound			
Haroldo de Campos & Aurora Bernardini					Ungaretti

De fato, esse parece ter sido o primeiro projeto coletivo *meditado* de tradução de poesia no país e, desde então, a tradução foi sendo assimilada como uma prática consciente de se promover inovações. Assim, os poetas concretos lograram fortificar seus modelos literários no interior do sistema literário brasileiro.

2.3.1. Os irmãos Campos e os paideuma de Pound e Eliot

Pound e Eliot foram os poetas modernos que deram o último golpe no lirismo romântico na poesia de língua inglesa. Foi Eliot quem sentenciou que a poesia não era uma forma de desabafar a emoção, mas de escapar dela; não era a expressão da personalidade, mas uma forma de fugir a ela.⁴³ Inicialmente, Eliot e Pound adotaram o verso livre rimado, além de trazerem expressões prosaicas para o verso (PAZ, 2006, p. 18). Eliot tinha Laforgue como inspiração. Mais tarde, regressaram ao metro e às estrofes. Eliot alcançou fama internacional em 1922 com o poema *The waste land*. Porém, somente em 1948 ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, o que, segundo Gay, foi uma clara sinalização do avanço e da aceitação do modernismo (GAY, 2009, p. 217). Já Pound, foi para os Campos um “exemplo máximo de tradutor-criador”, o mestre do *make it new*, que visava “dar nova vida ao passado literário válido via tradução” (H. de CAMPOS, 1976, pp.24-25).

Nesta seção, irei listar os paideumas de Pound e de Eliot para visualizar no que eles coincidem com escolhas dos irmãos Campos. A comparação é relevante visto que Pound e Eliot tiveram grande ascendência na poesia brasileira pós anos 1950. Segundo analisa Britto (2000), Eliot de *The Waste Land*, e Pound, dos *Cantos*:

[...] tiveram um grande impacto nos poetas brasileiros desde os anos de 1950, por meio dos textos dos poetas concretos. Acredito que a poesia concreta em si teve menos influência do que o tipo de poesia escrita pelos poetas associados ao concretismo em sua fase posterior, a fase pós-concreta: poesia como um discurso sobre literatura — ou, mais genericamente, um discurso sobre artefatos culturais, como literatura, música, cinema e por aí em diante — mais do que uma re-

⁴³ Para Paz, além de Pound e de Eliot, essa renovação da poesia inglesa moderna deve-se também a James Joyce (PAZ, 2006, p. 18).

criação da experiência existencial; poesia mais como evocação daquilo que se leu do que daquilo que se viveu. Para o poeta lírico, a memória individual é o material fundamental; para o poeta pós-lírico — e os poetas brasileiros que foram mais influenciados pelos concretistas são pós-líricos — o material básico a ser moldado na poesia é a leitura individual.⁴⁴

A partir de observações como essa, assume maior relevância a análise dos paideumas desses dois poetas modernistas considerados os maiores opositores do lirismo romântico e de como essas referências foram incorporadas ao paideuma dos irmãos Campos.

Tabela 2: Paideuma de Ezra Pound X Irmãos Campos

	H. de Campos	A. de Campos
Homero	√	
Safo de Lesbos		
Ovídio	√	
Catulo		
Propércio		
Arnaut Daniel	√	√
Guido Cavalcanti		√

⁴⁴ “[...] have had a major impact on Brazilian poets since the 1950s, through the writings of the Concrete poets. It seems to me that Concrete poetry itself has been less influential than the kind of poetry written by the poets associated with Concretism in their later, post-Concrete phase: poetry as a discourse on literature — or, more generally, a discourse on such cultural artifacts as works of literature, music, cinema, and so on — rather than a re-creation of existential experience; poetry as evocation of what one has read rather than of what one has lived. To the lyric poet, individual memory is the fundamental raw material; to the post-lyric poet — and those Brazilian poets who have been most influenced by the Concretists are post-lyric — the basic material to be shaped into poetry is one’s reading”.

Dante Alighieri	√	√
Chaucer		
François Villon		
William Shakespeare		
John Donne		√
Gautier		√
Walt Whitman		
Swinburne		
Corbière		
Athur Rimbaud	√	
Jules Laforgue		
James Joyce	√	
T. S. Eliot		

Tabela nº 3: Paideuma de T.S. Eliot X Irmãos Campos

	H. de Campos	A. de Campos
Virgílio		
Sêneca		
Dante Alighieri	√	√
John Donne	√	√
Marlowe		
William Shakespeare		
John Milton		

Swift		
Goethe	√	
William Blake		√
Byron		
W. B. Yeats		√
Edgar Allan Poe		
Baudelaire		
Swinburne		
Corbière		
Jules Laforgue		
Kipling		
Paul Valéry		√
James Joyce	√	
Ezra Pound	√	√

Na tabela nº 1, é possível visualizar na primeira coluna o paideuma de Pound, conforme levantamento de Perrone-Moisés (1998), sendo que foram subtraídos da lista apenas os nomes dos autores que não foram poetas, visto que o foco da nossa análise é os poetas que traduzem poesia. Joyce foi mantido devido ao caráter vanguardista e experimental de sua prosa. Da mesma forma, na tabela nº 2, está o paideuma de Eliot. Como se percebe nas tabelas nº 1 e nº 2, os irmãos Campos incorporaram parcialmente o paideuma de Pound e de Eliot, sendo que vários autores desses paideumas parecem não lhes interessar. Pode-se perceber que Haroldo adota, pela via tradução, seis referências da lista de Pound, enquanto Augusto adota apenas três. Já do paideuma de Eliot, Augusto traduz cinco nomes e Haroldo, quatro. Ambos os poetas traduzem Pound, mas não Eliot.

Alguns nomes dos paideumas de Pound e de Eliot que não foram adotados pelos irmãos Campos foram traduzidos por outros poetas.

Alguns exemplos são as traduções de François Villon por Péricles Eugênio da Silva Ramos, Sebastião Uchoa Leite e Afonso Félix de Souza; de Corbière por Marcos Siscar; de Laforgue por Régis Bonvicino; Lord Byron por Paulo Henriques Britto e por Péricles Eugênio da Silva Ramos, Walt Whitman por Geir e Campos e por Rodrigo Garcia Lopes. Também os sonetos de Shakespeare e obras de Baudelaire receberam várias traduções por parte de poetas brasileiros.

3. POETAS-TRADUTORES DE POESIA NO BRASIL (1960 - 2009)

O levantamento realizado para esta pesquisa relacionou um universo de 314 tradutores de poesia no Brasil atuando nas últimas cinco décadas (1960-2009), sendo que desses, 145 foram identificados como poetas. Como já foi explicitado, o critério para ser considerado “poeta” foi o de ter reconhecimento no meio literário e pelo menos um livro de poemas publicado.⁴⁵ A quantificação dos tradutores de poesia atuantes no país serve como mais um dado de mapeamento do nosso sistema literário e cultural, para ser analisado em conjunto com os demais. Casanova sustenta que o número de tradutores literários e de “políglotas” que atuam num dado sistema literário é um aspecto relevante a ser destacado, pois a presença desses “intermediários transnacionais” é um fator que dá a medida do poder e do prestígio de determinada literatura. Para Casanova, no caso das literaturas periféricas, eles seriam os responsáveis por ligar essas línguas e literaturas ao “centro” (CASANOVA, 2002, p.37).

Neste capítulo, começo apresentando dados estatísticos colhidos nesta pesquisa em relação aos poetas-tradutores com atuação no âmbito da tradução de poesia no Brasil entre 1960 e 2009 e, em seguida, descrevo o perfil⁴⁶ da maior parte desses 145 poetas-tradutores, com destaque para as suas atividades e traduções poéticas nesse período.

O objetivo não é o de oferecer um simples catálogo biográfico, mas sim o de reconhecê-los no contexto de suas gerações, apontando a diversidade de atividades e projetos aos quais se dedicam, revelando as suas relações com diversas esferas da cultura, como a música, o cinema, o teatro, as revistas literárias, a atividade crítica, enfim, desvelando os seus interesses no campo cultural. Também, como sugere Berman

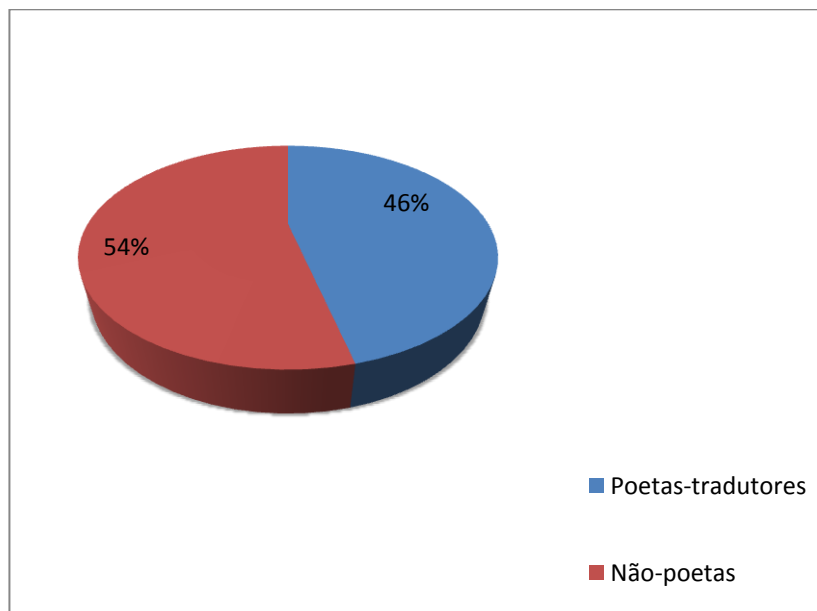
⁴⁵ As listas completas de tradutores de poesia e de poetas-tradutores estão no Apêndice.

⁴⁶ As biografias dos poetas foram compiladas a partir de BOSI (2006); PINTO (2006); NEJAR (2011); *Dicionário de Tradutores Literários no Brasil* (DITRA) (www.dicionariodetradutores.ufsc.br/); *Revista de Agulha de Cultura* (www.revista.agulha.nom.br/); *Jornal de Poesia* (<http://www.jornaldepoesia.jor.br/>); páginas pessoais dos poetas, na Plataforma Lattes (www.cnpq.br), no caso dos professores universitários, e na Enciclopédia da Literatura Brasileira do Instituto Itáu Cultural (http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm).

(1999), procurou-se saber quais são os seus “domínios linguísticos”, que relações eles mantêm com as línguas e as culturas das quais traduzem, quais as suas principais traduções e obras autorais, se meditam e escrevem sobre a sua atividade tradutória.

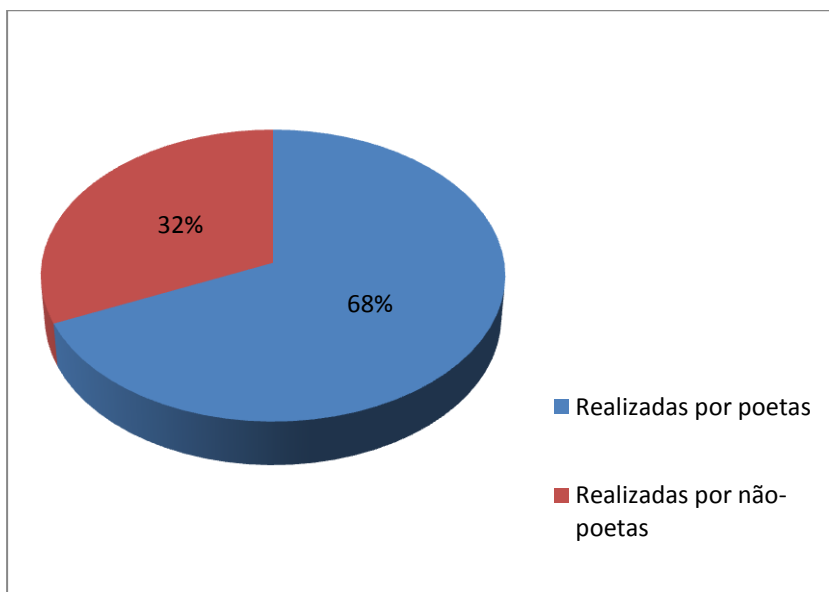
No gráfico a seguir, podemos visualizar o universo de tradutores de poesia no Brasil entre as décadas citadas, destacando em seu interior os poetas-tradutores:

Gráfico 3:
Tradutores de poesia no Brasil (1960-2009)



Vê-se que o número de não-poetas que traduzem poesia é maior do que o de poetas. Do universo de 314 tradutores contabilizados, 145 são poetas. No entanto, o próximo gráfico demonstra que os poetas-tradutores, mesmo em menor número, traduzem mais. Do total de 452 obras poéticas de autores individuais traduzidas e editadas no período entre 1960 e 2009, 309 delas tiveram a sua tradução assinada por pelo menos um poeta (por vezes, a tradução é assinada por vários tradutores) e apenas 143 por não-poetas.

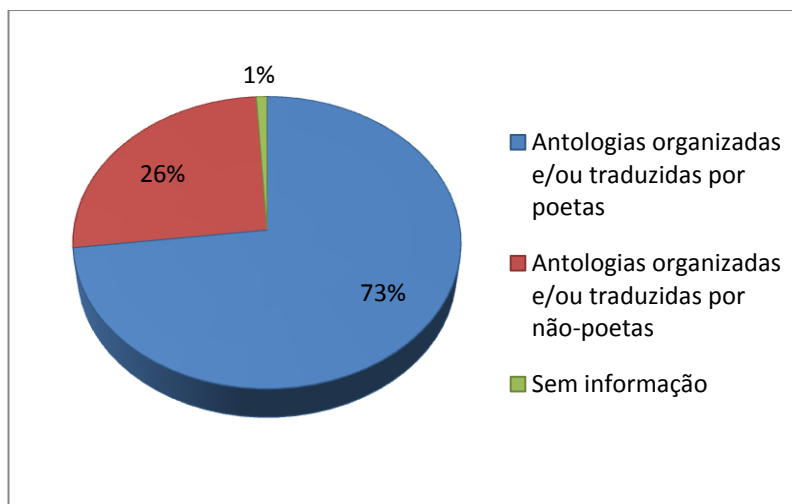
Gráfico 4
Poetas e a tradução poética no Brasil
(de autores individuais, 1960-2009)



Assim, conforme o levantamento bibliográfico, 46% dos tradutores (aqueles que são também poetas) são responsáveis por quase sete entre dez traduções poéticas publicadas no Brasil no período estudado.

A influência dos poetas-tradutores é ainda maior nas antologias. Constatou-se que das 104 antologias mistas de poesia estrangeira publicadas entre 1960-2009, 76 delas, o equivalente a 73%, foram organizadas e/ou traduzidas por poetas, 27 foram organizadas e/ou traduzidas por não-poetas e de uma não se encontrou referência quanto ao tradutor.

Gráfico 5:
Poetas-tradutores e a antologização



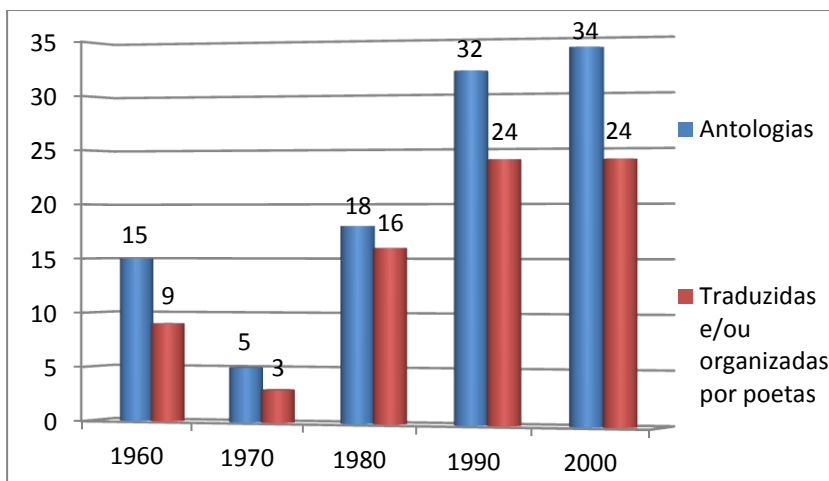
A antologização é um relevante fator para a canonização de uma obra ou modelo literário, uma vez que ao selecionar e organizar os textos, editores e tradutores procedem a uma manipulação que interfere em sua recepção. Para Frank (2001, p. 14), as antologias organizadas pelo tradutor são um veículo de transferência. Elas também tem o poder de refletir, expandir ou redirecionar o cânone de determinado período (GOLDING, 1984, p. 279).

A disponibilidade de textos traduzidos reunidos em antologias também traz consequências nas instituições de ensino, visto que as antologias costumam ser bastante usadas para fins didáticos. E do ponto de vista editorial, por meio desse tipo de publicação, os editores têm um instrumento para captar a atenção de determinado público e testar a aceitação de novos autores e mercados. Portanto, o protagonismo dos poetas-tradutores na organização e/ou tradução de antologias é mais um forte indicativo da sua interferência no sistema literário.

O gráfico a seguir mostra o número total de antologias publicadas por década e demonstra a parcela que foi traduzida e/ou organizada por poetas-tradutores.

Gráfico 6:

Total de antologias por década *versus* antologias traduzidas e/ou organizadas por poetas:



Pode-se observar que em todas as décadas estudadas é muita alta a proporção de antologias em cujos projetos estavam envolvidos poetas-tradutores, não baixando de 60%, na década de 1960, e alcançando o nível máximo de 88% na década de 1980. Na década de 1970, a proporção foi de 60% e nas décadas de 1990 e 2000, 75% e 70% respectivamente. Se a antologização, como vimos, é um fator relevante de inclusão no cânone, é preciso admitir que os poetas-tradutores estão exercendo o seu poder.

3.1 Produtividade e permanência

Do universo de 145 poetas-tradutores aqui mapeados, alguns se destacam por sua produtividade e permanência na cena tradutória através das décadas. O poeta-tradutor que mais publicou tradução de poesia em livro nestes cinquenta anos estudados foi **Augusto de Campos**. Ele assina nada menos do que 31 traduções poéticas no

período computado,⁴⁷ e manteve a sua produtividade ao longo das décadas. Logo em seguida, está **Haroldo de Campos**, com 20 publicações de tradução de poesia, e **José Paulo Paes**, com 16. As três primeiras posições vem comprovar a centralidade que a tradução ocupou no projeto concretista. Já **Olga Savary** publicou 14 traduções nesse período, mesmo número de Ivo Barroso, e **Ronaldo Polito**, onze. Certamente, a quantidade não deve ser o único parâmetro a ser levado em conta. Alguns tradutores não são os mais produtivos em termos de volumes de poesia traduzida editados, mas nem por isso se dedicaram menos ou tiveram uma produção menos relevante. É o caso, por exemplo, de **Ivan Junqueira**, que figura com cinco traduções publicadas, mas é o responsável pela tradução integral da obra de T.S. Eliot no Brasil.

Abaixo, a tabela mostra os tradutores mais produtivos segundo o levantamento de tradução de poesia, levando em conta as traduções publicadas em livros de autores individuais e antologias mistas.

Tabela 4
Poetas-tradutores mais produtivos entre 1960-2009

Tradutor	Trad. de autores individuais	Antologi as mistas	Tota l
1. Augusto de Campos	21	10	31
2. Haroldo de Campos	16	04	20
3. José Paulo Paes	09	07	16
4. Olga Savary	12	02	14
5. Ivo Barroso	13	01	14
6. Ronald Polito	10	01	11

⁴⁷ Não foram computadas as traduções publicadas em revistas e jornais ou quaisquer outros meios.

7. Thiago de Mello	11	-	11
8. José Jerônimo Rivera	06	04	10
9. Geir Campos	07	02	09
10. Cláudio Daniel	09	01	10
11. Péricles Eugênio da Silva Ramos	06	02	08
12. Jorge Wanderley	06	02	08
13. Paulo Henriques Britto	07	-	07
14. Alberto Marsicano	04	03	07
15. Marco Lucchesi	06	01	07
16. Régis Bonvicino	06	01	07
17. Nelson Ascher	03	04	07
18. Ivan Junqueira	06	-	06
19. Rodrigo Garcia Lopes	06	-	06
20. Álvaro Faleiros	04	01	05
21. Fábio Aristimunho Vargas	01	04	05

3.2 Uma abordagem geracional

Considere útil para fins de estudo agrupar por geração os poetas-tradutores mapeados na pesquisa. No entanto, esclareço desde já que tomo geração do ponto de vista cronológico, e não estético, pois as delimitações nesse sentido nem sempre são pacíficas e geram muitas controvérsias. Alguns poetas que integraram movimentos poéticos a

partir dos anos 1950 continuam publicando até a virada do século 21, e bem poderiam ser incluídos no rol dos “contemporâneos”. Nesses casos, em que um exemplo é Claudio Willer, sempre que possível, irei posicionar o poeta na sua geração de estreia na poesia. No entanto, quando o poeta em questão teve reconhecido protagonismo em algum movimento posterior à sua geração de estreia, essa regra será descartada. Por exemplo, Haroldo de Campos iniciou sua atividade como poeta no Clube de Poesia de São Paulo, entre os seus pares da Geração de 45, mas depois rompeu com os mesmos para protagonizar o movimento da poesia concreta. Nesse caso, ele será obviamente posicionado entre os poetas que vieram depois da Geração de 45. É também o caso de Paulo Leminski, que estreou em 1964 com a publicação de poemas na revista *Invenção*, publicação dos poetas concretos paulistas, mas depois seria um ícone da geração dos anos 1960/1970, espaço no qual o posiciono.

Como regra, classificarei os poetas que figuram na listagem bibliográfica 1960-2009 da seguinte forma:

- a) poetas que estrearam no período modernista, divididos nas três fases nas quais o movimento costuma ser estudado (Semana de 22, Segunda Geração e Geração de 45);
- b) poetas do pós-modernismo: são aqueles que vem depois da chamada Geração de 45 e antes dos anos 1960. Incluem-se nesse grupo os poetas concretos, neoconcretos, entre outros.
- c) poetas que estrearam nos anos 1960 e 1970,
- d) poetas “contemporâneos”, que estrearam após a década de 1980. Os poetas-tradutores contemporâneos, por serem em maior número, serão reclassificados no interior de seu grupo.

3.2.1 O poetas-tradutores do Modernismo

O Modernismo brasileiro costuma ser dividido em três fases. A primeira vai da Semana de Arte Moderna de 1922 até 1930, data do lançamento de *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; a segunda, de 1930 a 1945; e a terceira corresponde à chamada Geração de 45. No levantamento de tradução de poesia (1960-2009) aparecem poetas-tradutores das três fases, porém em maior número estão os poetas da Geração de 45.

A tradução de poesia para os poetas modernistas, acredita Moriconi, “era vivida como um remanso, território do exercício virtuosístico de uma sensibilidade estética individual” (MORICONI, 1996, p. 303). Ou seja: esses poetas não tinham um projeto coletivo de tradução. Não obstante, a exerceram com afinco. São oriundos dessa

fase poetas cuja atividade como tradutor ficou marcada positivamente em suas biografias, como Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Péricles Eugênio da Silva Ramos, entre outros.

3.2.1.1 Poetas da 1ª geração modernista

Da primeira fase modernista, aparecem em nossos registros de tradução de poesia entre 1960 e 2009 os poetas **Manuel Bandeira**, **Guilherme de Almeida** e o mineiro **Abgar Renault**. Incluí igualmente **Christóvam de Camargo**, jornalista e poeta de quem não obtive maiores informações sobre a sua atuação. Nos anos 1960, Bandeira e Almeida já estavam em sua última década de vida e tinham atrás de si uma trajetória de destaque nas letras nacionais. Segundo pontua Bosi, apesar de ter participado das atividades da Semana de Arte Moderna, a poesia de **Guilherme de Almeida** (1890-1969) não é propriamente das suas fileiras, uma vez que as suas referências estéticas eram outras. Mas, com os modernistas, diz Bosi, o poeta teve “um interlúdio nacionalista” e escreveu alguns poemas em verso livre (BOSI, 2006, p.372). Ademais, Almeida foi um dos editores da revista *Klaxon* (porta-voz do movimento modernista) e apresentou a conferência “Revelação do Brasil pela poesia moderna” em vários Estados para divulgar os ideais estéticos do movimento. Guilherme Almeida foi agraciado com o título honorífico de “O príncipe dos poetas” e também foi o primeiro modernista a ser admitido na Academia Brasileira de Letras. Sua estreia na poesia ocorreu em 1916, com *Mon Coeur Balance e Leur Ame*, peças teatrais escritas em colaboração com Oswald de Andrade. Ele escreveu cerca de dez livros de poemas entre 1925 e 1961. Além disso, foi responsável por introduzir o haicai no Brasil nas décadas de 1930 e 1940, adaptando-o⁴⁸. Traduziu poesia e drama principalmente entre as décadas de 1930 e 1940. Sua tradução de poesia mais celebrada é a de *Flores da Flores do Mal*, de Baudelaire (José Olympio, 1944). No âmbito poético, traduziu ainda *Paralelamente a Paul Verlaine* (1944), *Eu e você*, de Paul Géraldy (Cia. Editora Nacional, 1932); duas obras do poeta indiano Tagore, a antologia *Poetas de França* (1936), entre outros. **Na bibliografia de tradução de poesia entre 1960 e 2009, Guilherme de Almeida aparece com *Festival* e *Os Frutos do Tempo (Les Fruits du Temps)* – ambas de Simon Tygel, poeta belga nascido em 1922 e radicado no**

⁴⁸ Sobre o haicai no Brasil, ver artigo de FRANCHETTI, Paulo. *Alea*, volume 10, nº 2, Julho-dezembro de 2008.

Brasil durante a Segunda Guerra Mundial; e com *Arcanum* (Martins, 1965), de Niles Bond, que, segundo pude averiguar, foi um diplomata e poeta norte-americano que ocupou o cargo de cônsul no Brasil de 1964 a 1969.

Manuel Bandeira (1896-1968) nasceu no Recife (PE). Foi poeta, cronista, ensaísta, tradutor, antologista e professor. Numa internação entre 1913 e 1914 para tratar da tuberculose num sanatório suíço, conheceu o poeta francês Paul Éluard (1895 - 1952), que lhe apresentou a literatura de vanguarda francesa. Retornou ao Brasil e lançou, em 1917, o livro de poemas *A Cinza das Horas*. Em 1921, aproximou-se de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. Não foi pessoalmente à Semana de Arte Moderna de 1922, mas enviou o poema *Os sapos*, que foi lido por Ronald de Carvalho, causando escândalo. Em 1940, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. De 1943 a 1956, lecionou literatura hispano-americana na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro. Publicou ao todo treze livros de poemas, além de crônicas, livros de crítica literária, antologias e diversas traduções de romance, teatro e poesia. Sua época mais produtiva em termos tradutórios foi dos anos 1940 a 1960. Em 1945, publicou *Alguns Poemas Traduzidos*, livro no qual reúne as suas versões de Goethe, Bashô, Lorca, Dickinson, Verlaine, Baudelaire, Heine, Rilke, Hölderlin, entre outros. Traduziu também, no final dos anos 1940, o *O Auto Sacramental do Divino Narciso*, de Sórora Juana Inés de la Cruz, e *A Prisioneira*, de Marcel Proust para a editora Globo (1957). **No período computado nesta pesquisa, aparece com traduções do *Rubaiyat*, de Omar Khayyam (Ediouro, 1965), e de *Meireille*, poema longo em provençal, de Frédéric Mistral (Delta, 1961).**

Abgar Renault (1901-1995) foi professor universitário, político, ensaísta, além de poeta e tradutor. Com Drummond, participou do movimento modernista em Minas Gerais e, juntos, fundaram em 1925 *A Revista*, em Belo Horizonte. Publicou quatro livros de poemas entre 1968 e 1983. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e ministro da educação do país entre 1955 e 1956. Seu período mais produtivo como tradutor poético foi a década de 1940, quando publicou traduções de Rabindranath Tagore e, nos anos 1950, uma peça do poeta franco-uruguaio Jules Supervielle, além da antologia *Poemas ingleses de guerra* (1942). **No levantamento de traduções poéticas entre 1960 e 2009, seu nome aparece na antologia *Tradução e versão* (Record, 1994). Essa obra reúne as suas traduções poéticas de inúmeros poetas de língua inglesa – de Shakespeare a Pound, além de algumas**

traduções do francês, do alemão (Rilke) e do espanhol (Jorge Luis Borges), além de um capítulo especial dedicado a poetas negros norte-americanos. Apresenta também versões para o inglês de poemas de Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Carlos Drummond, entre outros.

Christovam de Camargo (1892-?) nasceu em São Paulo. Jornalista, poeta e escritor da década de 1920, fundou no Rio de Janeiro em 1927 a revista *Columbia*, dedicada à literatura latino-americana. Lançou o livro de versos *Bronze* (Buenos Aires: Mirtos, 1947). Entre outros, escreveu a biografia *Meu perfil de Pedro I, o príncipe galante* (Rio/Buenos Aires: Mirton, 1962). Foi amigo e contemporâneo de Mario de Andrade, Guilherme de Almeida e do poeta parnasiano Paulo Setúbal. Foi presidente do Instituto Argentino-Brasileño de Cultura, de Buenos Aires, onde viveu por muitos anos. **Consta em nossos registros como tradutor de *Rubaiatas* (Minerva, 1960), de Omar Khayyam, numa versão feita a partir de uma interpretação literal do texto persa.**

3.2.1.2 A segunda geração modernista

Da segunda geração modernista, destacam-se como poetas-tradutores que ainda estavam em atividade nos anos 1960 **Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa**, além dos menos lembrados **José Guilherme de Araújo Jorge e Oliveira Ribeiro Netto**.

Cecília Meireles (1901-1964) foi professora, pedagoga, jornalista e, sobretudo, poeta. Estreou com *Espectros* (1919), uma coleção de sonetos simbolistas. Entre 1925 e 1939, trabalhou como professora, período em que publicou livros infantis e fundou, em 1934, a Biblioteca Infantil do Rio de Janeiro, primeira do tipo no Brasil. Ensinou literatura brasileira em Portugal e, em 1936, foi nomeada professora na UFRJ. Por *Viagem* (1939), recebeu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Publicou ainda: *Nunca mais...* e *Poema dos Poemas* (1923); *Criança meu amor* (1924); *Baladas para El-Rei* (1925); *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto e Outros Poemas* (1945), *Retrato Natural* (1949), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Metal Rosicler* (1960), *Poemas Escritos na Índia* (1962), *Solombra* (1963) e *Ou Isto ou Aquilo* (temática infantil, 1964). Conhecia inglês, francês, italiano, russo, hebraico e dialetos do grupo indo-iraniano. Traduziu obras relevantes da literatura mundial, como *Orlando*, de Virginia Woolf, dramas de García Lorca e o romance *Çaturanga*, do indiano Tagore. Traduziu ainda "A

canção de amor e de morte do poeta-estandarte Cristóvão Rilke", que está no volume *Cartas a um jovem poeta* (1953), assinada em conjunto com Paulo Rónai, que traduziu as cartas⁴⁹. **Consta no levantamento de tradução de poesia entre 1960 e 2009 com sua tradução das antologias *Poesia de Israel* (Civilização Brasileira, 1972); *Poesia e prosa de Israel* (Departamento Cultural da Embaixada de Israel, 1968). Traduziu ainda os chineses *Li Po e To Fu* (Nova Fronteira, 1996), trabalho que permaneceu inédito e só foi publicado mais de trinta anos após a sua morte.**

A poeta mineira **Henriqueta Lisboa** (1901-1985) foi também professora, tradutora e ensaísta. Publicou 18 livros de poemas entre 1929 e 1985. Estreou com *Fogo fátuo* (1925) e publicou muitos outros livros, entre eles, *Velário* (1936); *Prisioneira da noite* (1941); *A face lívida* (1945), dedicado à memória de Mário de Andrade; *Flor da morte* (1949); *Madrinha Lua* (1952); *Azul profundo* (1955); *Nova Lírica* (1971); *Pousada do ser* (1982) e *Poesia Geral* (1985), coletânea de poemas escolhidos pela própria Henriqueta. Para Nejar, suas obras-primas são *Além da imagem* e *A pousada do ser* (NEJAR, 2011, p. 373). **Henriqueta figura em nosso levantamento bibliográfico com a tradução da poeta chilena Gabriela Mistral (Delta, 1964) e *Cantos de Dante* (Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, 1969), de Dante Alighieri.**

José Guilherme de Araújo Jorge (1914-1987) nasceu e passou a infância no Acre. Na Faculdade de Direito, foi o fundador e o 1º Presidente da Academia de Letras, que teve como patrono Afrânio Peixoto, então professor de Medicina Legal. Foi locutor e redator de programas radiofônicos, atuando nas Rádios Nacional, Cruzeiro do Sul, Tupi e Eldorado. Em 1965, começou a trabalhar como professor de História e Literatura, do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Elegeu-se Deputado Federal em 1970 pelo Estado da Guanabara, legislando por três mandatos. Lutou, ainda estudante, contra o Estado Novo, sendo preso e perseguido várias vezes durante esse período. Estreou com *Meu céu interior* (1934) e publicou outros 36 livros, a maioria de poemas. **Suas traduções poéticas estão na antologia *Os mais belos sonetos que o amor inspirou*, vol.3 (Vecchi, 1966), que reúne poesia universal,**

⁴⁹ Segundo Ivo Barroso, a tradução de Rónai foi feita diretamente do original rilciano, e a de Cecília, embora usando como base a versão francesa de Suzanne Kra, de 1927, teve a leitura de Rónai. In: "Senhores, é tempo de Rilke. Disponível em <http://gavetadoivo.wordpress.com/2011/04/19/senhores-e-tempo-de-rilke/> Acessado em 30/4/2012.

européia e americana, sendo 26 poetas franceses, sete ingleses e sete italianos, 58 poetas hispano-americanos e dois norte-americanos.

O poeta **Oliveira Ribeiro Netto** (1908 - 1989) era paulista. Formado em letras e em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade do Largo de São Francisco, foi promotor público, juiz, adido cultural do Itamarati, membro e presidente da Academia Paulista de Letras, jornalista, crítico literário, escritor e tradutor. Estreou em 1928 com o livro de poemas *Dia de sol*. Publicou vários outros livros de poesia e romance. Traduziu peças de Shakespeare nos anos de 1940, romances de língua inglesa e duas obras de Lewis Carroll. **Consta do levantamento de poesia traduzida entre 1960-2009 por sua antologia de poesia siciliana *Sicília-poesias*, publicada em 1970 pela Editora Ítalo-latino-americana Palma.**

3.2.1.3 A Geração de 45

Foi uma geração marcada por fatos como o fim da Segunda Guerra Mundial, a morte de Mario de Andrade e o término da ditadura do Estado Novo. Vários poetas que estrearam nesses anos dedicaram-se com entusiasmo à tradução de poesia. Entre eles, **Péricles Eugênio da Silva Ramos** (1919-1992), que fundou, em 1947, ao lado de outros escritores e poetas, a *Revista Brasileira de Poesia*⁵⁰, divulgadora dos preceitos estéticos da Geração de 45 e embrião do Clube de Poesia de São Paulo. A tradução teve um grande espaço nessa *Revista*, divulgando em todos os números poetas de várias nacionalidades, como o francês Paul Valéry, o cubano Nicolas Guillén e o alemão Rainer Maria Rilke (CARVALHO, 2009, p. 141). Silva Ramos foi também ensaísta, crítico literário e professor universitário. Em 1946, estreou com o livro de poemas *Lamentação Floral*. Manteve por vários anos uma coluna de crítica literária no *Jornal de São Paulo*, no *Correio Paulistano* e na *Folha da Manhã*. Organizou várias antologias da poesia brasileira e foi responsável pela edição da obra poética de Francisca Júlia (1874 - 1920) e Álvares de Azevedo (1831 - 1852). A partir de 1966, lecionou literatura portuguesa e técnica de redação na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (SP). Foi tradutor de Shakespeare, Mallarmé, François Villon e Góngora, entre outros. **Entre as décadas de 1960 e 1990, publicou oito traduções poéticas: *Sonetos de Shakespeare* (Civilização Brasileira, 1970); *Poemas*, de John Keats (Art, 1985);**

⁵⁰ A revista circulou entre 1947 e 1956.

Poemas de François Villon (Toda Poesia, 1986); *Poemas de W.B. Yeats* (Art Editora, 1987); *Poemas, de Lord Byron* (Art, 1989); *Ode ao vento e outros poemas, de Shelley* (Art, 1992) e as antologias *Poesia grega e latina* (Cultrix, 1964) e *Poetas de Inglaterra* (Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1971), em conjunto com Paulo Vizioli.

O capixaba **Geir Campos** (1924-1999) foi poeta, contista, dramaturgo e tradutor. Estreou na poesia com *Rosa dos rumos* (1950) e publicou outras quatorze obras nesse gênero. Escreveu quinze peças teatrais. Foi também tradutor de teatro e teorizou sobre essa prática em *O problema da tradução no teatro brasileiro* (1978) e em *Tradução e ruído na comunicação teatral* (1981). Além de teatro, traduziu romances e poesia, principalmente do alemão e do inglês. Foi membro fundador do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e da Associação Brasileira de Tradutores, da qual foi presidente. Escreveu também o livrinho de bolso *Como fazer tradução* (Vozes, 1987). **Aparece no levantamento de tradução de poesia após 1960 com:** *Andares* (Nova Fronteira, 1961), de Hermann Hesse; *Folhas de relva* (Civilização Brasileira, 1964) e *Folhas das Folhas de relva* (Brasiliense, 1984), de Walt Whitman, *Poemas e canções* (Civilização Brasileira, 1966), de Bertolt Brecht, *O livro de horas* (Civilização Brasileira, 1993) e *Poemas e cartas a um jovem poeta* (Tecnoprint, 1967), ambos de Rilke; *Cantos do eu coração* (Record, 1995), de Daisaku Ikeda (tradução indireta via versão do inglês de Burton Watson), e com as antologias *Poesia alemã* (Tecnoprint, 1960) e *Haicais: poesia do Japão* (Ediouro, 1988), também em tradução indireta.

Idelma Ribeiro de Faria (1914-2002) nasceu em Rio Claro, São Paulo. Formou-se em Farmácia na USP. Foi também jornalista, contista, tradutora e professora. Publicou *Alma nua* (1949); *Meridiano do Silêncio* (1955); *Acalanto para a menina morta* (1964); *Sonetos* (1970); *Presença do Enigma* (1972); *Quarteto* (1988); *Haicais* (1995); *Uma abelha ao sol* (1995) e *Emoção e memória* (Obra reunida, 1999). Participou das antologias: *Coletânea de poetas paulistas* (1951); *Vozes da poesia feminina brasileira* (1959); *Antologia poética da geração de 45* (1966). Publicou ainda contos e livros infantis. Traduzia do inglês e do francês. **Consta do levantamento de tradução de poesia com** *Poemas, de Emily Dickinson* (Hucitec, 1988); *Poemas 1910-1930* (Hucitec, 1980) e *Corais de “O Rochedo”* (Massao Ohno, 1996), ambos de T. S. Eliot, e com uma antologia de Emily Dickinson, T.S. Eliot e do poeta haitiano René Dupestre (Hucitec, 1992).

Dora Ferreira da Silva (1918-2006) foi poeta, tradutora e ensaísta. Nasceu em Conchas (SP). Ganhou três vezes o Prêmio Jabuti e foi premiada pela Academia Brasileira de Letras (ABL) por sua *Poesia Reunida*. Nos anos 1950, fundou e dirigiu a *Diálogo*, revista que difundiu a produção intelectual da época e tornou-se uma referência cultural. No final da década de 1960, lançou a revista *Cavalo Azul*. Estreou com *Andanças* em 1970, livro que reuniu poemas escritos a partir de 1948. Publicou nove volumes de poemas, entre eles *Retratos da Origem*, *Poemas da Estrangeira*, *Cartografia do imaginário* e, o último, *Hídrias*, venceu o prêmio Jabuti em 2005. Sua poesia tem referências míticas e religiosas, assim como os livros que traduziu. Não é um acaso que tenha sido a tradutora de *Memórias, sonhos e reflexões*, de Carl Jung. Dora também traduziu os poemas que compõem a versão brasileira da obra de Hugo Friedrich, *Estrutura da lírica moderna*. **Constam em nosso levantamento duas traduções poéticas de Rilke: *Elegias de Duíno* (Globo, 1972) e *Vida de Maria* (Vozes, 1994). Traduziu ainda *A poesia mística de San Juan de la Cruz* (Cultrix, 1982) e o poeta barroco alemão Angelus Silesius (T.A. Queiróz, 1986).**

Darcy Damasceno (1922-1988) trabalhou por cerca de 30 anos na Biblioteca Nacional. Foi um estudioso da literatura brasileira, tendo se aprofundado na obra de Cecília Meireles (1901-1964). Publicou *Poemas* (1946); *Fábula serena* (1949), *Jogral caçurro e outros poemas* (1958), *Trigésima* (1967), *Poesia* (1967) e *Poesia, modificada pelo autor e acrescida dos poemas inéditos de Noites claras* (1988). Alguns de seus ensaios foram reunidos em *De Gregório a Cecília* (Edições Galo Branco, 2007). Como tradutor de poesia, destaca-se *O cemitério marinho*, de Paul Valéry (Orfeu, 1941). Traduziu ainda *Poesia espanhola: ensaio de métodos e limites estilísticos*, de Dámaso Alonso (Instituto Nacional do Livro, 1960). **No período deste levantamento, aparecem as traduções de *Poesias*, de Saint-John Perse (Delta, 1969), e de *Poemas*, de Giórgos Séferis (Opera Mundi, 1971).**

O mineiro **Paulo Mendes Campos** (1922-1991) foi cronista, poeta, jornalista, tradutor e crítico. Segundo Nejar, “foi leitor incansável em várias línguas [...] e tinha uma visão universalista, saindo do diapasão programático e parnasiano de alguns companheiros da Geração de 45” (NEJAR, 2010, p. 659). Nascido em Belo Horizonte, foi companheiro de geração de Fernando Sabino, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1945 para conhecer Pablo Neruda e não mais retornou à Minas. Estreou na poesia

em 1951 com o livro de poemas *A palavra escrita*. **No período aqui estudado, traduziu três obras de Pablo Neruda: *Canto Geral* (Difel, 1979); *Residência na terra I* (L&PM, 1980) e *Residência na terra II* (L&PM, 1980).**

O poeta amazonense **Thiago de Mello** (1926) estreou na poesia em 1951 com o livro *Silêncio e Palavra*. Na época, seu trabalho teve muito boa acolhida por nomes como Manuel Bandeira, Sérgio Milliet e José Lins do Rego. *Os estatutos do homem*, de 1977, é a sua obra mais popular entre os seus 12 livros de poemas. Preso durante a ditadura, partiu para o exílio, tempo em que viveu na Argentina, no Chile, em Portugal, na França e na Alemanha. **Mello foi tradutor de quatro obras de Pablo Neruda publicadas no Brasil (publicou ainda outras traduções poéticas no Chile). São elas: *Antologia poética* (Letras e Artes, 1962) ; *Os versos do capitão* (Bertrand, 1992); *Cadernos de Temuco* (Bertrand Brasil, 1998) e *Presente de um poeta* (Vergara e Ribas, 2001). Traduziu ainda *Poesia completa* de Cesar Vallejo (Philobiblion, 1994), além de *Sôngoro Cosongo e outros poemas*, de Nicolas Guillén (Itatiaia, 2005), *Debaixo dos astros*, do cubano Eliseo Diego (Hucitec, 1994), e, de Ernesto Cardenal, *Salmos* (Civilização Brasileira, 1979), *Canto cósmico* (Hucitec, 1996) e *Oração por Marilyn Monroe* (Civilização Brasileira, 1983).**

O carioca **Dante Milano** (1899-1991) começou a publicar seus poemas em revistas em 1920, mas seu primeiro livro, *Poesias*, foi publicado somente em 1948. Em 1935, editou uma *Antologia de Poetas Modernos* e publicou traduções de poetas como Horácio, Dante Alighieri e Charles Baudelaire. Em 1982, foi agraciado com o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Foi amigo de Manuel Bandeira e de Drummond. **Traduziu a antologia *Poemas traduzidos de Baudelaire e Mallarmé* (Boca da Noite, 1986).**

O goiano **Afonso Félix de Souza** (1925-2002) foi poeta premiado e atuante. Fundador de várias revistas literárias, como a *Revista Agora* e a *Ensaio*, foi também ativo nas causas corporativas, sendo fundador da Associação Brasileira de Escritores – Seção Goiás, e da Associação Nacional de Escritores. Transferiu-se a serviço do Banco do Brasil para o Rio de Janeiro, onde colaborou nos suplementos literários do *Correio da Manhã* e de outros jornais. Viveu dois anos em Paris, entre 1953 e 1955. Mais tarde, mudou-se para a recém-inaugurada Brasília e, em seguida, para Beirute, acompanhando a mulher, que era diplomata. Publicou seu primeiro livro de poemas em 1948. Ao todo, teve 18 livros de poesia publicados. Recebeu inúmeros prêmios literários, com destaque para o *Álvares de Azevedo*, da Academia Paulista de Letras

(1961); o *Tiocô*, da UBE-Goiás (1979); o Prêmio Nacional de Poesia, do Pen Club do Brasil (1982) e o Prêmio Nacional de Poesia da Academia Brasileira de Letras (2002). Traduziu *Antologia poética* (Leitura, 1966) e *Sonetos de amor obscuro* (Civilização Brasileira, 1988), ambos de García Lorca; *Sonetos de meditação* (Villa Rica, 1985), de John Donne; *Testamento* (Itatiaia, 1987), de François Villon; e *Poesia e prosa*, de Leopardi (Nova Iguaçu, 1996, em colaboração).

Stella Leonardos (1923) é carioca. Sua obra poética filia-se à terceira geração do Modernismo e inclui os livros *Geolírica* (1966), *Cantabile* (1967), *Amanhecência* (1974) e *Romanceiro da Abolição* (1986). É também romancista, ensaísta, teatróloga e tradutora. Começou a publicar em 1940. Além de poesia, sua obra inclui romance e literatura infanto-juvenil, incluindo versões de clássicos. Estudou Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro e fez curso de extensão universitária em Línguas Neolatinas na Universidade do México. No período de 1948 a 1961, publicou os romances *Quando os Cafezais Florescem* e *Estátua de Sal*. Em 1957, recebeu o Prêmio Olavo Bilac de Poesia pelo livro *Poesia em três tempos*, concedido pela Academia Brasileira de Letras. Nos anos seguintes produziu literatura infantil em prosa e verso, além de peças teatrais infantis. Entre 1942 e 1971, traduziu obras do catalão, espanhol, francês, inglês, italiano e provençal. **Consta no levantamento de tradução de poesia 1960-2009 com *Mársias e Adila* (Monfort, 1965), do poeta catalão Agustí Bartra.**

Lêdo Ivo (1924) é alagoano. Estreou na literatura com o livro de poemas *As Imaginações* (1944) e no ano seguinte publicou *Ode e Elegia*, obra agraciada com o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. Escreveu também romances, contos, crônicas e ensaios. Sua *Poesia Completa* foi publicada em 2004. É membro da Academia Brasileira de Letras e sempre lembrado por sua tradução de *Uma Temporada no Inferno* e *Iluminações*, de Arthur Rimbaud, publicada em 1957 pela Civilização Brasileira. **Consta no levantamento de poesia traduzida com traduções de poemas de Kerry Shawn Keys, de Denise Levertov e de Robert Bly, todos publicados na antologia *Nova poesia norte-americana Quingumbo* (Leitura, 1980).**

Jamil Almansur Haddad (1914-1988) foi médico, crítico, ensaísta, historiador, teatrólogo, antologista e tradutor bastante ativo. Entre seus livros de poemas, destacam-se *Alkamar, a Minha Amante* (Record, 1938), *Orações Negras* (Record, 1939), ambos premiados pela

Academia Brasileira de Letras, além de *A lua do remorso* (Martins, 1951) e *Romanceiro cubano* (Brasiliense, 1959). Esse último, pertencente às fileiras da poesia participante. Além de *As flores do mal* (Difel, 1958), de Baudelaire, traduziu também *As Líricas*, de Safo (Edições Cultura, 1942), *Cântico dos cânticos* (Saraiva, 1950), *Rubaiyat*, de Omar Khayyam (Civilização Brasileira, 1956, 2ª edição), *Cancioneiro*, de Petrarca, *Decamerão*, de Boccaccio, e *Odes*, de Anacreonte (José Olympio, 1952). **Entre 1960 e 2009, publicou *Odes e baladas*, de Victor Hugo (Editora das Artes, 1960), *A arte de amar*, de Ovídio (Biblioteca, 1964) e *Poesias escolhidas*, do italiano Giosue Carducci (Delta, 1962).**

Foed Castro Chamma (1927-2010) foi poeta e ensaísta. Nasceu no Paraná e, em 1941, mudou-se para o Rio de Janeiro. Começou a publicar poemas a partir de 1952. Seu livro *Pedra da transmutação* ganhou o prêmio Nestlé de Literatura na categoria Poesia em 1984. Publicou ainda *Melodias do Estio* (1953), *Iniciação ao Sonho* (1955), *O Poder da Palavra* (1959), *Labirinto* (1965), *Ir a ti* (1967), *O Andarilho e a Aurora* (1971, reunião dos três últimos livros) e *Sons de Ferraria* (1989). Traduziu *12 Poemas* (Latife, 2000), de Adam Mickiewicz, *Bucólicas* (Latife, 1998), de Virgílio, e *A arte de amar* (Caliban, 2009), de Ovídio.

Cristiano Martins (1912-1981) nasceu em Montes Claros (MG). Diplomado em Direito, foi professor universitário, poeta, ensaísta e tradutor. Pertenceu à Academia Mineira de Letras e à Associação Nacional de Escritores. Publicou *Brejo das almas* (1934); *Elegia de abril* (1939); *Camões, temas e motivos da obra lírica* (1944); *Goethe e a elegia de Marienbad* (1949) e *Rilke, o poeta e a poesia* (1949). **Na bibliografia poética 1960-2009, aparecem as suas traduções de *Inferno* (Imprensa, 1971) e de *A divina comédia* (Itatiaia, 1976), ambas de Dante Alighieri.**

O poeta **João Cabral de Melo Neto** (1920-1999), como é sabido, reconhecia-se como membro da Geração de 45 somente em termos cronológicos, uma vez que a sua original dicção poética em nada comungava com os preceitos estéticos neo-parnasianos presentes em vários poetas dessa época. O poeta de *Morte e vida severina* fez poucas incursões pela tradução de poesia. Segundo estudo de Carvalho (2009), Cabral traduziu “Quinze poetas catalães” para a *Revista Brasileira de Poesia* (1949), dirigida pelos poetas Péricles Eugênio da Silva Ramos e Domingos Carvalho da Silva. Verteu também poemas de três poetas norte-americanos para a antologia *Videntes e sonâmbulos* (1955), organizada por Oswaldino Marques. Ainda segundo Carvalho, por volta

de 1948, Cabral “vinha se dedicando à tradução, principalmente das *tankas*, forma clássica da poesia japonesa cultivada na obra *Del joc i del foc* [Do jogo e do fogo] (1946) de Carles Riba (1893-1959)”. Três dessas traduções foram divulgadas no número 16 de *Ariel - Revista de Les Arts* de abril de 1948, podendo ser consideradas as primeiras traduções ao catalão divulgadas por Cabral (IBIDEM, p. 138). O interesse de Cabral pela poesia catalã teria sido despertado por Manuel Bandeira, que o questionou sobre os poetas daquela terra em carta enviada em 1947, logo depois de o poeta ter assumido como cônsul-geral do Brasil em Barcelona (IBIDEM). **Cabral aparece em nosso levantamento bibliográfico com cinco poemas de Robert Bringham publicados no volume *Quingumbo: antologia da nova poesia norte-americana* (Escrita, 1980), compilada por Kerry Shawn Keys.⁵¹**

3.2.2 Poetas pós-modernistas

Neste grupo, estão os poetas localizados temporalmente após a Geração de 45. Começo destacando os poetas concretos. Além da tríade central do concretismo – **Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari** – vários outros nomes ligados ao grupo tiveram um importante papel como tradutores e como críticos. Devo citar **José Lino Grünwald** e **Mário Faustino**, além de **José Paulo Paes** e **Sebastião**

⁵¹ Alguns poetas constam deste levantamento apenas com traduções de poucos poemas na antologia *Nova poesia norte-americana: Quimbungo*. Nesse caso, não apresento as suas biografias, uma vez que a sua produção tradutória no período estudado foi considerada insuficiente. Entre os que não estão entre os biografados, porém estão computados na lista de poetas-tradutores estão: Alphonsus de Guimaraens Filho; Ana Cândida Perez; Ary Gonzalez Galvão; Celso Japiassu; Cesar Augusto R. de Almeida; Elisabeth Veiga; Eudoro Augusto; Flávio. Moreira da Costa; Henrique Mesquita; Italo Moriconi; Jane Arduíno Perticarati; José Carlos Limeira Marinho dos Santos; Juju Campbell; Kern Kraphl; Kerry Shawn Keys; Lélia Coelho Frota; Luiz Alberto Monjardim; Luiz Olavo Fontes; Marcos Konder Reis; Maria Amélia Mello; Nei Leandro de Castro e Octavio Mora. O mesmo critério foi usado no caso dos seguintes poetas-tradutores com traduções publicadas somente na antologia *Folhetim, poemas traduzidos* (Folha de São Paulo, 1987): Ronaldo Brito, Mônica Costa; Vinicius Dantas; Cleber Teixeira; Paulo Venâncio Filho, Margarida Finkel; Lenilde Freitas; Gerardo Mourão, Waly Salomão; Jair Ferreira Santos.

Uchoa Leite, que se juntaram ao grupo da poesia concreta a partir de 1964.

Haroldo de Campos (1929-2003) foi poeta, professor, tradutor, crítico e ensaísta. Estreou com o *O Auto do Possesso*, em 1950. Com o irmão Augusto e Décio Pignatari, formou o grupo Noigandres e lançou revista com o mesmo nome em 1952. Em 1958, publicou, em *Noigandres 4* o “Plano-Piloto para Poesia Concreta”. A partir da década de 1960, começou a lançar traduções de autores de vanguarda para dar suporte ao projeto da Poesia Concreta, como o norte-americano Ezra Pound, os poetas futuristas russos, entre outros (a lista completa das suas traduções está no Apêndice). Ao todo, publicou 19 volumes de tradução de poesia, entre eles *A Ilíada*, de Homero. *Galáxias*, um de seus livros de poemas mais conhecidos, é de 1984. *Crisantempo* (1998) e *A Máquina do Mundo Repensada* (2001) também foram trabalhos importantes. Defendeu tese de doutorado intitulada *Morfologia do Macunaíma*, em 1972, na Universidade de São Paulo. No ano seguinte, deu aulas de semiótica da literatura no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde permaneceu como professor até 1989. Também lecionou na Universidade do Texas, em Austin (EUA). É um dos intelectuais brasileiros cujo nome é dos mais difundidos no Exterior, principalmente por sua teoria e prática da tradução. As universidades de Yale e de Oxford organizaram conferências sobre sua obra em comemoração aos seus setenta anos. Traduziu *Dante: seis cantos do Paraíso* (Gastão de Holanda Editor, 1976); *Transblanco: em torno a Blanco de Octavio Paz* (Guanabara, 1985); *Qohélet– O-que-sabe* [Eclesiastes] (Perspectiva, 1990); *BERE'SHITH: a cena de origem* (Perspectiva, 1993); *Mênis: a ira de Aquiles* (Nova Alexandria, 1994); *Escrito sobre Jade – Poesia Clássica Chinesa* (Tipografia do Fundo de Ouro Preto, 1996, 2ª edição ampliada, Ateliê, 2009); *Pedra e luz na poesia de Dante* (Imago, 1998), *Os nomes e os navios* (7Letras, 1999); *Odisseia de Homero – fragmentos* (Olavobrás, 2006); *Ilíada*, vol. 1 (Mandarim, 2001); *Ilíada*, vol. 2 (Arx, 2002); *Éden: um tríptico bíblico* (Perspectiva, 2004). Em colaboração, traduziu *Cantares*, de Ezra Pound (Serviço de Documentação, MEC, 1960); *Poemas*, de Maiakovski (Tempo Brasileiro, 1967); *Antologia poética de Ezra Pound* (Serviço de Documentação, MEC, 1968); *Traduzir e trovar* (Papyrus, 1968); *Poesia russa moderna* (Civilização Brasileira, 1968); *Mallarmagem* (Noa Noa, 1971); *Daquela estrela à outra*, de Giuseppe Ungaretti (Ateliê, 2004).

Augusto de Campos (1931) estreou na poesia com *O rei menos o reino* (1951). Formado em Direito, atuou como Procurador do Estado. Tradutor e ensaísta, crítico literário e musical, é um dos pais da poesia concreta no Brasil. Após os anos 1980, começou a fazer poesia usando os recursos das novas mídias: painéis eletrônicos, holografias, laser, animações computadorizadas, poemas sonoros e visuais. Seus principais livros de poemas são *Viva Vaia* (1979), *Despoesia* (1994) e *Não* (2003, com um CD de Clip-Poemas), *Poemóbiles* (1974), coleções de poemas-objetos em colaboração com o artista plástico e designer Julio Plaza. É o tradutor de poesia brasileiro mais produtivo das últimas cinco décadas (ver início deste capítulo), com 31 traduções poéticas. **Suas traduções poéticas são:** *Dez poemas de e.e. cummings* (Serviço de Documentação, MEC, 1960); *O Tygre, de William Blake* (Edição do autor, 1977); *John Donne, o dom e a danação* (Noa Noa, 1978); *20 POEM(A)S*, de e.e.cummings (Noa Noa 1979); *Mais provençais: Raimbaut e Arnaut* (NoaNoa, 1982, 2ª edição, ampliada, Companhia das Letras, 1987); *John Keats: Ode a um rouxinol e Ode sobre uma urna* (Noa Noa, 1984); *A serpente e o pensar*, de Paul Valéry (Brasiliense, 1984); *John Cage: de segunda a um ano* (Hucitec, 1985); *40 Poem(a)s, de cummings* (Brasiliense, 1986); *Hopkins: cristal terrível* (Noa Noa, 1991); *Irmãos germanos* (Noa Noa, 1992); *Rimbaud livre* (Perspectiva, 1992); *Rilke: poesia-coisa* (Imago, 1994); *Hopkins: a Beleza Difícil* (Perspectiva, 1997); *P O E M (A) S, de cummings* (Francisco Alves, 1999); *Coisas e Anjos de Rilke* (Perspectiva, 2001); *Quase-Borges + 10 TRANSPOEMAS* (Memorial da América Latina, 2006); *Eu não sou ninguém*, de Emily Dickinson (Unicamp, 2008); *Poemas-estalactites*, de August Stramm (Perspectiva, 2008). Publicou ainda as antologias *Verso, reverso, controverso* (Perspectiva, 1978); *O Anticrítico* (Companhia das Letras, 1986); *Via Linguaviagem* (Companhia das Letras, 1987); *Poesia da recusa* (Perspectiva, 2006) e *Byron e Keats: entreversos* (Editora da Unicamp, 2009). Em colaboração, traduziu *Cantares*, de Ezra Pound (Serviço de Documentação, MEC, 1960); *Poemas*, de Maiakovski (Tempo Brasileiro, 1967); *Antologia poética de Ezra Pound* (Serviço de Documentação, MEC, 1968); *Traduzir e trovar* (Papyrus, 1968); *Poesia russa moderna* (Civildização Brasileira, 1968); *ABC da literatura*, de Ezra Pound (Cultrix, 1970) e *Mallarmargem* (Noa Noa, 1971).

Décio Pignatari (1927-2012) nasceu em Jundiaí (SP). Poeta, ensaísta, tradutor, contista, romancista, dramaturgo e professor.

Publicou seus primeiros poemas na *Revista Brasileira de Poesia*, em 1949. Em 1950, estreia com o livro de poemas *Carrossel*, e, em 1952, funda o grupo e edita a revista *Noigandres*, com os amigos, os poetas irmãos Haroldo de Campos (1929 - 2003) e Augusto de Campos (1931). Com o grupo Noigandres, em 1956, lançou oficialmente o movimento de poesia concreta. Em 1965, ainda com Haroldo e Augusto de Campos, lançou o livro *Teoria da Poesia Concreta*. Além da produção crítica e literária, fez pesquisas na área de semiótica. **Traduziu, em parceria com os irmãos Campos, *Cantares*, de Ezra Pound (MEC, 1960); *Mallarmagem* (Noa Noa, 1971); *Antologia poética de Ezra Pound* (MEC, 1968). Suas traduções solo são *Marina*, de Marina Tsvietáieva (Travessa dos Editores, 2005) e as antologias *Retrato do amor quando jovem: Dante, Shakespeare, Sheridan, Goethe* (Companhia das Letras, 1990) e *31 poetas, 214 poemas: do Rig-veda e Safo a Apollinaire* (Companhia das Letras, 1997).**

Mário Faustino (1930-1962) nasceu em Teresina (PI). Faustino, diz Bosi, foi um poeta que “antecipou e promoveu a experiência concreta” (BOSI, 2006, p. 474). Em sua curta vida, finda aos 32 anos num desastre de avião, o poeta atuou como jornalista, crítico literário, professor e tradutor. Depois de abandonar o curso de Direito, recebeu uma bolsa do *Institute of International Education* para estudar teoria literária e literatura norte-americana no *Pomona College*, Claremont, Estados Unidos, onde viveu de 1951 a 1953. Em 1955, publicou seu primeiro e único volume de poemas, *O Homem e sua Hora*. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1956, quando trabalhou como editorialista do *Jornal do Brasil* (JB). Os principais debates sobre o concretismo tiveram lugar na página Poesia-Experiência, criada por ele em 1956 no suplemento dominical do JB. Nela, Faustino publicou traduções de poemas de Horácio, Brecht, Dante, Villon, Shakespeare, Goethe, Rilke, Pound, Eliot, Cummings, Artaud, entre outros. **Faustino aparece no levantamento de tradução de poesia entre 1960-2009 com *Antologia poética de Ezra Pound* (Serviço de Documentação, MEC, 1968), feita em parceria com os irmãos Campos, José Lino Grünewald e Décio Pignatari.**

O carioca **José Lino Grünewald** (1931-2000) formou-se em Direito e trabalhou como procurador da Superintendência Nacional da Marinha Mercante. Integrou o movimento da poesia concreta, sendo que em 1956 começou a colaborar na página *Poesia-Experiência*, do *Jornal do Brasil*, com poemas e artigos sobre cinema e literatura. A partir de 1960, junto com os poetas da *Noigandres*, ocupou a página semanal *Invenção*, do jornal *Correio Paulistano*, com poemas concretos e

traduções de poetas estrangeiros que o influenciaram, como Pound. Em 1962, tornou-se editor de política do jornal *Correio da Manhã*. Nesse ano, o grupo dos poetas concretos lançou a revista *Invenção*, desdobramento da página publicada no *Correio Paulistano* nos anos anteriores. Além de poesia, os interesses de Grünewald eram o cinema, a arte e a música popular. Na crítica, sofreu influência de Walter Benjamin e Maurice Merleau-Ponty. Seus poemas estão em *Escreviver* (1987). Organizou várias antologias de poesia em língua portuguesa. **Traduziu e organizou as antologias *Poetas franceses do século XIX* (Nova Fronteira, 1991); *Grandes Poetas da Língua Inglesa do Século XIX* (Nova Fronteira, 1988); publicou *Poemas*, de Mallarmé (Nova Fronteira, 1984), e recebeu por sua tradução de *Os Cantos*, de Ezra Pound (Nova Fronteira, 1986), o Prêmio Jabuti de tradução de 1987. Juntamente com os irmãos Campos, Pignatari e Faustino, assina a supracitada tradução de *Antologia poética de Ezra Pound* (Serviço de Documentação, MEC, 1968).**

Sebastião Uchoa Leite (1935-2003) foi poeta, tradutor e ensaísta. Nasceu em Timbaúba (PE). cursou Direito e Filosofia na Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco. Nos anos 1970, trabalhou com Otto Maria Carpeaux e Antônio Houaiss na confecção de enciclopédias. Foi um dos responsáveis pela publicação da revista *José*, na qual publicou de poetas concretos a poetas marginais, não deixando de lado os modernistas. Publicou um total de doze livros, entre poemas e ensaios. Em 1980, ganhou o prêmio Jabuti de Poesia pelo livro *Antilogia*. Ele venceu esse prêmio outras duas vezes, na categoria tradução: em 1998, com *Crônicas Italianas* de Stendhal, e em 2001, com *Poesia de François Villon*. **Além de *Poesia*, de François Villon (Guanabara, 1987), ele aparece em nosso levantamento bibliográfico com a tradução de *Canções da força* (Roswitha Kempf, 1983), do poeta alemão Christian Morgenstern, que ganhou fama com seus versos *nonsense*. Traduziu ainda Lewis Carroll e ensaios de Octavio Paz.**

José Paulo Paes (1926-1998) atuou por cerca de 40 anos como tradutor do inglês, do francês, do italiano, do espanhol, do alemão, do latim e do grego moderno, sendo um dos tradutores brasileiros mais representativos e cultuados. Poeta, sua produção entre 1947 e 1986 está reunida em *Um por todos* (Brasiliense, 1986) e *A poesia está morta mas juro que não fui eu* (Duas Cidades, 1988). Escreveu ainda poesia infanto-juvenil e ensaios sobre literatura. Refletiu sobre a tradução literária e poética no livro *Tradução, a ponte necessária* (Ática, 1990).

Organizou e traduziu as antologias *Poetas gregos contemporâneos* (Noa Noa, 1991); *Poemas da antologia grega ou palatina* (Companhia das Letras, 1995); *Gaveta de tradutor* (Letras Contemporâneas, 1996); *Transverso: coletânea de poemas traduzidos* (Unicamp, 1988); *Poesia erótica em tradução* (Companhia das Letras, 1987) e *Quinze poetas dinamarqueses* (Letras contemporâneas, 1997). Do grego, traduziu ainda *Poemas*, de Konstantinos Kaváfis (Nova Fronteira, 1982) e *Poemas*, de Giórgos Séferis (Nova Alexandria, 1995). Do alemão, traduziu *Poemas*, de Hölderlin (Companhia das Letras, 1991) e *Poemas*, de Rilke (Companhia das Letras, 1993). Traduziu ainda do latim *Poemas de carne e exílio*, de Ovídio (Companhia das Letras, 1990); do inglês, *Poemas*, de William Carlos Williams (Companhia das Letras, 1987); do francês, *Poemas*, de Paul Éluard (Guanabara, 1988), e do italiano, *Sonetos luxuriosos*, de Aretino (Companhia das Letras, 2000). Em colaboração com outros tradutores, verteu *Poesia e prosa*, de Leopardi (Nova Aguilar, 1996); *ABC da literatura*, de Pound (Cultrix, 1960), e *Poemas de W.H Auden* (Companhia das Letras, 1986).

Mariajosé Carvalho⁵² (1919-1995) foi poeta, cantora, tradutora, atriz e diretora de teatro. Lecionou arte dramática e criou um método especial do ensino da dicção e técnica vocal utilizado durante dez anos na Escola de Arte Dramática da USP. Foi uma artista influente na cultura paulistana entre os anos 1940 e 1970. Nos anos 1950, participou do Grupo Universitário de Teatro, de Décio de Almeida Prado, do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), bem como do movimento da poesia concreta. Conviveu com poetas e escritores da Geração de 45. Foi amiga de **Dora Ferreira da Silva** e frequentou o “grupo São Paulo”, academia livre de estudos paralela à USP, criada pelo marido de Dora, o filósofo Vicente Ferreira da Silva, e frequentada por intelectuais como Ernesto Grassi, os críticos de cinema Almeida Salles e Paulo Emílio Salles Gomes, o arquiteto Le Corbusier, Oswald de Andrade e Guimarães Rosa. Em meados dos anos 1960, fundou a editora Papyrus, que publicou clássicos da poesia traduzidos pelos irmãos Campos, como *Traduzir e Trovar*, e os livros de poemas concretos da própria

⁵² Informações obtidas em “Mariajosé de Carvalho, musa renegada”, de MACHADO, Alvaro e ABDALLA, Antonio Carlos. In *Revista digital Opera aberta*. Disponível em <http://www.operaprima.art.br/revista/?p=148>, acessado em fevereiro de 2012.

Mariajosé, como *Neomeni*, de 1968. Publicou ainda os livros *Poemas da noite amarga* (1950); *Aurum et Niger* (1966); *Lanarium* (1970); *Mar do sul* (1984); *Romance de Lampião* (1986); *Os celebrantes* (1988). Foi tradutora de literatura e poesia, estudiosa de fonética, filologia e linguística. Traduziu *Salambô*, de Flaubert, entre outros. Parte da sua produção tradutória permanece inédita. **No terreno poético, traduziu e publicou, do belga Pierre Louys, *As canções de Bilitis* (Max Limonad, 1984) e *Cantos*, de Leopardi (Max Limonad, 1986).**

Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira (1930), é maranhense. Poeta, dramaturgo, tradutor e crítico de artes plásticas, estreou em 1951 com o livro *Um pouco acima do chão*. No mesmo ano, mudou-se para o Rio de Janeiro e trabalhou como jornalista de importantes veículos, como as revistas *O Cruzeiro*, *Manchete* e o *Jornal do Brasil*. Participou da fase inicial do movimento concretista entre 1954 e 1956, quando rompeu com o grupo e criou o movimento neoconcreto, que criticava o racionalismo da poesia concreta. Na década de 1960, sua poesia assume uma orientação mais política. Escreve o poema de cordel *João Boa Morte, Cabra Marcado pra Morrer*, é eleito presidente do Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE e filia-se ao Partido Comunista. Em 1968, com o AI-5, é preso e acaba exilando-se em 1971. Durante o exílio, escreve *Dentro da Noite Veloz* (1975) e a sua obra mais popular, *Poema sujo* (1976). Ao retornar ao Brasil em 1977, escreve para teatro e televisão. Publicou várias obras de crítica de arte, como *Sobre Arte* (1983) e *Etapas da Arte Contemporânea: do Cubismo à Arte Neoconcreta* (1998). **Traduziu *O livro das perguntas*, de Neruda (Cosacnaify, 2008).**

O poeta-tradutor **Ivo Barroso** (1929) é mineiro. Estudou línguas e literaturas neolatinas na antiga Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Na década de 1960, integrou o movimento concretista e trabalhou na redação da revista *Senhor*. Convidado por Paulo Rónai, foi um tradutores encarregados da lendária Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura. Em 1968, foi viver na Holanda. Em 1970, ajudou Antonio Houaiss na confecção da *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*. Trabalhou também com Carlos Lacerda na *Enciclopédia Século XX*. Foi redator-chefe da revista *Seleções do Reader's Digest* em Portugal. Morou na Inglaterra, na Suécia e em Paris. Traduziu cerca de 40 livros de diversas línguas. É conhecido por sua tradução da obra completa de Rimbaud. Ganhou o Prêmio Jabuti de 1992 pela tradução de *O livro dos gatos*, de T. S. Eliot; o Prêmio Paulo Rónai da Biblioteca Nacional pela *Novela do bom Velho e da Bela Mocinha*, de Italo Svevo (1997) e o

prêmio da ABL (Academia Brasileira de Letras) de tradução por seu trabalho no *Teatro completo*, de T. S. Eliot. Seus poemas estão em *Nau dos naufragos* (Lisboa: Minerva, 1981); *As quatro visitas de Alcipe* (Lisboa: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 1991) e *A caça virtual e outros poemas* (Record, 2001). **Constam no levantamento de tradução de poesia entre 1960 e 2009 as seguintes traduções assinadas por Barroso:** *Obra completa* de T.S. Eliot, em conjunto com Ivan Junqueira (Siciliano, 2004); *Poemas reunidos 1934-63*, de Dylan Thomas (José Olympio, 2003); *Poesias*, de Erik Axel Karlfeldt (Delta, 1964); *O livro dos gatos*, de Eliot (Nórdica, 1991); *24 sonetos*, de Shakesperae (Nova Fronteira, 1978); *Shakespeare, 30 sonetos* (Nova Fronteira, 1991); *42 sonetos*, de Shakespeare (Nova Fronteira, 2005); *Uma estadia no inferno* (Topbooks, 1994) e *Prosa poética* (Topbooks, 1998), ambos de Arthur Rimbaud, *Diário póstumo*, de Egenio Montale (Record, 2000) e *O casamento do céu e do inferno* (Hedra, 2008), de William Blake. Tem traduções suas no volume *Poesia e prosa*, de Leopardi (Nova Aguilar, 1996); e traduziu *Hipóteses de amor*, de Annalisa Cima em parceria com Alexandre Eulálio (Ateliê, 2002). Suas traduções de poemas de Blake, Rilke, Shakespeare, Yeats, Eliot, Lorca e Baudelaire foram reunidos na antologia *O torso e o gato* (Record, 1991).

Silvio Castro (1931) nasceu no estado do Rio de Janeiro. É poeta, romancista, ensaísta, crítico literário e professor de literatura brasileira na Universidade de Pádua, na Itália. Estudou filosofia na Faculdade de Ciências e Letras, Universidade do Distrito Federal (atual UFRJ – 1957) e é livre-docente em Literatura Brasileira e Doutor em Letras (UFRJ). Organizou antologias de autores nacionais na Europa. Estreou na poesia com *Infinito Sul* (1956). Publicou ainda *As noites* (1958); *Machado de Assis e a cidade do Rio de Janeiro* (1959); *Tempo presente* (1961); *Rachel de Queiroz e o romance nordestino* (1961); *Raiz antiga* (romance, 1965); *Tempo veneziano* (1967); *Campo geral: Estrutura e estilo de Guimarães Rosa* (1970); *A revolução da palavra: origens e estrutura da literatura* (1976); *Teoria e política do modernismo brasileiro* (1979); *A carta de Pero Vaz de Caminha* (1987); *Memorial do paraíso — o romance do descobrimento do Brasil* (1998) e *História da Literatura Brasileira* (2000). **Castro parece na bibliografia de tradução de poesia com a publicação de *Poesias escolhidas*, de Salvatore Quasimodo (Opera Mundi, 1971).**

O gaúcho **Paulo Hecker Filho** (1926-2005) foi poeta, escritor, tradutor, dramaturgo, jornalista, cronista e crítico literário. Estreou em 1949 com um livro de crítica literária, mas só publicou poesia a partir da

década de 1980. Escreveu mais de trinta livros entre obras de crítica, novela, conto, dramaturgia, poesia e tradução. Fundou a revista *Crucial* em Porto Alegre e teve participação nas revistas *Quixote* e *Fronteira*. Colaborou na mídia impressa, em especial nos jornais *Correio do Povo*, *Zero Hora* e *Estado de São Paulo*. Em 1986, recebeu o Prêmio Cassiano Ricardo por *Perder a Vida*, livro de poemas. De outros gêneros, traduziu *Escritos de Apollinaire* (L&PM, 1984), *Aurelia* (L&PM, 1997), de Nerval, *O marido complacente* (L&PM, 1997), de Sade, e três novelas de Maurice Leblanc (L&PM, 1972, 1979 e 1988). **No terreno poético, traduziu *Uma temporada no inferno*, de Rimbaud (L&PM, 1997).**

3.2.3 Poetas-tradutores da geração de 1960 e 1970

Ivan Junqueira (1934) nasceu no Rio de Janeiro. É jornalista, poeta, tradutor e crítico literário. É membro da Academia Brasileira de Letras. Trabalhou no *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Foi supervisor editorial da Editora Expressão e Cultura e diretor do Núcleo Editorial da UERJ, além de colaborador das enciclopédias Barsa, Britânica, Delta Larousse e outras. Foi editor adjunto e depois editor executivo da revista *Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional. Como poeta, recebeu vários prêmios literários e já teve seus livros traduzidos para oito idiomas (o alemão, o chinês, o dinamarquês, o espanhol, o francês, o inglês, o italiano e o russo). Estreou com *Os Mortos* (Atelier de Arte, 1964), livro com qual ganhou menção honrosa no Concurso Jorge de Lima, em 1965. Com *A Rainha Arcaica* (Nova Fronteira, 1980), venceu o Prêmio Nacional de Poesia, do Instituto Nacional do Livro de 1981. *A Sagração dos Ossos* (Civilização Brasileira, 1994) venceu o Prêmio Jabuti, de 1995 e o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Club do Brasil. Com *O Outro Lado*, de 2007, venceu mais um Prêmio Jabuti (2008). **Como tradutor, verteu *As Flores do Mal* (Nova Fronteira, 1985), de Baudelaire, e a poesia completa de T.S. Eliot (Nova Fronteira, 1981; Civilização Brasileira, 1997; Siciliano, 2004).**

Paulo Leminski (1944-1989) era curitibano. Estreou como poeta em 1964 na revista *Invenção*, publicação dos poetas concretos paulistas. Publicitário, letrista e músico, teve canções gravadas por Caetano Veloso e pelo grupo A cor do som. Em 1975, publicou o romance experimental *Catatau*. Foi um estudioso da língua e cultura japonesas e apreciador do haicai, chegando a escrever uma biografia de Bashô.

Entre os seus livros de poemas, estão: *Polonaises* (1980); *Caprichos e relaxos* (1983), *Hai Tropikais* (1985), *La vie en close* (1991), *entre outros*. *Metamorfose* (1994) venceu o Prêmio Jabuti de Poesia em 1995. No terreno poético, traduziu, de Lawrence Ferlinghetti, *Vida sem fim* (com Nelson Ascher e outros tradutores, Brasiliense, 1984); Giacomo Joyce, de James Joyce (Brasiliense, 1985); e a antologia de poesia egípcia antiga *Fogo e água na terra dos deuses* (Expressão, 1987).

O pernambucano Jorge Wanderley (1938-1999) foi médico, professor, poeta e tradutor. Sua obra poética é composta de quatro livros lançados entre 1960 e 1999 e postumamente reunidos no volume *Antologia poética* (Ateliê, 2002). Publicou também um livro de ensaios (Edusp, 1994). Organizou antologias de poetas de língua inglesa: *Antologia da nova poesia norte-americana* (Civilização Brasileira, 1992), e *22 ingleses modernos: uma antologia poética* (Civilização Brasileira, 1993). As traduções das poetas mulheres foram reagrupadas posteriormente no volume *Do jeito delas, vozes femininas de língua inglesa* (7Letras, 2008), com poemas de Sylvia Plath, Emily Dickinson, Marianne Moore, Anne Sexton, Hilda Doolittle, Louise Bogan, Elizabeth Bishop, Denise Levertov, Edna St. Vincent Millay, Edith Sitwell, Patricia Hooper e Elinor Wylie. Além das antologias, Wanderley publicou outros seis volumes com traduções poéticas, incluindo a *Lírica* (Topbooks, 1996) e o *Inferno* (Record, 2004), de Dante Alighieri. Ganhou o Jabuti de tradução em 2004 por *Inferno*. Traduziu ainda *Sonetos* (Civilização Brasileira, 1991) de Shakespeare, *Os 25 melhores poemas de Charles Bukowski* (Bertrand Brasil, 2003), *Poemas* (Topbooks, 1995), de Lawrence Durrell, e *Cemitério marinho*, de Valéry (Fontana, 1974). Traduziu também dois poemas de Richard Wilbur para a antologia *Nova poesia norte-americana: Quingumbo*, organizada por Kerry Shawn Keys.

Outro poeta, crítico, ativista cultural e tradutor de destaque na cena poética brasileira é o paulista Cláudio Willer (1940). É considerado um poeta surrealista, além de ser sempre lembrado por sua ligação com a poesia beat. Estreou com *Anotações para um apocalipse* (Massao Ohno Editor, 1964), seguida por *Dias circulares* (Massao Ohno Editor, 1976), *Jardins da Provocação* (Massao Ohno/Roswitha Kempf Editores, 1981) e *Estranhas Experiências* (Lamparina, 2004). Segundo Maria Esther Maciel, Willer e Floriano Martins são “dois dos mais

inventivos e prolíficos poetas de linhagem surrealista em atuação no cenário poético do Brasil contemporâneo”.⁵³ Com Martins, coeditou a revista eletrônica *Agulha*, de 1999 a 2009. Escreveu ensaio sobre a Geração beat (L&PM, 2009) e presidiu por vários mandatos a União Brasileira de Escritores. A sua prática tradutória sempre esteve ligada à sua produção poética. **No início da década de 1970, traduziu *Os cantos de Maldoror*, de Lautréamont (Vertente, 1970), cuja obra completa viria a lançar em 1998 pela Iluminuras. Na década de 1980, traduziu *Uivo*, do poeta beat Allen Ginsberg.**

A paraense **Olga Savary** (1933) é geralmente lembrada por ter sido a primeira poeta brasileira a publicar um livro de poemas eróticos. Além de poeta e tradutora premiada, é contista, romancista, ensaísta e jornalista. A partir de 1971, publicou 12 livros de poemas, além de livros de contos e de jornalismo literário. Exercitou a forma do haicai e recebeu inúmeros prêmios literários por sua poesia — entre eles, o Jabuti de autor revelação em 1971, o Prêmio de Poesia concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte pelo livro *Sumidouro* (1977) e o Prêmio Artur de Sales de Poesia, concedido pela Academia de Letras da Bahia pelo livro *Berço Esplêndido* (1987). Traduziu quatorze obras poéticas entre 1960 e 2009, a maioria do espanhol, além de ensaios, novelas e dramas. Faz parte do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica, sendo que é uma das principais tradutoras de Pablo Neruda no Brasil. Traduziu sete obras poéticas do poeta chileno nesse período. Em 1996, recebeu da União Brasileira de Escritores o Prêmio de Tradução por *Vislumbres da Índia*, de Octavio Paz. Sua tradução de *Conversa na Catedral*, de Vargas Llosa, foi premiada pela Academia Brasileira de Letras com o Prêmio Odorico Mendes de Tradução. Recebeu também o Prêmio Jabuti de Tradução da Câmara Brasileira do Livro por *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel. Olga Savary é membro Titular da Comissão da Liberdade de Imprensa e Direitos Humanos da Associação Brasileira de Imprensa e foi presidente do Sindicato de Escritores do Estado do Rio de Janeiro. **No levantamento de tradução de poesia 1960-2009, aparecem quatorze traduções suas, fato que a situa entre os poetas-tradutores mais produtivos do período estudado. De Pablo Neruda, traduziu: *Ainda* (José Olympio, 1971); *Livro das perguntas* (L&PM, 1980); *Incitação ao nixonicídio e louvor da revolução chilena* (Francisco Alves, 1980); *A rosa separada* (L&PM, 1981); *Elegia* (L&PM, 1981); *O coração amarelo* (L&PM,**

⁵³ <http://www.jornaldepoesia.jor.br/fmartins3.html>

1982); Barcarola (L&PM, 1983). Traduziu ainda a antologia *Haicais de Bashô* (Hucitec, 1989) e *Sendas de Oku*, de Bashô (Roswitha Kempf, 1983); a antologia *O livro dos haicais* (com haicais de Bashô, Issa e Shiki), *Poemas do Rio*, de Nahuel Santana (Estrada, 1977), *Mosaicos*, de Edison Simons (Rio Arte Record 1986), *23 poemas de Octavio Paz* (Roswitha Kempf, 1983) e a antologia *Poetas Holandeses* (Rotterdam: Poetry International).

Fernando Mendes Vianna, Anderson Braga Horta e José Jeronymo Rivera comungam de biografias similares: são poetas, pertencem à mesma geração e migraram para Brasília, onde construíram uma relação de amizade e de parceria em diversas traduções poéticas. O carioca **Fernando Mendes Vianna** (1933-2006) estreou na poesia em 1958. Publicou nove livros de poemas entre 1958 e 2004. Entre outras premiações, ganhou por duas vezes o prêmio literário do Instituto Nacional do Livro, em 1972, na categoria “inéditos” e, em 1986, na categoria “obra publicada”. Foi membro da Associação Nacional de Escritores, da Academia Brasiliense de Letras, para onde se mudou em 1961 para trabalhar no Senado Federal. Também foi membro da Academia de Letras do Brasil e presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. Segundo conta o amigo Anderson Braga Horta⁵⁴, em 1968, em plena ditadura, foi dos primeiros signatários de manifesto dos intelectuais do Distrito Federal em “repúdio aos atos de brutalidade praticados contra a mocidade estudantil”, motivado por uma invasão do *campus* da Universidade de Brasília. Em 1970, liderou movimento de adesão ao protesto iniciado por Alceu Amoroso Lima contra o estabelecimento da censura prévia a livros e periódicos. A ligação com a língua castelhana vem da infância, pois, filho de diplomata que era, passou a sua infância na Argentina e no Chile. Entre 1944 e 1947, viveu na Europa e passava férias com o pai em Madri. **Em parceria com Anderson Braga Horta e José Jerônimo Rivera**, traduziu *Poetas do Século de Ouro Espanhol* (Embajada de España, Consejería de Educación e Ciencia /Thesaurus, 2000), *Antologia poética Iberoamericana* (Asociación de Agregados Culturales Iberoamericanos, 2006), *Victor Hugo: dois séculos de poesia* (Thesaurus, 2002), *O sátiro e outros poemas*, também de Victor Hugo (Galo Branco, 2002). Traduziu ainda *Poemas do Antigo Egito* (Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1965), além de *Sonetos de amor*

⁵⁴http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/brasil/anderso_braga_horta_pf.html

e de morte, de Quevedo (Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil, 1999).

José Jeronymo Rivera (1933) é carioca. Sua obra poética própria resume-se ao livro *Aprendizado de poesia*, lançado nos anos 1950, além de participação em três antologias de poesia brasileira. **Recebeu os prêmios Joaquim Norberto de Tradução – 2001, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ), por *Poetas do Século de Ouro Espanhol*, e o prêmio Cecília Meireles de Tradução – 2002, também da UBE-RJ, por *Rimas*, de Gustavo Adolfo Bécquer (Embajada de España, Consejería de Educación e Ciencia/Thesaurus, 2001). Traduziu ainda *Gaspard de La Nuit: fantasias à maneira de Rembrandt e de Callot*, de Aloysius Bertrand (FAC/Thesaurus, 2003), *Cidades tentaculares*, de Émile Verhaeren (Thesaurus, 1999), e com José A. Seabra e Anderson Braga Horta, *Antologia Pessoal*, de Rodolfo Alonso (Thesaurus, 2003). Traduziu ainda a antologia *Poesia Francesa: Pequena Antologia Bilingue* (Thesaurus, 1998).**

Anderson Braga Horta (1934) é mineiro. Atuou como jornalista e, além de poeta com 11 livros publicados, é contista e ensaísta. Foi cofundador da Associação Nacional de Escritores, do Clube de Poesia de Brasília e de seu sucessor, o Clube de Poesia e Crítica, do qual foi presidente; foi, também, cofundador do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. É membro da Academia Brasiliense de Letras e também da Academia de Letras do Brasil. Ganhou dezenas de prêmios, entre eles o Jabuti em 2001. Foi Diretor Legislativo da Câmara dos Deputados. Prefere traduzir poesia. Traduz do espanhol e do francês e, eventualmente, do italiano e do inglês. Para ele: “traduzir é a melhor maneira de se enfrontar na intimidade do poema, o caminho melhor para chegar a sua plena fruição. Além disso, traduzir boa poesia é quase tão deleitoso como *fazer* poesia, com a vantagem de não se ter de esperar pela inspiração”. **Além das supracitadas traduções em colaboração, o livro *Traduzir Poesia* (Thesaurus, 2004)⁵⁵, traz uma antologia de suas traduções – dos poetas do Século de Ouro até Huidobro, Rilke e Blake, entre outros – e reflexões sobre a prática da tradução de poesia. Traduziu ainda *Antologia Poética Brasil/Colômbia* (Thesaurus, 2003).**

⁵⁵ Este livro está disponível para download no sítio
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/Traduzir%20Poesia.zip>

Leonardo Fróes (1941) é poeta, tradutor profissional, jornalista e crítico literário. Foi redator do *Jornal do Brasil*, de *O Globo* e da enciclopédia Britannica. Viveu em Nova York e na Europa. Na poesia, estreou com *Língua franca* (1968). Publicou ainda *A vida em comum* (1969); *Esqueci de avisar que estou vivo* (1973); *Anjo tigrado*, 1975; *Sibilitz*, 1981; *Assim*, 1986; *Argumentos invisíveis*, 1995, vencedor do Prêmio Jabuti de Poesia, em 1996; *Um mosaico chamado a paz do fogo*, 1997; *Quatorze quadros redondos*, 1998. *Vertigens* (1998) reúne sua obra poética. Entre suas traduções literárias, em prosa, destacam-se *Contos completos*, de Virginia Woolf (Cosacnaify, 2005); *Esquetes de Nova Orleans*, de William Faulkner (José Olympio, 2002); *Panfletos satíricos*, de Jonathan Swift (Topbooks, 1999); *Middlemarch*, de George Eliot (Record, 1998). Por essa última tradução, ganhou o Prêmio Paulo Rónai de Tradução em 1998. Traduz do inglês. **Em Chinês com Sono Seguido de Clones do Inglês** (Rocco, 2005) une poemas autorais seguidos de traduções: os “clones”. No âmbito da tradução de poesia, também publicou *Trilogia da paixão* (Rocco, 1999), de Goethe; *O triunfo da vida*, de Shelley (Rocco, 2000); *Poemas*, de D.H. Lawrence (Alhambra, 1985). Em parceria com o jornalista Eduardo Bueno, traduziu *Um Parque de Diversões da Cabeça*, de Lawrence Ferlinguetti (L&PM, 1984).

Carlos Felipe Moisés (1942) fez sua estreia como poeta em 1960, com apenas 18 anos. Paulistano, estudou Letras na USP e, na época, começou a colaborar com o suplemento literário do jornal *O Estado de São Paulo*. Foi professor de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto (1966-68), na PUC de São Paulo (1967-1970), na Universidade Federal da Paraíba (1977) e na USP (1972-1992). Passou várias temporadas no Exterior – em Portugal e na França, como bolsista da Fundação Gulbenkian, e nos EUA, como poeta residente em Iowa City (1974-75), e como professor visitante na Universidade da Califórnia, em Berkeley (1978-1982), e na Universidade do Novo México (1986). Tem nove livros de poesia publicados, onze de teoria literária, além de livros infanto-juvenis. Participou de 13 antologias de poetas contemporâneos publicadas no Brasil, em Portugal, na França e nos Estados Unidos. Dois de seus livros, *Poemas reunidos* (Cultrix, 1974) e *Subsolo* (Massao Ohno Editor, 1989) receberam o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte. Sua obra inclui poesia, ficção, ensaio, tradução, literatura infanto-juvenil e edições comentadas de poetas modernos e contemporâneos. Fora do âmbito da tradução de poesia, destaca-se a sua tradução de *Que é a literatura?* [*Qu'est-ce que la littérature?*], de Jean-

Paul Sartre (*Ática*, 1989) e de *Tudo o que é sólido desmancha no ar* [*All that's solid melts into air*], de Marshall Berman (Companhia das Letras, 1986). **Suas traduções poéticas estão reunidas em *Alta Traição* (Unimarco, 2005), tendo também traduzido poemas de Auden (Espectro, 2009).**

O mineiro **Afonso Henriques (de Guimaraens) Neto** (1944) é filho e neto dos também poetas Alphonsus de Guimaraens Filho e Alphonsus de Guimaraens. Formou-se em Direito pela UnB em 1966 e retornou ao Rio de Janeiro em 1972. Participou do movimento da poesia marginal, conhecida também como “geração mimeógrafo”. Estreou em 1972 com *O misterioso ladrão de Tenerife*. Desde então, é considerado um ícone da poesia marginal. Lançou vários livros de poemas, sendo que os mais recentes são *Cidade vertigem* (Azougue Editorial, Rio de Janeiro, 2005) e *Uma cerveja no dilúvio* (2011). Participou da antologia *26 poetas hoje* (1976), organizada por Heloísa Buarque de Hollanda e *41 poetas do Rio*, organizada por Moacyr Félix (Funarte, 1998). É professor do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). **Organizou e traduziu a antologia *Fogo Alto: Catulo, Villon, Blake, Rimbaud, Huidobro, Lorca, Ginsberg* (Beco do Azougue, 2009).**

Glauco Mattoso (1951), pseudônimo de **Pedro José Ferreira da Silva**, é paulistano. Seu nome artístico brinca com a doença que o levou a perder a visão (o glaucoma). Faz ficção erótica e poesia obscena. Começou a publicar poemas em coletâneas em 1975. Fez parte do grupo de poetas marginais dos anos 1970. Na década de 1980, criou o fanzine anarco-poético “Jornal Dobrabil”. Ao perder a visão em meados da década de 1990, deixou de lado os quadrinhos para dedicar-se ao soneto clássico, mas de temática irreverente e erótica. Também é letrista. **Traduziu o cubano Severo Sarduy na antologia de poesia neobarroca da América Latina *Jardim dos camaleões* (Iluminuras, 2004). Por sua tradução de *Fervor de Buenos Aires*, incluída em *Obras completas* (Globo, 1998), feita em conjunto com Jorge Schwartz, ganhou o prêmio Jabuti de 1999.**

Paulo Colina (1950-1999)⁵⁶, pseudônimo de Paulo Eduardo de Oliveira, foi poeta, tradutor, ficcionista, dramaturgo, ator, cantor e compositor. Nasceu em Colina, no interior do Estado de São Paulo.

⁵⁶ Informações obtidas em BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988 e no site www.letras.ufmg.br/literafo, acessado em 13/8/2011.

Importante militante da causa negra na década de 1970, publicou na imprensa alternativa da época e fez parte do grupo que começou a editar os *Cadernos Negros*. Em 1982, organizou o volume *AXÉ: Antologia Contemporânea de Poesia Negra Brasileira* (Editora Global), pelo qual recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes, na categoria melhor livro de poesia do ano. Publicou ainda *Plano de voo* (Roswitha Kempf Editores, 1984) e outros dois livros de poemas. Dedicou-se também à música e ao teatro infantil. Tenho notícia de que traduziu poemas do poeta nigeriano Wole Soyinka (prêmio Nobel de Literatura em 1986) e do sul-africano Dennis Brutus, mas não foi possível localizar as referências dessas publicações. **Foi responsável ainda, em parceria com Masuo Yamaki, pela tradução de dois livros de tankas: do poeta japonês Takuboku Ishikawa, *Tanka* (Roswitha Kempf, 1986) e *Comemoração da Salada: Tankas*, de Machi Tawara (Estação Liberdade, 1992).**

Ana Cristina César (1952-1983) era carioca. Além de poeta, escreveu ensaios, crítica, e fez traduções. Seus poemas estão reunidos em *Luvas de Pelica* (1980) e em *A Teus Pés* (1982). Postumamente, além de *Inéditos e Dispersos*, os estudos e reflexões da autora sobre poesia e prosa moderna traduzidas foram reunidos em *Escritos da Inglaterra* (Brasiliense, 1988). Sua obra é cada vez mais reconhecida e estudada. **Consta no levantamento de tradução de poesia com três poemas de Sylvia Plath na antologia *Nova poesia norte-americana Quingumbo* (Escrita, 1980) e poemas de Emily Dickinson, Zbigniew Herbert, Anka Kowalska, Czeslaw Milosz, Ryszard Krynicki e Adam Zagajewski na antologia *Folhetim, poemas traduzidos* (Folha de São Paulo, 1987).**

O paulistano **Luiz Roberto Guedes** (1955) é poeta, publicitário, escritor, tradutor e letrista de música popular. Fez parte da geração da Poesia Marginal. Além dos poemas em livretos artesanais publicados entre os anos 1970 e 1980, lançou a plaquete de poemas *Calendário lunático - Erotografia de Ana K.* (Ciência do Acidente, 2000). Na área da literatura infantil, publicou *Perdidos no trem fantasma* (Editora Abril Jovem, 1995), *Planeta Bicho* (FTD, 1996, dois volumes) e *Lobo, Lobão, Lobisomem* (Saraiva, 1997), *Algém para amar no fim de semana* (contos, Annablume, 2010). Guedes tem publicado poemas em diversos jornais e revistas literárias, como *A Cigarra* (SP), *Dimensão* (MG), *Babel* (SP) e *Poiésis* (RJ). Com o pseudônimo de Paulo Flexa, escreveu letras de MPB. Organizou e publicou a antologia poética *Paixão por São Paulo* (Terceiro Nome, 2004). **Como tradutor, colaborou com Claudio Daniel em *Geometria da água & outros poemas* (Memorial**

da América Latina, 2000), *Rupestres* (Tigre do Espelho, 2001) e *Madame Chu e Outros Poemas* (Travessa dos Editores, 2003), todas coletâneas de versos do cubano José Kozer.

O gaúcho **Carlos Nejar** (1939) é poeta, ficcionista, tradutor e crítico literário. É membro da Academia Brasileira de Letras. Bacharel em Direito pela PUCRS, foi professor da rede pública estadual (RS) e Promotor da Justiça Estadual e Procurador da Justiça em Porto Alegre. O seu primeiro livro de poesias, *Sélesis*, foi publicado em 1960. Trabalhou no jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, como colaborador da página literária “Nossa Geração”. Recentemente, publicou a sua *História da literatura brasileira* (Leya, 2011). Foi o primeiro tradutor de Jorge Luis Borges (contos) no Brasil, para a editora Globo de Porto Alegre, no início dos anos 1970. **Traduziu entre 1977 e 1980 três obras de Pablo Neruda. Cem sonetos de amor (L&PM, 1979); As uvas e o vento (L&PM, 1980) e Memorial de Ilha Negra (Salamandra, 1977). Traduziu ainda Elogio da sombra: poemas, de Jorge Luis Borges (Globo, 1985).**

O poeta e crítico literário **Mauro Gama** (1938) nasceu no Rio de Janeiro. Estudou letras clássicas e ciências sociais na UERJ. Foi redator de enciclopédias como a *Barsa* e a *Mirador internacional*, quando atuou como assessor editorial de Otto Maria Carpeaux e Antônio Houaiss. Trabalhou também na primeira fase do *Dicionário Houaiss*. Estreou na poesia com *Corpo verbal* (1964). Publicou ainda *Anticorpo* (1969) e *Expresso na noite* (1982), poemas; *José Maurício, o padre-compositor* (1983), ensaio; *Zoozona* e *Marcas na Noite* (2008). Colaborou com a revista *Práxis*, de Mário Chamie, embora o seu projeto poético não estivesse vinculado ao da poesia-práxis. Suas principais ocupações são a lexicografia e a tradução. **Traduziu, acompanhado de estudo crítico, Michelangelo – cinquenta poemas (Ateliê, 2007), pelo qual ganhou o Prêmio Paulo Rónai da Fundação Biblioteca Nacional.**

O poeta, diplomata e escritor **Geraldo Holanda Cavalcanti** (1929) é pernambucano. Graduado em Direito, exerceu a diplomacia por mais de quarenta anos, vivendo em grandes cidades estrangeiras, como Genebra, Washington, Moscou e Bonn. Estreou na poesia em 1964, com o livro *O Mandiococal de verdes mãos*. Em 1998, publicou *Poesia reunida*, obra vencedora do prêmio Fernando Pessoa, da União Brasileira de Escritores. Em 2007, lançou *Encontro em Ouro Preto* (Record), livro de ficção. Publicou ainda o livro de memórias *As desventuras da graça*. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 2010. Publicou *Memórias de um tradutor de poesia* (Escritório do

Livro, NUT/UFSC, 2006), um depoimento sobre as suas concepções sobre a tradução de poesia. **Traduziu *Diário Póstumo*, de Eugenio Montale (Record, 1997); *Poesias*, de Salvatore Quasimodo (Record, 1999); *Poesias*, do colombiano Álvaro Mutis (Record, 2000); *A alegria*, de Giuseppe Ungaretti (Record, 2003); *Antologia poética*, do mexicano Carlos Pellicer (En Sol, 2005) e *O cântico dos cânticos* (Edusp, 2005).**

O poeta **Luiz Antônio de Figueiredo** é paulista. Estudou letras e doutorou-se na PUC-SP com a tese *Poesia concreta: sob o signo da sintaxe radical*. É professor aposentado na faculdade de Letras da Unesp de Assis. Publicou *Dublagem* (Expressão, 1986) e *Poemas do tempo* (Editora Arte & Cultura, 1995). **Traduziu *Antologia poética de Frei Luis de León* (Arte e Ciência, 1997), em dois volumes, e *Poemas*, de Catulo (Expressão/Timbre: 1986). Publicou também traduções de poemas Jorge Luis Borges e Leopoldo Lugones na antologia *Folhetim, poemas traduzidos* (Folha de São Paulo, 1987).**

O mineiro **Silviano Santiago** (1936) é mais conhecido por suas facetas de professor da UFF, ensaísta, crítico, contista e romancista. Mas, durante os anos 1960 e 1970, publicou também livros de poemas, um em cada década. Em 1985, lançou *Stella Manhattan*, seu romance mais conhecido. Em 1995, voltou à poesia com *Cheiro forte*. Venceu três vezes o Prêmio Jabuti, com *Em liberdade* (romance, Rocco, 1982), *Uma história de família* (romance, Rocco, 1993) *Keith Jarret no Blue Note* (contos, Rocco, 1997). Pelo romance *Heranças* (Rocco, 2008), ganhou o Prêmio da ABL de Ficção de 2009. **Consta no levantamento de poesia traduzida com *Poemas*, do francês Jacques Prévert (Nova Fronteira, 1985).**

Roswitha Hellbrugge (1927-1989), conhecida como Roswitha Kempf, natural da Alemanha, trabalhou com o editor paulista Massao Ohno até 1979, quando fundou a sua própria editora, especializada em poesia, a Roswitha Kempf Editores. Estreou como poeta aos 51 anos com o livro *Reflexos reflexões* (Massao Ohno, 1979). Publicou ainda *Soledade degraus* (Roswitha Kempf, 1983). **Consta do levantamento de poesia traduzida com *A poesia alemã - breve antologia* (Massao Ohno, 1981) e com traduções na antologia *Folhetim, poemas traduzidos* (Editora da Folha, 1987).**

3.2.4 Poetas-tradutores contemporâneos

Em meados da década de 1990, Ítalo Moriconi, ao tratar do lugar conquistado pela tradução entre os poetas brasileiros, sentenciou:

Hoje, o ato de batismo do poeta brasileiro não é mais a publicação dos seus primeiros poemas em suplementos literários – estes deixaram de existir ou foram substituídos por suplementos ‘culturais’. A certidão do poeta passou a ser dada pela publicação de tradução de poema estrangeiro (MORICONI, 1996, p. 304).

Dezesseis anos depois, parece ainda mais acertada a observação do crítico, dado o elevado número de poetas contemporâneos que publicou pelo menos uma tradução de poesia desde então. Numa comparação entre as cinco décadas estudadas, temos que nos anos de 1960 e 1970, há uma média de vinte poetas-tradutores publicando poesia traduzida. Nas três décadas seguintes, esse número sobe para trinta e quatro nos anos 1980, cinquenta nos anos 1990 e alcança cinquenta e sete na década de 2000.

Em muitos casos, eles desempenham simultaneamente o papel de poeta, tradutor e crítico e, por isso, assumem o protagonismo entre os seus pares justamente por darem conta de tantas atividades. Na sua maioria, aqui estão qualificados como “contemporâneos” os poetas-tradutores nascidos a partir dos anos 1950, exceto alguns que tiveram estreia tardia na poesia.

Em gerações anteriores, o mais comum era os poetas ganharem a vida como funcionários de repartições públicas. Hoje, um grande número dos poetas-tradutores trabalha como professor universitário e pesquisador. Muitos deles se movem em variados campos da cultura, como o cinema, a música popular ou experimental e outras artes. Entre eles podemos encontrar, segundo nota Cláudio Daniel (2008, p. 97), poetas que mesclam referências cultas às linguagens da comunicação de massa, fazem experimentação com o som, a imagem e a expressão corporal. São músicos, dramaturgos, fotógrafos etc.

Aqui, os apresento em ordem alfabética.

Adalberto Müller (1966) nasceu em Ponta Porã (MS). É professor de Teoria da Literatura e de Literatura e Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde desenvolve projetos sobre Literatura e Cinema. Publicou os livros de poemas *Ex Officio* (Paris, 1995) e *Enquanto velo teu sono* (7Letras, 2003). Organizou o livro de ensaios *Benedito Nunes, João Cabral: a máquina do poema* (Ed. da UnB, 2007). É membro do Conselho Deliberativo da SOCINE (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual). Escreveu e

dirigiu, com Ricardo Carvalho, o curta-metragem (35mm, 15') *Wenceslau e a árvore do gramofone*, sobre a poesia de Manoel de Barros. Traduziu, de Francis Ponge, *O partido das coisas* (Iluminuras, 2000) e *A mimosa* (UnB, 2003). Traduziu ainda, de Cummings, *O tigre de veludo* (UnB, 2007).

O poeta e músico Alberto Marsicano (1962) formou-se em filosofia na USP e em Música Clássica pela Benares Hindu University (Índia). Em 1980, em Bombaim, elaborou traduções de textos do sânscrito para o espanhol. Foi discípulo do indiano Ravi Shankar nos anos 1970 e introduziu a sitar no Brasil. A convite do maestro Antonio Carlos Jobim, primeiro reitor da ULM (Universidade Livre de Música) regeu a cadeira de música clássica indiana nessa instituição. Recebeu o Independence Day Award do governo indiano por seu trabalho. Faz poesia experimental. Lançou vários CDs, entre eles *Isto não é um livro de viagem* com o poeta Haroldo de Campos. Seu último CD (Sonic Wave) foi indicado ao 49th. Grammy (USA). Lê grego, latim, sânscrito, japonês, coreano, híndi e bengali. Aparece no levantamento de poesia traduzida com John Keats: *Nas invisíveis asas da poesia* (Iluminuras, 1998); *O olho imóvel pela força da harmonia*, de Wordsworth (Ateliê, 2007), ambos em parceria com John Milton; *O casamento do céu e do inferno e outros escritos de William Blake* (L&PM, 1984), *Trilha Estreita ao Confim*, de Bashô (Iluminuras, 1997), em parceria com Kimi Takenaka, e *Sijô Poesicante Coreana Clássica* (Iluminuras, 1984), em parceria com Yun Jung Im. Publicou ainda *Haikai – Antologia da poesia clássica japonesa, em colaboração com Beatriz Shizuko Takenaga e Kensuke Tamai* (Editora Oriente/Japan Foundation, 1989).

Também professor universitário é Alberto Pucheu (1966), que leciona Teoria Literária na UFRJ. Carioca, começou a publicar poesia em 1993, com *Na cidade aberta* (Ed. UERJ, 1993). Lançou outras seis obras poéticas até 2007. Organizou um livro sobre poetas-filósofos em atuação no Brasil: *Poesia(e)Filosofia; por poetas-filósofos em atuação no Brasil* (Sette Letras, 1998) e escreveu *Guia conciso de autores brasileiros* (Fundação Biblioteca Nacional, 2002) No âmbito da tradução de poesia, verteu ao português *O Coração de Deus: poemas místicos de Rabindranath Tagore* (Ediouro, 2004).

Alexei Bueno (1963) é poeta, editor e diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) do Rio de Janeiro. Estreou em 1984 com o livro *As escadas da torre*. É conhecido por sua dicção “solene” e “hermética” e pelo uso das formas fixas (PINTO, 2006, p. 94). Organizou, para a editora Nova Aguilar, as obras completas de

Augusto dos Anjos, de Mário de Sá-Carneiro, a atualização da obra completa de Cruz e Sousa, a *Obra reunida* de Olavo Bilac, a poesia completa de Jorge de Lima e a obra completa de Almada Negreiros, a poesia e prosa completas de Gonçalves Dias e uma nova edição da *Poesia completa e prosa de Vinicius de Moraes*. Publicou, pela Nova Fronteira, uma edição comentada de *Os Lusíadas* e de *Grandes poemas do Romantismo brasileiro*. **Consta do levantamento de poesia traduzida com *As quimeras*, de Nerval (Topbooks, 1996), e é um dos tradutores da antologia *Poesia e prosa*, de Leopardi (Nova Aguilar, 1996).**

Alípio Correia de Franca Neto (1966) nasceu em São Paulo (SP). É poeta, escritor e tradutor. No campo da literatura infantil, traduziu diversos livros para a Cosac Naify. Traduziu também *A verdade da poesia* (Cosac Naify, 2007), de Michael Hamburger. Fez traduções de poemas de Phillip Larkin para revistas literárias. Traduziu *Exilados* (Iluminuras, 2003), única peça de James Joyce. **No terreno poético, traduziu *Música de câmara* (Iluminuras, 1998) e *Pomas, um tostão cada* (Iluminuras, Prêmio Jabuti 2002), ambos de James Joyce, e *A balada do velho marinheiro* (Ateliê Editorial), de S. T. Coleridge, obra vencedora do Prêmio Jabuti de 2006.**

Álvaro Faleiros (1972) nasceu em Viña-del-Mar (Chile), filho de brasileiros exilados. Durante o exílio, viveu também na Holanda e no Canadá. É doutor em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da mesma universidade, além de poeta, tradutor e crítico de arte. Publicou os livros de poemas *Coágulos* (Iluminuras, 1995), *Amapeando* (Nankin, 1997), *TranSES* (publicado na França em 2000), o *Retirante que virou Presidente* (Cordel, 2002), *Auto do Boi d'Água* (Cordel, 2003), *Meio mundo* (Ateliê Editorial, 2007) e *Do centro dos edifícios* (2011). É também percussionista e letrista: em 2003, lançou o CD *Água Minha*. Fez a versão francesas de poemas de Hilda Hilst, *De la mort. Odes minimes* (Nankin Editorial, Éditions du Noroit). **Como tradutor, publicou *Latitudes: nove poetas do Québec* (Noroît/Nankin, 2003), *O Bestiário* (Iluminuras, 1997) e *Caligramas* (Ateliê, 2007), ambos de Guillaume Apollinaire. Traduziu a epopeia nacional da Finlândia *Kalevala*, em parceria com o antropólogo José Bizerril. Com Donatela Natili, traduziu tankas da poetisa japonesa Yosano Akiko (Editora da UnB, 2007).**

Andityas Soares de Moura (1979), mineiro de Barbacena, é poeta, tradutor, ensaísta e professor universitário na área do Direito na UFMG. É de 1997 o seu primeiro livro de poemas, *Ofuscações*. Tem

traduções inéditas do catalão Joan Brossa, do galego Manuel Antonio e de poemas eróticos do renascimento francês. Organizou uma edição da Lírica de Luís de Camões (Belo Horizonte, Crisálida, 2004). **Traduziu e anotou os poemas da escritora galega Rosalía de Castro reunidos em *A rosa dos claustros* (Crisálida, 2004). Traduziu *Composições* (Crisálida, 2007) e *Isso* (UnB, 2004), do poeta argentino Juan Gelman.**

Aníbal Cristobo (1971) é argentino. Entre 1996 e 2001, morou no Rio de Janeiro, onde publicou *Teste da iguana*, *Jet-lag* e *Krill*. Atualmente vive em Barcelona. Integra o conselho editorial das revistas *Tse-Tsé* (Argentina) e *Inimigo Rumor* (Brasil). Os três livros foram escritos tanto em português quanto em espanhol. **Traduziu, com Carlito Azevedo, *Sete pragas depois*, do peruano Antonio Cisneros (Cosac Naify, 2003).**

Antônio de Campos (1946) é do sertão de Pernambuco. Formado em Direito, é funcionário público, poeta e crítico literário. Estreou com *Mais forte que o mal* (1979). Publicou ainda *Crítica da razão vivida* (1982), *20 Tiranas de amor mais 10 canções de amor às avessas* (1985), *Palavra de ordem* (1988), *20 poemas de amor e uma canção sem desespero* (1996), *Feito no coração* (1985) e *O livro dos bichos* (poesia infanto-juvenil, vencedor Prêmio Funcultura de Pernambuco em 2009). **Traduziu e prefaciou as *Canções da experiência e da inocência*, de William Blake (Bagaço, 1987).**

Antonio Medina Rodrigues (1941) é professor aposentado de língua e literatura grega na USP, tradutor, poeta e ensaísta. Seus artigos publicados na imprensa de São Paulo foram reunidos em *Papo Cabeça* (Ateliê Editorial). Escreveu muitos livros didáticos. Lançou o livro de poemas *Ideias* (Experimento, 1994). Traduziu comédias gregas de Aristófanes. **No levantamento de poesia traduzida, constam as suas traduções de *Canto do destino e outros cantos*, de Hölderlin (Iluminuras, 1994), e de *O cântico dos cânticos* (Hedra, 2008).**

Antônio José de Lima Leitão (1787-1887) foi um médico, político e militar português, além de tradutor de clássicos da literatura europeia. **Aparece na bibliografia de tradução de poesia publicada no Brasil porque a sua tradução de *Paraíso Perdido*, de John Milton, foi publicada no país pela Edigraf em 1968.**

Antônio Moura (1964) nasceu em Belém (PA). É roteirista de cinema e vídeo, letrista e publicitário. Publicou em 1996 o livro de poemas *Dez*, selecionado pela Universidade de Madri para integrar uma antologia internacional de poesia e crítica. Publicou ainda *Hong Kong & outros poemas* (Ateliê Editorial, 1999), *Rio Silêncio* (Lumme, 2004) e

participou da antologia de poesia brasileira *Poesia de Invenção no Brasil* (Landi, 2002). Seu livro *Rio Silêncio*, em tradução para o inglês de Stefan Tobler, recebeu o Prêmio John Dryden, da John Dryden Translation Competition, de Londres, Inglaterra. **Traduziu *Quase-Sonhos e Traduzido da noite*, ambos com poemas do poeta africano Jean-Joseph Rabearivelo e *Contra o segredo profissional*, de Cesar Vallejo (Lumme, 2006).**

Antônio Risério (1953) é antropólogo e poeta, pesquisador da etnopoesia. Foi responsável pelo projeto para a implantação do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e também faz roteiros para cinema e televisão. Suas principais obras poéticas são *Fetich* (Fundação Casa de Jorge Amado, 1996) e *Brasibraseiro* (Landy, 2004). **Traduziu a antologia de poesia iorubá *Oriki Orixá* (Perspectiva, 1996) e “Fragmentos de Altazor”, de Vicente Huidobro, na antologia *Folhetim, poemas traduzidos* (Folha de São Paulo, 1987).**

Augusto Contador Borges (1954) nasceu em São Paulo. Publicou os livros de poesia *Angelolatria* (Iluminuras, 1997), *O Reino da Pele* (Iluminuras, 2003) e *A Morte dos Olhos* (Iluminuras, 2007). Estreou com dramaturgo em 2007 com a peça *Wittgenstein!* Traduziu do Marquês de Sade *Ciranda dos Libertinos* (Max Limonad, 1988), *A Filosofia na Alcova* e *Diálogos entre um padre e um moribundo*, da coleção Pérolas Furiosas, da editora Iluminuras, além de *Aurélia*, de Gerard de Nerval (Iluminuras, 1991). **No âmbito poético, traduziu *O nu perdido e outros poemas* (Iluminuras, 1995), do poeta francês René Char.**

Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior (1937-2007), conhecido como **Bento Prado**, ou **Prado Jr.** foi professor de Filosofia na USP e na Universidade de São Carlos. Foi filósofo, escritor, poeta, crítico literário e tradutor. Suas obras mais importantes são na área da Filosofia. Em 1969, na ditadura militar, foi aposentado compulsoriamente e exilou-se na França. Retornou ao Brasil no final da década de 1970. Uma amostra da sua produção poética está em *Filosofemas – Antologia 2* (Massao Ohno Editor, 1987). **No âmbito da tradução de poesia, traduziu *Horácio: Odes e Épodos* (Martins Fontes, 2003).**

Carlito Azevedo (1961) é um influente poeta carioca da geração de 1990. É editor e crítico. Suas principais obras são: *Collapsus Linguae* (1991), vencedora do Prêmio Jabuti; *As banhistas* (1993); *Sob a noite física* (1996); *Versos de Circunstância* (2001) e *Monodrama* (2009). Desde 1997, edita a revista de poesia *Inimigo Rumor* que,

segundo Manuel da Costa Pinto, organizador da *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*, “vem publicando alguns dos nomes mais importantes da poesia brasileira contemporânea e estabelecendo uma ponte fundamental com poetas portugueses” (PINTO, 2006, p. 55). A revista prioriza a poesia brasileira, a tradução de poesia e os ensaios. **Traduziu *Ode a uma estrela*, de Neruda (Cosac Naify, 2009), *Dia de folga*, de Jacques Prévert (Cosac Naify, 2004) e *Sete pragas depois*, de Antonio Cisneros (Cosac Naify, 2003), em parceria com Aníbal Cristobo.**

Carlos Loria é baiano. Lançou *Territor* (Edições Audience of One, 1980); *Aborigem* (Código, 1988); *Monocromos* (Audience of one, 2004). Foi professor de italiano da Faculdade São Bento/ Salvador (BA). **Traduziu Cummings: 20 Poemas (Código, 1990) e, em parceria com Adalberto Müller, *O partido das coisas*, de Francis Ponge (Iluminuras, 1995).**

Claudia Roquette-Pinto (1963) é carioca. Formada em tradução literária pela PUC-RJ, dirigiu durante cinco anos o jornal cultural *Verve*. Tem cinco livros de poesia publicados: *Os dias gagos* (Edição da autora, 1991); *Saxífraga* (Editora Salamandra, 1993); *Zona de sombra* (Editora 7Letras, 1997); *Corola* (Ateliê Editorial, 2001 – Prêmio Jabuti de Poesia de 2002) e *Margem de manobra* (Editora Aeroplano, 2005). **Consta do levantamento de tradução de poesia com *Primeiras Palavras*, de Douglas Messerli (Ateliê, 1999), feita em conjunto com Régis Bonvicino.**

Cláudio Daniel (1962) é poeta, tradutor e ensaísta. Sua formação inicial é o jornalismo. Fez mestrado em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e mantém o blog literário *Cantar a Pele de Lontra*⁵⁷. Edita desde 2006 a *Zunái – Revista de Poesia e Debates*. Assumiu em 2010 como curador de Literatura e Poesia do Centro Cultural São Paulo (CCSP), ligado à prefeitura paulistana. Além de promover encontros e palestras sobre poesia, sob a sua direção, a curadoria lançou a coleção “Poesia Viva”, plaquetes de poesia brasileira contemporânea com tiragem de mil exemplares e distribuição gratuita, projeto que está divulgando autores da literatura recente, “de diversas gerações, tendências e estilos, novos ou consagrados”. A revista eletrônica *Zunái*, além do que o seu nome anuncia: poesia, debates e ensaios, costuma defender bandeiras político-ideológicas, como, por exemplo, a causa palestina. No âmbito poético, Cláudio Daniel publicou os livros *Sutra* (edição do autor, 1992), *Yumê* (Ciência do Acidente,

⁵⁷ <http://cantarapeledelontra.blogspot.com>

1999) e *A sombra do leopardo* (Azougue Editorial, 2001), esse último vencedor do prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira, promovido pela revista *CULT*. Claudio Daniel é identificado com os neobarrocos, grupo de poetas que tem traduzido vários hispano-americanos. Organizou os eventos literários internacionais Galáxia Barroca e Kantoluanda, em 2006, em São Paulo, entre outros. São seus parceiros nas traduções os poetas Luiz Roberto Guedes, Horácio Costa, Glauco Mattoso e Virna Teixeira. **No levantamento de tradução de poesia 1960-2009, aparece com as seguintes traduções: *Shakti*, de Reinaldo Jimenez (Lumme, 2006); *Sunyata & outros poemas*, de Víctor Sosa (Lumme, 2006); *Estação da fábula*, de Eduardo Milán (Fundação Memorial da América Latina, 2002); *Geometria da água e outros poemas* (Fundação Memorial da América Latina); *Rupestres* (Tigre do Espelho, 2001); *Madame Chu e outros poemas* (Travessa, 2003); *Íbis amarelo sobre fundo negro* (Travessa, 2006), todos de José Kozer; *Máquina final*, de Efraín Rodríguez Santana (Lumme, 2009) e, com Fabiano Calixto, *Prosa do que está na esfera* (Olavobrás, 2003), de León Félix Batista. Além disso, organizou e participou da tradução da antologia *Jardim dos cameleões - A poesia neobarroca na América Latina* (Iluminuras, 2004).**

Everardo Norões (1944) nasceu no Ceará. É economista, poeta e crítico literário. Viveu na França, na Argélia e em Moçambique; hoje mora no Recife. Sua obra poética inclui: *Poemas Argelinos* (Ed. Pirata, 1981); *Poemas* (Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000), *Nas entrelinhas do mundo*, em coautoria (En sol, 2002); *A rua do padre inglês* (2006) e *Retábulo de Jerônimo Bosch* (2009). Também é crítico teatral e dramaturgo. **Traduziu *El río hablador/ O rio que fala - Antologia da poesia peruana* (7Letras, 2007).**

Fabiano Calixto (1973) é poeta, tradutor e ensaísta. Publicou *Algum* (1998), *Fábrica* (Edições, 2000), *Um mundo só para cada par* (Alpharrabio Edições, 2001), este em parceria com Kleber Mantovani e Tarso de Melo, *Música possível* (2006) e *Sangüínea* (2007). Edita, com Angélica Freitas, Marília Garcia e Ricardo Domeneck, a revista *Modo de Usar & Cia*. **Traduziu com Cláudio Daniel *Prosa do que está na esfera*, com traduções do poeta dominicano León Félix Batista.**

Fábio Aristimunho Vargas (1977) é advogado, professor universitário na área do Direito, poeta e tradutor. Mestre em Direito Internacional pela USP e doutorando em Teoria Literária/Tradução pela UFPR. É organizador do *Tordesilhas – Festival Ibero-Americano de*

Poesia Contemporânea. É especialista em Estudos Bascos pela Universidad del País Vasco (2008). Foi tradutor-residente na Universitat Autònoma de Barcelona com bolsa do Institut Ramon Llull (2009). Publicou os livros de poemas *Medianeira* (Quinze & Trinta, 2005) e *Pré-datados* (Lumme, 2010). **Organizou e traduziu para a editora Hedra quatro antologias de poesia: basca, catalã, galega e espanhola, das origens à guerra civil.**

Fernando Koproski (1973) nasceu em Curitiba. É poeta e compositor. Publicou os livros de poemas: *Manual de ver nuvens* (1999), *O livro de sonhos* (1999), *Passagens - Antologia de Poetas Contemporâneos do Paraná* (2002), *Tudo que não sei sobre o amor* (2003), *Como tornar-se azul em Curitiba* (2000) e *Pétalas, pálpebras e pressas*, (2004). **Como tradutor, selecionou, organizou e traduziu *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser eu mesmo amém* (Sette Letras, 2005), antologia de poemas de Charles Bukowski.**

O poeta, artista plástico, editor, ensaísta e tradutor **Florianio Martins** (1957) é cearense. Foi editor do jornal *Resto do Mundo* (1988/89) e da revista *Xilo* (1999). Em 2001, criou o projeto *Banda Hispânica*, banco de dados virtual sobre poesia de língua espanhola, integrado ao *Jornal de Poesia* (www.jornaldepoesia.jor.br). É considerado um poeta surrealista. Escreve ensaios sobre música, artes plásticas e literatura para publicações estrangeiras da Europa e América Latina e brasileiras, como o *Rascunho* e *Poesia Sempre*. Organizou para as revistas mexicanas *Blanco Móvil* e *Alforja* duas edições especiais dedicadas à literatura brasileira: "Narradores y poetas de Brasil" (1998) e "La poesía brasileña bajo el espejo de la contemporaneidad" (2001), bem como as edições especiais "Poetas y narradores portugueses" (*Blanco Móvil*, México, 2003) e "Surrealismo" (*Atalaia Intermundos*, Lisboa, 2003). Participou dos seguintes volumes coletivos: *Camorra* (volume monográfico sobre Harold Alvarado Tenorio, Ediciones La Rosa Roja, Bogotá, 1990), *Focus on Ludwig Zeller, poet and artist* (Mosaic Press, Oakville-New York-London, 1991), *Adios al siglo XX* (Edição dedicada à poesia de Eugenio Montejó, Separata da revista *Palimpsesto*, Sevilla, 1992), *O olho reverso: 7 poemas e um falso haikai* (Thesaurus, 1993), *Tempo e antítese: a poesia de Pedro Henrique Saraiva Leão* (Editora Oficina, 1997) e *Surrealismo e Novo Mundo* (Ensaio sobre Surrealismo na América Latina, org. Robert Ponge, Editora da UFRGS, 1999). Dirigiu, juntamente com Claudio Willer, a *Agulha - Revista de Cultura*. **Traduziu *Expúrito multiversos*, de Rubén Mejía (Escrituras, 2007), poeta mexicano contemporâneo.**

Gilson Maurity (1926-2010) foi um renomado médico cardiologista, cirurgião de coração e tórax. Depois de longa carreira na medicina, dedicou-se à poesia e à tradução. Em 1999, publicou seu primeiro livro de poemas, ao qual se seguiram outras cinco obras. **Traduziu *Pequenos poemas em prosa*, de Baudelaire, para a Coleção Grandes Traduções da editora Record (2006), com prefácio de Ivo Barroso, e *Últimos poemas de amor*, de Paul Éluard (Ibis Libris, 2009).**

Guilherme Gontijo Flores (1984) nasceu em Brasília. É poeta e mestre em Estudos Literários, na área de Estudos Clássicos, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) e professor de Língua e Literatura Latina pela Universidade Federal do Paraná desde 2008. Participou da antologia *Jovens escritores capixabas - 2002* e da coletânea *Instantâneo: poesia e prosa: fermento literário* (2005). **Traduziu *As janelas, seguidas de poemas em prosa franceses*, de Rilke, em parceria com Bruno Silva D'Abruzzo (Crisálida, 2009).**

O paulistano **Horácio Costa** (1954) é arquiteto de formação. No entanto, enveredou-se pelo mundo das letras: fez mestrado na New York University e doutorado em Yale. Foi professor de literatura brasileira no México e leciona Literatura Portuguesa na USP. Ao lado do supracitado Cláudio Daniel, é um poeta identificado com a poética neobarroca. Publicou *28 Poemas/ 6 contos* (1981), *Satori* (1989), *O Livro dos Fracta* (1990), *The Very Short Stories* (1991), *O Menino e o Travesseiro* (1998), *Quadragésimo* (1999), entre outros. Organizou dois eventos internacionais de poesia: "A palavra poética na América Latina, avaliação de uma geração" (São Paulo, Memorial da América Latina, 90; publicada em livro) e "O veículo da poesia" (São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, 98). Outros livros: *José Saramago: o período formativo* e *Mar abierto: ensayos sobre literatura brasileña, portuguesa e hispanoamericana*, publicado no México. Tem poemas ou livros traduzidos para o espanhol, inglês, francês, romeno, macedônio e búlgaro. Atualmente é presidente da ABEH — Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. **Consta do levantamento de tradução de poesia 1960-2009 com *A pedra do sol*, de Octavio Paz (Annablume, 2009), *Morte sem fim e outros poemas*, de José Gorostiza (Editora da USP e Fondo de Cultura Económica, 2003), e *Poemas*, de Elizabeth Bishop (Companhia das Letras, 1990).**

Janice Caiafa (1958) é poeta, antropóloga e professora da Escola de Comunicação da UFRJ. É Doutora em Antropologia pela Universidade de Cornell (EUA), com Pós-Doutorado pela City

University of New York. Publicou *Aventura das cidades: ensaios e etnografias* (2007); *Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro* (2002); *Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes* (2000) e *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub* (1985). No âmbito poético, lançou *Neve rubra* (1996); *Noite de Ela no céu* (1997), *Fôlego* (1998); *Cinco Ventos* (2001) e *Ouro* (2005). Traduz do inglês e do francês. **Consta no levantamento de poesia traduzida com As rosas, de Rilke (7Letras, 2007).**

João José de Melo Franco (1956), paulista de Barretos, é poeta, tradutor, cineasta e editor da Ibis Libris. Tem formação em Cinema, Filosofia e Letras (grego e latim) e pós-graduação em Filosofia da Linguagem e Semiótica. Entre as suas publicações poéticas estão *O mar de Ulisses* (Ibis Libris, 2006) e *Diários de amor perdido* (Ibis Libris, 2008). **Traduziu *Carmina Burana*, poemas medievais dos séculos XI, XII e XIII (Ibis Libris, 2008) e *Pranto para Ignacio Sanchez Mejias*, de García Lorca (Ibis Libris, 2009). *Carmina Burana* foi escrito em alemão arcaico e traduzido a partir da versão latina e francesa.**

João Moura Jr. (1950) é poeta e tradutor. Nasceu no Rio de Janeiro e vive em São Paulo desde a década de 1980. Fez crítica de cinema na revista *IstoÉ* e foi editor dos suplementos culturais *Folhetim (Folha de S. Paulo)* e *Cultura (O Estado de S. Paulo)*. Estreou com o livro *Páginas Amarelas* (1988), publicado na coleção Claro Enigma, pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti de revelação. Traduziu *O Baphomet* (1986), de Pierre Klossowski. **Consta do levantamento de poesia traduzida no Brasil com *Poemas de W.H. Auden* (Companhia das Letras, 1986), traduzido em parceria com José Paulo Paes.**

José Augusto Seabra (1937-2004) foi um poeta, ensaísta, diplomata, político e professor português. Combateu o salazarismo e exilou-se na França, onde fez doutorado na Universidade de Paris III sob a orientação de Roland Barthes. Publicou treze livros de poemas, entre eles *A vida toda* (1961) e *Tangos mentais* (2002). Seu nome consta no levantamento de tradução de poesia pela tradução de ***Antologia pessoal*, de Rodolfo Alonso (Thesaurus, 2003) em parceria com os brasileiros José Jerônimo Rivera e Anderson Braga Horta.**

José Eduardo Degrazia (1951) é de Porto Alegre (RS). É médico, poeta e tradutor. Publicou dezenas de artigos e crônicas em jornais e revistas do Brasil e do Exterior. Tem publicados os livros de poemas *Lavra permanente*, *Cidade submersa*, *A porta do sol*, *Piano arcano*, e *A urna Guarani*. Escreveu os livros de contos *O atleta recordista*, *A orelha do bugre*, *A terra sem males* e *Os leões selvagens*

de *Tanganica*, e a novela *O reino de macambira*. **Consta do levantamento de tradução de poesia com cinco traduções de Pablo Neruda, todas publicadas pela L&PM: *Cantos cerimoniais* (1978); *Crepusculário* (2004); *Terceira residência* (2004); *Jardim de Inverno* (2005) e *Memorial de Isla Negra* (2007).**

José Lira (1946) é um poeta-tradutor com raízes na poesia oral nordestina. Funcionário público aposentado, sua obra poética foi publicada em folhetos no formato de cordel. Publicou *A vida e as ideias geniais e dicotômicas do pai da ciência da linguística Ferdinand de Saussure* (Ed. Autor, 1995/Coqueiro, 2009); *O teatro maravilhoso de Gil Vicente* (Ed. Autor, 1996/Coqueiro, 2009); *Auto da aprovação* (Coqueiro, 2008); *Recital da vida e obra do poeta Castro Alves* (Coqueiro, 2010); *Episódio milagroso do Padre Cícero Romão* (Ed. Autor, 1995). Hoje, dedica-se a compor um livro de haicais. Lira ingressou já maduro na graduação em Letras na UFPE, quando conheceu a obra de Emily Dickinson, tornando-se seu dedicado tradutor. **Consta do levantamento com duas traduções de Dickinson: *Alguns poemas* (Iluminuras, 2006), finalista do Prêmio Jabuti de 2007; *20 poemas de amor e uma canção de Emily Dickinson* (Editora José Lira, 2009); além de *Nuens de Iowa*, de Jack Kerouac (José Lira, 2009) e *O corvo*, de Edgar Allan Poe (José Lira, 2009).**

Josely Vianna Baptista (1957) é poeta, tradutora e editora. Nascida em Curitiba (PR), formou-se em Letras Hispânicas, com especialização em Semiótica. Fez um curso de Língua e Cultura Guarani em 1985, na Universidade Federal do Paraná. Traduziu, entre outros, Julio Cortázar, Carpentier, Cabrera Infante, Álvaro Mutis e Juan Goytisolo. **Consta no levantamento de tradução de poesia com as traduções da antologia de poesia neobarroca cubana e rioplantense *Caribe Transplatino* (Iluminuras, 1991), *Lamê: antologia bilíngue espanhol-português*, de Néstor Perlongher (Unicamp, 1994); *Poesia e Primeira poesia*, de Jorge Luis Borges (Companhia das Letras 2009 e 2007).**

Julio Castañón Guimarães (1951) nasceu em Juiz de Fora (MG). É poeta, ensaísta, tradutor, crítico e pesquisador. Fez o doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e estreou na poesia em 1975, com o livro *Vertentes*. É pesquisador do Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foi coeditor da revista de poesia *Inimigo Rumor*. **Traduziu *Brinde fúnebre e outros poemas*, de Mallarmé (7Letras, 1995) e *O partido das coisas*, de Francis Ponge**

(Iluminuras, 1995), com Adalberto Müller Jr, Ignácio Antonio Neis, Michel Peterson e Carlos Loria.

Leonardo Gonçalves (1975) é de Belo Horizonte (MG). Autor de *WTC BABEL S. A.* e *Das infimidades* (Invento, 2004), tem formação em Letras (francês e português), com ênfase em linguística. Vive em São Paulo e desenvolve trabalhos na área editorial: revisão, preparação de textos, edição e consultoria literária. Além disso, atua como tradutor profissional do francês e do espanhol. Traduziu a comédia *O doente imaginário*, de Molière (Crisálida, 2002). No âmbito da tradução de poesia, publicou traduções de *Canções da inocência e canções da experiência*, de **William Blake** (Crisálida, 2005), em parceria com **Mário Alves Coutinho**, e *Isso*, de **Juan Gelman** (UnB, 2004), em parceria com **Andityas Soares de Moura**.

Marco Aurélio Pinotti Catalão (1974) é paulista de Campinas. É dramaturgo, poeta, ficcionista e mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp. É autor de *Sob a face neutra*, trabalho contemplado pela Bolsa Funarte de Criação Literária. Publicou os livros de poemas *Antes do amanhã* (2008) e *O cânone acidental* (2010). Publicou também *A arte de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho; Os mais belos mitos gregos; Os mais belos mitos indígenas brasileiros*. Em 2009, foi o primeiro colocado no III Concurso Literatura Para Todos, do Ministério da Educação e, no ano anterior, ficou em primeiro lugar no 18º Concurso Nacional de Contos Luiz Vilela. Com a peça *Agro Negócio*, venceu a edição de 2010 do Prêmio Luso-Brasileiro de Dramaturgia Antônio José da Silva, concedido pela Funarte, Instituto Camões, Ministério da Cultura e Teatro Nacional D. Maria II, de Portugal. Tem traduções poéticas publicadas na extinta revista *Palavra*, do site do *Le Monde Diplomatique*. Atualmente, faz pesquisa de doutorado sobre a obra do poeta argentino Roberto Juarroz, para a qual está elaborando uma antologia traduzida de duzentos poemas. **No levantamento de tradução de poesia, consta a sua tradução de *Obra poética: antología y traducción*, de Antônio Machado (Brasília: Embajada de España, 2005).**

Marco Lucchesi (1963) é do Rio de Janeiro. É poeta, tradutor, escritor, editor e professor da UFRJ, além de recente membro da Academia Brasileira de Letras. É formado em História pela UFF, Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ e Pós-Doutor em filosofia da Renascença na Universidade de Colônia, Alemanha. Recebeu o Prêmio Alceu Amoroso Lima: Poesia e Liberdade – 2008 pelo conjunto da obra poética. Publicou *Meridiano celeste & bestiário* (Prêmio Alphonsus de Guimarães 2006 da Biblioteca Nacional, finalista do

Prêmio Jabuti 2007), *A memória de Ulisses* (Prêmio UBE João Fagundes de Meneses 2007), *Sphera* (Menção Honrosa do Prêmio Jabuti 2004, Prêmio UBE de Poesia), *Poemas reunidos* (finalista do Prêmio Jabuti 2002), *Os olhos do deserto*, *Saudades do paraíso*, *O sorriso do caos*, *Teatro alquímico* (Prêmio Eduardo Frieiro 2000 da Academia Mineira de Letras), *Faces da utopia*, *A paixão do infinito*, *Bizâncio* (Comenda Espatário da Trebizonda, finalista do Prêmio Jabuti 1999). Escreve e publica em italiano também. Entre muitos livros traduzidos, estão os romances *A Ilha do dia anterior* (finalista do Prêmio Jabuti 1996) e *Baudolino* (finalista do Prêmio Jabuti 2002), de Umberto Eco, *A ciência nova*, de Vico (Prêmio União Latina 2000, Prêmio Speciale del Presidente della Repubblica Carlo Ciampi: Prometeo d'Argento). **No âmbito poético, traduziu *Patmos e outros poemas de Hölderlin* (Grupo Setembro, 1987); *Poemas*, de Georg Trakl (Numen, 1990); *Poemas de Khlebnikov* (Cromos, 1993), *Pequena antologia amorosa* (Nova Aguilar, 2000), de Juan de la Cruz, *Poemas à noite*, antologia de Georg Trakl e Rainer Maria Rilke (Topbooks, 1996), *O canto da unidade: em torno da poética de Rûmî* (Fissus, 2007, Prêmio da UBE 2008), com traduções dos *Rubayats* de Rûmî, e *A sombra do amado: poemas de Rûmî* (Fissus, 2000, Prêmio Jabuti 2001).**

Marcos Siscar (1964) nasceu em Borborema, cidade do interior de São Paulo. É professor do departamento de Teoria Literária da Unicamp, com doutorado em literatura francesa pela Universidade Paris VIII. Tem cinco livros de poemas publicados: *Não se Diz* (7 Letras, 1999), *Tome seu café e saia* (7Letras, 2001), *Metade da Arte* (CosacNaify/7Letras, 2003), *O Roubo do Silêncio* (7Letras, 2006) e *Interior via Satélite* (Ateliê, 2010). Tem poemas publicados em antologias no Brasil, Argentina, Espanha e França. Traduz do francês. Sua reflexão acadêmica é vinculada às reflexões sobre a poesia brasileira contemporânea. Faz parte do comitê editorial da revista *Inimigo Rumor*. **Traduziu *Os amores amarelos*, de Tristan Corbière; *A rosa das línguas*, de Michel Deguy (CosacNaify, 2004) e *Os animais de todo o mundo* (CosacNaify, 2006), esses últimos dois em parceria com Paula Glenadel.**

Mário Domingues (1973) é poeta, mestre em Letras Clássicas pela USP, com dissertação sobre a tradução do Canto VI do *De rerum Natura* [A natureza das coisas], do poeta latino Lucrécio (séc. I a. C). É autor dos livros de poemas *Paisagem Transitória* (Ed. Ciência do Acidente, 2001) e *Musga* (Ed. Mirabilia, 2010). *Musga* também traz

traduções de fragmentos de *A natureza das coisas*, de Lucrécio, e três odes de Catulo. Traduziu do latim 29 aforismos astrológicos do *Centiloquium*, de Ptolomeu. Publica nas revistas Zunái, Coyote e Oroboro. **No âmbito poético, traduziu *O Tigre de Veludo – alguns poemas de e.e. cummings* (Ed. da UNB, 2007).**

O paranaense **Maurício Arruda Mendonça** (1964) é poeta, escritor e dramaturgo. Entre as suas obras poéticas estão *Epigrafas* (2002); *A sombra de um sorriso* (2002); *Eu caminhava assim tão distraído* (1997). Escreveu uma dezena de peças teatrais. Foi professor de Teoria e História do Teatro e Coordenador da Escola Municipal de Teatro de Londrina (PR). **Traduziu a antologia *Trilha Forrada de Folhas*, compilação e estudo da obra do poeta japonês Nenpuku Sato, o introdutor do haikai no Brasil (Ciência do Acidente, 1990). Com Rodrigo Garcia Lopes, traduziu *Poemas*, de Sylvia Plath (Iluminuras, 1991) e *Iluminuras: gravuras coloridas* (Iluminuras, 1993), de Arthur Rimbaud.**

Michel Sleiman (1963) nasceu em Santa Rosa (RS). É tradutor de poesia árabe medieval, poeta, diretor editorial da revista de estudos árabes *Tiraz* e professor de Literatura Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe na Faculdade de Letras da USP. Seus poemas estão em *Ínula Niúla* (Ateliê Editorial, 2009). Publicou dois livros que combinam crítica e tradução da poesia árabe-andaluzina: ***A Poesia Árabe-Andaluza, com traduções de poemas do cordovês Ibn-Quzman Alqurtubi* (Coleção Signos, da Perspectiva, 2000) e *A arte do zajal* (Coleção Estudos Árabes, da Ateliê, 2007).**

Nelson Ascher (1958) é poeta, tradutor e jornalista. Nasceu em São Paulo em uma família de emigrantes judeus. Formado em administração pela Fundação Getúlio Vargas, fez pós-graduação em semiótica na PUC-SP. Colaborou com o jornal Folha de São Paulo desde meados da década de 1980 até 2008, escrevendo sobre literatura, cinema e política. Em 1988 criou a Revista USP e permaneceu como seu editor até 1994. Sua obra poética está em *Ponta da língua* (1983), *Sonho da Razão* (1993), *Algo de Sol* (1996) e *Parte Alguma* (2005). **Com Boris Schnaiderman, traduziu dois poetas russos: *Quase uma elegia*, de Brodsky (7Letras, 1995) e *A Dama de Espadas – prosa e poemas*, de Puchkin (Editora 34, 1999). Traduziu a antologia de poesia húngara moderna *Canção antes da ceifa* (Arte Pau-Brasil, 1990). Na antologia *Poesia alheia* (Imago, 1998), oferece um extenso e variado panorama da poesia ocidental, com 124 poemas de sessenta poetas. Ascher reúne nessa antologia expoentes de todas as épocas, como**

Catulo, Horácio, Marcial, Quevedo, Lutero, Goethe, Eliot, Yeats, Valéry, Apollinaire, Ungaretti, Auden, até os contemporâneos John Ashbery e Hans Magnus Enzensberger. Já a antologia *O lado obscuro* (Memorial da América Latina, 1996) traz as traduções de Ascher de poesia hispano-americana contemporânea. Organizou a antologia *Folhetim, poemas traduzidos* (Folha de São Paulo, 1987), na qual estão traduções suas de poemas de Jorge Luis Borges, Eliot, Goethe, Yeats, entre outros.

Paula Glenadel (1964) é poeta e professora de literatura francesa na Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem publicados os livros de poemas *A vida espiralada* (Caetés, 1999), *Quase uma arte* (Cosac Naify; 7Letras, 2005) e *A fábrica do feminino* (7Letras, 2008). Além das traduções supracitadas em parceria com Siscar, traduziu *Começo, de Nathalie Quintane* (Cosac Naify/ 7Letras, 2004).

Paulo Henriques Britto (1951) é antes de tudo tradutor profissional. Essa foi a sua profissão inicial, e a sua atividade na universidade está ligada ao ensino da tradução. É um dos mais respeitados tradutores da língua inglesa no Brasil, sendo que sua produção na área da tradução literária anda próxima de uma centena de livros, isso sem falar de traduções publicadas em revistas e jornais. Morou nos Estados Unidos na sua adolescência, entre 1962 e 1963, e, depois, entre 1972 e 1973. Na PUC-Rio, leciona tradução e criação literária na graduação e supervisiona uma linha de pesquisa sobre tradução de poesia na pós-graduação. Desenvolve reflexão teórica sobre a tradução de poesia, mais especificamente sobre formas de avaliar a tradução de poesia. Tem seis livros de poemas e um de contos publicados até 2012. Recebeu o Prêmio Alphonsus de Guimarães, da Fundação da Biblioteca Nacional pelo livro *Trovar Claro* (1997), e o prêmio Portugal Telecom de literatura brasileira pelo livro *Macau* (2003). No que diz respeito à tradução de poesia, destacam-se as suas traduções de Elizabeth Bishop, como *Poemas do Brasil* (Companhia das Letras, 1999); *Uma arte* (Companhia das Letras, 1995); *O iceberg imaginário e outros poemas* (Companhia das Letras, 2001), esse último, indicado para o Prêmio Jabuti de tradução. Traduziu também *A queda da América*, de Allen Ginsberg (L&PM, 1985), *Cartas de aniversário*, de Ted Hughes (Record, 2001), *Poemas*, de Wallace Stevens (Companhia das Letras, 1987) e *Beppo, uma história veneziana* (Nova Fronteira, 1989) de Lord Byron.

Philadelfo Menezes (1960-2000) foi poeta, professor, tradutor e ensaísta paulista. Destacou-se por seus trabalhos e pesquisas em poesia sonora e visual. Doutor em semiótica pela PUC-SP, foi professor do programa de pós-graduação em comunicação e semiótica dessa universidade. Coordenou a mostra "Poesia Intersignos", ocorrida em São Paulo em 1988. Publicou *Signos Plurais - Mídia, Arte e Cotidiano na Globalização* (Experimento, 1997); *A Crise do Passado - Modernidade. Vanguarda. Metamodernidade* (Experimento, 1994); *Poesia Sonora - Poéticas Experimentais da Voz no Século XX* (Educ, 1992); e *Poética e Visualidade - Uma Trajetória da Poesia Brasileira Contemporânea* (Editora da Unicamp, 1991). Sua obra poética é composta de três livros publicados entre 1980 e 1988. **Traduziu Poemas ingleses de Fernando Pessoa (Experimento, 1993).**

Raimundo Carvalho (1958) é natural de Pirapora (MG). É graduado em Letras Português-Latim da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professor de língua latina na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Além do latim, domina o Francês, o Italiano e o Inglês. Escreve ensaios sobre prosa brasileira, poesia clássica, poesia moderna, pós-modernidade, entre outros temas. Escreveu cinco livros de poesia, entre eles, *Circo Universal*, que foi premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. **Em 1996, publicou uma das éclogas que compõem as Bucólicas, de Virgílio. Em 2005, publicou essa obra integralmente, em versos (Crisálida, 2005).**

Raimundo Gadelha (1953) é publicitário, poeta, fotógrafo, jornalista e editor. Tem especialização na Universidade de Sophia, em Tóquio, onde viveu durante três anos, depois de ter estudado em Nova York. Sua obra percorre o romance e a poesia, geralmente associados à fotografia. Trabalhou como editor da Aliança Cultural Brasil-Japão e, em 1994, fundou a Escrituras Editora. É autor de diversos livros, entre eles: *Tereza, perdida, Tereza* (contos, 1978), *Colagem Trágica* (poemas, 1980), *Este circo tem futuro* (teatro, 1982), e *Um estreito chamado horizonte* (1992), *Em algum lugar dentro de você mesmo* (poesia, 1994, português-japonês), *Brasil Retratos Poéticos 1* (fotografia/poesia, 1996), *Para não esqueceres dos seres que somos* (poesia, 1998), *Vida útil do tempo* (poesia, 2004), e *Em algum lugar do horizonte* (romance, 2000), esse último publicado também na Grécia e no México. Em 2007, Raimundo Gadelha assumiu a direção da livraria virtual Arte Paubrasil. **Consta do levantamento de tradução de poesia com Terratempo**

(Aliança Cultural Brasil-Japão, 1993), tankas de Kikuti Wanami, em parceria com Masuo Yamaki.

Ramsés Ramos (1962-1998) nasceu em Teresina (PI), em uma família de músicos. Trabalhou nas Nações Unidas, em Brasília, como chefe do Cerimonial e de Relações Internacionais. Viveu também na Tchecoslováquia e na Espanha. Morreu na Rússia. Lançou seis livros de poemas: *Dois Gumes* (1981), com Rosário Miranda; *Envelope de poesia* (coletivo); *Dança do caos* (coletivo, 1981); *Percurso do verbo* (1987); *Baião de todos* (coletivo, 1996) e *Poemas da paixão* (Praga, 1992). **Aparece no levantamento de tradução de poesia com Folhas da Relva, de Walt Whitman (Plano Editora, 2001).**

O poeta, tradutor e crítico paulistano **Régis Bonvicino** (1955) é formado em Direito e atua também como magistrado estadual de São Paulo desde 1990. Publicou o primeiro livro de poemas, *Bicho Papel*, em 1975. Entre 1975 e 1983, dirigiu as revistas de poesia *Poesia em Greve*, *Qorpo Estranho* e *Muda*. Por *33 Poemas* (1990), ganhou o prêmio Jabuti de poesia. Publicou *Litanias da Lua, poemas de Jules Laforgue* (1989). Parte de sua obra poética foi traduzida para o chinês, o inglês, o francês, o espanhol, o catalão e o dinamarquês. É coeditor, junto com Charles Bernstein, da *Sibila — Revista de Poesia e Cultura*. Bonvicino é próximo de poetas da *Language Poetry*, grupo poético surgido na década de 1970 nos Estados Unidos. Ele traduziu poetas norte-americanos contemporâneos oriundos desse grupo, como Michael Palmer e Charles Bernstein. Juntamente com Palmer, Bonvicino e Nelson Ascher editaram a antologia *Nothing the sun could not explain/ 20 contemporary Brazilian poets* (Los Angeles, Sun & Moon Press, 1997), fazendo uma ponte entre a poesia brasileira e norte-americana. Bonvicino foi amigo de Paulo Leminski: *Uma carta uma brasa através* (1991) reúne a sua correspondência com o poeta curitibano. É considerado como poeta “neoconcreto”. Traduziu *A Pupilia do Zero — En la masmédula* (Iluminuras, 1995), do vanguardista argentino Oliverio Girondo; *Litanias da lua*, de Jules Laforgue (Iluminuras, 1989); *A um* (Ateliê, 1997), de Robert Creeley, poeta que faz parte do grupo originado no *Black Mountain College*⁵⁸; *História da Guerra — Poemas e ensaios* (Martins, 2008), de Charles Bernstein; *Passagens* (Gráfica Ouro Preto, 1996), de Michael Palmer, esses últimos,

⁵⁸ O *Black Mountain* foi um colégio experimental de artes na Carolina do Norte (EUA), que esteve em atividade de 1933 a 1956.

poetas da *Language poetry*⁵⁹. Traduziu ainda *Primeiras palavras*, de Douglas Messerli (Ateliê Editorial, 1999), com Cláudia Roquette-Pinto. Organizou e traduziu a antologia de dez poetas chineses contemporâneos *Um barco remenda o mar* (Martins, 2002).

Roberto Zular (1971) é paulistano e leciona no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). É autor dos livros *Criação em processo*, *Ensaio de Crítica Genética*, e *Escrever sobre escrever, uma introdução crítica à crítica genética*. Em 1993, recebeu o prêmio Projeto Nascente da Universidade de São Paulo, na categoria poesia, com o livro *Superfície, Transparência, Espelho*. Traduziu, com Verônica Galindez Jorge, a antologia *Dois ao cubo: alguma poesia francesa contemporânea* (Olavobrás, 2003).

O poeta **Rodrigo Garcia Lopes** (1965) é jornalista, músico, tradutor e editor. Nasceu em Londrina (PR). Formado em jornalismo, fez mestrado na Arizona State University – EUA, com tese sobre os romances de William S. Burroughs, e doutorado na UFSC com tese sobre a poeta e filósofa modernista norte-americana Laura Riding. É um dos editores da revista literária *Coyote*. É autor dos livros de poemas *Solarium* (1994), *Visibilia* (1996), *Polivox* (2001), *Poemas selecionados* (2001) e *Nômada* (2004). Em 2001, lançou o CD *Polivox*. Edita na internet o blog Estúdio Realidade. Ele também lançou *Vozes & visões: Panorama da arte e cultura norte-americanas Hoje* (Iluminuras, 1996), que reúne entrevistas com 19 escritores, críticos, poetas e artistas norte-americanos, como John Cage, John Ashbery, Allen Ginsberg, entre outros. Traduziu, com Maurício Arruda Mendonça, *Poemas*, de Sylvia Plath (Iluminuras, 1991) e *Iluminuras: gravuras coloridas* (Iluminuras, 1993), de Arthur Rimbaud; o poema anglo-saxão *O Navegante* (Lamparina, 2004); *Folhas de relva*, de Walt Whitman (Iluminuras, 2004); *Mindsapes: Poemas de Laura Riding* (Iluminuras, 2004); e *Ariel*, de Sylvia Plath, em parceria com Maria Cristina Lenz de Macedo.

Ronald Polito (1961) é poeta, tradutor e professor no Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (MG). É natural de Juiz de Fora (MG). Mestre em história social das ideias pela Universidade Federal Fluminense, foi também professor visitante do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Tokyo University of Foreign Studies. Publicou os livros de poemas *Solo* (1996); *Vaga*

⁵⁹ Grupo de vanguarda poética norte-americano surgido no final dos anos 60, início dos 70.

(1997), *Intervalos* (1998); *De passagem* (2001) e *Terminal* (2006). Seu já extenso trabalho de tradução de poesia está bastante voltado para a poesia catalã, com seis traduções de poetas da Catalunha: de Joan Brossa, *Poemas civis* (7Letras, 1998), em parceria com Sérgio Alcides; *99 poemas* (Annablume, 2009) e *Sumário astral e outros poemas* (Amauta Editorial, 2006). Traduziu ainda *Quatorze*, de Salvador Espriu (Travessa Editores, 2002); *O porquê de todas as coisas*, de Quim Monzó (Globo, 2004) e *Desdesejo*, de Narcís Comadira (Lamparina, 2005). Também traduziu *Poemas*, do mexicano Juan José Tablada (Fondo de Cultura Económica, Edusp, 2008), *Ofélia ou do matrimônio visto como um estorvo*, de Víctor Sosa (Lumme, 2009). Traduziu ainda o poeta de influência cubista e surrealista Pierre Reverdy, em parceria com o também poeta-tradutor Julio Castañon Guimarães (Edição dos tradutores, 1999), e *21 poemas*, de Sylvia Plath, com Deisa Chamahum Chaves (Livre Impressão, 1994). Organizou e traduziu a antologia *12 Poetas Catalães* (Lumme, 2006).

Ruy Proença (1957) nasceu em São Paulo. É engenheiro de minas. Sua obra poética inclui *Pequenos Séculos* (São Paulo, 1985); *A lua investirá com seus chifres* (São Paulo, 1996); *Como um dia come o outro* (São Paulo, 1999). Tem poemas na *Anthologie de la poésie brésilienne*, organizada por Renata Pallottini (Éditions Chandeigne, França, 1998). Traduziu *Poemas e canções* (Nankin, 2001) de **Boris Vian**, poeta e cantor francês identificado com o surrealismo e o anarquismo.

Santiago Kovadloff (1942) é argentino. É poeta, ensaísta, tradutor e antologista. É professor honorário da Universidade Autônoma de Madri, membro da Real Academia Espanhola e da Academia Argentina de Letras. Tem sete livros de poemas publicados na Argentina entre 1978 e 2009 e vários livros de ensaios. Traduziu inúmeros poetas e romancistas brasileiros para o espanhol. **No Brasil, selecionou e traduziu os poemas que integram a antologia *A palavra nômade – poesia argentina dos anos 70* (Iluminuras, 2001).**

Sérgio Alcides (1967) é carioca. Leciona na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Sua área de pesquisa é a literatura, com ênfase na poesia. Suas principais obras poéticas são *Nada a ver com a lua* (1996) e *O ar da cidade* (2000). Entre outros, traduziu *Facundo: civilização ou barbárie*, de Sarmiento (Cosac Naify, 2010). Por três vezes recebeu o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - “Tradução Jovem Altamente Recomendada” – pelos

livros *O que é a verdade? Poemas de bichos*, de Ted Hughes (Companhia das Letras, 2005), *O Caçador de sonhos e outros contos*, também de Ted Hughes (Companhia das Letras, 2003), e por *Funkstórias*, de Vivien French (Companhia das Letras, 2003). **Na seara da tradução de poesia, além do recém mencionado livro de Ted Hughes, traduziu com Ronald Polito *Poemas civis* (7Letras, 1998), do catalão Joan Brossa, e *Pedras pensadas* (Ateliê, 2002), do poeta espanhol Adolfo Montejo Najas.**

Sérgio Medeiros (1959) nasceu no Mato Grosso do Sul. É poeta e professor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Defendeu tese de doutorado na USP sobre os mitos jê. Organizou a antologia de mitos amazônicos *Makunaíma e Jurupari* (Perspectiva, 2002). Estreou na poesia em 2001 com o livro *Mais ou menos do que dois*. Publicou ainda *Alongamento* (2004); *Totem & Sacrifício* (2007); *O sexo vegetal* (2009); *Figurantes* (2011) e *Totens* (2012). **Traduziu o *Popol Vuh* (Iluminuras, São Paulo, 2007), poema da cosmogonia Maia, escrito no século 16 na Guatemala na língua maia-quiché. Seu trabalho foi indicado ao prêmio Jabuti de melhor tradução.**

Sérgio Wax é italiano, mas está radicado em Belém (PA) desde 1978. Escreve em português. O livro *33 experimentos e uma suíte* (1982) marca a sua estreia na poesia. **Traduziu *A alegria*, de Ungaretti (RK, 1989) e *O Panamá, ou, As aventuras dos meus sete tios ; 19 poemas elásticos ; A guerra no Luxemburgo; Poemas negros*, de Blaise Cendrars (Editora universitária – UFPA, 1993).**

Sidnei Schneider (1960) é poeta, tradutor e contista. Nasceu em Cruz Alta (RS). Coursou Engenharia Florestal, foi ator de teatro, líder político e estudantil. Em 1982 transferiu-se em definitivo para Porto Alegre. Autor dos livros de poesia *Quichiligangues* (Dahmer, 2008) e *Plano de Navegação* (Dahmer, 1999). Participa de *Poesia Sempre 14* (Biblioteca Nacional/Minc, 2001), *Antologia do Sul, Poetas Contemporâneos do RS* (Assembleia Legislativa/Metrópole, 2001), *O Melhor da Festa* (Nova Roma, 2009). Ficou em 1º lugar no Concurso de Contos Caio Fernando Abreu, promovido pela UFRGS em 2003 e também em 1º lugar em poesia no Concurso Talentos da UFSM em 1995. Publicou artigos, poemas, contos e traduções de poesia em vários jornais e revistas. **É o tradutor de *Versos Singelos*, de José Martí (SBS, 1997).**

Thereza Christina Rocque da Motta (1957) é poeta, tradutora e editora-fundadora da Ibis Libris. É paulistana. Sua formação original é o Direito. Seu primeiro livro individual de poesia é *Joio & trigo*, de 1982. **Consta no levantamento de tradução de poesia com as suas**

traduções de Shakespeare: 154 sonetos (Ibis Libris, 2009) e 44 sonetos escolhidos (Ibis Libris, 2006).

O português **Vasco Graça Moura** (1942) é poeta, romancista e político. Tem oito livros de poemas publicados em Portugal, além de vários romances e ensaios. Traduziu Racine, Corneille, Dante e Molière. **Suas traduções de *Os sonetos completos de Shakespeare* e da *Divina Comédia*, de Dante, foram editadas no Brasil pela Landmark em 2005.**

A poeta, neurologista e tradutora **Virna Teixeira** (1971) nasceu em Fortaleza (CE), mas vive em São Paulo. Publicou os livros de poesia *Visita* (7Letras, 2000), *Distância* (7Letras, 2005) e *Trânsitos* (Lumme Editor, 2009). *Distância* foi traduzido no México (Lunarena Editorial, 2007). Seus poemas estão também em *Dedo de moça — uma antologia das escritoras suicidas* (Terracota Editora, 2009). É responsável pela editora artesanal de plaquetes Arqueria Editorial. Participou também da antologia editada na Argentina *Fin de Siècle* (Universidad de La Plata, Chicas de Bolsillo, 2007). **Traduziu *Na Estação Central*, do poeta escocês Edwin Morgan (Editora da UnB, 2007); a antologia de poesia escocesa *Ovelha negra* (Lumme, 2007); *Livro universal*, do poeta chileno Hector Hernández Montecinos, em parceria com o tradutor Vanderley Mendonça (Demônio Negro, 2008) e *Cartas de ontem*, do poeta britânico Richard Price (Lumme Editor, 2009).**

4. O CÂNONE DOS POETAS-TRADUTORES

Neste capítulo, apresento uma análise diacrônica das informações colhidas no levantamento bibliográfico. Ao observar os dados agrupados por década, o objetivo é o de formar uma ideia do conjunto do que foi importado ao sistema literário nacional. Também será possível identificar quem são os poetas-tradutores atuantes em cada período. Também será feito um esforço de interpretar o significado das traduções dentro do contexto de cada época, uma vez que as etapas de produção e circulação de uma tradução são sempre marcadas pelo momento histórico.

4.1 Tradução de poesia década a década

4.1.1 A década de 1960: o começo de um projeto tradutório

A década de 1960 marca o início da publicação das traduções feitas pelos poetas concretos, que introduzem os primeiros nomes do seu paideuma vanguardista no sistema literário nacional. Apesar de o grupo ter se formado em 1952, e de Augusto de Campos ter começado a se corresponder com Ezra Pound no ano seguinte, foi somente em 1960 que as primeiras traduções poéticas foram publicadas em livro. De Ezra Pound, os irmãos Campos, juntamente com Décio Pignatari, publicam *Cantares* (MEC, 1960) e, mais para o final da década, *Antologia poética de Ezra Pound* (MEC, 1968). Também em 1960, Augusto publica *Dez Poemas de e.e. cummings* (MEC, 1960), tradução essa que vinha preparando havia cerca de quatro anos, durante os quais manteve correspondência com o poeta norte-americano.

A tradução do poeta futurista russo Vladimir Maiakovski pelos irmãos Campos também foi um destaque entre as traduções publicadas na época. Antes, considero útil retomar brevemente alguns aspectos da tradução de literatura russa no Brasil. Nos anos 1930 e 1940, numerosos romancistas e contistas russos tinham voltado a ser traduzidos no Brasil. Digo “voltado”, pois o fim do século XIX já havia assistido a um *boom* da literatura russa no Brasil e no mundo⁶⁰. Tal retomada pode ser em

⁶⁰ Sobre o *boom* da literatura russa no final do século XIX, ver a tese de Bruno Barretto Gomide “Da estepe a caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)”. Unicamp, 2004. In:

parte atribuída a fatores conjunturais. Candido lembra que nos anos de 1930 houve um grande interesse pelas correntes de esquerda e muitos se interessaram pela experiência da União Soviética (CANDIDO, 2006, p. 228). Já nos anos de 1940, segundo Wilson Martins, as traduções estavam inseridas num contexto ideológico de luta contra o Estado Novo (MARTINS, 2010, p. 234). Nessa época, narradores como Gorki, Tchecov, Gogol e Dostoiévski recebiam, em geral, traduções indiretas, via francês e espanhol. Contudo, tanto no final do século XIX como nos anos 1940, o foco das traduções literárias foi exclusivamente a narrativa, principalmente o romance. Foi preciso esperar até a segunda metade da década de 1950 para que a poesia russa fosse traduzida e publicada no Brasil.

O ideário da vanguarda poética russa já era razoavelmente conhecido no país desde os anos de 1920. O próprio Mario de Andrade, uma dos principais promotores do nosso Modernismo, no texto *A escrava que não é Isaura* (1922), cita os poetas Maiakovski, Aleksander Blok e Marina Tsvetáieva como exemplos da poesia de vanguarda. Segundo Angelides & Sarham, esse “contato de Mário de Andrade com a poesia soviética ocorreu através de periódicos estrangeiros” (ANGELIDES & SARHAM, 1978, p. 122). Ou seja, chegou até os intelectuais locais pelo filtro da crítica e da tradução estrangeira.

O primeiro Maiakovski traduzido e publicado em livro no Brasil não foi aquele dos irmãos Campos em colaboração com Boris Schnaiderman, de 1967, mas o do crítico comunista Emilio Carrera Guerra, em tradução lançada na coleção Maldoror, da editora Civilização Brasileira, em 1956. Essa edição, no entanto, segundo observa Schnaiderman em *A poética de Maiakovski*, não continha o longo estudo introdutório da edição da Leitura datada de 1963. Essa mesma obra teve uma segunda edição sem data pela Leitura e ressurgiu pela Max Limonad em 1981, com duas reedições em 1984 e uma em 1987. A editora Obelisco também editou essa tradução em 1963.

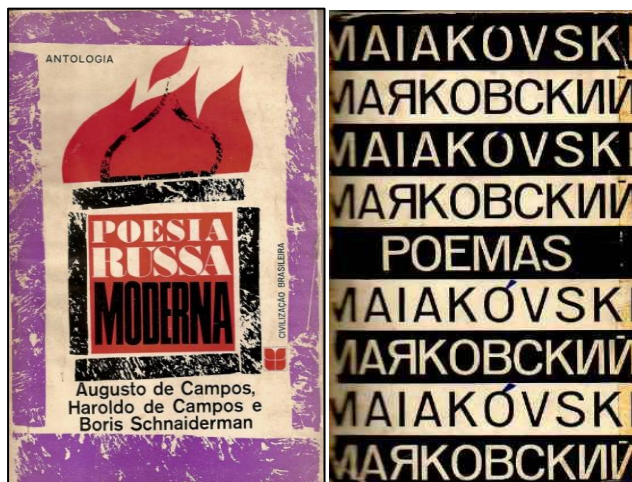
Entretanto, a tradução que de fato chamou a atenção para a poesia russa no Brasil foi aquela assinada pelos irmãos Campos e Schnaiderman. Essa também foi a primeira tradução feita diretamente do russo. A prova está no prefácio do volume traduzido por Guerra, datado de 1956 e republicado na edição de 1963, em que ele afirma que

fez a sua tradução confrontando edições francesas, inglesas e espanholas e que somente “em questões de somenos [consultou] algumas vezes o texto russo” (GUERRA, 1963, p. 4).

Conforme Schnaiderman, no início da década de 1960, Maiakovski exerceu uma grande atração sobre Haroldo de Campos e seus companheiros, “quando o interesse dos poetas do concretismo paulista pelo construtivismo, pelas manifestações de um espírito geométrico que aparece na arte moderna em formas as mais variadas, foi acompanhado de uma identificação com as grandes esperanças da esquerda da época” (SCHNAIDERMAN, 2011, p. 139). Haroldo conta que ficou intrigado com a discrepância que via entre os estudos de poética escritos pelo russo, que o revelavam como um poeta consciente da poesia como linguagem concentrada ao máximo, e, no entanto, as traduções que chegavam às suas mãos o transformavam num poeta panfletário (H. de CAMPOS, 1976, p.44). Para tirar a “prova dos nove”, Haroldo decidiu então aprender russo. Em 1961, os irmãos Campos e Décio Pignatari foram apresentados a Schnaiderman, que começou a lhes ensinar a língua e a ajudá-los nas traduções. No mesmo ano, os poetas acrescentaram ao *Plano-piloto para a poesia concreta*, de 1958, a frase de Maiakovski: “Sem forma revolucionária não há arte revolucionária”.

O livro intitulado *Poemas* saiu em 1967 pela Tempo Brasileiro, pequena editora que publicava principalmente livros de filosofia da Escola de Frankfurt, ensaios literários e, desde 1962, mantinha uma revista nacionalista de esquerda que levava o mesmo nome (HALLEWELL, 2005, p. 540). A tradução de *Poemas*, assinada por Haroldo e Augusto de Campos e Schnaiderman recebeu elogios do linguísta Roman Jakobson e de sua mulher Krystyna Pomorska, que estiveram em São Paulo em 1968 e falaram do “deslumbramento” provocado pelos poemas em português (SCHNAIDERMAN, 2011, p.140). Em seguida, a antologia *Poesia russa moderna*, publicada pela Civilização Brasileira em 1968, representou igualmente um marco literário ao trazer ao público brasileiro poetas russos como Andriéi Biéli, Aleksandr Blok, Khliébnikov, Iessiênin, Marina Tzvietáieva, Ievtuchenko e também Maiakovski.

Figura 1: Capas originais de livros de Maiakovski



Seguindo esse ímpeto marxista e esquerdista vigente na época, Geir Campos publicou em 1966 *Poemas e canções*, do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht, também pela editora de esquerda Civilização Brasileira. Ele também ousou ao traduzir o libertário *Folhas de relva*, de Walt Whitman (Civilização Brasileira, 1964).

Paralelamente, outros grupos de poetas-tradutores, com escolhas mais conservadores, seguiam publicando as suas traduções poéticas. Havia espaço para a poesia romântica de Victor Hugo, representado por *Odes e baladas* em tradução de Jamil Almansur Haddad, para compilações de poemas de tema amoroso, como a antologia de José Guilherme de Araújo Jorge *Os mais belos sonetos de amor* (Vecchi, 1966) e para clássicos como *A arte de amar*, de Ovídio, em tradução também de Haddad (Biblioteca Universal Popular, 1964).

Poetas da primeira geração modernista, como Manuel Bandeira, contando então com 74 anos no início dessa década, e Guilherme de Almeida, continuavam em atividade. Em 1961, Bandeira publicou a tradução de *Meirelle* (Delta, 1961), poema longo em provençal do francês Frédéric Mistral (Prêmio Nobel de literatura de 1904). Bandeira também verteu *O Rubaiyat* (Ediouro, 1965), de Omar Khayyam, numa tradução indireta. As muitas traduções dessa obra no Brasil costumavam ser indiretas, com exceção de Christovam de Camargo (Minerva, 1960), que fez uma versão poética baseada em uma tradução literal do texto

persa. Guilherme de Almeida, já nos seus últimos anos de vida (viria a falecer em 1969) publicou a supracitada tradução de *Festival* e *Os frutos do tempo*, do belga Simon Tygel, e *Arcanum* (Martins, 1965) do diplomata Niles Bond. Ambos os poetas são pouco conhecidos, viveram no Brasil e privaram, provavelmente, da amizade de Almeida.

Uma tradução realizada nesse período e que é bastante celebrada até hoje é a de *Cantos de Dante*, da poeta Henriqueta Lisboa (Instituto Ítalo-brasileiro, 1969). Henriqueta também traduziu *Poesias escolhidas*, da amiga e poeta chilena Gabriela Mistral, que viveu durante anos no Brasil (desde 1939).

O cânone dos poetas refletido na tradução de poesia, na década de 1960 estava composto de 22 poetas, sendo que seis deles – o equivalente a 27,7% – eram ganhadores do prêmio Nobel de Literatura⁶¹, a saber:

- Frédéric Mistral (francês) – Prêmio Nobel de 1904; em tradução de Manuel Bandeira (*Meirelle*, Delta, 1961);
- Giosè Carducci (italiano) – Prêmio Nobel de 1906; em tradução de Jamil Almansur Haddad (*Poesias escolhidas*, Delta, 1962);
- Erik Axel Karlfeldt (suíço) – Prêmio Nobel de 1931; em tradução de Ivo Barroso (*Poesias*, Delta, 1964);
- Gabriela Mistral (chilena) – Prêmio Nobel de 1945; em tradução de Henriqueta Lisboa (*Poesias escolhidas*, Delta, 1964).
- Herman Hesse (alemão naturalizado suíço) – Prêmio Nobel de 1946; em tradução de Geir Campos (*Andares*, Nova Fronteira, 1961)
- Saint-John Perse (francês) – Prêmio Nobel de 1960; em tradução de Darcy Damasceno (*Poesias*, Delta, 1969).

A tradução de poetas laureados é um indicativo de como as premiações e a publicidade delas advindas podem interferir na dinâmica da literatura traduzida. Na maioria dos casos listados acima, a editora Delta decidiu lançar traduções de poetas vencedores do Nobel e convocou outros poetas para a tarefa da tradução.

A publicação de tradução de poesia nessa década ficou concentrada em editoras sediadas na Região Sudeste. A esmagadora maioria estava no Rio de Janeiro (76%), e 24% em São Paulo. A editora que mais publicou traduções poéticas no período foi a Civilização Brasileira (seis títulos), seguida pela Delta (cinco títulos) e pelo Serviço

⁶¹ Pablo Neruda ainda ganharia o seu Nobel em 1970.

de Documentação do MEC (quatro títulos). Esta década também registrou uma diversidade de línguas traduzidas, onze no total, que somente seria superada na década de 1990. A poesia alemã foi objeto de antologia organizada e traduzida pelo poeta-tradutor Geir Campos (Tecnoprint, 1960), Cecília Meireles encarregou-se da antologia *Poesia de Israel* (Civilização Brasileira, 1962), Péricles Eugênio da Silva Ramos lançou *Poesia grega e latina* (Cultrix, 1964) e Oswaldino Marques, *Poesia dos Estados Unidos* (Editora de Ouro, 1966). Fernando Mendes Vianna assinou a tradução de *Poemas do Antigo Egito* (MEC, 1965) e, em termos de antologias, a década se encerra com *Traduzir e trovar* (Papyrus, 1968), dos irmãos Campos, com poemas dos trovadores provençais (séc. XII ao XVII).

Tabela 5

RESUMO DA TRADUÇÃO DE POESIA NA DÉCADA DE 1960:⁶²**Total de traduções poéticas: 48****Volumes de autores individuais: 32 (25 por poetas)****Volumes de antologias: 16 (9 por poetas)****Traduções realizadas por poetas: 34****Traduções realizadas por não-poetas: 12 + 2 s/informação**

Autores traduzidos por poetas: Ezra Pound; E. Cummings; Pablo Neruda; Rilke, Saint-John Perse; Frédéric Mistral; Maiakovski; Hermann Hesse, Omar Khayyam, Victor Hugo, Giosue Carducci; Walt Whitman; Gabriela Mistral; Karlfeldt; Ovídio; Niles Bond; Simon Tygel; Agustí Bartra; García Lorca; Bertolt Brecht; John Milton; Dante Alighieri. **Total: 22**

Antologias traduzidas e/ou organizadas por poetas: Poesia alemã; Poesia de Israel; Poesia grega e latina; Poesia do Antigo Egito; Poesia dos Estados Unidos; Sonetos de amor; Poesia russa moderna; *Traduzir e Trovar* (poetas do século XII ao XVII).

Poetas-tradutores atuantes no período: Afonso Félix de Souza; Antônio José de Lima Leitão; Augusto de Campos; Cecília Meireles; Christovam de Camargo; Darcy Damasceno; Décio Pignatari; Fernando Mendes Vianna; Geir Campos; Guilherme de Almeida; Haroldo de Campos; Henriqueta Lisboa; Ivo Barroso; Jamil Almansur Haddad; José Guilherme de Araújo Jorge; Manuel Bandeira; Oswaldino Marques; Péricles Eugênio da Silva; Stella Leonardos; Thiago de Mello. **Total: 20**

Línguas dos textos-fonte: Inglês, alemão, espanhol, italiano, russo, francês, latim, sueco, persa, hebraico, catalão. **Total: 11**

Editoras: Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular; Rio de Janeiro:

⁶² A contagem de línguas dos textos-fonte e das editoras listadas referem-se somente às traduções dos poetas-tradutores. A lista de autores traduzidos refere-se à bibliografia de traduções de autores individuais.

Civilização Brasileira; Rio de Janeiro: Delta; Rio de Janeiro: Ediouro; Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes; Rio de Janeiro: Leitura; Rio de Janeiro: Minerva; Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Rio de Janeiro: Presença; Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, MEC; Rio de Janeiro: Tecnoprint; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Rio de Janeiro: Vecchi; São Paulo: Brasiliense; São Paulo: Companhia Nacional; São Paulo: Cultrix; São Paulo: Cupolo; São Paulo: Edigraf; São Paulo: Editora das Américas; São Paulo: Instituto Ítalo-brasileiro; São Paulo: Martins; São Paulo: Monfort; São Paulo: Papyrus; São Paulo: Perspectiva. **Total: 24**

4.1.2 Anos 1970: uma década de retração

Entre 1968 e 1973, a economia brasileira teve uma forte expansão, com crescimento anual entre 9% e 11%. Nessa época, segundo Hallelwell, a indústria editorial teve aumento das vendas, mas não dos lucros. Em seguida, em 1973, sobreveio a crise do petróleo, que foi sentida também pela indústria editorial, causando um enorme aumento nos custos de produção e, consequentemente, no preço de capa dos livros. A crise econômica, somada ao ambiente político repressivo da Ditadura Militar que teve início em 1964 e recrudescceu-se em 1968, com o Ato Institucional Nº 5, podem ser apontados como fatores que provocaram a retração refletida nos números da tradução de poesia nessa década. O AI-5 instituiu a censura prévia à imprensa, e foram promulgadas leis que determinavam a punição de editores que publicassem “material difamatório, obsceno e sedicioso”. Em 1970, o decreto-lei nº 1077 estendeu a censura prévia aos livros “sobre temas referentes ao sexo, moralidade pública e bons costumes” (HALLEWELL, p. 585). Sem dúvida, a Civilização Brasileira foi a editora que mais sofreu as retaliações do sistema. Em 1970, Ênio Silveira, seu editor, foi preso várias vezes, além de ser alvo de diversos processos. Quase diariamente, centenas de livros eram confiscados pela polícia política no depósito da editora, e um incêndio suspeito destruiu os seus escritórios centrais e a sua principal livraria no centro do Rio de Janeiro (IBIDEM, pp. 586-588).

A década foi ambivalente, pois iniciou com a repressão e a censura, marcada por fatos como o suicídio do poeta e compositor Torquato Neto em 1972, e fechou com a euforia da abertura, com o anúncio da anistia e da volta dos exilados. Segundo descreve Moriconi, usando os termos da época, foram tempos de contracultura, de “curtição” e “desbunde” (MORICONI, 2010, p. 9) Mas também de luta

armada e contestação política e de costumes. Tal conjuntura repressiva levou os novos escritores, poetas e artistas a buscarem meios alternativos de difusão. Surge a chamada “Geração Marginal” ou “Mimeógrafo”, que usou essa tecnologia disponível para distribuir a sua criação poética em livrinhos artesanais. Assim, formou-se um circuito de produção cultural alternativo e “marginal”, ou seja, às margens do sistema formal, de caráter artesanal e que circulava fora dos canais tradicionais.

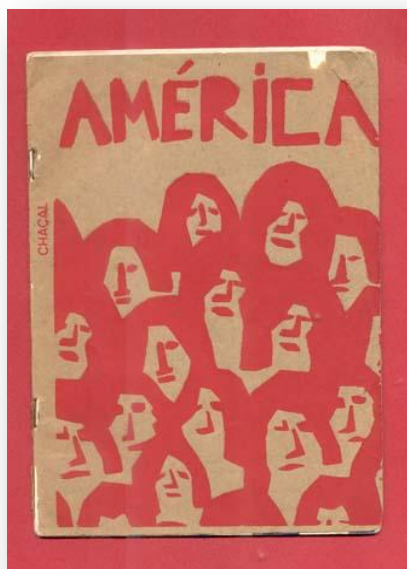
Figura 2:
Poesia Postal⁶³



Na figura acima está a mala-direta poética *Poemínima*, criada pelo poeta Luiz Roberto Guedes em 1981. Foram 500 exemplares de um folheto com 32 poemas, material que já havia sido publicado no Almanaque *Jornal Dobrabil*, do também poeta Glauco Mattoso. Na onda da arte postal, a *Poemínima* foi remetida pelos Correios.

⁶³ Material fornecido pelo autor.

Figura 3: típico folheto da geração mimeógrafo, de Chacal.



Em termos de tradução de poesia nos circuitos formais de difusão, a década inaugura com a tradução do virulento *Os cantos de Maldoror*, poema em prosa de 1869, de autoria do misterioso Conde de Lautréamont (pseudônimo do franco-uruguaio Isidore Ducasse). A tradução foi feita por Claudio Willer e publicada pela editora Vertente em 1970. Por esse poema, Lautréamont (1846-1870) havia sido alçado por André Breton a precursor do surrealismo.

Para os poetas concretos, a década foi produtiva em termos de tradução. Em 1970, Augusto de Campos e José Paulo Paes publicam *ABC da Literatura*, de Ezra Pound (Cultrix, 1970), que além de formulações teóricas do poeta sobre a poesia, traz uma mini-antologia do paideuma poundiano. Ali estavam poemas traduzidos de Homero, Safo, a poesia chinesa de Li Po, alguns trovadores provençais, Dante, Villon, Donne, Rimbaud, Laforgue, entre outros. No ano seguinte, Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari publicam *Mallarmagem* (Noa Noa, 1971) e aproveitam para exaltar no prefácio o poema “Un coup de dés” e, assim, posicionar Mallarmé com pai ou patrono da nova poesia a que se propunham, uma vez que, para eles, esse poema

representaria a própria crise do verso. Augusto traduz ainda *O Tygre*, de Blake (Edição do autor, 1977), *O dom e a danação*, com poemas do poeta metafísico inglês John Donne, que fora reabilitado ao cânone por Eliot e outros modernistas, *20 poemas de e.e.cummings* (Noa Noa, 1979), além da antologia *Verso, reverso, controverso*, com poemas de Donne, Herbert, Carew, Suckling, Crawshaw, Marvell, Blake e Hopkins (Perspectiva, 1978). Já Haroldo de Campos traduziu *Seis cantos do paraíso*, de Dante Alighieri (Gastão de Holanda Editor, 1976), outro dos nomes que compunha o paideuma poundiano.

Os poetas da Geração de 45, como Péricles Eugênio da Silva Ramos, Oswaldino Marques, Cristiano Martins, Darcy Damasceno, Paulo Mendes Campos e Dora Ferreira da Silva também publicam traduções nesta década. Silva Ramos verte *Sonetos de Shakespeare* (Civilização Brasileira, 1970); Oswaldino Marques lança *Quarto quartetos*, de Eliot (Opera Mundi, 1970); Cristiano Martins publica *O inferno*, de Dante (Imprensa, 1971), e alguns anos depois, *A Divina Comédia completa* (Itatiaia, 1976). Dora traduz *Elegias de Duíno*, de Rilke (Globo, 1972) e, mais para o final da década, com a abertura política, Paulo Mendes Campos publica *Canto geral*, de Neruda (Difel, 1979). Não se pode esquecer que Neruda era comunista, e *Canto geral* denunciava as injustiças históricas sofridas pela América Latina. Também se beneficiando dos ares da abertura, Thiago de Mello publica *Salmos*, do poeta e sacerdote socialista nicaraguense Ernesto Cardenal (Civilização Brasileira, 1979).

Enquanto o panorama da tradução de poesia foi de retração, o mesmo não se pode dizer da publicação de prosa, principalmente a norte-americana, que foi alvo de uma política pública de incentivos a partir de 1967. Trata-se do acordo MEC-SNEL-Usaid (Ministério da Educação, Sindicato Nacional de Editores de Livros e *United States Agency for International Development*), que subsidiou a tradução e a produção de milhares de livros da literatura norte-americana, mais especificamente, 51 milhões, destinados às escolas. Eram títulos como *Moby-Dick*, *Little Women* [Mulherzinhas], *The last of the Mohicans* [O último dos Moicanos] etc.

Para Irene Hirsch,

O exame de clássicos em prosa da literatura norte-americana, de romances do século XIX, traduzidos durante esse período de forte ação da censura e de grande crescimento do mercado, revelou um forte traço conservador, seja na seleção de temas, seja nas escolhas lexicais e gramaticais (HIRSCH, 2009, p. 64).

Hirsch, no entanto, destaca a oposição entre a tradução de prosa e de poesia no período: a tradução de prosa, conservadora, e a de poesia, inovadora e transgressiva, mas voltada um público mais erudito e seletivo. Para ela, “é na própria seleção dos poetas a serem traduzidos que o pioneirismo almejado pelos tradutores se revela”, pois “representavam uma inovação no panorama literário, e sua incorporação ao sistema literário nacional obedeceu a uma tendência transgressiva das vanguardas nacionais” (IBIDEM, pp. 64-65). É certo que, numa visão de conjunto entre as cinco décadas tratadas aqui, os anos 1970 foram os mais tímidos em relação ao número de poetas traduzidos, de poetas-tradutores atuando e de línguas traduzidas. No entanto, mesmo em menor número, as escolhas tradutórias dos poetas tiveram uma qualidade inegável, marcada pela ousadia.

Nesta década também surgem novos locais de edição de poesia traduzida, como Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Recife (PE), Belo Horizonte (MG) e Feira de Santana (BA). A maior concentração, no entanto, segue na Região Sudeste, mas, desta vez, com equilíbrio numérico entre editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Tabela 6

RESUMO DA TRADUÇÃO DE POESIA NA DÉCADA DE 1970:

Total de traduções poéticas: 41

Vol. de autores individuais: 36 (24 por poetas)

Vol. de antologias: 5 (3 por poetas)

Traduções realizadas por poetas: 27

Traduções realizadas por não-poetas: 14

Autores traduzidos por poetas: Blake, Cummings, Dante, Donne, Eliot, Ernesto Cardenal, Lautréamont, Mallarmé, Nahuel Santana, Neruda, Pound, Rilke, Salvatore Quasimodo, Séferis, Shakespeare, Valéry. **Total: 16**

Antologias traduzidas e/ou organizadas por poetas: *Verso, reverso, controverso* (Donne, Herbert, Carew, Suckling, Crawshaw, Marvell, Blake, Hopkins); poetas da Inglaterra e poesia siciliana.

Poetas-tradutores do período: Augusto de Campos; Carlos Nejar; Cláudio Willer; Cristiano Martins, Darcy Damasceno; Décio Pignatari; Dora Ferreira da Silva; Haroldo de Campos; Jorge Wanderley; José Eduardo Degrazia; José Paulo Paes; Olga Savary; Oliveira Ribeiro Neto; Oswaldino Marques; Paulo Mendes Campos; Péricles Eugênio da Silva Ramos; Silvio Castro; Thiago de Mello. **Total: 18**

Línguas dos textos-fonte: inglês; francês; alemão; espanhol; grego; italiano. **Total: 06**

Editoras: Florianópolis: Noa Noa; Porto Alegre: Globo; Porto Alegre: L&PM; Recife: Gastão de Holanda Editor; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Rio

de Janeiro: Editora Fontana; Rio de Janeiro: José Olympio; Rio de Janeiro: Lido; Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Rio de Janeiro: Opera Mundi; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo : Difel; São Paulo: Cultrix; São Paulo: Editora Ítalo-latino-americana Palma; São Paulo: Itatiaia; São Paulo: Perspectiva; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; São Paulo: Vertente; Belo Horizonte: Imprensa Publicações; Feira de Santana: Estrada. **Total: 20** + uma edição do autor

4.1.3 Anos 1980: a década do *boom* e do *beat*

A década de 1980 inicia-se auspiciosa para o mercado editorial brasileiro, que atinge o seu ápice de vendas até então, em 1982. Porém, no mesmo ano, explode a crise da dívida externa, que levaria os países da América Latina a uma década de estagnação econômica e inflação. No Brasil, essa foi também a década dos planos econômicos, primeiro o Cruzado, em 1986, e depois o Plano Verão, em 1989, seguido no ano seguinte pelo Plano Collor. Hallewell descreve um sobe-e-desce dos números do mercado editorial nessa época, variando segundo o tipo de livro (didático, técnico, literário etc.) e da região (HALLEWELL, 2005, p. 273). No entanto, em meio à crise geral, a classe média voltou a comprar livros e esse ramo, diz Hallewell, “parece ter sido o único setor da economia brasileira a beneficiar-se da situação” (IBIDEM, p. 732). Para a tradução de poesia, a década foi mesmo excepcional em relação às anteriores. Bosi destacou que o aparecimento de numerosas traduções de poesia nos anos 1980 seria talvez o fenômeno mais digno de atenção da nossa historiografia literária [no final do século XX] (BOSI, 2006, p. 490). Moriconi afirma que:

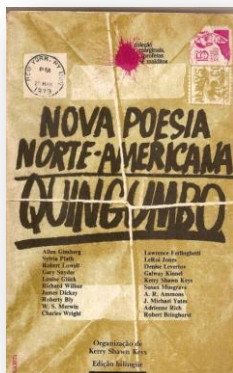
Na primeira metade da década de 80, o mercado editorial não só sofreu expansão como também diversificação, registrando-se uma nova demanda por publicações de formação cultural básica e abrindo-se espaço para autores importantes que nunca tinham sido traduzidos anteriormente no Brasil. Talvez essa demanda e essa oferta tenham sido provocadas pelos próprios editores, interessados na segmentação do mercado. Talvez o contexto de abertura e democratização política tenha favorecido o surto momentâneo de cosmopolitismo na cultura brasileira, que buscava sintonizar-se com a forma histórica da globalização neoliberal. Em qualquer caso, uma

consequência positiva desse processo, na área da literatura, foi o surgimento de algo até então inédito no Brasil: mercado para a poesia traduzida (MORICONI, 1997, p. 306)

De fato, o levantamento de tradução de poesia reflete tal expansão. Mais poetas brasileiros puseram-se a traduzir, e houve um aumento no número de poetas traduzidos (de 16 na década de 1970 para 45 na década de 1980). A redemocratização pode ter sido um fator que favoreceu várias empreitadas editoriais daquele tempo. Por exemplo: os ventos da contracultura já haviam soprado no mercado editorial do Brasil no final dos anos 1960, com a publicação da antologia *Geração Beat* (Brasiliense, 1968)⁶⁴, e Bukowski teve algumas narrativas editadas na década de 1970. Mas na esfera da poesia, as traduções dos poetas beats voltaram à cena somente na época da abertura política. A antologia *Nova poesia norte-americana Quingumbo* (Escrita, 1980), organizada pelo poeta Kerry Shawn Keys, trazia dois poemas de Lawrence Ferlinghetti e quatro de Allen Ginsburg.

Figura 4:

Capas de antologias com poemas beat lançadas em 1968 e em 1980.



⁶⁴ O tradutor dessa antologia é Marcelo Corço, de quem não consegui informações biográficas, além de que é autor de um livro chamado *O fauno e a fauna* (Editora Fon-fon, 1964).

Em 1983, a L&PM, de Porto Alegre, lançou a coleção "Alma beat", com obras de prosa e de poesia de autores como Jack Kerouac, Allen Ginsberg, William Burroughs e Lawrence Ferlinghetti. A Brasiliense não ficou atrás e lançou a coleção "Rebeldes e malditos". Claudio Willer descreveu assim esse momento propício à literatura beat no Brasil:

Novos ares, uma cultura de resistência ao autoritarismo, pessoas saindo de casa e procurando informações após o fim do AI-5 e da censura à imprensa, buscando alternativas às tendências literárias canônicas, o sucesso da poesia marginal, jornalismo cultural atrás de novas pautas: tudo isso favoreceu a recepção das obras beat que passaram a ser lançadas pelas editoras Brasiliense e L&PM a partir de 1983 (WILLER, 2009, p. 117).

A tradução de *Um parque de diversões da cabeça*, do poeta e editor Lawrence Ferlinghetti, ficou a cargo do poeta Leonardo Fróes e do jornalista Eduardo Bueno (L&PM, 1984). No mesmo ano, Nelson Ascher e Paulo Leminski assinaram a tradução de *Vida sem fim* (Brasiliense, 1984), também de Ferlinghetti. Willer traduziu o poema *Uivo* (L&PM, 1984) e Paulo Henrique Britto, *A queda da América* (L&PM, 1985), ambos de Allen Ginsberg. Os lançamentos geraram polêmica nas páginas da imprensa⁶⁵, mas não foi apenas essa a consequência da sua publicação. Conforme percebe Willer, a poesia beat foi também assimilada por alguns poetas da geração 1990.

Além da "novidade" representada pelos beats, obras de outros poetas modernistas norte-americanos ingressaram no sistema literário nacional nesta década por meio da tradução, como *Poemas*, de William Carlos Williams, traduzido por José Paulo Paes (Companhia das Letras, 1987), *Poemas*, de Wallace Stevens (Companhia das Letras, 1987), traduzido por Paulo Henrique Britto, e *De segunda a um ano*, de John Cage, por Augusto de Campos (Hucitec, 1985). Além disso, a obra de T.S. Eliot foi alvo de traduções de Ivan Junqueira e Idelma Ribeiro de

⁶⁵ Sobre o assunto, ver, de Flávia Andrea Rodrigues Benfatti, "Geração beat: o discurso da crítica à sua recepção no Brasil", dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Unesp.

Faria. Também os modernistas ingleses foram traduzidos, como W.H. Auden, de quem João Moura Jr. e José Paulo Paes traduziram um volume intitulado *Poemas* (Companhia das Letras, 1986); e D.H. Lawrence, com a tradução de *Poemas* por Leonardo Fróes (Alhambra, 1985).⁶⁶ Do irlandês James Joyce, Leminski traduziu *Giacomo Joyce*, obra póstuma com poemas de amor em verso livre (Brasiliense, 1985).

Os românticos ingleses também marcaram presença entre as escolhas dos poetas. Byron, que havia reinado entre os poetas brasileiros da segunda geração romântica, foi alvo das traduções de Péricles Eugênio da Silva Ramos, com *Poemas* (Art, 1989), e de Paulo Henriques Britto, com *Beppo: Uma História Veneziana* (Nova Fronteira, 1989). Mas enquanto os nossos românticos ressaltavam em Byron o seu pessimismo, ironia e atitude transgressora, Britto buscou destacar o caráter de “objetividade” de sua poesia. Ele explica que:

Uma das coisas que me levaram a traduzir o Byron foi a ideia de que a poesia brasileira estava precisando de um banho de objetividade. Eu não aguentava mais essa coisa de poema sobre o poema, poema sobre a leitura, sobre a impossibilidade de escrever poemas. [...]Eu fiquei impressionado com o fato de o Byron fazer poesia e estar ligado no mundo. Isso me interessava à medida que a poesia estava se descolando muito do resto do mundo (BRITTO, 2004, p.14).

O também romântico William Blake teve três traduções nesta década: *As núpcias do céu e do inferno*, por Oswaldino Marques (Francisco Alves, 1988); *O casamento do céu e do inferno e outros escritos de William Blake*, por Alberto Marciano e Regina de Barros Carvalho (L&PM, 1984) e *Canções da Inocência e da Experiência*, por Antônio de Campos (Bagaço/Fundação Casa da Cultura Hermilo Borba Filho, 1987). Keats recebeu traduções de Augusto de Campos, com *Ode a um Rouxinol e Ode sobre uma Urna* (Noa Noa, 1984) e de Péricles Eugênio da Silva Ramos, com o volume *Poemas* (Art, 1985). Do norte-americano Walt Whitman, Geir Campos lançou *Folhas das Folhas de Relva* (Brasiliense, 1984), coletânea de poemas já publicados na edição da Civilização Brasileira de 1964.

⁶⁶ Interessante notar que os poetas costumam dar o título de “Poemas” à maioria dos livros traduzidos. Nessa época, os únicos que dão títulos interpretativos às suas antologias são os irmãos Campos.

Houve igualmente continuidade da tradução dos poetas que compunham o cânone concretista, representado por obras como *A serpente e pensar*, com pormas de Paul Valéry traduzidos por Augusto de Campos (Brasiliense, 1984); *Poemas*, de Mallarmé, e *Os cantos*, de Ezra Pound, ambos traduzidos por José Lino Grünwald (Nova Fronteira, 1984 e 1986); além de *Poemas*, de Emily Dickinson, por Idelma Ribeiro de Faria (Hucitec, 1986). Emily Dickinson aparece também na antologia *O anticrítico*, de Augusto de Campos, juntamente com poemas de John Donne, Fitzgerald e Carroll (Companhia das Letras, 1986). Em *Linguaviagem* (Companhia das Letras, 1987), Augusto de Campos reúne traduções de três poetas que ele qualifica como pertencentes à “constelação pós-simbolista”: Paul Valéry, Yeats e Aleksandr Blok. Reúne também por afinidades de temas e linguagens poemas traduzidos de Mallarmé e Valéry, Keats e Yeats. Péricles Eugênio da Silva Ramos também traduz *Poemas de W.B. Yeats* (Art, 1987). O poeta metafísico inglês John Donne, que havia sido traduzido por Augusto de Campos em 1978 (*John Donne, o dom e a danação*, Noa Noa, 1978), é vertido por Afonso Félix de Souza em *Sonetos de meditação* (Villa Rica, 1985).

Os anos 80 também marcaram o ápice da publicação de Neruda no Brasil. Foram em número de dez as traduções do poeta chileno feitas por poetas brasileiros nessa década. Olga Savary assinou as traduções de *Livro das perguntas* (L&PM, 1980), *Barcarola* (L&PM, 1983), *A rosa separada* (L&PM, 1981), *Elegia* (L&PM, 1981), *O coração amarelo* (L&PM, 1982) e *Incitação ao nixonicídio e louvor da revolução chilena* (Francisco Alves, 1980). Paulo Mendes Campos traduziu *Residência na Terra I e II* (L&PM, 1980), Carlos Nejar verteu *As uvas e o vento* (L&PM, 1980) e Luiz de Miranda, *Últimos poemas* (L&PM, 1983).

Além de Neruda, entre as obras de poetas latino-americanos traduzidas nos anos 1980 estão: *Transblanco: em torno a Blanco de Octavio Paz*, pelos irmãos Campos (Guanabara, 1985); *23 poemas de Octavio Paz*, por Olga Savary (Roswitha Kempf, 1983); *Oração por Marilyn Monroe*, de Ernesto Cardenal, traduzida por Thiago de Mello (Civilização Brasileira, 1983); e *Poesia completa*, de Cesar Vallejo (Philobiblion, 1984), *Sôngoro Cosongo e 141 outros poemas*, de Nicolas Guillén (Itatiaia, 1987), ambos também em traduções de Thiago de Mello. A poesia traduzida de Jorge Luis Borges é pela primeira vez

publicada em livro no Brasil⁶⁷ com *Elogio da sombra: poemas*, por Carlos Nejar (Globo, 1985). Entre os espanhóis, obras de García Lorca e de San Juan de la Cruz também são traduzidas.

A poesia francesa foi representada nesta década pela tradução de *As flores do mal*, de Baudelaire, por Ivan Junqueira (Nova Fronteira, 1985), *Poemas de Jacques Prévert* por Silviano Santiago (Nova Fronteira, 1985); Paul Éluard por José Paulo Paes (*Poemas*, Guanabara, 1988) e *Litanias da lua*, de Jules Laforgue, por Régis Bonvicino (Iluminuras, 1989). François Villon, poeta lírico francês do século XV, teve três traduções na década, todas feitas por poetas: *Testamento*, por Afonso Félix de Souza (Itatiaia, 1987); *Poesia*, por Sebastião Uchoa Leite (Guanabara, 1987) e *Poemas*, por Péricles Eugênio da Silva Ramos (Toda Poesia, 1986). Dante Milano lançou *Poemas traduzidos de Baudelaire e Mallarmé* (Boca da Noite, 1986).

A poesia japonesa também recebeu atenção por parte dos poetas na década de 80.⁶⁸ O haikai e o tanka foram formas bastante apreciadas, sendo que o primeiro estabeleceu-se definitivamente no gosto dos poetas. Surgiram vários poetas haicaístas brasileiros, entre eles, Olga Savary, Millôr Fernandes, Pedro Xisto, Alice Ruiz e Paulo Leminski. Leminski interessou-se tanto pela cultura japonesa que estudou o japonês e chegou a escrever uma biografia de Bashô (*A Lágrima do Peixe*, Brasiliense, 1983). Também traduziu *Sol e aço* (Brasiliense, 1985), livro-testamento de Yukio Mishima, romancista, poeta e dramaturgo japonês da vanguarda do século XX. Olga Savary verteu, m tradução indireta via espanhol, *Sendas de Oku*, de Bashô (Roswitha Kempf, 1983), e *Haicais de Bashô* (Hucitec, 1989). Ela também reuniu traduções de Bashô, Issa e Shiki em *O livro dos haicais* (Massao Ohno Editor/Aliança Cultural Brasil-Japão, 1987). Alberto Marsicano fez a antologia *Haikai* (Japan Foundation, 1988); Geir Campos lançou

⁶⁷ Primeira vez em livro, pois, a primeira tradução de um poema de Borges no Brasil, segundo Wogan (1948), teria sido de Manuel Bandeira. Ele publicou a tradução de “Um pátio” em Pensamento da América, suplemento Pan-Americano do jornal *A manhã*, do Rio de Janeiro, em 30 de setembro de 1941.

⁶⁸ A poesia japonesa chegou ao Ocidente por meio dos livros de viagem no fim do século XIX (FRANCHETTI, 2008, p. 257) e, no Brasil, Guilherme de Almeida difundiu o haikai nas décadas de 1930 e 1940, porém promoveu adaptações na sua forma original: inseriu rimas e título. Para os modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922, diz Franchetti, o haikai significou um ideal de coloquialidade e também uma alternativa aos modelos literários europeus (IBIDEM, p. 256).

Haicais: poesia do Japão (Ediouro, 1988), em tradução indireta a partir da versão alemã de Jan Ulenbrook, e Paulo Colina e Masuo Yamaki traduziram *Tanka*, de Takuboku Ishikawa (Roswitha Kempf, 1986). Outra tradição oriental trazida via tradução ao Brasil foi o *sjô*, forma poética da Coreia antiga, da dinastia Yi (de 1392 a 1910), modalidade de canção popular que significa “canção das estações”. Alberto Marsicano e Yun Jung Im traduziram 101 desses poemas em *Sijô Poesicanto Coreana Clássica* (Iluminuras, 1984).

Entre os poetas italianos, Leopardi teve seus *Cantos* traduzidos por Maria José Carvalho (Max Limonad, 1986), *A alegria*, de Ungaretti, foi traduzida por Sérgio Wax (RK, 1989) e *Sonetos luxuriosos* de Pietro Aretino recebeu tradução de José Paulo Paes (Companhia das Letras, 1981). O poeta grego Konstantinos Kaváfis foi traduzido por José Paulo Paes para o volume *Poemas* (Nova Fronteira, 1982). Dora Ferreira da Silva traduziu nesta década duas obras de poetas místicos: *Mediação do nada*, do barroco alemão Angelus Silesius (TA Queirós, 1986) e *A poesia mística de San Juan de la Cruz* (Cultrix, 1982). A poesia alemã foi pouco traduzida nos anos 1980: entre os poetas, Marco Lucchesi traduziu *Patmos e outros poemas de Hölderlin* (Grupo Setembro, 1987) e Sebastião Uchoa Leite traduziu *Canções da força*, de Christian Morgenstern (Roswitha Kempf, 1983).

Nos anos de 1980, apesar do aumento do número de poetas estrangeiros traduzidos, não houve semelhante diversificação de línguas e literaturas. Em 1960, nossos poetas traduziram de onze línguas; nos anos 1970, de seis, e nos 1980, de onze. Já o número de poetas traduzidos, como se viu há pouco, foi de 22 nos anos 60, caiu para 16 nos anos 1970 deu um salto para 45 nos anos de 1980.

Nessa década, assistiu-se a uma proliferação de editoras interessadas em publicar poesia traduzida, chegando a um total de 34, segundo o levantamento. A edição concentrou-se no Estado de São Paulo, com 18 editoras (dezesseis na Capital, mais uma em Assis e outra em Campinas). Nove editoras eram do Estado do Rio de Janeiro (oito da Capital e uma de Niterói); duas de Porto Alegre (RS), além de uma editora do Distrito Federal, de Palmares (PE) e de Florianópolis (SC). De uma das casas não consegui localizar a sede.

Por conta das traduções de Neruda, a L&PM, de Porto Alegre, foi a editora que mais lançou livros de poesia traduzida por poetas, somando 13 títulos. Logo atrás, veio a Nova Fronteira, com oito títulos, a Companhia das Letras, com seis, a Brasiliense, com cinco, e Hucitec e Roswitha Kempf com três cada.

Tabela 7

RESUMO DA TRADUÇÃO DE POESIA DA DÉCADA DE 1980:**Total de traduções poéticas: 108****Volumes de autores individuais: 90 (65 por poetas)****Volumes de antologias: 18 (16 por poetas)****Traduções realizadas por poetas: 81****Traduções realizadas por não-poetas: 27**

Autores traduzidos por poetas: Allen Ginsberg, Aretino, Catulo, Charles Baudelaire, Christian Morgenstern, Cummings, D.H. Lawrence, Donne, Edison Simons, Eliot, Emily Dickinson, Ernesto Cardenal; Ezra Pound, García Lorca, Hölderlin, James Joyce, John Cage, Jorge Luis Borges, John Keats, Kaváfis, Lawrence Ferlinghetti, Laforgue; Leopardi, Lord Byron, Mallarmé, Matsuo Bashô; Nicolas Guillén; Pierre Louÿs, Octavio Paz, Pablo Neruda, Paul Éluard, Prevert, San Juan de la Cruz, Silésius, Takuboku Ishikawa, Ungaretti, Valéry, Vallejo, Villon, W.H. Auden, Wallace Stevens, Whitman, William Blake, William Carlos Williams, Yeats. **Total: 45.**

Antologias traduzidas e/ou organizadas por poetas: Haicais; poesia francesa do século XIX; poesia norte-americana contemporânea; poesia provençal; poesia holandesa; poesia colombiana; Poemas de Baudelaire e Mallarmé; poesia moderna da Grécia; poesia egípcia antiga; poesia inglesa do século XIX; poesia coreana e coletâneas de poemas de línguas variadas.

Poetas-tradutores atuantes no período: Afonso Félix de Sousa; Alberto Marsicano; Anderson Braga Horta; Antonio de Campos; Augusto de Campos; Carlos Nejar; Claudio Willer; Dante Milano; Dora Ferreira da Silva; Geir Campos; Haroldo de Campos; Idelma Ribeiro de Faria; Ivan Junqueira; João Moura Jr.; José Lino Grunewald; José Paulo Paes; Leonardo Fróes; Luiz Antônio Figueiredo; Luiz de Miranda; Marco Lucchesi; Maria José Carvalho; Nelson Ascher; Olga Savary; Oswaldino Marques; Paulo Colina; Paulo Henriques Britto; Paulo Leminski; Paulo Mendes Campos; Péricles Eugênio de Silva Ramos; Regis Bonvicino; Sebastião Uchoa Leite; Sérgio Wax; Silviano Santiago; Thiago de Mello. **Total: 34**

Línguas dos textos-fonte: inglês, espanhol; alemão; francês; italiano; grego, latim; japonês, coreano, egípcio, holandês. **Total: 11**

Editoras: Distrito Federal: RK; Florianópolis: Noa Noa; Niterói: Grupo Setembro; Palmares: Bagaço/Fundação Casa da Cultura Hermilo Borba Filho; Porto Alegre: Globo; Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Rio de Janeiro: Alhambra; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Rio de Janeiro: Ediouro; Rio de Janeiro: Francisco Alves; Rio de Janeiro: Guanabara; Rio de Janeiro: Philobiblion, Instituto Municipal de Arte e Cultura; Rio de Janeiro: Rio Arte Record; São Paulo: Brasilense; São Paulo: Art; São Paulo: Companhia das Letras; São Paulo: Cultrix; São Paulo: Editora da Folha; São Paulo: Edunesp; São Paulo: Expressão/Timbre; São Paulo: Hucitec; São

Paulo: Iluminuras; São Paulo: Itatiaia; São Paulo: Japan Foundation; São Paulo: Massao Ohno; São Paulo: Max Limonad; São Paulo: Roswitha Kempf; São Paulo: TA Queiróz; Belo Horizonte: Villa Rica; Boca da Noite; Campinas: Unicamp; São Paulo: Escrita; Rotterdam: Poetry International. **Total: 34**

4.1.4 Anos 1990: diversidade de línguas traduzidas

Não obstante os problemas econômicos do início da década de 1990, o bom momento da tradução de poesia teve continuidade. Após as turbulências representadas pelo episódio do confisco da poupança pelo governo Collor em março de 1990 e pela instabilidade política que culminou no *impeachment* desse presidente, o Brasil viria a conquistar em seguida a estabilidade da sua moeda com o Plano Real. Nesta década, o número de línguas traduzidas pelos poetas cresceu em relação aos anos 1980, mas o número de poetas traduzidos subiu pouco: de 45 para 55, o que demonstra que houve uma diversificação e renovação das referências. Já os poetas-tradutores em atuação nesta década passaram de 34 para 50.

Poetas franceses caracterizados pela originalidade e vanguardismo foram traduzidos nos anos de 1990, como é o caso de Tristan Corbière, simbolista incluído por Paul Verlaine no *hall* dos poetas malditos, e cujo livro *Os amores amarelos* foi vertido por Marcos Siscar (Iluminuras, 1996), e do surrealista Pierre Reverdy, traduzido por Ronald Polito e Julio Castañon Guimarães (Edição dos tradutores, 1999). Arthur Rimbaud recebeu cinco traduções na década, de *Iluminuras: Gravuras Coloridas*, por Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça (Iluminuras, 1993), a *Rimbaud livre*, por Augusto de Campos (Perspectiva, 1992), *Uma estadia no Inferno - Poesia completa*, por Ivo Barroso (Topbooks, 1994), *Uma temporada no inferno*, por Paulo Hecker Filho (L&PM, 1997) até *Prosa poética*, também por Ivo Barroso (Topbooks, 1998). *Brinde fúnebre e outros poemas*, de Mallarmé, foi traduzido por Júlio Castañon Guimarães (7Letras, 1995), *O nu perdido e outros poemas*, de René Char (parceiro de Breton e Paul Éluard), foi vertido por Augusto Contador Borges (Iluminuras, 1995) e o Conde de Lautréamont teve as suas *Obras completas* traduzidas por Cláudio Willer (Iluminuras, 1998), complementando o projeto iniciado nos anos 70 com a publicação de *O canto de Maldoror*.

O simbolista Verhaeren, belga que escrevia em francês, teve a sua obra *Cidades tentaculares* traduzida por José Jeronymo Rivera (Thesaurus, 1999), e o suíço Blaise Cendrars foi traduzido pelo poeta

italiano radicado no Brasil Sérgio Wax (Editora Universitária UFPA, 1993). Alexei Bueno traduziu *As quimeras*, do poeta romântico francês Gerard Nerval (Topbooks, 1996), enquanto a poesia francesa contemporânea foi representada por Francis Ponge na tradução de *O partido das coisas*, feita por Adalberto Müller Jr., Ignacio Antonio Neis, Júlio Castañón Guimarães, Michel Peterson e Carlos Loria (Iluminuras, 1995).

No terreno das antologias, a poesia francesa foi contemplada por traduções de José Lino Grünewald em *Poetas Franceses do Século XIX* (Nova Fronteira, 1991), reunindo poemas de Victor Hugo, Baudelaire, Rimbaud, Gérard de Nerval, Mallarmé, Verlaine, Tristan Corbière e outros. José Jeronymo Rivera lançou *Poesia francesa: pequena antologia bilíngue* (Thesaurus, 1998), com poemas de vinte poetas, muitos deles pouco divulgados no Brasil, como Guillaume de Machaut, Tristan L'Hermite, François Maynard e Jean de la Ville de Mirmont.

Entre os poetas das vanguardas do início do século que foram traduzidos nesta década por poetas brasileiros estão o expressionista alemão Georg Trakl, de quem Marco Lucchesi traduziu *Poemas* (Numen, 1990), o futurista russo Velimir Khlebnikov, igualmente traduzido por Lucchesi (*Poemas de Khlebnikov*, Cromos, 1993) e o argentino Oliverio Girondo, cuja obra mais ousada, *A Pupila do Zero – En la masmácula*, foi traduzida por Régis Bonvicino (Iluminuras, 1995). A primeira poesia de Jorge Luis Borges, do livro *Fervor de Buenos Aires*, aparece em tradução de Glauco Mattoso e Jorge Schwartz nas *Obras Completas* (Globo, 1998).

Os grandes poetas italianos também ganharam importantes traduções por parte dos seus pares brasileiros. Jorge Wanderley lançou *Lírica*, de Dante e Haroldo de Campos, a antologia *Pedra e luz na poesia de Dante*, com a tradução de seis cantos do *Paraíso* e ensaio sobre a literatura italiana dos séculos XIII e XIV. Os poetas Afonso Félix de Sousa, Alexei Bueno, Ivan Junqueira, Ivo Barroso e José Paulo Paes, juntamente com o tradutor Álvaro Antunes, traduziram *Poesia e prosa*, de Leopardi (Nova Aguilar, 1996), e Geraldo Holanda Cavalcanti verteu *Poesias*, de Salvatore Quasimodo (Record, 1997) e *Diário Póstumo*, de Eugenio Montale (Record, 1999).

Nas antologias mistas, destaca-se *Poemas à noite*, tradução de poemas de Rilke e Trakl por Marco Lucchesi (Topbooks, 1996). Rilke também está na antologia *Irmãos germanos*, de Augusto de Campos (Noa Noa, 1992). Rilke teve outras quatro traduções na década: *O livro de horas*, por Geir Campos (Civilização Brasileira, 1993); *Poemas*, por José Paulo Paes (Companhia das Letras, 1993); *Vida de Maria*, por Dora

Ferreira da Silva (Vozes, 1994) e *Rilke: poesia-coisa*, por Augusto de Campos (Imago, 1994). Já Goethe teve a *Trilogia da paixão* traduzida por Leonardo Fróes (Rocco, 1999); enquanto Hölderlin foi traduzido por José Paulo Paes (*Poemas*, Companhia das Letras, 1991) e *Canto do destino e outros cantos* teve tradução de Antônio Medina Rodrigues (Iluminuras, 2004).

A dupla Boris Schnaiderman e Nelson Ascher traduziu os russos Brodsky em *Quase uma elegia* (7Letras, 1995) e Puchkin em *A Dama de Espadas – prosa e poemas* (Editora 34, 1999). Augusto de Campos organizou duas antologias com poemas do jesuíta inglês Gerald Manley Hopkins: *Hopkins: cristal terrível* (Noa Noa, 1991) e *Hopkins: a beleza difícil* (Perspectiva, 1997), enquanto Haroldo de Campos traduziu poesia bíblica em *Qohélet – o-que-sabe* (Eclesiastes) e *Bere'shith: a cena de origem* (e outros estudos de poética bíblica) (Perspectiva, 1990 e 1993), além de *Homero em Mênis: a ira de Aquiles* (Nova Alexandria, 1994) e *Os nomes e os navios: Homero – Ilíada II* (7Letras, 1999).

A poesia oriental recebeu uma excepcional atenção nessa década por parte dos poetas. Foi editada uma tradução inédita de Cecília Meireles de *Poemas chineses: Li Po e To Fu* (Nova Fronteira, 1996) e Haroldo de Campos lançou *Escrito sobre Jade – Poesia Clássica Chinesa* (Tipografia do Fundo Ouro Preto, 1996), com recriações de To Fu, Li Po e de outros poetas da época clássica chinesa. Alberto Marsicano traduziu a antologia de poesia coreana *O pássaro que comeu sol*, e, com Kimi Tekenaka, *Trilha estreita ao confim*, com haicais de Bashô (Iluminuras, 1997). Maurício Arruda Mendonça traduziu *Trilha forrada de folhas*, de Nempuku Sato (Ciência do Acidente, 1990), Masuo Yamaki e Paulo Colina lançaram *Comemoração da Salada: Tankas*, de Machi Tawara (Estação Liberdade, 1992), Masuo Yamaki e Raimundo Gadelha traduzem *Terratempo* (tankas), de Kikuti Wanami (Aliança Cultural Brasil-Japão, 1993) e Geir Campos, *Cantos do eu coração*, do poeta contemporâneo japonês Daisaku Ikeda (Record, 1995), a partir da versão inglesa de Burton Watson.

Na década de 1990, novos nomes da poesia contemporânea norteamericana ingressam via tradução no nosso sistema literário, numa clara diversificação do cânone concretista. Elizabeth Bishop teve três obras suas traduzidas: *Poemas*, por Horácio Costa (Companhia das Letras, 1990), *Uma arte* (Companhia das Letras, 1995) e *Poemas do Brasil* (Companhia das Letras, 1999), por Paulo Henriques Britto. As obras *Passagens*, com poemas de Michael Palmer, e *A um*, de Robert Creeley, foram publicadas em tradução de Régis Bonvicino. Com Claudia

Roquette-Pinto, Bonvicino traduziu ainda *Primeiras palavras*, de Douglas Messerli.

Sylvia Plath surgiu em tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça (*Poemas*, Iluminuras, 1991) e de Ronald Polito e Deisa Chamahum Chaves, que traduzem *21 poemas* (Livre Impressão, 1994). Cummings recebe mais uma tradução de Augusto de Campos, intitulada *P O E M (A) S* (Francisco Alves, 1999) e em Salvador, Carlos Loria traduz *Cummings: 20 poemas* (Código, 1990). A poesia de Eliot também é contemplada com três traduções nos anos 90 por parte de poetas: Ivo Barroso traduz *O livro dos gatos* (Nórdica, 1991), Idelma Ribeiro de Faria traduz Corais de "O Rochedo" (Massao Ohno, 1996) e Ivan Junqueira verte *Quatro Quartetos* (Civilização Brasileira, 1997).

Jorge Wanderley traduziu *Poemas* do britânico nascido na Índia Lawrence Durrell (Topbooks, 1995) e Philadelpho Menezes, os *Poemas ingleses* de Fernando Pessoa (Experimento, 1993). Shakespeare teve 30 *sonetos* traduzidos por Ivo Barroso (Nova Fronteira, 1991) e *Sonetos* por Jorge Wanderley (Civilização Brasileira, 1991) e Péricles Eugênio da Silva Ramos traduziu *Ode ao vento e outros poemas*, de Shelley (Art, 1992). Alberto Marsicano & John Milton traduziram *John Keats: nas invisíveis asas da poesia* (Iluminuras, 1998).

Jorge Wanderley lançou nesta década duas antologias de poesia de língua inglesa: *Antologia da nova poesia norte-americana* (Nova Fronteira, 1992) e *22 ingleses modernos: uma antologia poética* (Nova Fronteira, 1993). Idelma Ribeiro de Faria reuniu poemas de Emily Dickinson, T.S. Eliot e do haitiano René Dupestre em uma antologia (Hucitec, 1992).

José Paulo Paes lançou nada menos do que seis antologias nessa década: *Poesia erótica em tradução* (Companhia das Letras, 1990); *Gaveta de tradutor* (Letras Contemporâneas, 1996); *Quinze poetas dinamarqueses* (Letras Contemporâneas, 1997); *Poemas da Antologia Grega ou Palatina* (Companhia das Letras, 1995); *Poetas gregos contemporâneos* (Noa Noa, 1991) e *Poemas de Carne e Exílio*, de Ovídio (Companhia das Letras, 1990). Ainda no âmbito da literatura latina, Foed Castro Chamma traduziu *Bucólicas*, de Virgílio (Latife, 1998).

Houve espaço para as compilações extensas e variadas, como *Tradução e versão*, de Abgar Renault (Record, 1994), que reúne poemas traduzidos de vários poetas de língua inglesa – de Shakespeare a Pound, além de poetas franceses e alemães e hispano-americanos; *31 Poetas, 214 Poemas: do Rig-veda e Safo a Apollinaire*, de Décio

Pignatari (Companhia das Letras, 1997) e *Retrato do amor quando jovem: Dante, Shakespeare, Sheridan, Goethe*, também em tradução de Pignatari (Companhia das Letras, 1990). Outros exemplos de antologias extensas são *Poesia alheia*, de Nelson Ascher (Imago, 1998), com 124 poemas de sessenta poetas, e *O torso e o gato* (Record, 1991), de Ivo Barroso, com traduções de poemas de Blake, Rilke, Shakespeare, Yeats, Eliot, Lorca e Baudelaire. No terreno das literaturas pouco traduzidas entre nós, as novidades nas antologias mistas ficaram por conta de *Oriki orixá - poesia iorubá*, em tradução de Antônio Risério (Perspectiva, 1996), e da antologia de poesia húngara *Canção antes da ceifa*, de Nelson Ascher (Art Pau-Brasil, 1990).

Entre as antologias mistas de poesia latino-americana, Nelson Ascher reuniu em *O lado obscuro* traduções de poemas de diversas gerações de poetas de vários países da América Latina (Memorial da América Latina, 1996), e a poeta-tradutora Josely Vianna Baptista traduziu *Caribe transplatino, poesia neobarroca cubana e rioplatense* (Iluminuras, 1991, organizado por Néstor Perlongher). Nesta obra, estão traduções de Lezama Lima, Severo Sarduy, José Kozzer, Osvaldo Lomborghini, Roberto Echevarren, Arturo Carrera, Eduardo Milán, Tamara Kamenszain, além do próprio Perlongher. Josely Vianna Baptista também traduziu *Lamê: antologia bilíngue espanhol-português*, reunindo parte da obra do poeta Néstor Perlongher (Editora da Unicamp, 1994).

Excetuando-se as antologias, as traduções dos poetas de língua castelhana foram escassas nessa década. E, salvo algumas exceções, as escolhas foram bastante convencionais. Neruda teve mais duas obras traduzidas, ambas por Thiago de Mello: *Os versos do capitão e Cadernos de Temuco* (Bertrand Brasil 1993 e 1998). *Sonetos de Amor e de Morte*, de Quevedo, foi traduzido por Fernando Mendes Vianna (Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil, 1999) e *Versos singelos*, de José Martí, por Sidnei Schneider (SBS, 1997). Thiago de Mello traduziu ainda *Cântico Cósmico*, do nicaraguense Ernesto Cardenal (Hucitec, 1996) e *Debaixo dos astros*, do mexicano Diego Eliseo (Hucitec, 1994).

Quanto às editoras que publicaram as traduções poéticas dos poetas, observa-se um aumento no número dessas casas em relação à década anterior, somando um total de 45. A maioria (44%) estava localizada no estado de São Paulo (Capital e Campinas). Em seguida, estavam as editoras sediadas no Rio de Janeiro, com 31% (Capital, Niterói e Petrópolis), mas também havia editoras de outras cidades e

Estados. Uma de Belém (PA), duas de Brasília (DF), duas de Florianópolis (SC), uma de Porto Alegre (RS), duas de Ouro Preto e duas de Mariana (MG) e uma editora de Salvador (BA).

Tabela 8

RESUMO DA TRADUÇÃO DE POESIA NA DÉCADA DE 1990:

Total de traduções poéticas: 149

Volumes de autores individuais: 117 (77 por poetisas)

Volumes de antologias: 32 (24 por poetisas)

Traduções realizadas por poetisas: 101

Traduções realizadas por não-poetisas: 48

Autores traduzidos por poetisas:

Blaise Cendrars, Brodsky, Cummings, Daisaku Ikeda, Dante, Diego Eliseo, Eliot, Elizabeth Bishop, Émile Verhaeren, Ernesto Cardenal, Fernando Pessoa, Francis Ponge, Frei Luis de León, Georg Trakl, Giógos Séferis, Goethe, Hölderlin, Homero, Hopkins, Joan Brossa, Jorge Luis Borges, José Martí, Joyce, Keats, Khlebnikov, Kikuti Wanami, Lautréamont, Lawrence Durrell, Leopardi, Machi Tawara, Mallarmé, Matsuo Bashô, Michael Palmer, Montale, Nempuku Sato, Neruda, Nerval, Nestor Perlongher, Oliverio Girondo, Ovídio, Pierre Reverdy, Puchkín, Quevedo, René Char, Rilke, Rimbaud, Robert Browning, Robert Creeley, Salvatore Quasimodo, Shakespeare, Shelley, Sylvia Plath, Tristan Corbière, Virgílio. **Total: 55 + dois textos bíblicos.**

Antologias traduzidas e/ou organizadas por poetisas: Poesia hispano-americana, poesia húngara, poesia francesa, poesia dinamarquesa, poesia alemã, poesia clássica chinesa, poesia iorubá, poesia grega antiga, poesia moderna inglesa, poesia coreana, poesia contemporânea norte-americana, poesia grega contemporânea, poesia francesa do século XIX, poesia erótica, além de coletâneas de tradições variadas.

Poetas-tradutores atuantes no período: Abgar Renault; Adalberto Müller; Afonso Félix de Sousa; Alberto Marsicano; Alexei Bueno; Alípio Correia de Franca Neto; Antônio Medina Rodrigues; Antonio Risério; Augusto Contador Borges; Augusto de Campos; Carlos Loria; Cecília Meireles; Claudio Willer; Decio Pignatari; Dora Ferreira da Silva; Fernando Mendes Vianna; Foed Castro Chamma; Geir Campos; Geraldo Holanda Cavalcanti; Glaucio Mattoso; Haroldo de Campos; Horácio Costa; Idelma Ribeiro de Faria; Ivan Junqueira; Ivo Barroso; Jorge Wanderley; José Jeronymo Rivera; Jose Lino Grünewald; José Paulo Paes; Josely Vianna Baptista; Júlio Castañón Guimarães; Leonardo Fróes; Luiz Antônio de Figueiredo.; Marco Lucchesi; Marcos Siscar; Maurício Arruda Mendonça; Nelson Ascher; Paulo Colina; Paulo Hecker Filho; Paulo Henriques Britto; Pérciles Eugênio da Silva Ramos; Philadelpho Menezes; Raimundo Gadelha; Régis Bonvicino; Rodrigo Garcia Lopes; Ronald Polito; Sérgio Alcides; Sérgio Wax; Sidnei Schneider; Thiago de Mello. **Total: 50**

Línguas dos textos-fonte: inglês, espanhol, hebraico, latim, grego, italiano; alemão, francês, russo, japonês, catalão, coreano, húngaro, iorubá, chinês,

dinamarquês. **Total: 16**

Editoras: Belém: Editora Universitária UFPA; Brasília: Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil; Brasília: Thesaurus; Campinas: Editora da UNICAMP; Florianópolis: Letras Contemporâneas; Florianópolis: Noa Noa; Mariana: Edição dos tradutores; Mariana: Livre Impressão; Niterói: Cromos; Ouro Preto: Gráfica Ouro Preto; Ouro Preto: Tipografia do Fundo de Ouro Preto; Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: 7Letras; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Rio de Janeiro: Francisco Alves; Rio de Janeiro: Imago; Rio de Janeiro: Latife; Rio de Janeiro: Nórdica; Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Rio de Janeiro: Numen; Rio de Janeiro: Record; Rio de Janeiro: Topbooks; Salvador: Código; São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão; São Paulo: Ciência do Acidente; São Paulo: Art; São Paulo: Arte e Ciência; São Paulo: Arte Pau Brasil; São Paulo: Ateliê; São Paulo: Companhia das Letras; São Paulo: Editora 34; São Paulo: Estação Liberdade; São Paulo: Experimento; São Paulo: Globo; São Paulo: Hucitec; São Paulo: Iluminuras; São Paulo: Massao Ohno; São Paulo: Memorial da América Latina; São Paulo: Musa; São Paulo: Nova Alexandria; São Paulo: Perspectiva; São Paulo: SBS.

Total: 45

4.1.5 Anos 2000: recorde de poetas traduzidos

A década começa com o presidente Fernando Henrique Cardoso já em seu segundo mandato. A desvalorização da moeda brasileira, o Real, que ocorreu em 1999, causou um impacto negativo nas finanças das editoras⁶⁹, e uma retração brusca no mercado. É preciso lembrar que a valorização da moeda estrangeira inflaciona os insumos e também os direitos autorais pagos aos autores estrangeiros, o que encarece a publicação de livros traduzidos.⁷⁰ Como consequência, em 2000 e 2001, verificou-se um aumento do preço dos livros no Brasil: houve crescimento do faturamento das empresas, mas queda nas vendas. Em 2003, Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a Presidência da República, permanecendo por dois mandatos (até 2010) e dando prosseguimento ao crescimento econômico, com redução das taxas de juros e da inflação e,

⁶⁹Ver, por exemplo, o Relatório da Administração da Saraiva no Ano Fiscal de 1999, disponível em <http://www.saraivari.com.br/port/infofinan/demonstrativo.asp?id=47>

⁷⁰ Sobre o mercado editorial nesses anos, ver “Mercado editorial perde leitor, mas ganha dinheiro”, *O Estado de São Paulo*, 17/04/2002. Disponível em <http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2002/not20020417p2337.htm>. Acessado em 23/5/2012.

o mais importante para o setor livreiro, provocando uma expansão da classe média⁷¹, que é sabidamente a grande consumidora de livros em qualquer país. Durante o seu mandato, em 2003, foi promulgada a Lei do Livro⁷², que instituiu uma política nacional para o setor, além de promover a desoneração fiscal do produto.

Os números dos anos 2000, segundo os dados do levantamento bibliográfico de tradução de poesia, confirmam a tendência ascendente da prática desse tipo de tradução no país e a contínua expansão do seu mercado. Verifica-se um aumento significativo do número de poetas cujas obras foram traduzidas, que passaram de 55 para 85. Também foi maior o número de poetas atuando na tradução de poesia, passando de 50 na década de 1990 para 57 no período entre 2000 e 2009.

As antologias organizadas e traduzidas por poetas na década de 2000 refletiram a diversidade de línguas e literaturas presentes na tradução nesse período. Literaturas pouco difundidas no Brasil foram então contempladas. Fábio Aristimunho Vargas traduziu antologias de poesia basca, espanhola, galega e catalã, todas lançadas pela Hedra em 2009. Ronald Polito publicou a antologia *12 Poetas Catalães* (Lumme, 2006). Virna Teixeira traduziu poesia da Escócia para a antologia *Ovelha negra* (Lumme, 2007). Augusto de Campos lançou *Poesia da recusa* (Perspectiva, 2006), reunindo poetas como o barroco alemão Quirinus Kuhlmann, passando por Mallarmé, pelos russos Aleksandr Blok, Anna Akhmátova, Boris Pasternak, Mandelstam, Iessênin e Marina Tzvietáieva, além de Yeats, Gertrude Stein, Wallace Stevens, Hart Crane e Dylan Thomas. Ainda no terreno das coletâneas de várias tradições, Afonso Henriques Neto publicou a antologia *Fogo Alto: Catulo, Villon, Blake, Rimbaud, Huidobro, Lorca, Ginsberg* (Beco do Azougue, 2009) e Carlos Felipe Moisés, *Alta traição* (Unimarco, 2005), reunião de poemas traduzidos de Proust, Apollinaire, Michaux, Cernuda, Auden, René Char, entre outros. Traduções de Manuel Bandeira reaparecem com seleção e apresentação do poeta-tradutor Leonardo Fróes no volume *Alguns poemas traduzidos* (José Olympio, 2007). Nele, há poemas de Bashô, Goethe, dois poemas de García Lorca, cinco de Emily Dickinson, nove poemas de Hölderlin, além de Verlaine, Baudelaire, Heine, Rilke e de Sor Juana Inés de la Cruz. Fróes

⁷¹ Segundo dados da Subsecretaria de Ações Estratégicas (SSAE) da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias no Brasil (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza.

⁷² Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003.

também publicou num mesmo volume a sua poesia autoral e traduções no livro *Chinês Com Sono Seguido de Clones do Inglês* (Rocco, 2005). Jorge Wanderley organizou e traduziu uma antologia exclusivamente de poetisas mulheres: *Do jeito delas, vozes femininas de língua inglesa* (7Letras, 2008). No âmbito da poesia em língua francesa contemporânea, Álvaro Faleiros organizou e traduziu a antologia *Latitudes: 9 poetisas do Québec* (Nankin, 2002) e Roberto Zular e Verônica Galindez Jorge traduziram *Dois ao cubo - Alguma poesia francesa contemporânea* (Olavobras, 2003).

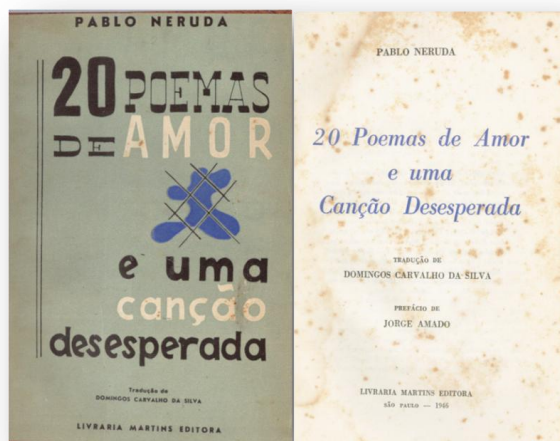
Foi uma década de grandes traduções eruditas: Haroldo de Campos empreendeu a tradução da *Ilíada*, de Homero, em dois volumes (vol. 1, Mandarim, 2001, e vol. 2, Arx, 2002), além de fragmentos da *Odisseia* (Olavobras, 2006). Traduziu também poesia bíblica em *Éden: um tríptico bíblico* (Perspectiva, 2004). *O cântico dos cânticos* também foi traduzido nesta década por Geraldo Holanda Cavalcanti (Edusp, 2005) e por Antônio Medina Rodrigues (Hedra, 2008). Os poetas latinos receberam três traduções. *Bucólicas*, de Virgílio, foi editado em um volume com duas traduções: a atual, de Raimundo Carvalho, e a de Odorico Mendes, editada pela primeira vez em 1858 (Crisálida, 2005). *A arte de amar*, de Ovídio, foi traduzida por Foed Castro Chamma (Caliban, 2009) e *Horácio: Odes e Épodos*, por Bento Prado de Almeida Ferraz (Martins Fontes, 2003). O Renascimento foi representado pela tradução de *Cinquenta poemas*, de Michelangelo em tradução de Mauro Gama (Ateliê, 2007) e por Andityas Soares de Moura, na antologia *À boa teta e outros quatro licenciosos poemas da França renascentista* (Crisálida, 2005). João José de Melo Franco traduziu *Carmina Burana*, poemas medievais dos séculos XI, XII e XIII (Ibis Libris, 2008).

Na poesia chinesa, o clássico e o contemporâneo foram contemplados: houve a reedição ampliada de *Escrito sobre Jade – Poesia Clássica Chinesa*, com traduções de Haroldo de Campos (Ateliê, 2009), e Régis Bonvicino publicou a antologia *Um barco remenda o mar* (Martins, 2002), que reuniu poemas de dez poetisas chinesas contemporâneas. Da poesia japonesa, Álvaro Faleiros traduziu *Descabelados*, da poeta e pioneira do feminismo no Japão Akiko Yosano (UnB, 2007). Entre as poetisas, a italiana Annalisa Cima também ganhou tradução de Alexandre Eulálio e Ivo Barroso para o volume *Hipótese de amor* (Ateliê, 2002), e a russa Marina Tsvetaieva teve seus poemas traduzidos por D. Pignatari (Travessa dos Editores, 2005).

A tradução de poetisas de língua castelhana assumiu um lugar importante nessa década, ultrapassando pela primeira vez o inglês em

número de traduções. Trata-se de um fato excepcional, que merece um comentário mais detalhado, uma vez que a tradução de poesia e também de prosa hispano-americana teve um despertar bastante tardio no Brasil. Segundo Wogan, enquanto nos Estados Unidos a primeira tradução de autor latino-americano data de 1827, no Brasil, isso só ocorreria em 1877. A primeira tradução de poesia de autor latino-americano publicada no Brasil da qual se tem notícia foi o poema “Marmórea”, do poeta romântico argentino Carlos Guido y Spano, em tradução assinada por Lúcio de Mendonça (WOGAN, 1948, p. 43). Foi impressa em 1877 no periódico “*Monitor Sul-Mineiro*”, da cidade de Campanha (MG). Na verdade, por muito tempo o Brasil não demonstrou interesse por seus vizinhos latino-americanos. Para Wogan, isso pode ser explicado por fatores como “a evolução histórica do Brasil, sua posição geográfica no continente, a preponderância da França em assuntos culturais, a barreira linguística reforçada por antigos preconceitos contra a civilização espanhola[...]” (IBIDEM, p. 4). No entanto, conforme Hallewell, “os intelectuais [brasileiros] não desconheciam a literatura hispano-americana no original, graças, principalmente, às edições de Barcelona importadas pela Livraria Espanhola, do Rio, desde o início do século. [...] Porém, praticamente nada dessa literatura jamais fora traduzido [até a década de 1960].” (HALLEWELL, 2005, p. 475). Ainda segundo Hallewell, O *Fichero bibliográfico hispanoamericano*, de Bella Josef, datado de 1973, dava conta de meia dúzia de obras traduzidas, entre elas *Facundo*, de Sarmiento (Biblioteca do Exército, 1938) e *O túnel*, de Ernesto Sábato (Civilização Brasileira, 1931). Wogan (1948) encontrou a tradução de *Facundo*, feita por Carlos Maul, em edição de 1923 pela editora Monteiro Lobato e Cia. O panorama, para a literatura de ficção, começou a mudar no final dos anos 1960, com a publicação daquele que seria um enorme êxito literário e comercial, o romance *Cem anos de solidão*, de García Márquez (Editora Sabiá, 1968). Já no âmbito das obras poéticas a tradução tardou ainda mais. Neruda foi o primeiro poeta hispano-americano traduzido com sistematicidade no Brasil.

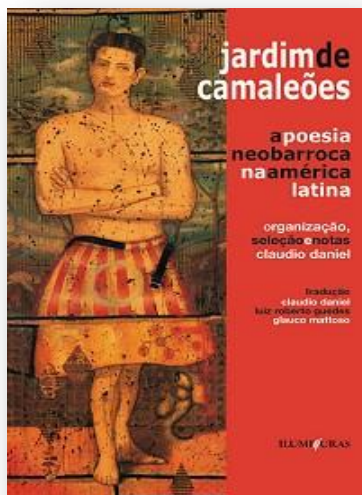
Figura 5:
Tradução de livro de Neruda em edição de 1946



A primeira tradução de uma obra sua foi publicada em livro em 1946, feita pelo poeta Domingos Carvalho e Silva, para a editora Martins. O livro foi prefaciado por Jorge Amado, que vivia então uma fase de popularidade e sucesso de vendas. A aceitação de Neruda foi tamanha que em 1964, podemos encontrar essa tradução, desta vez editada pela Sabiá/José Olympio, em sua 32ª edição. Por tudo isso, é relevante que o volume de traduções de poesia de língua castelhana por poetas tenha ultrapassado o de inglês nessa década. As antologias foram diversificadas: a poesia peruana esteve presente em *O rio que fala*, traduzido por Everardo Norões (7Letras, 2007); a poesia argentina foi contemplada em *A Palavra Nômade - Poesia Argentina dos anos 70* (Iluminuras, 2001), em tradução feita pelo poeta argentino Santiago Kovadloff. Anderson Braga Horta, Fernando Mendes Vianna e José Jeronymo Rivera traduziram *Antologia Poética Ibero-Americana* (Asociación de Agregados Culturales Iberoamericanos, 2006) e *Poetas do Século de Ouro Espanhol* (Embajada de España, Consejería de Educación e Ciencia /Thesaurus, 2000).

A poesia neobarroca também deixou a sua marca na tradução dos anos 2000. Claudio Daniel, Luiz Roberto Guedes e Glauco Mattoso assinaram a tradução da antologia *Jardim dos camaleões/ A poesia neobarroca na América Latina* (Iluminuras, 2004).

Figura 6:
Capa de antologia de poesia neobarroca publicadas em 2004



Cláudio Daniel e Luiz Roberto Guedes também traduziram quatro obras do cubano radicado em Nova York José Kozer (1940), sendo que, na mais recente delas, Virna Teixeira também colaborou na tradução. Foram elas: *Geometria da água e outros poemas* (Fundação Memorial da América Latina, 2000), *Rupestres* (Tigre do Espelho, 2001), *Madame Chu e outros poemas* (Travessa dos Editores, 2003) e *Íbis amarelo sobre fundo negro* (Travessa dos Editores, 2006). Cláudio Daniel traduziu ainda *Estação da Fábula*, do uruguaio radicado no México Eduardo Milán (Fundação Memorial da América Latina, 2002) e *Shakti*, de Reinaldo Jimenez (Lumme, 2006). Do também uruguaio radicado no México Víctor Sosa, Cláudio Daniel traduziu *Sunyata & outros poemas* (Lumme, 2006) e Ronald Polito, *Ofélia ou do matrimônio visto como um estorvo* (Lumme, 2009). O cubano Efraín Rodríguez Santana foi traduzido por Horácio Costa e Cláudio Daniel em *Máquina final* (Lumme, 2009).

Horácio Costa também traduziu *A pedra do sol*, de Octavio Paz (Annablume, 2009) e *Morte sem fim e outros poemas*, do mexicano José Gorostiza (Edusp e Fondo de Cultura Económica, 2003). O poeta vanguardista peruano Cesar Vallejo foi traduzido por Antônio Moura em *Contra o segredo profissional* (Lumme, 2006).

Várias outras traduções de obras de poetas contemporâneos latino-americanos foram publicadas na década de 2000, como *Expírito multiversos*, do mexicano Ruben Mejía, traduzido por Floriano Martins (Escrituras, 2007), *Isso*, do argentino Juan Gelman, em tradução de Andityas Soares de Moura e Leonardo Gonçalves (UnB, 2004), *Antologia pessoal*, do também argentino Rodolfo Alonso, em tradução do trio José Jeronymo Rivera, José A. Seabra e Anderson Braga Horta (Thesaurus, 2003), *Poesias*, do colombiano Álvaro Mutis (Record, 2000), e *Antologia poética*, do mexicano Carlos Pellicer (En Sol, 2005), ambos traduzidos por Geraldo Holanda Cavalcanti, além de *O livro universal* (Demônio Negro, 2008), do chileno Héctor Hernández Montecinos, cuja tradução ficou a cargo de Virna Teixeira e Vanderley Mendonça. A poesia de Jorge Luis Borges recebeu três traduções nesta década: *Quase-Borges + 10 Transpoemas*, por Augusto de Campos (Memorial da América Latina, 2006), *Primeira poesia* e *Poesia*, ambas traduções de Josely Vianna Baptista (Companhia das Letras, 2007 e 2009).

Entre as obras de poetas espanhóis traduzidas por poetas nesses anos estão *Rimas*, do romântico Gustavo Adolfo Bécquer, em tradução de José Jeronymo Rivera (Embajada de España, Consejería de Educación e Ciencia/Thesaurus, 2001); *Pranto para Ignacio Sánchez Mejías*, de García Lorca (Ibis Libris, 2009), por João José de Melo Franco; *Obra poética: antología y traducción*, de António Machado, em tradução de Marco Aurélio Pinotti Catalão (Embajada de España, 2005); *Pequena Antologia Amorosa*, de San Juan de la Cruz, traduzido por Marco Lucchesi (Nova Aguilar, 2000) e *Pedras pensadas*, do poeta contemporâneo Adolfo Montejó Najas (Ateliê, 2002), traduzido por Sérgio Alcides.

Quanto à poesia catalã, Ronald Polito, sozinho, foi o responsável pela tradução de cinco obras na década de 2000, além da supracitada antologia *12 poetas catalães*. São elas: *Quatorze*, de Salvador Espriu (Travessa dos Editores, 2002), *O porquê de todas as coisas*, de Quim Monzó (Globo, 2004), *Desdesejo*, de Narcís Comadira (Lamparina, 2005) e, de Joan Brossa, *Sumário Astral e outros poemas* (Amauta Editorial, 2006) e *99 poemas de Joan Brossa* (Annablume, 2009). Polito traduziu ainda *Poemas* do poeta modernista mexicano Juan José Tablada (Fondo de Cultura Eclonómica, Edusp, 2008). Já a poesia da galega Rosalía de Castro foi alvo da tradução de Andityas Soares de Moura com o volume *A rosa dos claustros* (Crisálida, 2005). E, depois de certo arrefecimento nos anos de 1990, Neruda recuperou o seu poder de

atração na década de 2000 com sete traduções feitas por poetas. Além de tradutores já tradicionais da obra do chileno, como Thiago de Mello e José Eduardo Degrazia, nesta década Carlito Azevedo e Ferreira Gullar traduzem obras de Neruda para a editora Cosac Naify.

No reduto da poesia em língua francesa, a maioria dos poetas traduzidos escreveu do início do século XX em diante. Há exceções, como Victor Hugo, que ganhou duas traduções feitas pela trinca Anderson Braga Horta; Fernando Mendes Vianna; José Jeronymo Rivera. São elas: *Victor Hugo - Dois séculos de poesia* (Thesaurus, 2002) e *O sátiro e outros poemas* (Galo Branco, 2002). Também *Pequenos poemas em prosa*, de Baudelaire recebeu nova tradução de Gilson Maurity (Record, 2006). Aloysius Bertrand, poeta recuperado do anonimato por Baudelaire e Mallarmé, e que foi responsável por introduzir o poema em prosa na literatura francesa, teve a sua obra *Gaspard de la nuit* traduzido por José Jeronymo Rivera (FAC/Thesaurus, 2003).

Guillaume Apollinaire, importante poeta francês das vanguardas do início do século XX, teve duas traduções por parte de Álvaro Faleiros, que verteu *Caligramas* (Ateliê, 2009) e *O bestiário ou o cortejo de Orfeu* (Iluminuras, 2000). Já Gilson Maurity traduziu *Últimos poemas de amor*, de Paul Éluard (Ibis Libris, 2009). A dupla Marcos Siscar e Paula Glenadel ocupou-se da tradução de poesia francesa contemporânea com *Os animais de todo o mundo*, de Jacques Roubaud (Cosac Naify, 2006) e *A rosa das línguas*, de Michel Deguy (Cosac Naify/7Letras, 2004). Glenadel assinou também a tradução de *Começo*, da poeta parisiense Nathalie Quintane (Cosac Naify/7Letras, 2004). Ainda entre os contemporâneos franceses, Adalberto Müller traduziu *A mimosa*, de Francis Ponge (UnB, 2003), e Carlito Azevedo verteu *Dia de folga*, de Jacques Prévert (Cosac Naify 2004). Ruy Proença traduziu *Poemas e canções*, do poeta, escritor e cantor Boris Vian (Nankin, 2001). Antônio Moura traduziu duas obras do poeta africano Jean-Joseph Rebearivelo, considerado o primeiro poeta moderno da África. Nascido em Madagascar pouco antes de o lugar virar colônia francesa, Rebearivelo escrevia em francês. Seus poemas estão em *Quase-sonhos* (Lumme, 2005) e *Traduzido da noite* (Lumme, 2009).

O livro de Rilke *As rosas*, que faz parte da sua obra em língua francesa, foi traduzido por Janice Caiafa (7Letras, 2007). Rilke e August Stramm tiveram seus poemas traduzidos por Augusto de Campos em *Coisas e anjos de Rilke* (Perspectiva, 2001) e *Poemas-estalactites* (Perspectiva, 2008). E Foed Castro Chamma traduziu *12 poemas* (Latife, 2000) do poeta romântico polonês Adam Mickiewicz.

A poesia norte-americana seguiu na pauta dos poetas-tradutores. Houve espaço para os principais poetas do século XIX, como Walt Whitman em uma nova tradução de Rodrigo Garcia Lopes de *Folhas de relva* (Iluminuras, 2004) e Emily Dickinson, em traduções de Augusto de Campos e de José Lira. Entre os modernistas, Eliot ganhou a tradução da sua *Obra Completa – Poesia*, por Ivan Junqueira e Ivo Barroso (Siciliano, 2004), enquanto *O tigre de veludo*, de Cummings, aparece em tradução conjunta de Adalberto Müller, Maurício Cardozo e Mário Domingues (UnB, 2007).

Entre os poetas contemporâneos norte-americanos, foram traduzidos Charles Bukowski, nos volumes *Os 25 Melhores Poemas de Charles Bukowski*, por Jorge Wanderley (Bertrand Brasil, 2003), e *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém, a não ser a mim mesmo, amém*, por Fernando Koproski (7Letras, 2005). Jack Kerouac foi traduzido por José Lira em *Nuvens de Iowa* (Editora José Lira, 2009), que inclui haicais do poeta beat norte-americano. Rodrigo Garcia Lopes traduziu também *Ariel*, principal livro de poemas de Sylvia Plath (Versus, 2007) e *Mindscapes: Poemas de Laura Riding* (Iluminuras, 2004). Paulo Henriques Britto traduziu *O iceberg imaginário e outros poemas*, de Elizabeth Bishop (Companhia das Letras, 2001), enquanto Michel Palmer e Charles Bernstein foram traduzidos por Régis Bonvicino.

A poesia inglesa foi representada novamente por Shakespeare, passando pelos principais poetas românticos, como William Blake, Wordsworth, Coleridge, Byron, Keats e Shelley, até os modernistas W.H. Auden e Dylan Thomas. Os sonetos de Shakespeare aparecem em *43 sonetos*, por Ivo Barroso (Nova Fronteira, 2005), *44 sonetos escolhidos* e *154 sonetos*, esses dois últimos traduzidos por Thereza Christina Rocque da Motta (Ibis Libris, 2006 e 2009). A Landmark publicou ainda os *Sonetos completos* traduzidos pelo português Graça Moura (2005). De William Blake, Ivo Barroso verteu *O Casamento do Céu e do Inferno* (Hedra, 2008), enquanto *O olho imóvel pela força da harmonia*, de Wordsworth, apareceu em tradução de Alberto Marsicano e John Milton (Ateliê, 2007). Alípio Correia de Franco Neto traduziu *A balada do velho marinheiro*, de Samuel Taylor Coleridge (Ateliê, 2005), e *O Triunfo da Vida*, de Shelley, foi traduzido por Leonardo Fróes (Rocco, 2000). Augusto de Campos lançou antologia Byron e Keats: *entreviros* (Unicamp, 2009).

O poeta e a cidade, de W.H. Auden, ganhou tradução de Carlos Felipe Moisés (Espectro, 2009). Ivan Junqueira traduziu, de Dylan

Thomas, *Poemas reunidos 1934-1963* (José Olympio, 2003). A poeta Virna Teixeira traduziu *Cartas de ontem*, do poeta britânico Richard Price (Lumme, 2009), e *Na Estação Central*, do escocês Edwin Morgan (Editora UnB, 2007), além da supracitada antologia *Ovelha Negra*. Paulo Henriques Britto traduziu *Cartas de aniversário* (Record, 2001), do britânico Ted Hughes. De Hughes, Sérgio Alcides traduziu também *O que é a verdade? Poemas de bichos* (Companhia das Letras, 2005). Alípio Correia de Franca Neto traduziu *Pomas, um tostão cada*, coletânea de poemas de Joyce (Iluminuras, 2001). Os poemas do cantor e compositor canadense Leonard Cohen foram traduzidos por Fernando Koproski em *Atrás das linhas inimigas de meu amor* (7Letras, 2007).

Ungaretti, inspirador da escola hermética italiana, teve a obra *A alegria* traduzida por Geraldo Holanda Cavalcanti (Record, 2003), enquanto Haroldo de Campos, juntamente com Aurora Bernardini, reuniu traduções de poemas de Ungaretti em volume intitulado *Daquela estrela à outra* (Ateliê, 2004). *O inferno*, de Dante, foi traduzido por Jorge Wanderley (Record, 2004) e a Landmark lançou no Brasil tradução de *A divina comédia* do poeta português Vasco Graça Moura em 2005. Poemas épicos e cosmogonias também receberam traduções nesta década, como é o caso de *Popol Vuh*, poema maia do século XVI, escrito na Guatemala na língua maia-quiché e traduzido por Sérgio Medeiros (Iluminuras, 2007), de *The Seafarer/O Navegante*, poema anglo-saxão do século X traduzido por Rodrigo Garcia Lopes (Lamparina, 2004) e de *Kalevala, poema primeiro*, epopeia nacional finlandesa traduzida por Álvaro Faleiros e José Bizerril (Ateliê, 2009). A poesia mística também teve espaço por meio de *O coração de Deus - Poemas místicos*, do indiano Rabindranath Tagore, em tradução de Alberto Pucheu (Ediouro, 2004), e de duas traduções de Rûmî, poeta sufi do século XIII, feitas por Marco Lucchesi: *A sombra do amado: poemas de Rûmî* (Fisus, 2000), *O canto da unidade: em torno da poética de Rûmî* (Fisus, 2007). Já Michel Sleiman traduziu *Poesia árabe-andaluza*, de Ibn Quzman de Córdoba (Perspectiva, 2000).

Das 51 editoras ou organismos culturais que publicaram as traduções dos poetas nessa década, 78% estavam localizadas na Região Sudeste: 47% no Estado de São Paulo, com 24 dessas editoras. Logo atrás estava o Rio de Janeiro, com 15 editoras, e Belo Horizonte, com apenas uma. Mas também editoras de outras regiões publicaram poesia traduzida por poetas nesse período. Três de Brasília, duas de Recife e uma de Porto Alegre, uma de Cuiabá e uma de Curitiba. Nos anos 2000, as editoras Ateliê, Lumme e Iluminuras, respectivamente, foram as que mais publicaram as traduções que são alvo deste estudo, com dez, nove

e oito publicações respectivamente. Mas as grandes editoras também se mostraram interessadas nesse mercado: a Record e a Cosac Naify publicaram cada uma seis traduções poéticas assinadas por poetas, e a Companhia das Letras, quatro.

Tabela 9

RESUMO DA TRADUÇÃO DE POESIA NA DÉCADA DE 2000:

Total de traduções poéticas: 210

Volumes de traduções de autores individuais: 176 (119 por poetas)

Volumes de antologias: 34 (24 por poetas)

Traduções realizadas por poetas: 143

Traduções realizadas por não-poetas: 67

Autores traduzidos por poetas: Adam Mickiewicz, Adolfo Montejo Najas, Aloysius Bertrand, Álvaro Mutis, Annalisa Cima, Antônio Cisneros; António Machado, Apollinaire, Auden, August Stramm, Baudelaire, Bécquer, Blake, Boris Vian, Bukowski, Carlos Pellicer, Charles Bernstein, Coleridge, Cummings, Dante, Dylan Thomas, Edgar Allan Poe, Eduardo Milan, Edwin Morgan, Efraín Rodríguez Santana, Elias Lönnrot, Elizabeth Bishop, Emily Dickinson, Eugenio Montale, Francos Ponge, García Lorca, Hector Montecinos, Homero, Horácio, Ibn Quzman de Córdoba, Jack Kerouac, Jacques Prévert, Jacques Roubaud, James Joyce, Jean-Joseph Rabearivelo, Joan Brossa, Jorge Luis Borges, José Gorostiza, José Kozér, Juan Gelman, Juan Tablada, Laura Riding, León Félix Batista; Leonard Cohen, Marcís Comadira, Marina Tsvetaieva, Michael Palmer, Michel Deguy, Michelangelo, Nathalie Quintane, Octavio Paz, Ovídio, Pablo Neruda, Paul Éluard, Quim Monzó, Rubén Mejía, Reinaldo Jimenez, Richard Price, Rilke, Rodolfo Alonso, Rosalía de Castro, Rumi, Salvador Spriu, San Juan de la Cruz, Shakespeare, Shelley, Sylvia Plath, T.S. Eliot, Tagore, Ted Hugues, Ungaretti, Vallejo, Victor Hugo, Víctor Sosa, Virgílio, Whitman, Wordsworth, Yosano Akiko. **Total: 85 + dois textos anônimos e três traduções bíblicas.**

Antologias traduzidas e/ou organizadas por poetas: Poemas medievais dos séculos XI, XII e XIII, poesia basca contemporânea, poesia catalã, poesia clássica chinesa, poesia japonesa contemporânea, poetas do Século de Ouro Espanhol, poesia argentina dos anos 70, poesia neobarroca, poesia ibero-americana, poesia peruana, poetas franceses da Renascença (séc XVI), poetas do Québec, poetas da França renascentista, poesia quebequense, poesia galega, poemas ingleses,

poesia da Escócia, poesia soviética, poesia erótica, antologia *Poesia de Invenção: De Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti, Poesia da recusa* (Quirinus Kuhlmann, Mallarmé, Aleksandr Blok, Anna Akhmátova, Boris Pasternak, Mandelstam, Iessiênin e Marina Tzvietáieva, Yeats, Gertrude Stein, Wallace Stevens, Hart Crane e Dylan Thomas), Keats e Byron.

Poetas-tradutores atuantes no período: Adalberto Müller; Alberto Marsicano; Alberto Pucheu; Alípio Correia de Franca Neto; Álvaro Faleiros; Anderson Braga Horta; Andityas Soares de Moura; Aníbal Cristobo; Antônio Medina Rodrigues; Antonio Moura; Augusto de Campos; Bento Prado de Almeida Ferraz; Carlito Azevedo; Carlos Felipe Moisés; Claudio Daniel; Decio Pignatari; Fabiano Calixto; Fernando Koproski; Fernando Mendes Vianna; Floriano Martins; Foed Castro Chamma; Geraldo Holanda Cavalcanti; Gilson Maurity dos Santos; Haroldo de Campos; Horácio Costa; Ivan Junqueira; Ivo Barroso; Janice Caiafa; João José de Melo Franco; Jorge Wanderley; José Eduardo Degrazia; José Jeronymo Rivera; José Lira; Josely Vianna Baptista; Leonardo Fróes; Leonardo Gonçalves; Luiz Roberto Guedes; Marco Aurélio Pinotti Catalão; Marco Lucchesi; Marcos Siscar; Mário Domingues; Maurício Cardozo; Mauro Gama; Michel Sleiman; Paula Glenadel; Paulo Henriques Britto; Raimundo Carvalho; Régis Bonvicino; Rodrigo Garcia Lopes; Ronald Polito; Ruy Proença; Sérgio Alcides; Sérgio Medeiros; Thereza Christina Rocque da Motta; Thiago de Mello; Vasco Graça Moura; Virna Teixeira. Total: 57

Línguas dos textos-fonte: inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, árabe, polonês, grego, latim, catalão, galego, japonês, quiché, hebraico, finlandês, basco, russo. **Total: 17**

Editoras: Bauru: Lumme; Belo Horizonte: Crisálida; Brasília: Editora da UNB; Brasília: Embajada de España; Brasília: Thesaurus; Campinas: Unicamp; Campinas: Versus; Cuiabá: Asociación de Agregados Culturales Iberoamericanos; Curitiba: Travessa dos Editores; Paulínia: Unimarco Editora; Porto Alegre: L&PM; Recife: Editora José Lira; Recife: En Sol; Rio de Janeiro: 7Letras; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Rio de Janeiro: Caliban; Rio de Janeiro: Ediouro; Rio de Janeiro: Espectro Editorial; Rio de Janeiro: Fisus; Rio de Janeiro: Galo Branco; Rio de Janeiro: Ibis Libris; Rio de Janeiro: José Olympio; Rio de Janeiro: Lamparina; Rio de Janeiro: Latife; Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Rio de Janeiro: Record; Rio de Janeiro: Rocco; São Paulo/México: Editora da USP e Fondo de Cultura Económica; São Paulo: Amauta Editorial; São Paulo: Annablume; São Paulo: Arx; São Paulo: Ateliê; São Paulo:

Companhia das Letras; São Paulo: Cosac Naify; São Paulo: Demônio Negro; São Paulo: Editora Globo; São Paulo: Edusp; São Paulo: Escrituras; São Paulo: Fundação Memorial da América Latina; São Paulo: Hedra; São Paulo: Iluminuras; São Paulo: Landmark; São Paulo: Mandarin; São Paulo: Martins; São Paulo: Nankin Editorial; São Paulo: Olavobras; São Paulo: Perspectiva; São Paulo: Siciliano; São Paulo: Tigre do Espelho; São Paulo: Vergara e Riba. **Total: 51**

5. CONCLUSÃO

O objetivo principal desta pesquisa foi o de dimensionar o trabalho dos poetas-tradutores e o peso de suas escolhas tradutórias no universo da tradução de poesia no Brasil entre 1960 e 2009. Contudo, o levantamento bibliográfico de tradução de poesia que serviu de base para este estudo acabou por revelar variados aspectos dessa área da cultura no Brasil nas cinco décadas estudadas, tanto em termos quantitativos como qualitativos. A partir do conjunto dos dados colhidos, foi possível chegar a uma ideia clara do espaço conquistado não somente pelos poetas-tradutores, mas também pela própria tradução de poesia no sistema literário brasileiro.

No seu conjunto, esses cinquenta anos analisados marcam o início e o desenvolvimento do projeto tradutório dos poetas concretos, projeto esse que mudou os paradigmas de tradução de poesia no país ao reivindicar maior liberdade criativa na tradução e ao defender que a tradução de poesia não deveria buscar primordialmente a literalidade ou o conteúdo (informação semântica), mas sim restituir a função poética do texto. Os concretos levaram adiante o primeiro projeto de tradução no Brasil de caráter meditado, com o claro objetivo de promover mudanças no cânone vigente. Todo o debate provocado por esses poetas também conduziu a que se refletisse muito mais sobre a tarefa da tradução, seja em artigos ou nos paratextos das publicações. Enquanto nos anos de 1940 e 1950 era raro se encontrar a reflexão dos poetas-tradutores sobre o seu labor, nas últimas décadas esse quadro mudou.

No levantamento das traduções realizadas pelos poetas-tradutores, foi possível medir a intensidade da prática da tradução entre eles. Ficou evidente a liderança dos irmãos Campos entre os que mais publicaram volumes de traduções poéticas no período estudado. Juntos, foram responsáveis por quarenta e oito obras de tradução de poesia nesses cinquenta anos. Se somarmos à sua produção os títulos traduzidos por outros poetas envolvidos no projeto da poesia concreta, como Décio Pignatari e José Lino Grünewald, esses números ficam ainda mais robustos. Isso sem falar na extensa produção tradutória de José Paulo Paes, que se juntou ao grupo em 1964.

Por outro lado, a pesquisa mostrou que esse não foi o único grupo de poetas empenhado na tradução de poesia. O levantamento mostra que os modernistas também tiveram uma intensa atividade tradutória no período. Da mesma forma, entre os poetas da década de 60 e 70, houve vários tradutores bastante engajados. Do primeiro grupo, Péricles Eugênio da Silva Ramos é um exemplo, assim como o são Geir

Campos, Idelma Ribeiro de Faria, Dora Ferreira da Silva e Afonso Félix de Souza. Do segundo grupo, muitos são os expoentes, desde Ivan Junqueira, Paulo Leminski, Olga Savary, Claudio Willer e Jorge Wanderley.

Por meio do levantamento bibliográfico, chegou-se a um número de 314 tradutores de poesia com traduções publicadas em livro no Brasil, sendo que 145 deles foram identificados como poetas. Ou seja, os poetas representaram 46% do universo pesquisado, enquanto os tradutores de poesia que não são poetas constituíram a maioria: 54%. No entanto, surpreendeu o fato de que, mesmo em minoria numérica, os poetas-tradutores foram responsáveis por 68% dos títulos de poesia traduzida publicados (autores individuais) no período pesquisado. Esse é um indicativo quantitativo da produtividade e do engajamento dos poetas na tarefa da tradução de poesia no Brasil. No caso das antologias mistas, os poetas-tradutores estiveram envolvidos em 72% dessas publicações, uma mostra da sua ascendência no sistema literário e na canonização de obras e modelos. Em todas as décadas estudadas, foi expressiva a participação dos poetas-tradutores como organizadores e tradutores de antologias de poesia traduzida, variando entre 56% na década de 1960 até 88% na década de 1980.

A intensa atividade tradutória dos poetas no Brasil nos últimos cinquenta anos ampliou o contato das letras brasileiras com diversas literaturas estrangeiras. Essa relação intensificou-se a partir do projeto dos poetas concretos, por isso a sua experiência e o seu paideuma serviram de referencial nesta pesquisa para se analisar a poesia traduzida no Brasil a partir dos anos de 1960. Assim como para Ezra Pound, para os irmãos Campos, a escolha tradutória foi vista como o fruto de uma “militância” em prol de um projeto estético para o presente. O aparentemente simples ato de escolha de um título e da maneira como se iria traduzi-lo começou a ser encarado como uma forma de intervenção e de poder exercida pelo tradutor. Além disso, o ato de escolher passou a ser entendido como um ato de crítica.

Ao escolher certas obras para traduzir, os poetas trabalharam pela continuidade ou pelo rompimento de determinado cânone e, ao mesmo tempo, buscaram as suas filiações poéticas e caminhos para a sua produção autoral. As escolhas dos poetas-tradutores contribuíram para a configuração dos atuais cânones poéticos no Brasil, não somente o cânone da poesia traduzida, mas também novas formas e/ou dicções poéticas da poesia brasileira. Conforme Even-Zohar, quando um modelo é inserido no repertório de recursos poéticos de uma língua, ocorre um

tipo de canonização de maior relevância para o sistema literário do que a simples presença de um texto traduzido. Por isso mesmo, quando o tradutor é também poeta, são maiores as chances da assimilação de novos recursos estilísticos no repertório poético local. Ao usar a tradução como forma de exercício poético, o poeta quase sempre levará algo dessa experiência para a sua produção autoral. Além disso, conforme foi possível perceber nesta pesquisa, boa parte dos poetas, além da tradução, estiveram, em geral, envolvidos em outras atividades que preparam as obras para a canonização, como a antologização e a crítica exercida nos prefácios das traduções.

Neste estudo, foi possível observar alguns casos de ocupação do centro do cânone por modelos que foram importados por meio da tradução. Por exemplo: a tradução da poesia moderna de língua inglesa fortaleceu em nosso sistema literário uma poética antilírica, favorecendo o surgimento no Brasil de uma poesia reflexiva e intelectualizada, principalmente a partir dos anos de 1980. Tivemos também a experiência da tradução de poesia oriental, que abriu espaço ao poema curto e à disseminação de formas como o haicai. Por outro lado, a tradução de literatura beat, traduzida por poetas na década de 1980, foi impulsionada pelas necessidades do momento histórico, marcado pela abertura política e pela necessidade de uma expressão poética libertária, reafirmando também a poesia de linguagem informal, que surgiu no Brasil dos anos 60 e 70.

Por meio da observação das traduções publicadas, foi possível perceber que boa parte do cânone ou paideuma concretista foi assimilado com o passar dos anos. No entanto, os poetas-tradutores que chegaram mais tarde também propuseram novos nomes e vertentes. Enquanto no paideuma dos concretos o rol dos poetas modernistas de língua inglesa incluía nomes como Pound, John Cage e James Joyce, uma nova geração de poetas traduziu, a partir dos anos 1980, Wallace Stevens, Dylan Thomas, Auden, Elizabeth Bishop, entre outros. Também ocorreu de alguns poetas cujas obras faziam parte do paideuma de Eliot e Pound, mas que não haviam sido traduzidas pelos irmãos Campos, terem sido alvo do interesse de poetas de gerações posteriores. Da lista poundiana, é o caso de Walt Whitman, Tristan Corbière e Jules Laforgue. Do paideuma eliotiano, ocorreu com Lord Byron, Baudelaire e também Corbière, para citar alguns exemplos.

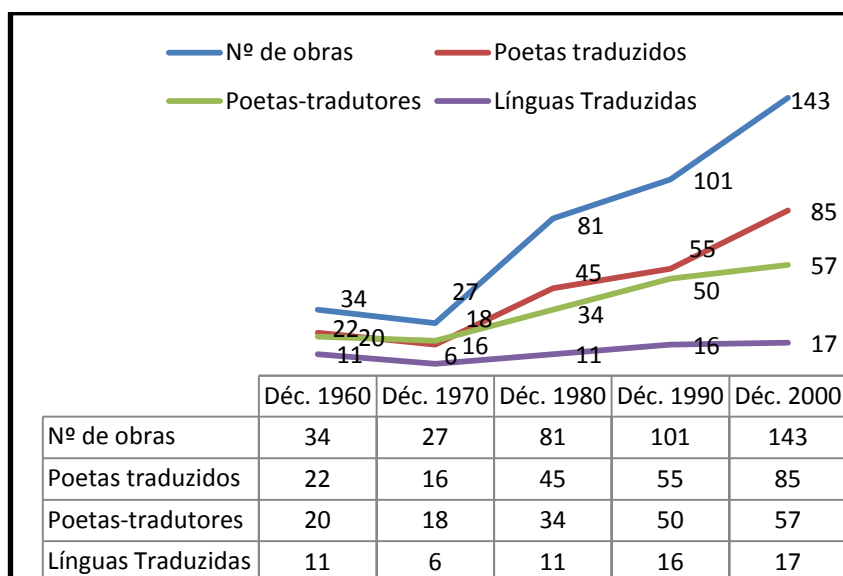
A tradução da poesia beat e de poetas da *Language Poetry* norte-americana foram novas e importantes aquisições. Outra novidade em nosso sistema literário foi o incremento da tradução de poetas hispano-americanos contemporâneos, assim como o aumento da tradução de

poesia em língua castelhana em geral, o que representa, sem dúvida, a superação de uma barreira cultural histórica. Em parte, esse fato pode ser atribuído aos poetas neobarrocos brasileiros, que seguiram o exemplo de fortificar a sua própria poética tendo a tradução como instrumento.

Ao comparar o número de publicações de poesia traduzida (volumes com a obra de um só autor, em primeira edição) entre a década de 1960 e a de 2000, verifica-se um aumento vertiginoso no período. A década de 1960 assistiu ao início do projeto tradutório de vanguarda levado a cabo pelos poetas concretos. Na década de 1970, houve uma retração no mercado da edição e da tradução, porém houve continuidade do projeto tradutório da vanguarda. Os anos de 1980 foram marcados pelo *boom* da edição de poesia traduzida no Brasil, enquanto os anos de 1990 apresentaram uma diversidade de línguas traduzidas. Nos anos 2000, o destaque foi a quantidade de obras de poetas estrangeiros que foram importadas ao sistema literário local.

A percepção sobre a expansão ocorrida nos anos 1980 já havia sido manifestada por alguns críticos, como Milton, Moriconi e Bosi. A pesquisa, no entanto, mostra que os anos de 1980 marcaram apenas o começo de uma tendência ascendente que prosseguiu e consolidou-se nas duas décadas seguintes. O crescimento da tradução de poesia no Brasil deu-se em vários níveis: número de obras traduzidas, diversificação de línguas e literaturas importadas ao sistema literário nacional, número de poetas praticando e publicando tradução de poesia, sem falar no interesse crescente de editoras por esse tipo de produção. Podemos dizer que se assistiu nesses anos à formação e ao amadurecimento de um mercado para poesia traduzida no país, embora esta pesquisa não o tenha dimensionado em termos de tiragens e vendas.

Gráfico 7:
Panorama da tradução de poesia (por poetas, 1960-2009)



O gráfico acima (nº 7) mostra uma síntese das informações já apresentadas, com a intenção de oferecer uma visão panorâmica do desempenho dos indicadores da tradução de poesia no Brasil, com foco nos poetas-tradutores. Neste gráfico, é possível visualizar o número de línguas traduzidas por poetas em cada uma das cinco décadas estudadas, o número de poetas estrangeiros traduzidos, o total de obras de poesia traduzida publicada e o número de poetas-tradutores que publicaram traduções poéticas. Como afirmei há pouco, o gráfico demonstra que o desempenho de todos os indicadores cresceu a partir da década de 1980. O número de obras traduzidas por poetas-tradutores, representado pela linha azul, mostra um aumento significativo na incorporação de obras estrangeiras ao acervo cultural brasileiro nesses últimos tempos. Foram em número de 34 nos anos 1960, caíram para 27 na década de 1970, subiram vertiginosamente para 81 nos anos de 1980 e mantiveram o crescimento nas duas décadas seguintes, alcançando 101 e 143 obras de poesia traduzidas. São dados que refletem, portanto, o intenso trabalho e engajamento dos poetas-tradutores nesse processo.

O número de poetas traduzidos por poetas-tradutores, representado pela linha vermelha, também cresceu a partir dos anos 80.

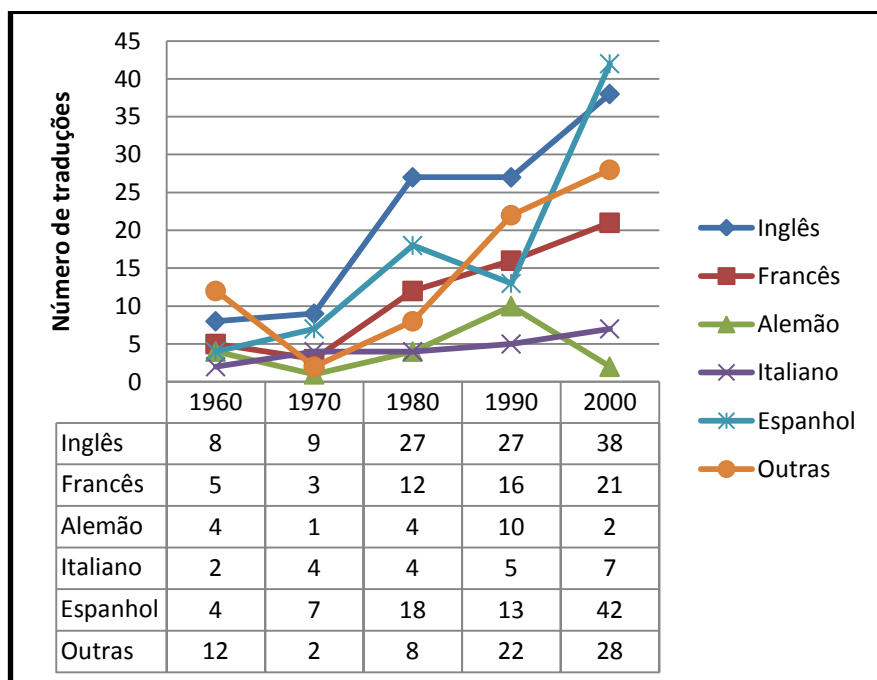
Na década de 1960, a obra de 22 poetas estrangeiros ingressou no sistema literário doméstico via tradução (em volumes de tradução de autor individual), caindo para 16 nos anos 1970, e chegando a 45 nos anos 80. Já nos anos de 1990, alcançou a marca de 55 autores traduzidos, e de 85 nos anos 2000. Trata-se de uma amostra da diversificação de poéticas importadas ao sistema literário local. A linha verde mostra que a cada década mais poetas somaram-se às trincheiras da tradução de poesia. Eles eram 20 na década de 1960 e chegaram a 57 na década de 2000. Esse fato pode ser interpretado como um indicativo de que a tradução de poesia, nesses cinquenta anos, ganhou visibilidade e subiu de estatuto. É possível afirmar que a experiência dos poetas concretos contribuiu significativamente para isso, uma vez que a tradução, antes vista somente como texto derivado e inferior, começou a ser encarada como artesanato poético.

Já o número de línguas traduzidas, representado pela linha lilás, também cresceu, tendo alcançado nos anos 2000 a marca de 17 línguas traduzidas por poetas. Essa é uma demonstração da diversificação das literaturas que ingressaram em nosso sistema literário e, também, um indicativo de que nossos poetas estão tendo um contato com um repertório mais amplo de recursos poéticos. No entanto, não podemos atribuir tal diversidade de línguas e literaturas traduzidas somente à intervenção dos poetas concretos a partir dos anos 1960, muito embora se reconheça o caráter cosmopolita do seu projeto. Mesmo antes dos anos 1960, num período não contemplado nesta pesquisa, circularam no Brasil inúmeras traduções do poeta indiano Rabindranath Tagore, do persa Omar Káyyam, isso sem falar do interesse pelo haicai, presente desde a primeira hora modernista, ou pela poesia chinesa, alvo de traduções de Machado de Assis, de Alphonsus Guimaraens e de Cecília Meireles. Tais exemplos demonstram que os poetas brasileiros há muito sentem atração pelas literaturas Orientais. Todavia, é possível afirmar que por influência dos concretos consolidou-se a exigência da tradução direta. Ao aprenderem a língua russa com o objetivo exclusivo de bem traduzir Maiakóvski, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari deram um exemplo assimilado por seus pares. Mais tarde, eles seguiram estudando novos idiomas para traduzir os poetas que lhes interessavam. Como consequência de todo esse processo, a tradução indireta é cada vez menos aceita no Brasil, e o poeta que não conhece a língua do texto-fonte passou a associar-se a alguém que a conheça. Outros fatores que passaram a caracterizar a poesia traduzida no Brasil

são as edições bilíngues e os prefácios ou as notas de tradução assinados pelos poetas-tradutores.

O gráfico a seguir demonstra que as obras de língua inglesa foram as mais traduzidas por poetas-tradutores até os anos de 1990. Depois disso, a tradução de poesia em língua espanhola teve uma ascensão significativa. Na década de 2000, o idioma de Cervantes assumiu a liderança entre os mais traduzidos pelos poetas, ultrapassando o inglês.

Gráfico 8:
Tradução de poesia por língua, por década



* As antologias que reúnem poemas traduzidos de várias línguas não foram computadas, tampouco as traduções indiretas.

Destaco a seguir a progressiva inclusão de poetas de língua castelhana no sistema literário brasileiro nas décadas estudadas:

- **Anos 1960** – Apenas três poetas de língua castelhana são traduzidos, todos por poetas: Neruda; a chilena Gabriela Mistral e o espanhol García Lorca.

- **Anos 1970** – São traduzidos o nicaraguense Ernesto Cardenal, o argentino Nahuel Santana e, novamente, Neruda.
- **Anos 1980** – Além de Neruda, García Lorca e Cardenal, tornam-se disponíveis em português do Brasil poemas de San Juan de la Cruz, Octavio Paz, Cesar Vallejo, Nicolas Guillén e Jorge Luis Borges. Não-poetas traduzem ainda Mario Benedetti e Sor Juana de la Cruz.
- **Anos 1990** – Neruda, Cardenal e Borges seguem sendo traduzidos. Surgem traduções do vanguardista Oliverio Girondo, do cubano Diego Eliseo, de José Martí, de Quevedo e de Frei Luis de León. Não-poetas traduzem Guillén, Miguel Hernández e Álvaro Mutis.
- **Anos 2000** – As referências da poesia hispano-americana multiplicam-se nesta década. Entre os já traduzidos, continuam figurando Neruda, San Juan de la Cruz, Borges, Vallejo, García Lorca e Octavio Paz. Entre os novos poetas introduzidos por meio da tradução feita por poetas no nosso sistema literário estão os cubanos José Kozier e Efraín Santana, os uruguaios Eduardo Milán e Víctor Sosa, os espanhóis Gustavo Bécquer, António Machado, Montejó Najas e Reinaldo Jiménez, o colombiano Álvaro Mutis, os argentinos Rodolfo Alonso e Juan Gelman, os mexicanos Rubén Mejía, Carlos Pellicer, José Gorostiza e Juan Tablada, os peruanos Cesar Vallejo e António Cisneros, o dominicano León Félix Batista e o chileno Hector Montecinos. Excetuando-se o romântico espanhol Bécquer, o modernista hispano-americano Machado e o poeta vanguardista Cesar Vallejo, todos os demais são poetas contemporâneos, fato que aponta um forte intercâmbio entre os poetas brasileiros e hispano-americanos. Não-poetas traduziram ainda Juan Luis Panero.

Esse incremento de traduções poéticas do castelhano também esteve refletido nas antologias. Nos anos 1980, houve apenas uma publicação de antologia poética exclusivamente hispano-americana traduzida por poeta: a *Antologia poética Brasil-Colômbia*, por Anderson Braga Horta. Na década de 1990, são publicadas as antologias *O lado obscuro*, organizada e traduzida por Nelson Ascher, além de uma antologia organizada pelo poeta argentino Néstor Perlongher e traduzida por Josely Vianna Baptista: *Caribe transplatino: Poesia neobarroca cubana e rioplatense*. Na primeira década do século XXI, seis antologias de poetas de língua castelhana são organizadas e traduzidas por poetas. São elas: *Poetas do Século de Ouro Espanhol*, traduzida por

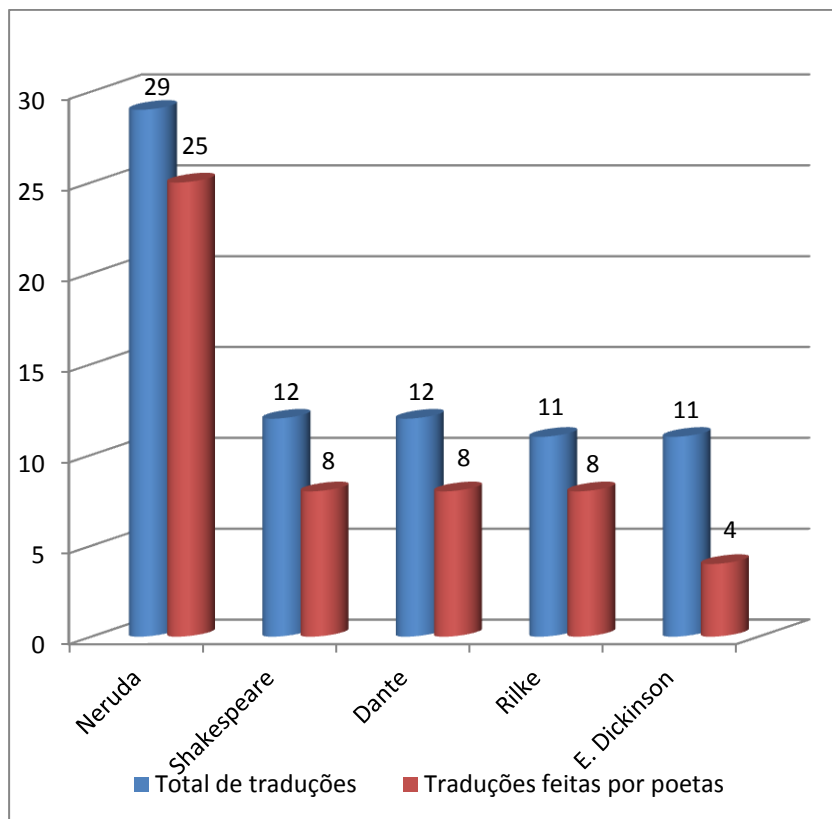
Anderson Braga Horta, José Jeronymo Rivera e Fernando Mendes Vianna, *A Palavra Nômade - Poesia Argentina dos anos 70*, em tradução de Santiago Kovadloff, *Jardim dos camaleões: a poesia neobarroca na América Latina, Antologia Poética Ibero-Americana, O rio que fala - Antologia da poesia peruana, e Poesia espanhola – das origens à guerra civil*.

É preciso lembrar que o paideuma do concretismo das décadas de 1960 e 1970 refletido na tradução não incluía obras de autores hispano-americanos. A poesia traduzida de Octavio Paz (*23 poemas de Octavio Paz*, por Olga Savary) e de Jorge Luis Borges (*Elogio da sombra*, por Carlos Nejar) só começa a ser publicada em livro no Brasil em 1983 e 1985 respectivamente. Por isso, boa parte do incremento da tradução de poesia de autores latino-americanos deve ser atribuída ao grupo de poetas brasileiros afinados com a poética chamada de neobarroca, conforme abordei no capítulo quatro, e ao grupo de poetas radicados em Brasília formado por Anderson Braga Horta, José Jeronymo Rivera e Fernando Mendes Vianna, sem esquecer Thiago de Mello.

Outro fenômeno observado nas décadas de 1990 e 2000 foi o de que, além das línguas mais tradicionalmente mais visitadas pela tradução de poesia no Brasil (inglês, francês, alemão, italiano e espanhol), os poetas-tradutores verteram obras de línguas tão variadas como o árabe, o catalão, o galego, o finlandês, o dinamarquês, o hebraico, o iídiche, o grego, o latim, o japonês, o coreano, o persa, o polonês, o quiché, o russo, o iorubá, o chinês e o húngaro. O incremento das traduções poéticas de línguas diversas cresceu a partir dos anos 1980, sendo que, somadas, alcançaram a terceira posição no *ranking* das traduções poéticas na década de 2000, quando os poetas-tradutores traduziram de 17 línguas diferentes, em traduções feitas diretamente do idioma original.

A pesquisa também revelou os poetas cujas obras receberam mais traduções (em livro, volume individual) no Brasil no período analisado (1960-2009). Segundo o levantamento bibliográfico, o chileno Pablo Neruda liderou este *ranking*, com 29 títulos de poesia lançados, sem contar as peças teatrais e a sua biografia *Confesso que vivi*. A maioria dos seus tradutores é também poeta. Conforme se observa no gráfico nº 9, das 29 traduções poéticas de obras de Neruda lançadas no Brasil nesse intervalo de tempo, 25 foram traduzidas por seus pares. Olga Savary assina sete dessas traduções, José Eduardo Degrazia, cinco, Thiago de Mello, quatro, Carlos Nejar e Paulo Mendes Campos, três traduções cada um, e Luiz de Miranda, Carlito Azevedo e Ferreira Gullar, assinam, cada um, uma tradução.

Gráfico 9:
Ranking dos poetas mais traduzidos entre 1960 e 2009



Na lista de poetas mais traduzidos, Neruda foi seguido por Shakespeare, Dante, Rilke e Emily Dickinson. Shakespeare e Dante são clássicos do cânone ocidental, por isso não surpreende o fato de serem constantemente revisitados. Já Rilke foi, sem dúvidas, o preferido de várias gerações de poetas brasileiros, de Cecília Meireles aos poetas da Geração de 45, dos concretos aos contemporâneos. Uma explicação para tamanha aceitação pode ser o ecletismo de Rilke, visível nas várias fases da sua obra, e que serviram aos objetivos de poetas com poéticas tão diferentes. Dele, Geir Campos traduziu *O livro das horas*, de uma fase “de lirismo pseudocristão e pseudomístico” (HAMBURGUER, p. 139) e

Poemas de Rainer Maria Rilke para a coleção Rubaiyat, da editora José Olympio, em 1953. Dora Ferreira da Silva traduziu *Vida de Maria*, fase de um Rilke metafísico e espiritual, além de *Elegias de Duino*, período considerado mais filosófico e moderno da sua poesia. José Paulo Paes e os contemporâneos Janice Caiafa e Guilherme Gontijo Flores também o traduziram. Augusto de Campos, em consonância com seus objetivos poéticos, traduziu o Rilke dos poemas-coisa (ou “poemas objetivos”), fase de reação contra a subjetividade. Poemas esses que, segundo Hamburger, “foram escritos sob a influência de Rodin e Cézanne como uma tentativa deliberada de aplicar as disciplinas das artes visuais à poesia” (IBIDEM). Antes de 1960, Rilke já havia sido traduzido entre os poetas por Manuel Bandeira: o poema “Torso Arcaico de Apolo” integra a terceira edição de *Poemas Traduzidos*, de 1956, e também por Cecília Meireles em colaboração com Paulo Rónai em *Canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristovão Rilke* (Globo, 1953), além da recém citada tradução de Geir Campos para a coleção Rubaiyat. Não computei aqui as publicações em antologias mistas, como *Irmãos germanos*, de Augusto de Campos, ou *Poemas à noite- Trakl e Rilke*, de Marco Lucchesi.

Já as traduções de Emily Dickinson, levando em conta apenas o período estudado, iniciaram timidamente na década de 80 e 90 e tiveram um *boom* em 2000, com sete traduções individuais publicadas em livro, quatro das quais feitas por poetas. Foram elas *Poemas*, por Idelma Ribeiro de Faria, *Alguns poemas* e *20 poemas de amor e uma canção de Emily Dickinson*, ambas por José Lira, e *Eu não sou ninguém*, por Augusto de Campos. Além disso, há no Brasil poemas seus em antologias, como em *O anticrítico*, organizada e traduzida por Augusto de Campos, e em coletâneas organizadas por Idelma Ribeiro de Faria, por Jorge Wanderley, entre outras. Paulo Henriques Britto (2008) destaca Emily Dickinson como um verdadeiro fenômeno editorial dos últimos tempos.⁷³

Também deve ser destacada como tendência da tradução de poesia no Brasil a poesia oriental, que ganhou volume e continuidade no

⁷³ Britto (2006) destaca que Carlos Daghlán, pesquisador que vem levantando as traduções de Dickinson em língua portuguesa encontrou um tradutor nos anos de 1940, sete nos anos 1950, cinco na década de 1960, onze na década de 1970, 22 nos 80, dezenove nos 90 e onze até a metade da década de 2000. Gostaria de destacar que esses números referem-se a Brasil e a Portugal, e a traduções publicadas em vários meios, enquanto o nosso levantamento inclui apenas traduções publicadas em livros.

período estudado, consolidando-se. É preciso lembrar que a relação da língua portuguesa com culturas como a chinesa e a japonesa vem de longa data, do tempo das rotas comerciais dos exploradores portugueses do século XVI. Machado de Assis, no período romântico, como se viu no primeiro capítulo, e o simbolista Alphonsus de Guimaraens interessaram-se em traduzir poesia chinesa, mas não o fizeram a partir do original, mas por intermédio do francês. Como já se viu também nas análises da poesia traduzida década a década, Cecília Meireles fez traduções indiretas de dois dos principais poetas clássicos da dinastia Thang (618-907 d.C): Li Po e Tu Fu, publicadas postumamente. Também Haroldo de Campos “reimaginou” a poesia chinesa usando os recursos da poesia moderna, segundo as lições aprendidas com Ezra Pound (esse, por sua vez, teve contato com a composição ideogramática por meio do ensaio do norte-americano Ernest Fenollosa). No período contemplado por esta pesquisa, o haikai ressurgiu com força nos anos de 1980, não apenas em traduções, mas também pela adoção dessa forma por vários poetas brasileiros, entre eles Paulo Leminski, Alice Ruiz, Millôr Fernandes etc. Hoje, o haikai é uma forma importada via tradução que está consolidada em nossa literatura. Pouco a pouco, outras formas poéticas como o tanka e o sijô coreano também começam a ser conhecidas.

Na década de 1980, Olga Savary traduziu, em versões indiretas via espanhol, três livros de haicais: *Sendas de Oku*, de Bashô (Roswitha Kempf, 1983), *Haicais de Bashô* (Hucitec, 1989) e *O livro dos haicais* (Massao Ohno Editor/Aliança Cultural Brasil-Japão, 1987). Também Geir Campos fez uma tradução indireta a partir de versão alemã de *Haicais: poesia do Japão* (Ediouro, 1988). Houve também traduções diretas, como a antologia *Haikai* (Japan Foundation, 1988), por Alberto Marsicano. Paulo Colina e Masuo Yamaki traduziram outra forma japonesa, o tanka, do poeta Takuboku Ishikawa (Roswitha Kempf, 1986). Marsicano, em parceria com Yun Jung Im, importaram o sijô coreano, um tipo de canção popular (*Sijô Poesicanto Coreana Clássica*, Iluminuras, 1984).

Na década de 1990, foram publicadas as traduções de *Poemas chineses: Li Po e To Fu*, por Cecília Meireles (Nova Fronteira, 1996) e *Escrito sobre Jade – Poesia Clássica Chinesa* (Tipografia do Fundo Ouro Preto, 1996), por Haroldo de Campos. Marsicano voltou a traduzir poesia coreana em *O pássaro que comeu sol*. Paulo Colina voltou também ao tanka em *Comemoração da Salada: Tankas*, de Machi Tawara (Estação Liberdade, 1992), e Masuo Yamaki e Raimundo

Gadelha traduziram os tankas de *Terratempo*, de Kikuti Wanami (Aliança Cultural Brasil-Japão, 1993). Já Maurício Arruda Mendonça traduziu *Trilha forrada de folhas*, de Nempuku Sato, haicaísta japonês que imigrou para o Brasil com a tarefa de difundir o haicai (Ciência do Acidente, 1990), e Marsicano lançou *Trilha estreita ao confim*, com haicais de Bashô (Iluminuras, 1997). Geir Campos traduziu *Cantos do eu coração*, do poeta contemporâneo e líder budista japonês Daisaku Ikeda (Record, 1995), a partir da versão inglesa de Burton Watson. Já nos anos 2000, *Escrito sobre Jade – Poesia Clássica Chinesa* foi relançado em edição ampliada (Ateliê, 2009). E, contemplando a poesia contemporânea do Japão, Régis Bonvicino traduziu a antologia *Um barco remenda o mar* (Martins, 2002) e Álvaro Faleiros traduziu *Descabelados*, da poeta e pioneira do feminismo no Japão Akiko Yosano (UnB, 2007).

Assim, concluo aqui a apreciação panorâmica dos dados da tradução de poesia, lembrando que, ao iniciar esta tese, questionei os motivos que levam a literatura traduzida e a atividade tradutória dos escritores e poetas atuantes no Brasil a serem deixadas de lado nas nossas histórias literárias. Defendi que a inexistência de bibliografias amplas da literatura traduzida no Brasil, assim como a escassez de estudos sobre a atividade tradutória dos poetas e escritores contribuem, em grande parte, para a ocultação da atividade de tradução, uma vez que trabalhos desse tipo tem o poder de revelar o verdadeiro lugar ocupado pela literatura traduzida no sistema literário local. Esta pesquisa é uma tentativa de contribuição para o preenchimento desta lacuna. Ao fazer um levantamento abrangente da bibliografia da poesia traduzida no Brasil, bem como ao listar e identificar tradutores e poetas-tradutores envolvidos nessa tarefa ao longo de cinquenta anos, organizei um banco de dados que poderá facilitar as futuras pesquisas. Estes registros poderão ser disponibilizados na Internet para a comunidade científica, e dela receber contribuições para o seu aperfeiçoamento e correção de possíveis equívocos. A bibliografia poderá ter as suas informações ampliadas, tendo em vista recolher maiores detalhes sobre a tradução de poesia publicada, como, por exemplo, o percentual de edições bilíngues dentro do universo pesquisado, o número de edições cujo prefácio ou estudo crítico é assinado pelo próprio tradutor, as tiragens e número de edições das traduções poéticas, a forma de seleção adotada pelos antologistas etc.

A poesia é possuidora de uma força renovadora da linguagem sem paralelo em relação às demais expressões escritas. Já a tradução de poesia é uma área fecunda de estudo, pois, acima de tudo, a sua prática é

uma forma privilegiada de se promover o diálogo entre poetas, poéticas, tempos e línguas diferentes.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Gonzalo (2005). *Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: Edusp.

ALBIR, Amparo Hurtado (2004). *Traducción y traductología. Introducción a la traductología*. Madrid: Cátedra.

ANGELIDES, Sofia; SARHAM, Jasna Paravich (1978). Modernismo brasileiro e cubo-futurismo russo. In *Revista Língua e Literatura*. Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, volume 7, ano VII, pp.121-134. São Paulo.

ASCHER, Nelson. Entrevista concedida a Rodrigo de Souza Leão. In *Jornal de Poesia*. Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/poesia.html>. Acessado em 30/8/2009.
ASEFF, Marlova (2005). Drummond, tradutor de *Les liaisons dangereuses*, In *Tradterm*. São Paulo, v. 11, n. 11, pp. 189-199.

_____. (2008). Três escritores-tradutores no cenário literário brasileiro contemporâneo. In: Alckmar Luiz Dos Santos (Org.). *Protocolos críticos*. 1ª ed. São Paulo: Iluminuras, v. 01, p. 105-118.

ATTWATER, Juliet (2011). *Translating brazilian poetry: a blueprint for a dissenting canon and cross-culture anthology*. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, UFSC.

AZENHA JUNIOR, João (2010). Do silêncio à eloquência: uma leitura da poesia alemã traduzida no Brasil. In *Cadernos de Letras (UFRJ)* n.27 – dez. 2010. Disponível em http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100joao.pdf

BAKER, Mona (ed.) (2001). *Encyclopedia of translation studies*. London and New York: Routledge.

BARBOSA, Heloisa & WYLER, Lia (2001) “Brazilian tradition”. In: BAKER, Mona (org.) *Encyclopedia of translation studies*. London: Routledge.

- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, Werner (org.) *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: Núcleo de tradução/UFSC, v.1, 2001, p. 188-215.
- BERMAN, Antoine (1999). *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil.
- _____. (2002). *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução de Maria Emilia Chanut. Bauru, SP: Edusc.
- _____. (1995). *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard.
- BLOOM, Harold (2002). *A angústia da influência – Uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago. Tradução de Marcos Santarrita.
- _____. (2010). *O cânone ocidental*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva.
- BORGES, Jorge Luis (2005). *Obras completas I*. Barcelona: RBA – Instituto Cervantes.
- BOSI, Alfredo (2006). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (1999). *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- BASSNETT, Susan, BUSH, Peter (2006). *The translator as writer*. London /New York: Continuum.
- BASSNETT, Susan (1980). *Translation Studies*. London: Methuen.
- BOLETIM BIBLIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Estante Publicações, volumes de 1960 a 1967.
- BRITTO, Paulo Henriques (2008). Prefácio. In: DICKINSON, Emily. *Alguns poemas*. Tradução de José Lira. São Paulo: Iluminuras.
- _____. (2004). Por uma poesia liberta do “eu”. Entrevista a Marlova Aseff. Florianópolis: Jornal Diário Catarinense, 3/4/2004, pp. 14 - 15 do Caderno DC Cultura.

- _____. (2000). Poetry and memory. Publicado originalmente In: PEDROSA, Célia (Ed), *Mais poesia hoje*, Rio de Janeiro. Disponível em <http://phbritto.org/?p=14>.
- _____. (2003). O romântico neoclássico. In: BYRON, George Gordon. *Beppo: uma história veneziana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 9-45.
- BROCA, Brito (2004). *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CAMARGO, Maria Lucia de Barros; PEDROSA, Celia (orgs) (2001). *Poesia e contemporaneidade: leituras do presente*. Chapecó: Argos.
- _____. (2006). *Poéticas do olhar e outras leituras de poesia*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- CAMPOS, Augusto (2006). *Poesia da recusa*. São Paulo: Perspectiva.
- CAMPOS, Augusto, de; CAMPOS, Haroldo de; SCHNAIDERMAN, Boris. (1968). *Poesia russa moderna*. Civilização Brasileira.
- CAMPOS, Haroldo (1976). *Metalinguagem*. São Paulo: Cultrix.
- _____. (1976b). *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1977). *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1997). *O arco-íris branco*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1997b). Poesia latino americana em diálogo com o oriente: conversa com Haroldo de Campos. Entrevista a Maria Esther Maciel. Disponível em http://www.revistazunai.com/entrevistas/haroldo_de_campos.htm. Acessado em maio de 2012.
- _____. (2011). *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso de Gregório de Matos*. São Paulo: Iluminuras.
- CAMPOS, Haroldo de, PAZ, Octávio. (1994) *Transblanco*. 2.ed. São Paulo: Siciliano.
- CAMPOS, Milton de Godoy (1966). *Antologia poética da Geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia.

CANDIDO, Antonio (2006). Os primeiros baudelairianos; A revolução de 30 e a cultura. In *Educação pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul.

CARPEAUX, Otto Maria (2008). *História da literatura ocidental*. Brasília: Edições do Senado Federal. Volume IV.

CARVALHO, Ricardo Souza de (2009). Do catalão ao português: João Cabral tradutor. In *Revista de Letras*, São Paulo, v.49, n.1, p.137-149, jan./jun.

CASANOVA, Pascale (2002). *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade. Tradução de Marina Appenzeller.

COELHO, Carlos Alberto Messeder (2006). Contradiscurso: do cultivo de uma dicção da diferença. In: *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Itaú Cultural e Iluminuras.

COMPAGNON, Antoine (2001). *O demônio da teoria. Literatura e senso comum*. São Paulo: Humanitas.

COUTINHO, Afrânio (2009). *A literatura no Brasil*. Volume 1. 5ª edição. São Paulo: Global.

____ (1996). *A literatura no Brasil*. Volume 6. 7ª edição. São Paulo: Global.

DANIEL, Claudio (2008). Geração 90: uma pluralidade de estética possíveis. In *Protocolos críticos*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (1998). *Os tradutores na história*. São Paulo: Ática. Tradução de Sérgio Bath.

EAGLETON, Terry (1994). *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Waltensir Dutra.

ECO, Umberto (2003). *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Record. Tradução de Eliana Aguiar.

ELIOT, T.S. (1950). Tradition and the individual talent. In *The Sacred Wood: Essays on Poetry and Criticism*. London: Methueen & Co. Ltda.

EVEN-ZOHAR, Itamar (1990). Polysystem studies. In *Poetics Today - International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, Volume 11, n.1. Edição do autor disponível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>.

FALEIROS, Alvaro (2008). Em busca de Castro Alves tradutor. In *Literatura traduzida e literatura nacional*. Org. Andréia Guerini et al. Rio de Janeiro: 7Letras.

_____. (2011). As flores do mal sem medida: por uma retradução de Charles Baudelaire. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 19, Abralic.

FERREIRA, Eliane (2004). Para traduzir o século XIX: Machado de Assis. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: ABL.

FOWLER, Alastair (1982). *Kinds of literature: an introduction to the theory of genres and modes*. Cambridge, Mass.

FRANK, Armin Paul (2001). Anthologies of translation. In BAKER, Mona (ed.) *Encyclopedia of translation studies*. London and New York: Routledge. Pp.13-16.

FRANCHETTI, Paulo (2002). História literária: um gênero em crise. *Revista Semeiar* (PUCRJ), v. 1, nº 7, pp. 247-264. Disponível em http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/Revista/7Sem_18.html

_____. (2008). O Haicai no Brasil. *Alea: Estudos Neolatinos*, 10 (2), pp. 256-269.

GAY, Peter (2009). *Modernismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras.

GODARD, Barbara (2001). L'Éthique du traduire: Antoine Berman et le "virage éthique" en traduction. In *TTR: Erudit. Traduction, terminologie, rédaction*. Vol. 14, nº 2.

GOLDING, Alan (1984). A history of American Literature and the Canon. In HALLBERG, Robert. *Canons*. University of Chicago Press.

GUERINI, Andréia (2007). *Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi*. São Paulo: Edusp; Florianópolis: UFSC/PGET.

GUERRA, Emílio (1963). Prefácio à *Antologia poética de Maiakovski*. Rio de Janeiro: Leitura.

GUIMARÃES, Júlio Castanõn; SÜSSEKIND, Flora (Org.) (2004). *Sobre Augusto de Campos*. Rio de Janeiro: 7Letras, Fundação Casa de Rui Barbosa.

HALLBERG, Robert von (ed.) (1983). *Canons*. The university of Chicago Press.

HALLEWELL, Laurence (2005). *O livro no Brasil: sua história*. 2ª edição revista e ampliada. Tradução de Maria da Penha Villalobos et al.

HAMBURGUER, Michel (2007). *A verdade da poesia – tensões na poesia desde Baudelaire*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify.

HIRSH, Irene (2009). Rebeldia, ruptura e tradução. In *Tradução, vanguarda e modernismos*. São Paulo: Paz e Terra.

HONIG, Edwin (1985). *The Poet's Other Voice: Conversations on Literary Translation*. Amherst: The University of Massachusetts Press.

JAKOBSON, Roman (1981). En torno a los aspectos lingüísticos de la traducción. In *Ensayos de lingüística general*. Traducción de Josep Pujol y Jem Cabanes. Barcelona: Seix Barral, pp. 67-77.

JUNQUEIRA, Ivan (2009). A poesia é traduzível? In *Cinzas do espólio*. Rio de Janeiro: Record. Conferência pronunciada na Academia Brasileira de Letras em 7 de outubro de 2006. Disponível em http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=315&titulo=A_poesia_e_traduzivel?. Acessado em 27 de agosto de 2011.

_____. (1997). Ivan Junqueira: a poesia brasileira de hoje é muito superior à que se escreve em outras línguas. Entrevista a Cláudio Aguiar. In: *O Pão*, ano I, nº 41, Fortaleza. Disponível em http://www.palavrarte.com/entrevistas/entrev_ivan.htm. Acessado em 25/7/2011.

_____. (1985). “Traduções de Baudelaire no Brasil”. In: Baudelaire, Charles. *As Flores do Mal*. Trad. Introd. e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

KENNER, Hugh (1971). *The Pound era*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press.

LAGES, Susana Kampff (2002). *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp.

LAMBERT, José (2006). Production, tradition et importacion: une clef pour la description de la littérature et de la littérature en traduction. In: *Functional Approaches to culture and translation – selected papers by José Lambert*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

LARBAUD, Valery (2001). *Sob a invocação de São Jerônimo*. São Paulo: Mandarin. Tradução de Joana Angélica D’Avila Melo e João Angelo Oliva.

LEFEVERE, André (1992). *Traducción, reescritura y la manipulación del Canon literario*. Ediciones Colegio de España. Traducción de María Carmen África Vidal *et al.*

_____. (2007). *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru, SP: Edusc. Tradução de Claudia Matos Seligmann.

MACHADO, Ubiratan (2001). *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.

MARTINS, Wilson (2010). *História da inteligência brasileira*. Volume VII, (1933-1960). Ponta Grossa: Editora UEPG.

MEIRELLES, Ricardo (2008). Baudelaire no Brasil: Traduções. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC*. isponível em

http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/063/RICARDO_MEIRELLES.pdf. Acessado em 23/5/2010.

_____. (2003). *Entre brumas e chuvas: tradução e influência literária*. Campinas, SP: 2003. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

MERRIAM-Webster's encyclopedia of literature (1995). Massachusetts: Merriam- Webster.

MOISÉS, Massaud (2004). *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix.

MORENO, Silene (2001) *Ecos e reflexos: a construção do cânone de Augusto e Haroldo de Campos a partir de suas concepções de tradução*. Tese de Doutorado em Lingüística plicada. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

MORICONI, Italo (2010). Apresentação. In: *Destino: poesia. Antologia*. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____. (2004). A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira. In: *Cadernos da ABF*, volume III, número 1. Disponível em <http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1/02.htm>.

_____. (1998). Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira. In: PEDROSA, Celia et al. (org). *Poesia hoje*. Niterói: EdUFF.

_____. (1997). Pós-modernismo e tradução de poesia em inglês no Brasil. In: *Cânone e contextos: anais do 5º Congresso da Abralic*. Rio de Janeiro, Abralic, pp. 303-309.

MOTTA, Leda Tenório da (2002). *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago.

MILTON, John (2004). Translated Poetry in Brazil 1965–2004. In: *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1.

_____. (2010) *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2002). *O clube do livro e a tradução*. Bauru: Edusc.

MORETTI, Franco (2001). Conjecturas sobre a literatura mundial. In. SADER, Emir (org). *Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000*. Rio de Janeiro: Record.

NEJAR, Carlos (2011). *História da literatura brasileira – Da carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya.

PAES, José Paulo (2006). *Poesia erótica em tradução*. São Paulo: Companhia das Letras. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes.

_____. (1990). *Tradução, a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Editora Ática.

PAZ, Octavio (1991). Literatura e literalidade. In *Convergências – Ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco. Tradução de Moacir Werneck de Castro.

_____. (2006). *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva. Tradução de Sebastião Uchoa Leite.

PEER, Willie van (1996). Canon formation: ideology or aesthetic quality? *British Journal of Aesthetics*, vol. 36, nº 2, April.

PERRONE-MOISÉS, Leyla (1998). *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras.

PINTO, Manuel da Costa (2006). *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo: Publifolha.

POUND, Ezra (2006). *ABC da Literatura*. São Paulo: Cultrix. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11ª edição.

POUPAUD, Sandra; PYM, Anthony; SIMÓN, Ester Torres. Finding translations. On the use of bibliographical databases in translation history. Disponível em:

<http://www.erudit.org/revue/meta/2009/v54/n2/037680ar.html>

PRIOSTE, José Carlos (2004). Além do limite do verso. Entrevista com Augusto de Campos. In *Poesia Sempre*. Biblioteca Nacional, ano 12, nº 19, dezembro.

PYM, Anthony (1998). *Method in translation history*. St Jerome Publishing.

SANTOS, Andrea Soares (2010). O cânone via tradução: dos concretos aos contemporâneos. Tese de doutorado, UFMG.

SCHNAIDERMAN, Boris (2011). *Tradução, ato desmedido*. São Paulo: Perspectiva.

SIMÕES, Alan Caldas (2010). Manuel Bandeira: o tradutor. In *AMARGem – Revista eletrônica de Ciências Humanas Letras e Artes*. Uberlândia. Ano 3, nº 6, pp 72-84. jul/dez. Disponível em www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem6/.../MARGEM3-E02.pdf. Acessado em 6/8/2011.

SISCAR, Marcos (2005). A cisma da poesia brasileira. In *Sibila — Revista de Poesia e Cultura*, ano 5, n. 8-9. São Paulo: Ateliê Editorial. Disponível em http://www.germinaliteratura.com.br/sibila2005_acismadapoesia.htm. Acessado em 5/10/2009. Publicado originalmente na revista *Europe*, “Littérature du Brésil”, n. 919-920, nov-dez/2005. Tradução de Milena Magalhães.

TYMOCZKO, Maria (1986) Translation as a Force for Literary Revolution in the Twelfth-Century Shift from Epic to Romance. In *New comparison*, n. 1. London. Disponível em www.bcla.org/newcomp/01.pdf

VENUTI, Lawrence (2002). *Escândalos da tradução*. Bauru: Edusc. Tradução de Laureano Pelegrin et al.

WILLER, Claudio (2009). *Geração beat*. Porto Alegre: L&PM Pocket.

WOGAN, Daniel Spelman (1948). *A literatura hispano-americana no Brasil: 1877-1944. Bibliografia de crítica, história literária e traduções*. Louisiana State University Press.

WYLER, Lia (2003). *Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.

SÍTIOS DA INTERNET

Dicionário de Tradutores Literários do Brasil (Ditra)

www.dicionariodetradutores.ufsc.br

Página pessoal de Paulo Henriques Britto

<http://phbritto.org/>

Página oficial de Haroldo de Campos

<http://www2.uol.com.br/haroldodecampos/>

Página oficial de Augusto de Campos

<http://www2.uol.com.br/augustodecampos/biografia.htm>

Página da The Academy of American Poets

<http://www.poets.org>

Blog de Rodrigo Garcia Lopes

<http://estudiorealidade.blogspot.com.br/>

Revista Sibila

<http://www.sibila.com.br/>

Revista Zunái

<http://www.revistazunai.com>

Revista Agulha

www.revista.agulha.nom.br/

Site de Emily Dickinson, por Carlos Daghlían

<http://www.ibilce.unesp.br/#388,416>

Entrevista com Rodrigo Garcia Lopes

<http://www.tanto.com.br/destaques.htm>. Acessado em 20/9/2010

APÊNDICE

A - Tradutores de poesia no Brasil (1960-2009)

NOME	ATIVIDADE	SEXO
1. Abgar Renault	Poeta, político, ensaísta	Masc.
2. Adalberto Müller	Poeta e professor	Masc.
3. Afonso Félix de Sousa	Poeta, cronista e jornalista	Masc.
4. Afonso Henriques Neto	Poeta e professor	Masc.
5. Aíla de Oliveira Gomes	Professora	Fem.
6. Alberto Marsicano	Poeta, músico, professor	Masc.
7. Alberto Mussa	Escritor	Masc.
8. Alberto Pucheu	Poeta e professor	Masc.
9. Aleksander Jovanovic	Professor e ensaísta	Masc.
10. Alexandre Eulálio	Tradutor	Masc.
11. Alexei Bueno	Poeta e crítico literário	Masc.
12. Alípio Correia de Franco Neto	Poeta, tradutor, ensaísta e dramaturgo	Masc.
13. Alphonsus de Guimaraens Filho	Poeta e jornalista	Masc.
14. Álvaro Antunes	Tradutor	Masc.
15. Álvaro Faleiros	Poeta e professor	Masc.
16. Amálio Pinheiro	Professor	Masc.
17. Ana Cândida Perez	Professora	Fem.
18. Ana Cristina César	Poeta	Fem.
19. Ana Lúcia Alvarenga	Professora	Masc.
20. Ana Maria Sarda	Tradutora	Fem.
21. Anderson Braga Horta	Poeta, contista e crítico literário	Masc.
22. Andityas Soares de Moura	Poeta, tradutor, ensaísta e professor	Masc.
23. Angela Caon Pieruccini	Sem informação	Fem.
24. Angela Lago	Ilustradora	Fem.
25. Aníbal Cristobo	Poeta	Masc.
26. Antônio Cabrita	Escritor português	Masc.

27. Antônio Carruccio-Caporale	Tradutor	Masc.
28. Antônio de Campos	Poeta e crítico literário	Masc.
29. Antônio José Lima Leitão	Médico, político e escritor português, séc. 19	Masc.
30. Antônio Medina Rodrigues	Poeta, professor de língua e literatura grega, ensaísta	Masc.
31. Antônio Moura	Poeta, professor, roteirista, letrista e publicitário	Masc.
32. Antônio Nojiri	Tradutor	Masc.
33. Antônio Risério	Poeta, antropólogo e ensaísta	Masc.
34. Ary Gonzalez Galvão	Professor	Masc.
35. Ary González Galvão	Tradutor	Masc.
36. Augusto Contador Borges	Poeta e dramaturgo	Masc.
37. Augusto de Campos	Poeta e crítico literário	Masc.
38. Aurélio Buarque de Holanda	Crítico, ensaísta, filólogo e lexicógrafo	Masc.
39. Aurora Bernardini	Professora	Fem.
40. Barbara Heliodora	Crítica teatral	Fem.
41. Beatriz Takenaga	Professora	Masc.
42. Bella Josef	Professora e crítica literária	Fem.
43. Bento Prado Ferraz	Poeta, professor, crítico, filósofo e escritor	Masc.
44. Bóris Schneiderman	Professor	Masc.
45. Bruno Palma	Tradutor	Masc.
46. Bruno Silva D'Abruzzo	Revisor e editor-assistente	Masc.
47. Caetano Galindo	Professor	Masc.
48. Caio Túlio Costa**	Jornalista	Masc.
49. Carlito Azevedo	Poeta	Masc.
50. Carlos Felipe Moisés	Poeta, professor, escritor e ensaísta	Masc.

51. Carlos Garfunkel	Sem informação	Masc.
52. Carlos Loria	Poeta, professor	Masc.
53. Carlos Nejar	Poeta e escritor	Masc.
54. Carlos Nogué	Professor, editor, lexicógrafo	Masc.
55. Cecilia Meireles	Poeta, jornalista e pedagoga	Fem.
56. Celso Japiassu	Poeta, jornalista e publicitário	Masc.
57. Celso Lemos de Oliveira**	Professor	Masc.
58. Cesar Augusto R. de Almeida	Tradutor	Masc.
59. Christovam de Camargo	Poeta, escritor	Masc.
60. Claudia Balduino Ferreira	Professora	Fem.
61. Claudia Cavalcanti	Tradutora pública, consultora de ONGs	Fem.
62. Cláudio Aquati	Pesquisador	Masc.
63. Claudio Daniel	Poeta e ensaísta	Masc.
64. Cláudio Veiga	Escritor e ensaísta	Masc.
65. Cláudio Willer	Poeta e ensaísta	Masc.
66. Cleber Teixeira**	Editor, poeta	Masc.
67. Cristiano Martins	Poeta, escritor e ensaísta	Masc.
68. Daniel Fresnot	Escritor	Masc.
69. Dante Milano	Poeta	Masc.
70. Darcy Damasceno	Poeta, crítico	Masc.
71. Dário Moreira de Castro Alves	Escritor, embaixador.	Masc.
72. Decio Pignatari	Poeta, ensaísta e professor	Masc.
73. Deisa Chamahum Chaves	Tradutor	Fem.
74. Donaldo Schuller	Professor, ensaísta, escritor	Masc.
75. Dora Ferreira da Silva	Poeta	Fem.
76. Dorothée de Bruchard	Editora, tradutora	Fem.
77. Ecléa Bosi	Professora	Fem.

78. Edmundo Moiniz	Jornalista e escritor	Masc.
79. Eduardo Bueno	Jornalista e escritor	Masc.
80. Eduardo Jorge	Pesquisador	Masc.
81. Eduardo Valadares	Professor	Masc.
82. Eliane Zagury	Professora e ensaísta	Fem.
83. Elisabeth Veiga	Poeta, redatora e tradutora	Fem.
84. Emil Farhat	Escritor, publicitário e jornalista	Masc.
85. Emmanuel Carneiro Leão	Professor de filosofia	Masc.
86. Eric Nepomuceno	Jornalista e escritor	Masc.
87. Erick Ramalho	Pesquisador do Centro de Estudos Shakespearianos	Masc.
88. Eudoro Augusto	Poeta, jornalista e professor	Masc.
89. Eugenio Amado	Geógrafo, funcionário público	Masc.
90. Eugênio Gardinalli Filho**	Tradutor	Masc.
91. Everardo Norões	Poeta, economista, crítico	Masc.
92. Fabiano Calixto	Poeta	Masc.
93. Fabio Aristimunho Vargas	Poeta e advogado	Masc.
94. Fábio Soares	Editor	Masc.
95. Fernando Jorge	Jornalista, escritor, enciclopedista	Masc.
96. Fernando Koproski	Poeta	Masc.
97. Fernando Mendes Vianna	Poeta	Masc.
98. Ferreira Gullar	Poeta	Masc.
99. Flávio Kothe	Professor, ensaísta	Masc.
100. Flávio. Moreira da Costa	ncista e contitsa	Masc.
101. Floriano Martins	editor e ensaísta	Masc.
102. Foed Castro Chamma	e filósofo	Masc.
103. Francisco Achcar**	or e professor de latim	Masc.
104. Francisco Manhães	pr e redator	Masc.

105.	Geir Campos	escritor, dramaturgo e jornalista	Masc.
106.	Georg Sperber**	Professor	Masc.
107.	Geraldo Galvão Ferraz	Jornalista e crítico literário	Masc.
108.	Geraldo Holanda Cavalcanti	Poeta, diplomata, escritor e ensaísta	Masc.
109.	Gerardo Mourão**	Poeta	Mac.
110.	Gerciana de Espíndola	Sem informações	Fem.
111.	Gilberto Sorbini	Professor	Masc.
112.	Gilson Maurity dos Santos	Poeta e médico	Masc.
113.	Glauco Mattoso	Poeta	Masc.
114.	Grazina Drabik**	Socióloga, tradutora e escritora	Fem.
115.	Guilherme de Almeida	Poeta	Masc.
116.	Guilherme Gontijo Flores	Poeta e professor	Masc.
117.	Haroldo de Campos	Poeta, ensaísta e crítico literário e musical	Masc.
118.	Heitor Megale	Professor	Masc.
119.	Helena Ferreira	Tradutora	Fem.
120.	Hélio Gomes da Luz	Sem informações	Masc.
121.	Heloísa Jahn	Editora e escritora	Fem.
122.	Henrique Mesquita	Poeta	Masc.
123.	Henriqueta Lisboa	Poeta	Fem.
124.	Henryk Siewierski	Professor e editor	Masc.
125.	Hernani Donnato	Escritor, historiador, jornalista e professor	Masc.
126.	Horácio Costa	Poeta	Masc.
127.	Hugo de Castro	Professor	Masc.
128.	Idelma de Faria	Poeta	Fem.
129.	Ignacio Antonio Neis	Professor	Masc.
130.	Inês Oseki-Depré.	Professora	Fem.
131.	Irineu Monteiro	Professor	Masc.
132.	Irineu Volpato	Poeta	Masc

133.	Isa Mara Lando	Professora e escritora	Fem.
134.	Isis Borges Fonseca	Professora	Fem.
135.	Italo Eugenio Mauro	Tradutor, engenheiro e arquiteto	Masc.
136.	Italo Moriconi	Poeta e professor	Masc.
137.	Ivan Junqueira	Poeta, jornalista e crítico literário	Masc.
138.	Ivo Barroso	Poeta	Masc.
139.	Ivo Bender	Dramaturgo e professor	Masc.
140.	J. Cavalcante de Souza**	Professor	Masc.
141.	Jair Ferreira Santos**	Poeta	Masc.
142.	Jamil Almansur Haddad	Poeta	Masc.
143.	Jane Arduíno Perticarati	Poeta e tradutora	Fem.
144.	Janice Caiafa	Poeta e professora	Fem.
145.	Jayro Schmidt	Artista plástico e escritor	
146.	João Angelo Oliva Neto	Professor	
147.	João Cabral	Poeta e diplomata	Masc.
148.	João José de Melo Franco	Poeta, publicitário, cineasta e editor	Masc.
149.	João Moura Jr.	Poeta	Masc.
150.	Joaquim Brasil Fontes	Professor, filósofo e ensaísta	Masc.
151.	John Milton	Professor universitário	Masc.
152.	Jorge Wanderley	Poeta, professor, crítico	Masc.
153.	José Seabra	Poeta, diplomata e professor português	Masc.
154.	José A. A. Torrano	Professor	Masc.
155.	José Antônio Arantes	Tradutor	Masc.
156.	José Bizerril	Antropólogo e professor	Masc.
157.	José Carlos Limeira Marinho dos Santos	Poeta e músico	Masc.
158.	José Casado	Jornalista	Masc.

159.	José Eduardo Degrazia	Poeta	Masc.
160.	José Jeronymo Rivera	Poeta, auditor fiscal aposentado	Masc.
161.	José Jorge Carvalho	Professor	Masc.
162.	José Lino Grünewald	Poeta, crítico de cinema	Masc.
163.	José Lira	Poeta e contista	Masc.
164.	José Marcos Macedo	Professor	Masc.
165.	José Paulo Paes	Poeta e crítico literário	Masc.
166.	José Thomaz Brum	Tradutor	Masc.
167.	Josely Vianna Baptista	Poeta	Fem.
168.	Juju Campbell Penna	Poeta	Fem.
169.	Júlia Vidili	Tradutora	Fem.
170.	Julieta Leite	Tradutora	Fem.
171.	Júlio Castañon Guimarães	Poeta, ensaísta, pesquisador	Masc.
172.	Julio Luís Gehlen	Tradutor	Masc.
173.	Juremir Machado da Silva	Jornalista, escritor e professor	Masc.
174.	Karlos Rischbieter	Escritor, pintor, violinista	Masc.
175.	Kensuke Tamai	Professor Harvard	Masc.
176.	Kern Kraphl	Escritor	Masc.
177.	Kerry Shawn Keys	Poeta	Masc.
178.	Lauro Machado Coelho	Jornalista e crítico de música	Masc.
179.	Lawrence Flores Pereira	Professor	Masc.
180.	Lêdo Ivo	Poeta e tradutor	Masc.
181.	Lélia Coelho Frota	Poeta e etnógrafa	Fem.
182.	Lenilde Freitas**	Poeta	
183.	Leonardo Fróes	Poeta, jornalista, crítico literário	Masc.
184.	Leonardo Gonçalves	Poeta	Masc.
185.	Leonor Scliar-Cabra**1	Professora	Fem.
186.	Lúcia Nagib**	Professora e tradutora	Fem.

187. Lucia Olinto	Tradutora	Fem.
188. Luciano Alves Meira	Poeta e professor	Masc.
189. Luís Krauss	Tradutor	Masc.
190. Luiz Alberto Machado Cabral	Professor	Masc.
191. Luiz Alberto Monjardim	Tradutor	Masc.
192. Luiz Antônio de Figueiredo	Poeta, professor	Masc.
193. Luiz Carlos de Britto Rezende	Tradutor	Masc.
194. Luiz de Miranda	Poeta	Masc.
195. Luiz Olavo Fontes	Poeta	Masc.
196. Luiz Roberto Guedes	Poeta e escritor	Masc.
197. Luiza Lobo	Poeta, professora, escritora e ensaísta.	Fem.
198. Manuel Bandeira	Poeta, professor, crítico literário e de arte	Masc.
199. Marcello Flores	Tradutor	Masc.
200. Marcelo Paiva de Souza	Professor	Masc.
201. Marco Aurélio Pinotti Catalão	Poeta, escritor e dramaturgo	Masc.
202. Marco Lucchesi	Poeta e professor	Masc.
203. Marcos Beltrão Frederico	Monge	Masc.
204. Marcos Konder Reis	Poeta	Masc.
205. Marcos Siscar	Poeta e professor	Masc.
206. Margarida Finkel**	Poeta	Fem.
207. Maria Amélia Mello	Poeta	Fem.
208. Maria Betânia Amoroso**	Ensaísta e tradutora	Fem.
209. Maria Cristina Lenz de Macedo	Tradutora	Fem.
210. Maria Elvira Braga Lopes	Professora	Fem.
211. Maria Lúcia Milléo Martins	Professora universitária	Fem.
212. Maria José de Carvalho	Poeta, atriz, cantora.	Fem.
213. Mario Alves Coutinho	Ensaísta, psicólogo e roteirista	Masc.

214.	Mário Domingues	Poeta, professor	Masc.
215.	Mário Faustino	Poeta, jornalista e crítico literário	Masc.
216.	Mário Laranjeira	Professor	Masc.
217.	Mário Vale	Artista plástico, cartunista, programador visual e autor /ilustrador de livros infantis	Masc.
218.	Masuo Yamaki	Tradutor	Masc.
219.	Matinas Suzuki**	Jornalista	Masc.
220.	Mauricio Arruda Mendonça	Poeta e dramaturgo	Masc.
221.	Maurício Cardozo	Professor, ensaísta	Masc.
222.	Mauricio Santana Dias	Jornalista e professor	Masc.
223.	Maurício van Woensel	Professor	Masc.
224.	Mauro Gama	Poeta e crítico literário	Masc.
225.	Michel Peterson	Psicanalista, professor. Canadense	Masc.
226.	Michel Sleiman	Poeta, professor, tradutor de poesia árabe medieval	Masc.
227.	Miguel Ruas	Tradutor	Masc.
228.	Milton Amado	Jornalista	Masc.
229.	Modesto Carone**	Professor e tradutor	Masc.
230.	Mônica Costa**	Poeta	Fem.
231.	Monica Udler Cromberg	Linguista, especialista em línguas semíticas	Masc.
232.	Nei Leandro de Castro	Poeta	Masc.
233.	Nelson Ascher	Poeta e jornalista	Masc.
234.	Newton Goldman**	Tradutor	Masc.
235.	Nilson Moulin	Professor e assessor parlamentar	Masc.
236.	Nissim Cohen	Filólogo, budista	Masc.
237.	Núbia Hanciau	Professora	Fem
238.	Octavio Mora	Poeta	Masc.
239.	Olga Savary	Poeta, escritora,	Fem.

	ensaísta	
240. Oliveira Ribeiro Netto	Poeta, jurista	Masc.
241. Oscar Mendes	Tradutor	Masc.
242. Oswaldino Marques	Poeta, ensaísta e professor	Masc.
243. Otávio de Oliveira Paes	Sem informação	Masc.
244. Pamela Bud	Sem informações	Fem.
245. Paula Glenadel	Poeta e professora	Fem.
246. Paulo Cesar de Souza	Editor e tradutor	Masc.
247. Paulo Colina	Poeta, ficcionista, dramaturgo, ator, cantor, compositor	Masc.
248. Paulo de Carvalho Neto	Romancista, professor e folclorista	Masc.
249. Paulo Hecker Filho	Poeta e escritor	Masc.
250. Paulo Henriques Britto	Poeta e professor	Masc.
251. Paulo Leminski	Poeta	Masc.
252. Paulo Matos Peixoto	Editor e escritor	Masc.
253. Paulo Mendes Campos	Poeta, jornalista e redator publicitário	Masc.
254. Paulo Quintela	Tradutor português, professor em Coimbra	Masc.
255. Paulo Venancio Filho**	Poeta e crítico de artes plásticas	Masc.
256. Paulo Vizioli	Crítico literário e professor	Masc.
257. Pedro Garcez Ghirardi	Professor	Masc.
258. Pepe Escobar**	Jornalista, crítico de música	Masc.
259. Péricles Eugênio da S. Ramos	Poeta, professor e crítico literário	Masc.
260. Philadelfo Menezes	Poeta, ensaísta, pesquisador de poesia sonora e visual	Masc.
261. Philippe Humblé**	Professor	Mac.
262. Raimundo Carvalho	Poeta, professor e ensaísta	Masc.
263. Raimundo Gadelha	Poeta, fotógrafo e	Masc

		escritor	
264.	Ramsés Ramos	Poeta, funcionário da ONU.	Masc.
265.	Raul Antelo**	Professor	Masc.
266.	Regina Alfarano	Tradutora	Fem.
267.	Regina de Barros Carvalho	Tradutora	Fem.
268.	Régis Bonvicino	Poeta, magistrado	Masc.
269.	Renata Cordeiro	Tradutora pública e intérprete	Fem.
270.	Renato Janine Ribeiro**	Professor, filósofo	Masc.
271.	Renato Xavier	Tradutor	Masc.
272.	Roberto Zular	Poeta e professor	Masc.
273.	Rodrigo Garcia Lopes	Poeta, jornalista e músico	Masc.
274.	Rolando Roque da Silva	Tradutor	Masc.
275.	Ronald Prater	Teólogo e professor	Masc.
276.	Ronaldo Polito	Poeta, editor, professor e historiador	Masc.
277.	Roswitha Kempf	Poeta	Fem.
278.	Ruy Belo**	Tradutor	Masc.
279.	Ruy Proença	Poeta e engenheiro	Masc.
280.	Samuel Pfromm Neto	Psicólogo, professor	Masc.
281.	Sandra Bianchet	Professora	Fem.
282.	Santiago Kavadloff	Poeta e ensaísta argentino.	Masc.
283.	Saulo Alencastre	Tradutor	Masc.
284.	Sebastião Uchoa Leite	Poeta	Masc.
285.	Sérgio Alcides	Poeta , crítico e professor	Masc.
286.	Sérgio Medeiros	Poeta e professor	Masc.
287.	Sérgio Wax	Poeta italiano radicado no Brasil	Masc.
288.	Shirlei Lica Ichisato Hashimoto	Professora, esp. em estudos japoneses	Fem
289.	Sidnei Schneider	Poeta e escritor	Masc.
290.	Sigval Schaitel	Poeta	Masc.

291.	Silviano Santiago	Poeta, professor, escritor, ensaísta, crítico	Masc.
292.	Silvio Castro	Poeta, romancista, ensaísta, crítico literário e professor de literatura brasileira na Universidade de Pádua	Masc.
293.	Sylvie Dion	Professora	Fem.
294.	Stella Leonardos	Poeta, ficcionista, teatróloga	Fem.
295.	Teresa Noronha	Escritora portuguesa	Fem.
296.	Thereza Christina Rocque da Motta	Poeta, editora, advogada	Fem.
297.	Thiago de Mello	Poeta	Masc.
298.	Tomaz Tadeu	Tradutor	Masc.
299.	Trajano Vieira	Professor	Masc.
300.	Ulisses Infante**	Professor	Masc.
301.	Vanderley Mendonça	Editor e designer	Masc.
302.	Vasco Graça Moura	Poeta português	Masc.
303.	Vera Mascarenhas de Campos	Professora	Fem.
304.	Verônica Galíndez-Jorge	Professora	Fem.
305.	Victor da Rosa	Ensaísta, pesquisador	Masc.
306.	Vinicius Dantas**	Poeta	Masc.
307.	Virna Teixeira	Poeta e neurologista	Fem.
308.	Walter Costa**	Professor	Masc.
309.	Waly Salomão**	Poeta, compositor	Masc.
310.	Weimar de Carvalho	Professor	Masc.
311.	William Agel de Melo	Escritor, lexicógrafo, ensaísta	Masc.
312.	Yun Jung Im	Professora	Fem.
313.	Zélia Anita Viviane	Professora	Fem.
314.	Zipora Rubinstein**	Professora	Fem.

* Com publicação de poemas apenas na antologia *Nova poesia norte-americana Quingumbo* (Escrita, 1980).

** Com publicação de poemas apenas na antologia *Folhetim, poemas traduzidos* (Folha de São Paulo, 1987).

APÊNDICE B

Lista de poetas-tradutores de poesia no Brasil (1960-2009)

1. Abgar Renault
2. Adalberto Müller
3. Afonso Félix de Sousa
4. Afonso Henriques Neto
5. Alberto Marsicano
6. Alberto Pucheu
7. Alexei Bueno
8. Alípio Correia de Franca Neto
9. Alphonsus de Guimaraens Filho
10. Álvaro Faleiros
11. Ana Cristina César*
12. Anderson Braga Horta
13. Andityas Soares de Moura
14. Aníbal Cristobo
15. Antonio Carlos Secchin*
16. Antonio de Campos
17. Antônio José de Lima Leitão
18. Antônio Medina Rodrigues
19. Antônio Moura
20. Antônio Risério
21. Augusto de Campos
22. Bento Prado Jr.
23. Carlito Azevedo
24. Carlos Felipe Moisés
25. Carlos Loria
26. Carlos Nejar
27. Cecília Meireles
28. Celso Japiassu

29. Christovam de Camargo
30. Claudia Roquette-Pinto
31. Claudio Daniel
32. Claudio Willer
33. Cleber Teixeira**
34. Cristiano Martins
35. Dante Milano
36. Darcy Damasceno
37. Decio Pignatari
38. Dora Ferreira da Silva
39. Elizabeth Veiga*
40. Eudoro Augusto*
41. Everardo Norões
42. Fabiano Calixto
43. Fábio Aristimunho Vargas
44. Fernando Koproski
45. Fernando Mendes Vianna
46. Ferreira Gullar
47. Floriano Martins
48. Foed Castro Chamma
49. Geir Campos
50. Geraldo Holanda Cavalcanti
51. Gerardo Mourão**
52. Gilson Maurity
53. Glauco Mattoso
54. Guilherme de Almeida
55. Guilherme Gontijo Flores
56. Haroldo de Campos
57. Henrique Mesquita*
58. Henriqueta Lisboa
59. Horácio Costa

60. Idelma Ribeiro de Faria
61. Irineu Volpato
62. Italo Moriconi*
63. Ivan Junqueira
64. Ivo Barroso
65. Jair Ferreira Santos**
66. Jamil Almansur Haddad
67. Jane Arduíno Perticarati*
68. Janice Caiafa
69. João Cabral de Melo Neto
70. João José de Melo Franco
71. João Moura Jr.
72. Jorge Wanderley
73. José Carlos Marinho dos Santos
74. José Eduardo Degrazia
75. José Guilherme de Araújo Jorge
76. José Jeronymo Rivera
77. José Lino Grünewald
78. José Lira
79. José Paulo Paes
80. Josely Vianna Baptista
81. Juju Campbell*
82. Júlio Castañon Guimarães
83. Kerry Shawn Keys*
84. Lêdo Ivo*
85. Lélia Coelho Frota
86. Lenilde Freitas**
87. Leonardo Fróes
88. Leonardo Gonçalves
89. Luis Antônio de Figueiredo
90. Luiz de Miranda

91. Luiz Olavo Fontes
92. Luiz Roberto Guedes
93. Manuel Bandeira
94. Marco Aurelio Pinotti Catalão
95. Marco Lucchesi
96. Marcos Konder Reis*
97. Marcos Siscar
98. Margarida Finkel**
99. Maria Amélia Mello*
100. Maria José Carvalho
101. Mário Domingues
102. Mário Faustino
103. Maurício Arruda Mendonça
104. Mauro Gama
105. Michel Sleiman
106. Mônica Costa**
107. Nei Leandro de Castro*
108. Nelson Ascher
109. Octavio Mora*
110. Olga Savary
111. Oliveira Ribeiro Neto
112. Oswaldino Marques
113. Paula Glenadel
114. Paulo Colina
115. Paulo Hecker Filho
116. Paulo Henriques Britto
117. Paulo Leminski
118. Paulo Mendes Campos
119. Paulo Venancio Filho**
120. Péricles Eugenio da Silva Ramos
121. Philadelpho Menezes

122. Raimundo Carvalho
123. Raimundo Gadelha
124. Régis Bonvicino
125. Roberto Zular
126. Rodrigo Garcia Lopes
127. Ronald Polito
128. Ronaldo Brito**
129. Roswitha Hellbrugge, Roswitha Kempf
130. Ruy Proença
131. Santiago Kovadloff
132. Sebastião Uchoa Leite
133. Sérgio Alcides
134. Sérgio Medeiros
135. Sérgio Wax
136. Sidnei Schneider
137. Silviano Santiago
138. Silvio Castro
139. Stella Leonardos
140. Thereza Christina Rocque da Motta
141. Thiago de Mello
142. Vasco Graça Moura
143. Vinicius Dantas**
144. Virna Teixeira
145. Waly Salomão**

*Com poemas traduzidos publicados em livro apenas na antologia *Nova poesia norte-americana*

** Com poemas traduzidos publicados em livro apenas na antologia *Folhetim, poemas traduzidos*.